



Aprendendo a Crescer

UM HOMEM NO CONTROLE?



ILLANA LESSA



APRENDENDO

A

CRESCER

APRENDENDO

A

CRESCER

Illana Lessa

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Copyright © Aprendendo a Crescer 2016 por Illana Lessa

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, lugares, personagens e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, empresas, organizações, eventos ou lugares é mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL
APRENDENDO A CRESCER

CAPA
Natyelle Pinho
DIAGRAMAÇÃO

REVISÃO
Poliana Matos

[2016]
Todos os direitos dessa edição reservados à
Autora Illana Lessa.
illanalessa@gmail.com

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito da autora.

“Algumas pessoas julgam que crescer é apenas um processo biológico. Você aumenta a idade com o passar tempo e se considera grande e capaz de decidir seu destino. Benjamin vai descobrir que nem todas as “aventuras” e experiências que teve são suficientes. Ele não tem controle algum sobre os fatos que estão por vir...”

AGRADECIMENTOS

Esse livro nasceu da minha paixão pela escrita, do carinho de minhas leitoras do Wattpad e também do apoio das amigas queridas e poderosas: Poliana Matos, Fernanda França, Aline Coração, Katia Schettini, Carol Souza e Carina Souza, e a mosqueteira Rebeca Melo.

Agradeço imensamente a vocês e meus familiares que me apoiaram nesse sonho.

Nota da autora: As personalidades e expressões dos personagens são para criar um contexto e suas personalidades e não têm a intenção de ofender os que os leem ou de se confundir com a personalidade dessa autora e suas convicções. Então, de antemão caro leitor, saia que poderá se deparar com algumas expressões chulas e até pejorativas. Espero que saiba dissociar.

Um homem no controle

Minha vida sempre foi do jeito que eu quis. Estive e estou sempre no topo. Comando os meus dias do jeito que muitos gostariam de fazer para si. Acordo e tomo uma ducha. Ponho a minha armadura, meu terno de “um milhão de dólares”. Depois é café da manhã, escovar os dentes, perfume, uma piscada para o espelho e estou pronto para fazer os diamantes da família virarem milhões em imóveis, carros, aviões, empresas, ações da bolsa e tudo mais quanto puder comprar. Ao final da noite eu tenho sempre um espaço reservado para bebidas, música e mulheres. Tenho luxo, conforto e prazer. Gosto disso!

Essa é minha vida. Eu controlo meu mundo e faço minhas escolhas. Ainda mais agora que posso relaxar com tudo sobre a Amanda e a Meg. Elas estão bem, felizes e seguindo um caminho longe de confusões. Eu sorrio sozinho enquanto desço pelo meu elevador particular até o meu carro. Meu bebê, um Bugatti na versão Super Sport. Abro a porta do motorista e sigo para o trabalho. Meu pai e minha mãe insistem em segurança, mas eu me sinto bem sozinho e nunca sofri nenhum atentado que justificasse sair por aí com alguém na minha cola. Como eu sempre digo, eu tenho o controle de tudo que acontece em minha vida. Como numa peça bem ensaiada, tudo acontecendo em atos predefinidos. Sempre foi assim e sempre será.

Chego ao prédio onde eu faço a mágica acontecer e mais um elevador está em meu caminho. Me lembro da cafeteria que tem aqui perto e decido buscar um café antes de começar esse dia longo. Na verdade, meu desejo é um capuccino e o dessa cafeteria é o melhor que já bebi. Eu estaciono na entrada do prédio e caminho alguns passos, estou quase lá quando uma garota esbarra em mim e sinto o líquido frio sobre meu peito.

— Droga, você é cega? — Ela acabou de estragar minha roupa. Agradeço aos céus por não ser nada quente ou também teria me queimado.

— Desculpe, eu sinto muito. — Escuto as palavras trêmulas como se ela estivesse acordando agora. Noto o livro em sua mão. Lendo e andando. Alguém ainda faz isso hoje em dia?! Se fosse um celular ou tablet eu entenderia.

— Deveria ler parada. De preferência sentada em algum lugar isolado — falo com uma vontade enorme de rir do ar de atrapalhada que ela tem. Vejo que era suco e volto a encará-la, é aí que seus olhos batem direto nos meus e noto eles faiscarem de ódio. Ela me odeia? Mas foi ela quem me sujou!

— E idiotas como você não deveriam sair de casa! — ela devolve com uma carga emocional forte na voz. — Uma vez um babaca, sempre um babaca. — ela diz isso como se eu fosse o desastrado aqui.

— Ei? Nos conhecemos? — eu pergunto, pois não acho normal alguém ficar com tanta raiva assim da pessoa em quem derramou seu suco. Sei que é estranho, mas parece que conheço esses olhos... — Droga! — eu exclamo. — Nós dormimos juntos e eu não te liguei, certo? — Isso foi uma provocação intencional. Ela deve ser uma daquelas malucas que ficam seguindo a gente. Acho que tenho que repensar sobre o segurança.

— Nem em seus sonhos mais profundos! — ela diz agora com a aura de raiva maior e isso aumenta a sensação de familiaridade. De qualquer forma, acabei de ganhar uma inimiga. — Panaca! — ela exclama e vira as costas para mim.

— Deveria ao menos se oferecer para lavar minha blusa. — eu devolvo e não entendo de onde vem essa necessidade de prolongar esse encontro desastroso. Noto ela erguer uma mão e me mostrar o dedo do meio enquanto se afasta de mim. Fico alguns segundos observando a garota de camiseta branca, calças jeans coladas, com botas estilo coturno, cabelo castanho em um rabo de cavalo torto e um livro na mão. Quem ela pensa que é?! Uma punk nerd?!

Belo dia esse! Estava tudo perfeito e vai continuar assim. Apoio as mãos nos quadris e rio de mim. O senhor do mundo dando atenção à primeira doida que tenta balançar o equilíbrio do seu universo. Não vou deixar uma maluca estragar meu bom humor. De qualquer forma, tenho mais um monte destas camisas. Entro na lanchonete assim mesmo e pego meu cappuccino com o Oscar. Ele sempre me atende todas as manhãs e nunca erra meu pedido. Eficiência, isso é bom! Volto para o prédio da R. Enterprise e subo com um ar bobo estampando meu sorriso. Eu sou um ímã de malucas...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Entro na minha sala e mudo de camisa, sempre tenho algumas peças de roupa aqui para eventos de última hora. Sento em minha mesa e me entrego às oscilações da Bolsa, transporte de diamantes, gerenciamento de pessoas e tudo mais que me prende a atenção. Apesar disso, não consigo esquecer aqueles olhos cor de chocolate. Benjamin, não seja ridículo. Agora vai fazer associações com comida e mulheres?! Rodo na cadeira ficando de frente para as paredes de vidro, observando a vista. Tenho o mundo aos meus pés e tudo que consigo pensar é na garota desastrada com incríveis olhos castanhos...

Um playboy

É fim de semana e eu tenho uma longa viagem para fazer: conhecer a filhinha da Meg que, claro, nasceu logo depois da dupla dinâmica da Amy. Vou de carro, cheio de presentes e pensando em como tudo mudou tão rápido em nossas vidas. Na verdade na delas.

Em algumas horas chego ao fim do mundo onde as mulheres da minha vida decidiram construir seus contos de fadas. Desço do carro em frente à casa que a Amy morou por um tempo, mas que agora é da Meg. A cobrinha conseguiu fisgar um milionário e o mais engraçado é que não foi planejado.

Sigo em direção à porta e tem uma confusão de vozes lá dentro. A porta está aberta e vejo a Amy com um duende no colo, o Liam com outro e o “ogro” da Meg com a duendezinha de número três. Que eles não ouçam meus pensamentos, as meninas me matariam.

Eu alargo meu sorriso. Presentes nas mãos, pronto para estragar meus sobrinhos.

— Sabe que não esperava ver essa cena tão cedo? — Eles finalmente notam minha presença. Em outra época, só o barulho do motor do carro já seria o suficiente para elas me perceberem. — Onde está o novo membro da família? — pergunto sorrindo.

— Aqui. — o Ed fala e me mostra a garotinha de cabelos ralos cor laranja. Eu sorrio mais e ele parece o cara que descobriu a cura de todas as doenças do mundo. Um tolo apaixonado.

— Ela vai mamar agora. — Escuto a Meg que tem uma voz cansada. Eu me aproximo e beijo a cabeça da cobrinha que está sentada no sofá. — Diga oi ao tio Ben, Ananda. — Ergo as sobrancelhas olhando para a Meg e para a Amanda. Então é Ananda?!

— Bonita, não puxou ao pai. — digo e o Ed me olha torto e escuto o Liam rir. — Onde está meu garotão? — Já que não vou poder pegar a duendezinha agora, vou em direção ao meu cunhado que me oferece o Connor. — Vem com o titio. — Pego ele no colo e o duendezinho abre apenas um olho, mas

fecha rapidamente. Tão pequeno, tão frágil... — Não se preocupe, está em desvantagem agora, mas vou lhe ensinar como cuidar das mulheres — eu digo isso sorrindo e assim que olho para as pessoas na sala, tenho dois pares de olhos repressores sobre mim. Castanhos e azuis, Amy e Meg. — Ei, relaxem, só ensinarei as coisas legais.

— Você não vai ensinar safadezas ao meu filho. — A Amy põe a Zoe numa cestinha e pega o Connor da minha mão.

— Ei Amy, qual é?! Acabei de pegar o novo arrasador de corações da família — eu provoco.

— Ele não será assim, Benjamin - ela diz séria. — Por que não faz algo de útil como tio? — A olho confuso.

— Que seria? — pergunto sorrindo torto.

— Troque a fralda da Zoe. — Ela me encara com aquele ar de vingança.

— Ela tem pai — retruco.

— Que está saindo para o trabalho — Liam desconversa e beija a Amy nos lábios e os pequenos na cabeça. — Cuida dela para mim, Meg — ele diz e pega uma mochila no chão.

— Pode deixar — a Meg responde.

— Esperto. — Eu torço a boca.

— Pode começar ensinando a eles como usarem o vaso — ele me provoca e sai rindo.

— Você vai ficar só com as crianças? — eu pergunto surpreso. — Ele não pode ir trabalhar e deixar você assim. — Como ela vai dar conta de dois bebês?!

— Ele tem que trabalhar, não é milionário como você e o Ed. De qualquer forma, ele trabalha duas semanas no mês apenas. — Ela me encara muito segura. Onde foi parar aquela menina assustada que sempre corria para meus braços quando estava com medo? Isso agora parece tão distante... — E a Danna virá para ficar comigo, além da Emma e da Sally que vêm para cuidar da Meg. Ah! Tem a mamãe também e a mãe do Ed. Estaremos bem guardadas. — Elas duas sorriem. Parecem cansadas, exaustas, mas felizes. — E você mocinho, nem pense em fugir. Fraldas não se trocam sozinhas.

— Amy, eu sou visita! — digo franzindo a testa.

— A Zoe precisa do tio, seja útil. — O Ed ri de mim.

— Qual a graça? Eu não vou trocar a Ananda. — Eu devolvo o sorriso.

— Por que não? — A Meg me encara divertida. — Isso é predileção e não
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fica bem no papel de tio.

— Ótimo, explore o homem que veio vê-las e que mais lhes trouxe presentes — eu bufo. — Vai aprendendo Connor, as mulheres da nossa família são bruxas e têm o poder de esmagar o seu... — Recebo um soco leve nas costas.

— Não termine essa frase e nem comece com lições sexistas para meu filho. Ele será um príncipe — a Amy fala, toda boba. Eu sorrio.

— Viu, estamos em apuros — eu sussurro. — Logo você cresce e poderemos sair juntos, aí te ensino uma coisa ou duas.

— Ainda estou te ouvindo Benjamin e ainda tenho aquele taco... — a Amy diz de costas para mim arrumando algo na cozinha. Enquanto isso eu troco a fralda da Zoe e continuo minha conversa muito lógica com o duendezinho que agora mantém os olhos abertos fixos em mim. Não sei se ele me enxerga direito, ou se entende, mas está concentrado no som da minha voz.

O resto do fim de semana segue essa rotina. Fraldas sujas, mamadeiras e choro de meia em meia hora. Não sei como elas não ficam loucas. E o Ed é um poço de autocontrole. Cada golfada, mijada e sei lá mais qual porqueira, ele considera como um milagre. Acho que isso tem relação com o bebê que ele perdeu, ou ele é doido mesmo. Afinal, um homem que cresceu com cinco irmãs não pode ser lá muito normal. Eu cresci com duas, das mais alopradas e já me acho estranho. De qualquer forma, parece que tudo está perfeito no mundo e por mais que eu queira voltar para minha rotina, sinto que toda essa confusão de vozes vai me fazer falta.

....

Chego em casa e jogo as chaves sobre a mesa de canto próxima à porta e caminho em direção à minha janela. Na verdade está mais para uma vista panorâmica. Lá fora as luzes mostram a cidade acordada e fervilhando, embora já tenha passado de uma da manhã. Sei bem o que encontrar lá fora: bebidas, mulheres, luxo... O ato ensaiado da minha vida que se repete todos os dias... Desvio meu olhar para uma das poucas fotos de pessoas que tenho em casa. Amanda, Meg e os duendes, meus sobrinhos. Mal acabei de ser tio duas vezes, porque a Amanda me deu logo dois de vez, e a filhinha da Meg veio em seguida. Essa é boa mesmo! Três de uma vez só. Essas duas têm sempre que fazer tudo juntas. Confusão e alegria, sempre em dobro. Quer

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dizer, em triplo. No casamento da Meg eu ganhei o Connor e a Zoe. Em seguida a Meg me deu a Ananda. Me reservei ao papel de tio enchendo o carro com os presentes e balões para os três, não quero provocar ciúmes em meus duendes.

Fui até lá de carro, mas não no meu Bugatti, ele é pequeno e com o tanto de coisas que levei, se eu fosse em um carro esporte ou de helicóptero, seriam necessárias umas três viagens. Então fui no Denali. A Amanda diz ser sinônimo de ostentação. Segundo ela eu não deveria ter tantos brinquedos. Meu sorriso se alarga quando lembro da voz dela me repreendendo porque tenho tantos transportes quanto posso comprar. Na verdade tenho menos, poderia comprar mais. Sorrio como um tolo lembrando da viagem e do quanto me senti feliz em ver as duas mulheres da minha vida radiantes. Os duendezinhos também fizeram meu dia. Exceto a parte em que a Amanda e a Meg me obrigaram a trocar fraldas.

Meus olhos agora vagam pela sala e tudo que tenho parece ser pouco para preencher essa sensação esquisita em mim. Paro com os olhos nas miniaturas que tenho na estante... Me lembro da garota de rabo de cavalo e olhos castanhos e uma familiaridade reconfortante me aquece. Ela foi tão passional e parecia ser minha inimiga desde sempre, expressando isso só com um olhar. Balanço a cabeça espantando essas ideias idiotas, provavelmente os olhos dela me lembram os da Amy e eu estou apenas carente... Meu celular vibra em meu bolso e eu o atendo.

— Drake? — eu pergunto elevando a voz, pois tem um barulho infernal vindo do outro lado da linha.

— Ei, foda certa, onde está? — Esse apelido é ridículo, mas eu relevo porque conheço o Drake desde sempre e melhores amigos têm os piores apelidos.

— Aonde acha que estou, pinto pequeno? — eu devolvo e ele solta uma gargalhada. — Tem que usar logo esse de todos os apelidos que tenho?! Esquece. Vem para cá. Estamos naquele pub ... — ele fala algo com alguém e então retorna a conversa. — Javali's. Está bem quente aqui, quente do tipo... Quente! — Drake e seus códigos idiotas para falar de mulheres disponíveis para sexo.

— Não estou a fim hoje. — Até eu mesmo me espanto com minha resposta.

— Ah, cara! Qual é?! Mexe essa bunda mole e vem logo para cá — ele

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

rebate. Eu exalo com força olhando minha imagem pouco nítida refletida no vidro da janela. Os olhos castanhos retornam a minha memória e penso que vai ser melhor sair do que ficar em casa nessa nostalgia.

— Estou indo, brocha — eu retruco. — E só para você saber, minha bunda não é mole, eu malho.

— E o meu Drake Júnior não é nem perto de pequeno. — Nós dois rimos e eu corto a ligação indo de volta para o elevador e para a selva lá fora. Essa eu sei como dominar.

...

Em pouco tempo estou no pub. A hora ajuda com pistas vazias e o motor do meu carro também. Desço sorrindo por antecipação. No meio do caminho lembro que estou de terno e retorno ao carro, tiro a gravata, o terno e dou uma dobrada nas mangas, além de abrir alguns botões. Mexo no cabelo e agora sim tenho cara de alguém que vai a um pub. Quer dizer, tinha antes também, mas essa de engravatado que sai do trabalho direto para o bar não é a minha. Entro e logo vejo Drake, Matt e o Luca. O quarteto de faculdade está formado e agora as coisas vão ficar boas.

— E aí princesas?! — eu saúdo os meus amigos.

— Chegou a rainha — Luca retruca, mas sorri.

— Qual a boa de hoje? — Eu sento e logo tenho uma caneca de chope em minha frente.

— Quente e frio — o Matt diz com um sorriso de predador.

— Sério? Essa? — É uma brincadeira de faculdade. Mulheres classificadas como quente são disponíveis e pegáveis, as frias são território proibido. Quem acertar tem um encontro, na verdade, uma transa. Quem erra leva toco. Eles riem e acenam que sim com a cabeça. — Idiotas — eu falo, mas começo a passear os olhos pelo lugar.

Eles estão numa exaltada gritaria que ninguém entende, devido à barulhada aqui. Quente e frio parecem ser as únicas palavras que sabem falar. Logo o Matt está quente, bem quente, com uma loira de pernas compridas. Bonita, mas hoje meu humor está para o castanho. Ficamos eu, Drake e Luca, que logo se aproxima de uma ruiva com um decote bem exagerado. Não, eu prefiro uma coisa mais sutil. Bebo outro gole e eu e Drake estamos sós.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— O que foi foda certa? Brochou de vez? — ele me provoca.

— Não, mínimo, só não achei nada interessante. — Ele ri torto.

— Então, enquanto procura eu vou dar uma mijada — ele diz e sei que já está alto.

— Acerte o vaso. — Falo jogando amendoins nele. Meus amigos, uns idiotas com dinheiro. Que nem eu. Dou risada de mim mesmo e quando volto para minha caneca vejo algo inesperado. A garota do suco?!

Ela está de short jeans sobre meias rasgadas, como todas as garçonetes aqui. Ela é garçonete?! Eu fico observando a cena enquanto ela serve mesas e passeia com a bandeja de forma perfeita. Tão equilibrada... Se bem que ela não está lendo nada agora. Fico perdido, observando-a. Os cabelos são compridos e ainda estão num rabo de cavalo meio desfiado. Os olhos têm lápis preto e rímel, mas de resto não tem nada. As outras garotas, embora com a mesma roupa e mais maquiagem, não me chamaram tanta atenção quanto ela. A “garota de olhos de chocolate”.

— Ei? Fisgou algo? — Drake retorna.

— Não, apenas olhando por aí. — Desvio o olhar e mudo de posição para que possa continuar a olhá-la sem as atenções do Drake. Não escondo nada dele, mas de alguma forma, quero guardar isso só para mim... Acho que fiquei brocha mesmo. Rio sozinho.

— Sei, brocha. — Ele é implicante com isso. Nunca brochei antes, ao menos nunca contei para ele nada sequer parecido com isso. — Estou de olho em uma morena hoje. — Ouvir isso me incomoda. Será que ele está de olho na garçonete?!

— Morena? — Ele faz que sim com a cabeça enquanto toma mais um gole da sua bebida, aponta uma morena cheia de curvas e eu sinto um alívio estranho. Ótimo! Agora estou interessado na maluca do suco...

— Hum... Quente — eu digo, mas para aguçar o interesse dele e para que não perceba que meu interesse está em algo considerado frio. Uma garota tirada a nerd e garçonete, sem maquiagem chamativa, nem decotes, nem curvas exageradas. Ela definitivamente não é garota de uma transa.

Em pouco tempo meus três amigos estão resolvidos e eu aqui observando a mulher que me odeia sem motivos. Ao menos eu acho que sem motivos. Sigo cada volta que ela dá com os olhos e então vejo quando um cara barra sua passagem e segura em seu braço. Faço menção de levantar, mas logo outro intervém e a salva. O rapaz que avançou o sinal é levado para fora

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pelos seguranças e vejo o que a salvou conversar algo com ela. Eles parecem discutir. Minha vontade é ir até lá, mas essa cena soa como ciúme de namorado. Ela tem namorado?! Bebo o resto da cerveja de vez e noto os rapazes virem em minha direção. Drake traz duas mulheres pelo braço, a morena e uma outra, loira. Elas são bonitas, todas escolhidas por eles são. Bem vestidas, maquiadas e perfumadas. Apesar dos decotes e curvas, não parecem vulgares, apenas muito montadas. Quando foi que isso te importou Benjamin? Exalo irritado pelo meu estado de espírito hoje.

— Vamos? — Drake me encara sorrindo. — Essa é a June e a loira é a Diana. — Diana me encara como se eu fosse a caça aqui. — Elas querem ir a algum lugar conversar. — Conversar? Sei... — Um lugar mais reservado.

— Claro! — O que mais posso dizer?! Ainda olho em volta, mas nem sinal da garota. E eu gosto de loiras, sempre gostei...

Rumamos todos para a saída e cada um segue o caminho do seu carro. A Diana está falando animada algo sobre qualquer coisa que não tenho a mínima intenção de ouvir. Sorrio, fingindo interesse, porque sou educado. Desvio meus olhos por um segundo e eles encontram o da garota do pub. Os olhos de chocolate me pegam em cheio. São tão familiares e tão estranhos... Ela me encara com desdém enquanto sobe na garupa da moto de um cara. Não sei quem é por causa do capacete, mas logo descubro que não é o que a salvou lá dentro. Ele vem em direção a ela e o motoqueiro parece zangado. Apesar disso, ela agarra o piloto pela cintura com força e em segundos eles estão bem longe, acelerados.

Levo a loira comigo. Preciso aliviar a tensão e me certificar que ainda sou capaz de enxergar outra mulher. Um banho de suco não pode ter quebrado meu cérebro assim tão fácil. Digo para mim que devo afastar essa fixação da mente. Eu NÃO a conheço e ponto. Acho que essa coisa toda de família com casamento e filhos me deixou meio idiota.

Assim chego em casa, um apartamento na verdade. Um dos muitos que tenho, mas esse eu mantenho no centro para essas atividades, digamos, sexuais. Assim não sabem onde moro exatamente, além de ser perto do trabalho. Eu e a loira começamos com os jogos de carícias e logo estamos fazendo o que nós dois saímos em busca essa noite. Eu a classificaria com uma nota sete. Ela é boa, me surpreende, pois achei que seria algo bem mecânico. Apesar disso, não supre a necessidade que tenho agora. Devo estar com algum defeito, só pode. Dado a esse meu “problema”, o sete dela não é

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

muito justo, não?! Quanta merda um cara pode pensar?

Ela pega no sono e eu me arego a meus pensamentos. Caminho de calça de moletom até uma das janelas com um copo na mão. Se a Meg estivesse aqui teria um daqueles drinques para casos assim, ou então alguma infusão maluca. Talvez a Amy me fizesse um cafuné... É, estou carente e sexo puro não sacia minha necessidade. Talvez almoce com minha mãe amanhã. Ponho o copo sobre o peitoral e inspiro o ar do amanhecer. Logo estarei no trabalho, mas o sono não veio essa noite.

— Droga! — Esfrego o rosto e tomo um banho no quarto de hóspedes. Me visto, outro terno, saio sem fazer muitos ruídos, mas antes deixo um bilhete agradecendo pela noite, dizendo que tive um imprevisto e que ela pode ficar à vontade. Sempre faço isso. Acordar e ficar de mimos não faz parte do pacote. Ela é uma estranha...

Vou até a cafeteria do Oscar tomar meu maravilhoso capuccino. Meus dias começam sempre depois dele. Assim que entro não contendo o impulso de procurar a morena com o olhar. Nada. Eu sorrio torto e vou em direção ao balcão. O Oscar me entrega o de sempre, antes mesmo de eu pedir. Agradeço e deixo uma generosa gorjeta. Saio em direção ao meu trono. Lá no trabalho, onde eu realmente reino, quem sabe espante essa sensação...

Repensando a vida...

É quase meio dia e hoje foi um dia daqueles. Liguei, mas minha mãe foi para a casa da Amy de novo e ouvir meu pai falar do quanto preciso ser mais sério e blá-blá- blá, não é minha ideia de relaxamento. Quero retornar ao apartamento, tomar outra ducha e mudar a roupa. Penso fixamente naqueles olhos cor de chocolate e a visão que tenho da garota na garupa de outro me pegou como uma obsessão. Acho que estou com sérios problemas mentais. Eu, que sempre saí com as mulheres mais bonitas e cotadas do país, com o pensamento fixo em uma estranha... Mas ela me parece tão familiar...

Ligo para minha secretária.

— Eleanor, cancele meus compromissos da tarde. — Assim que acabo de falar, desligo e sei que ela não encara como ofensa. Tenho uma boa relação com Eleanor, mas ela sabe o quanto detesto bater longos papos ao telefone. Apenas três pessoas conseguem isso de mim: Meg, Amy e minha mãe.

Em alguns minutos estou saindo da sala e dou de cara com Eleanor. Ela ruboriza por ter esbarrado em mim. Nunca flertei com ela e nem vou. Teria que demiti-la depois e ela é bem eficiente. Apesar disso, percebo como ela me olha. Eu a seguro no lugar e dou meu melhor sorriso amigável.

— Eu estava a caminho para avisá-lo que tem uma conferência com os japoneses via Skype às oito horas desta noite. — Eficiente, eu disse.

— Claro. Dessa eu participarei, mas vou fazer a conexão do meu escritório de casa mesmo. — Ela assente e eu continuo meu caminho para arejar a mente.

Ando um bom pedaço pelo parque central. Após andar muito eu sento em um banco e fico observando as pessoas. Onde quer que olhe vejo casais, crianças, cachorros... Cruzo os braços e me encosto relaxado. Estou tão perdido que só sinto alguém se aproximar quando já está sentando ao meu lado.

— Apaixonado? — Drake idiota.

— Cai fora, não estou fazendo programas hoje — eu brinco e ele ri.

— Ei gatinha?! Sou Drake Miller, você me quer. — Ele finge que vai me abraçar e eu que vou socá-lo. Nós dois rimos. — Está bom, agora diz. Quem é a garota sortuda e que você levará para o inferno?

— Não está dizendo nada com nexo — eu falo e exalo lentamente.

— Nem você está fazendo sentido. — Ele se volta na minha direção. — Então, vai falar ou vai me fazer pôr um detetive na sua cola?

— Já disse que nunca faça isso - falo sério. — Você é advogado e não policial, muito menos um personagem das séries idiotas que assiste.

— Ei?! Não bata com tanta força. — Ele ri como se eu fosse uma piada.

— Não é nada Drake, só algumas coisas bobas sobre a vida. — Finalmente baixo a guarda.

— Sua irmã? A Meg? — ele diz ficando sério. — Seu pai?

— Não. — Eu sorrio para ele. Meu amigo é um babaca, mas sempre posso contar com ele. Drake então reassume a pose de deboche.

— Sei, está ficando velho, brocha, pentelhos brancos... — Eu o encaro estreitando o olhar. — Relaxe. Seu segredo está a salvo. — Ele se levanta. — Tenho que ir, mas pare de agir estranho, está assustando Eleanor. — O quê?

— Como assim? — Eu me levanto também.

— Ela disse que você mandou cancelar as reuniões da tarde. E não me olhe assim, eu não espionei e ela não te delatou. Liguei para tomarmos um café, conversar, essas coisas. — Ele sempre me liga no mesmo horário para o café e conversas doidas. — E pelo que ela disse, não precisa ser um Sherlock para encontrar você...

— Sei, sou previsível — eu digo meneando a cabeça. Eleanor não cairia assim nas garras de Drake. Ela é linha dura e parece não gostar muito dele, embora seja educada. O que suspeito fazer por ele ser meu amigo de infância. — Vou pra casa.

— Sua casa de verdade? — Eu confirmo com um gesto de cabeça. — Vou voltar ao trabalho porque não sou um filho da mãe herdeiro do trono. Qualquer coisa é só ligar.

Ele vai embora e eu ando em direção ao meu carro. Drake falando como se fosse pobre. Idiota! Tem uma fortuna praticamente incalculável e muito veio sim da família. Todos advogados...

Entro no carro e dirijo com os pensamentos perdidos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Do carro atendo uma ligação do Luca. Ele está animado com um investimento numa rede de casas noturnas e a ideia mais absurda vem em minha mente. Vou montar uma para mim. Por que não? Gosto disso, desse ramo noturno e ele está me falando de um cara novo, do qual ele adquiriu a conta e que parece ser promissor. Luca cuida de investimentos e associa a personalidade das pessoas com o melhor ramo. Ele nunca erra e tudo em que mexe sempre faz sucesso.

Falo com ele sobre a possibilidade de participar do investimento e ele se anima ainda mais. Começamos a falar sobre ideias, o que está na moda, o diferencial... Nós conhecemos bem esses lugares e sabemos o que é bom. Eu começo a me sentir como Benjamin novamente e um baque surdo sobre o capô do carro me tira do envolvimento da conversa. Eu freio no choque e fico mudo alguns minutos.

— Droga! - solto num resfôlego. — Eu ligo depois Luca. — Encerro a ligação e desço do carro apressado.

Essas ruas que estou são vazias nesse horário e não estava correndo. Será atrolei um cachorro? Assim que chego à frente do carro vejo. Só pode ser brincadeira. Ela. A morena. Claro! Lendo e atravessando a rua. Está caída no chão, de olhos fechados e do lado dela um livro: As Vantagens de Ser Invisível. Se for um livro de como ficar assim, não funcionou para ela.

— Está acordada? — Me abaixo ao seu lado e falo bem perto de seu ouvido tocando seu ombro. Noto que ela aperta mais os olhos e então os abre. Lá vou eu, focado nesse olhar como se o tempo parasse. De quatro no chão, com o rosto bem próximo ao dela. Parece querer coordenar o olhar como da primeira vez que trombamos...

— Sim e também estou respirando. — Ela parece mais envergonhada que irritada. Começa a se levantar e quando se senta é que me percebe.

— Não deveria se mexer — eu falo apoiando-a na posição que ela está. — Vou chamar uma ambulância.

— Não toque em mim! — ela grita e aquele ar de ira retorna ao seu semblante. — Eu estou bem e não preciso de nada que venha de você. — Ela começa a levantar, mas se desequilibra e solta um urro de dor que me faz pensar se também não estou machucado, porque doeu em mim.

— Sério? — Eu a seguro para que não caia de novo. — Não é o que parece.

— Se isso é por causa do suco no outro dia, deveria ter vindo com mais
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

força. — Ela me encara e dessa vez não rejeita o apoio que dou. Vejo que ela não apoia uma das pernas no chão. Eu nunca esbarrei nela antes e em três dias tivemos dois encontros nada amistosos. Quem diabos é essa mulher afinal?!

— Não sou assassino. — Eu a pego em meu colo.

— Ai! O que está fazendo? — Ela me encara surpresa e o ar de raiva foi embora. Se agarra em meu pescoço com medo de que a derrube. Isso não vai acontecer.

— Vou levar você ao hospital. — Eu a coloco no banco do carona com o máximo de cuidado que consigo.

— Não precisa, sério. Não vou processar você — ela diz muito segura de que esse é meu medo. Quem ela pensa que eu sou, afinal?

— Sei... e eu tenho muito medo disso — desdenho já me pondo atrás do volante. Rumo para o hospital mais próximo. O Matt está de plantão hoje? Não lembro, mas ter um amigo médico sempre ajuda, embora saiba que ele não é ortopedista. Mas médico é médico, não?!

— Claro que não, você não tem medo de nada - ela fala com tanta segurança que minha cabeça dói por querer lembrar quem é ela. Porque se ela me conhece tanto como quer demonstrar, eu devo conhecê-la também.

Eu me concentro na estrada. Um acidente é o suficiente. Ela se volta para a janela e suspira contrariada. Está aceitando minha ajuda porque realmente precisa. Eu guio e em pouco tempo chego ao hospital. Desço e caminho na direção do carona enquanto ela já está tentando sair do carro. Me apresso e a pego em meu colo de novo. Assim que chego na entrada um rapaz traz uma cadeira de rodas e começam as perguntas. Hospitais e suas burocracias.

Eles a levam para dentro, vejo seu olhar contrariado até que ela não possa mais pôr os olhos sobre mim. Enquanto a examinam, preencho uma pilha de papéis que supostamente serão garantia de que pagarei. Como se isso fosse um problema para mim. Termino e ligo para o Matt.

— O que foi? Vai finalmente admitir que tem problemas de ereção? O doutor Baker pode resolver. — Ele ri. Mais um idiota. O Matt trabalha com disfunção erétil, é o melhor na área e dá plantões para cirurgias.

— Muito engraçado, está perdendo dinheiro no ramo da comédia — eu bufo. — Agora vamos às coisas sérias. Você está em que hospital hoje?

— Hospital? Deus! Não matou a garota de tanto...

— Pare de dizer bobagens, que tipo de médico é você? — interrompo. —
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

E se tivesse matado, não procuraria um médico. — Eu sorrio pensando em quantos amigos lesados possuo. Nem parece que exercem as funções que estudaram para ocupar. — Atropelei uma garota.

— Merda! — ele solta e também fala mais alguns palavrões. Acho que derramou algo sobre si. Estava comendo. — Estou no Sant'Ana. Me diga onde está que vou agora. — Idiota, mas meu amigo!

— Estou no Sant'Ana... — Ele desliga e sei que está correndo para a emergência. —... não foi nada grave. — Termina a frase por terminar. Ele não está mais ouvindo.

Em pouco tempo o Matt chega e vem em minha direção com um olhar assustado. Sei que lá vem sermão. Me preparo para todas as coisas sobre dirigir, sobre meu carro ser uma máquina assassina e etc. Ao invés disso ele me abraça e depois me encara com um olhar estranho e me apalpa como quem procura algo.

— Calma aí, doutor. Não sou uma de suas enfermeiras. — Sorrio do desespero dele, mas sei que isso vem das histórias de sua vida. Matt perdeu sua irmã num acidente e até trancou a faculdade por um tempo. Ele se afasta e me olha.

— Pensei que estava... — Ele tosse e volta à sua postura de médico seguro de si. —... machucado.

— Não, a garota que acertei machucou uma perna. Não sei bem o que aconteceu, levaram ela agorinha — eu falo gesticulando na direção em que foi levada.

— Vamos — ele diz e vai na mesma direção que indiquei e eu o acompanho. Se o médico manda, ninguém me barra não é mesmo?!

Em pouco tempo chegamos onde ela está e escuto seu riso. Ela está rindo? Está e é um som muito gostoso... Mais uma vez a sensação de familiaridade me acerta em cheio. Eu fico parado na porta observando o sorriso dela morrer assim que seus olhos encontram os meus.

— Então Jones, o que nossa paciente tem? — é Matt quem pergunta.

— Uma fissura mínima no tornozelo doutor Baker. — o enfermeiro fala terminando de enfaixar a perna dela e ver as mãos dele ali me causa incomodo, e eu não entendo os motivos de tal sentimento.

— Sei. — Matt pega o raio x e observa. — Muito bem senhorita, apenas uma fissura pequena. Vai ficar de molho um tempo com esse gesso. — Ele sorri para ela e a garota devolve. Eu desvio os olhos por dois segundos e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

volto a fixá-los nela. — Vai usar essa botinha por umas seis semanas no máximo, nada de pôr peso e ...

— Roubando pacientes, Baker. — Todos viramos para encarar o homem atrás de mim.

— Nunca, Fitz. — Matt cumprimenta. — Ela é amiga de um amigo. — Matt se explica e dá passagem ao doutor.

— E também é linda — o tal Fitz fala e ela cora, desviando o olhar, mas vejo um sorriso leve esboçar em seus lábios. — Então, MINHA paciente. — Ele segue até ela e observa o trabalho do enfermeiro. — Gesso sintético, Jones?

— Claro, doutor.

— Esse gesso é melhor porque, caso molhe, ele seca com facilidade. O que não quer dizer que poderá tomar banho sem proteção — ele diz todo sério. — Como meu colega dizia, não é grave e, como foi mínima, creio que em menos de seis semanas já estará bom, mas não deve pôr peso nesse pé. — Ele pega algo no bolso do jaleco, um carimbo. Jones oferece uma prancheta que ele aceita e o marca, além de assinar. — Aqui, medicação para dor, inflamação e essas coisas. — Essas coisas? Que médico é esse? — Agora é só passar na recepção, está de alta princesa. — Princesa? Que brega. Ela sorri. Gostou desse apelido.

— Obrigada, doutor. — Escuto a voz dela e para ele tem um tom tão suave, quando para mim haviam farpas em cada palavra.

— E como vai para casa? — ele pergunta e ela o olha surpresa. — Estou largando o plantão, posso levá-la.

— Eu... — ela começa e eu não sei o que dá em mim, mas interrompo de forma brusca.

— Ela já tem carona, doutor. — eu falo enquanto a ajudo a se apoiar para levantar, antes que um deles faça, já que todos vieram para ela quando fez menção de levantar. Ela não se opõe a mim e isso me deixa mais seguro.

— Muito bem. — Ele mexe no bolso de novo e entrega um cartão para ela. — Meus números, pessoais, caso precise. — Ele está flertando com ela? E onde fica a ética médica? O enfermeiro Jones entrega uma muleta para ela e eu a puxo para fora de lá assim que consigo, não com força, claro. Apenas determinação.

— Qualquer coisa me liga, Ben. — Matt fala com os olhos no bipe que acabou de tocar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Claro — falo seguindo para a saída.

— A conta...

— Já paguei — eu falo e já estou pondo ela no carro. Assim que entro, ela começa a rir. — Posso saber o que é tão engraçado?

— Você — ela diz mordendo o lábio inferior, como se isso apagasse o traço de diversão em seus olhos.

— Sim, sou um palhaço — eu falo irritado. Mas por que diabos estou irritado?!

— Eu que deveria estar de mau humor, vou ser eu a usar isso por dias infinitos — ela fala me olhando de lado e eu dou a partida no carro, sem ter o que dizer. Após alguns metros eu falo.

— Para onde? — Ela ergue as sobrancelhas para mim. — Sua casa? — Ela inspira com força.

— Rua Abe com a Treze. — Ela mora quase na rua da cafeteria?

— E...

— Prédio 187. — Ela parece desconfortável em me dar o endereço.

— Muito bem, chegaremos logo. — eu digo e me concentro na estrada.

Chegamos rápido, como disse. Sem trânsito, meu carro indo um pouco mais rápido do que quando eu a acertei e aqui estamos. Rua Abe, prédio 187, na verdade um sobrado. Freio e ela não se apressa em descer como na outra vez. Eu me viro para olhá-la. Só então noto a tensão em meu pescoço. Acho que estava prendendo até a respiração.

— Como você está? — Deveria ter perguntado antes, não? Ela tem razão em rir de mim, afinal, não fui eu quem se machucou.

— Viva. — Ela exala e me olha. Parece mais relaxada. — Relaxa, eu já quebrei muitas coisas e dessa vez foi só uma fissura. O Andrea vai pirar, mas logo ele relaxa. — Ela faz menção de sair do carro e eu me apresso, pensando em quem é Andrea. Eu conheço algum Andrea?

— Deixe-me ajudá-la. — Eu a seguro pelos braços, fazendo alavanca para que saia sem apoiar no pé doente. Ela vem de encontro ao meu peito e eu a abraço num impulso. Ela cheira a melancia e algo mais. Como perfume de garotas de doze anos. Meu rosto se contrai com uma sensação estranha. Conheço alguém que cheira assim ou já conheci...

— Muito bem! Pode deixar que assumo daqui. — Ela parece desconfortável e segue para as escadas da frente do prédio. É um sobrado, tem um ar antigo, mas bem conservado. Acho que as escadas da entrada serão
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

um empecilho e acerto. Ela se contorce toda tentando subir sem machucar o pé.

E eu aqui, parado tal qual um imbecil. Caminho até ela e a pego em meu colo. Ela solta um gemido abafado pelo susto e eu a levo até a porta acima das escadas. Nenhum de nós fala nada. Assim, mais um pouco de contorcionismo e abrimos a porta. Já dentro da casa eu a ponho de pé, no meio da sala.

— Você vai fazer isso todos os dias? — Ela me encara séria.

— Isso? — Não entendo.

— Me carregar escada acima. Fora que tem mais escada aqui. — Ela aponta a que leva para o andar de cima. Ela ri e eu também. — Teria que se mudar para cá pelo tempo que eu estiver usando isso. — Aponta a bota, mas parece se arrepender de suas próprias palavras e fecha a expressão.

— Desculpa, mas você não estava conseguindo sozinha — eu explico. — E posso considerar o convite para sermos colegas de casa. — O semblante dela escurece mais.

— Sempre posso subir de bunda. — assim que fala, ela cora. Eu dou risada.

— Não quero que quebre mais nenhum osso — eu solto achando graça da forma como ela ficou incrivelmente vermelha e fala as coisas como se não houvesse filtro para seus pensamentos e suas palavras.

— Sei. Um osso da bunda. — ela fala de novo e agora não sei mais que cor pode ficar. Azul?

— Esses também — eu digo esperando a próxima coisa que ela vai me falar. Sei que é um jogo idiota, mas eu acho divertido.

— Não acho que minha bunda seja da sua conta — ela corta levemente irritada. Eu fico sério, embora minha vontade seja continuar rindo.

— Desculpe — eu digo por fim.

— Por me atropelar, por ser um babaca... — ela começa a enumerar.

— Ei? Posso ao menos saber por que me tem em tão elevada estima? — ironizo.

— Olha...

— Foi você quem entrou na frente do carro, já disse que deveria ler sentada, num lugar isolado. — Vejo a irritação tomar conta do seu rosto e depois suavizar.

— Tem razão — ela concorda comigo. — Obrigada por não sair correndo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

e me deixar lá no chão — diz como se acreditasse que eu faria mesmo isso.

— Eu jamais faria algo assim — falo frustrado. Só então me lembro que não me apresentei. — Benjamin Romaninov. — Estendo a mão que ela olha como se ponderasse em aceitar. — Trégua? - peço sorrindo torto.

— Eu sei quem você é — ela diz, mas pega minha mão e se desequilibra um pouco e eu a seguro. Ela se afasta. — Pode ir agora. — Sério? Não vai me dizer o nome? Eu preenchi os formulários do hospital como se ela fosse uma ninguém, estava sem documentos, bolsa... — Vai ficar bem sozinha? — me preocupo.

— Sempre fico — ela diz segura de si. Ainda fico olhando-a uns segundos, então meus olhos vagam pela sala e param em uma estante, ao lado dela, onde há diversos livros de brochura, capa dura, aparentemente iguais, mas em cores diferentes. São muitos. Uns quase cinquenta ou mais... — Pode ir agora — ela me tira do meu devaneio.

— E suas medicações? — eu falo voltando a olhá-la.

— Eu dou um jeito. — Ela tentar cruzar os braços, mas percebe que vai perder a instabilidade e se agarra à muleta. — Eu já disse, sei me virar. — Atrás dela eu noto uma estante embutida. Na verdade parece mais um nicho, cheio de chaves, como em um hotel antigo. Eu franzo a testa. — Deus! Você não vai embora, não é? — A encaro surpreso. — Não até matar a curiosidade. — Ela caminha até a estante, coxeando, pega um dos livros, um azul. Parece bem manuseado e assim que o traz próximo a mim vejo uma fechadura. — São diários com chave. Eu coleciono. — Ela me olha como se isso fosse óbvio. Quem em nome de Deus faz isso hoje em dia?!

— CW? — Não acredito no que vejo. CW era uma garota da faculdade, cabelos muito curtos e vermelhos, óculos enormes, aparelhos nos dentes e que ficava no mesmo andar do meu dormitório. Era jovem demais, mas entrou na faculdade por ser um gênio. Ela me ajudava com as atividades que minha vida social agitada não me permitiam cumprir e eu evitava que pegassem em seu pé.

— Vejo que ainda tem memória — ela soa agressiva.

— E como eu associaria? Já se olhou no espelho? — eu falo estupefato.

— Ótimo, agora vai falar de como eu era um monstro na faculdade?

— Eu nunca chamei você assim — falo sério. Nunca brinquei com ela. — Éramos amigos, lembra?

— Não. Lembro que você me oferecia proteção para que eu fizesse seus
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

trabalhos e também se escondia em meu quarto quando uma das garotas com quem trepava se tornava pegajosa. — Ela falou trepava? — Afinal, ninguém procuraria o grande Benjamin no quarto da monstra. — As pessoas chamavam ela assim na faculdade, mas não na minha frente. Na verdade, ninguém sabia que era ela quem fazia minhas tarefas. Não por burrice, mas por falta de tempo. Eu era muito imaturo, mas isso não durou muito. Ela sumiu e eu tive que terminar a faculdade sem ela.

— Não era assim, você sabe. Nós éramos amigos que se ajudavam. — Eu tento lembrar as vezes em que ajudei ela, mas não encontro na memória. Só o que acho são os sorrisos e o olhar. Era isso não? A sensação de familiaridade.

— Ok, já chega de sessão nostalgia — ela fala dura. — Pode ir agora que matou a curiosidade.

— CW... eu... — começo a falar, mas ela arranca a agenda da minha mão. Me lembro que ela foi embora do nada, sem dizer adeus...

— Charlie White para você, agora saia da minha casa ou chamo a polícia. — Nossa! Por que essa agressividade gratuita?

— Por que essa raiva toda, Charlie? — eu falo caminhando para porta enquanto ela vem em minha direção. Não quero impor minha presença e sei que ela vai tentar me expulsar. Se fizer isso, só machuca mais o pé. Não me lembrava de ela ser bipolar. Por que ela é, né?! Só isso explica essa atitude absurda.

— A gente transou e você não ligou — ela fala num tom sarcástico antes de bater à porta diante de mim e me deixar de pé, do lado de fora, atônito.

Mas que diabos eu fiz? Com certeza não dormi com ela. Não a achava uma monstra, mas ela era uma garota, mal tinha quinze e eu tinha quase vinte. Estava curtindo a faculdade e ela saindo das espinhas. Eu a protegia dos idiotas e do bulliying, mas transar com ela? Isso sei que não fiz. Falou isso para devolver o que eu disse quando ela derrubou suco em mim. Bufo irritado.

— Charlie, vamos conversar — eu falo através da porta, lembrando que o gênio dela não mudou muito depois da faculdade. — Seja lá o que eu fiz, faz o quê? Uns dez anos? — Escuto ela gritar um “a” do outro lado, como uma criança birrenta. — Charlie, eu só...

— Vai embora, Benjamin! E esqueça que um dia me conheceu, já fez isso antes — ela fala e soca a porta pelo lado interno. Ela está com muita raiva mesmo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Me dou por vencido, se ela não quer conversar, o que posso fazer? Caminho em direção ao carro, chateado com a situação e mais ainda por não saber porque sou tão odiado. Foi ela quem sumiu quando ainda estávamos no quarto semestre. Sei que ela me ajudava muito com as tarefas, mas ela é um gênio. Com o QI que tem isso não faz diferença, faz? Além disso, sempre a tratei bem, era a única garota com quem conversava além da Meg e da Amy. Conversar de verdade, porque mesmo jovem, sempre me passou uma sensação de calma, era mais madura que eu. Nada difícil naquela época.

Ela sabia tudo sobre mim e um dia foi embora sem dizer adeus. Eu que deveria me sentir chateado. Olho para o banco do carona e o cartão do médico está lá. Isso me faz sentir bem, sou um idiota mesmo! Só então percebo o quanto a hora avançou. Droga! Me lembro da reunião via Skype e corro para meu escritório de casa. Quem sabe dê tempo para um banho e uma melhorada no humor. Hoje não foi um bom dia...

Você aqui?

Faz muito tempo desde o encontro desastroso com a Charlie e o atropelamento. Eu decidi que não ia mais pensar nela. Apesar disso, pensei diversas vezes. Por esses dias ela deve ter deixado de usar aquela bota. Isso se seguiu as recomendações médicas e não saiu por aí lendo e tropeçando nas coisas... Não deve ter saído, afinal, nunca mais nos esbarramos. Qual a possibilidade de que, de uma hora para outra, comece a encontrar alguém que não vê há anos, daí vocês se esbarram, você atropela essa pessoa e então, ela some? Estou pensando muita idiotice.

Ela é só uma garota e não cresceu muito. Com raiva de mim sobre sei lá o que eu tenha feito. Nem lembro, logo não é nada importante. Hoje é um dia importante. Vou conversar com o tal homem que vai ser meu sócio na boate. Não que precise de um, mas ele precisa e acho bom ir para o meio com alguém que sabe das coisas. Fora que isso favorece o Luca e nós sempre ajudamos amigos.

— E aí Cinderela? Ainda arrumando o vestido? — Luca fala assim que atendo o telefone.

— Sim, meu salto quebrou — embarco na onda e nós dois rimos.

— Se continuar falando assim, e seu pai escutar, ele vai ter um treco — Luca provoca.

— Não enche o saco, diz logo o que você quer? Meu pai tentou me afastar de más influências a vida toda, mas eu avisei que o pior lugar era a faculdade. — E foi mesmo, porque lá conheci o Luca e o Matt, somados ao Drake, que cresceu comigo, o grupo caótico estava formado. Nós bebíamos muito, íamos a todas as festas e xingávamos demais, além das piadas nada politicamente corretas. Segundo meu pai, jogamos fora os milhões investidos em educação e deve ser por isso que ele sempre me dá livros.

— Sei, ande logo. Estamos na Life's House, não demore. Teremos show de rock, parece. — Eu termino de me arrumar e rio de mim e do meu pai.

— Já chego aí amor, não goze sem mim. — Escuto ele gargalhar e encerrar a ligação.

Sei que somos um tanto vulgares às vezes, mas eu não falo assim durante os negócios, só entre amigos. Na verdade, só falamos assim entre nós quatro. Exceto Drake, ele fala assim em qualquer lugar e tenho certeza que o pai dele pensa o mesmo de mim, e que o meu pai também pensa o mesmo dele. Drake é considerado um caso perdido, nem colégio interno, nem todas as surras do mundo fizeram ele criar juízo.

Sigo para a garagem, entro no carro e guio para a Life's House. Hoje vai ser um dia de negócios e de diversão juntos. Não poderia ser melhor. Quem sabe assim relaxo e transo com alguém sem me incomodar com olhos cor de chocolate.

Em pouco tempo chego ao destino. Assim que deixo o carro em lugar seguro, entro na casa de show, boate, bar, sei lá... Hoje é tudo uma coisa só. Identifico os rapazes e então chego à mesa e me apresento ao único que não conheço. Deve ser o tal cara.

— Benjamin Romaninov — digo sorrindo.

— Sua fama o precede — ele devolve sorrindo também. Tem um porte de galã, cabelos pretos ondulados e olhos azuis. Me parece familiar, mas se o conhecesse, não teria um porquê esse encontro. — Sou Oliver Catchmore. — Apertamos as mãos um do outro. Não me recordo desse nome, então não o conheço mesmo. Eu me sento.

— Então vamos ao que interessa — Luca fala sorrindo. — Essa é apenas uma apresentação informal, para se conhecerem e você ver um pouco do trabalho do Oliver, Ben. Assim vai ser mais fácil do que apenas eu falar sobre a ação. — Ele sorri divertido. Acho que ele adora fechar negócios desse tipo.

A boate é de muito bom gosto, mais uma casa de shows com um belo bar. O palco é bem posicionado e as pessoas que frequentam parecem ter classe e dinheiro. Dou uma geral com os olhos e percebo os artigos de decoração, todos de qualidade. O único problema me parece que é o tamanho. Agora entendo onde entro, uma locação maior e bem localizada custa muito. Além de que, atrações mais cotadas fariam o lugar mais badalado. Todos sorrimos e então é anunciado um show. A princípio o que parece atrair todo mundo é o lugar ser reservado e requintado, mas bandas boas, a alto custo, manterão o padrão e elevarão a qualidade e, claro, o nosso lucro.

— Senhor Catchmore? — Um garçom se aproxima. Ele veste um misto de ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

roupa formal com um quê de informal, dado pelas mangas arregaçadas até os cotovelos e exibe tatuagens.

— Sim, Andrew — Oliver se volta na direção dele.

— Temos um problema — ele fala sério e Oliver logo se levanta.

— Fiquem à vontade eu volto logo. — Ele sai apressado.

— Problema? — falo olhando para Luca.

— Sempre existe, ele resolve fácil — meu amigo diz seguro.

— Vou ao banheiro. — Levanto dando um gole na bebida e pondo o copo na mesa. Assim que passo para o corredor onde ficam os banheiros, escuto vozes. Uma voz específica me faz parar.

— Olie, não posso fazer isso. — CW? Eles se conhecem?

— Charlie, por favor, preciso de ajuda para fechar uma conta. Sem banda, sem patrocínio. Imagine o cara vir aqui bem no dia que o Adam resolve furar comigo?!

— O, Se tivesse contratado a banda do Kevin... — ela geme e me lembro de quando me chamava de B e eu a ela de CW... Inferno de memórias idiotas. Por que me incomodam tanto?

— Eu faço o que você quiser! Contrato o Kevin de forma vitalícia — ele fala suplicando.

— Ele não vai aceitar. — Ela ri. Uma risada sincera.

— A casa de praia emprestada por um fim de semana inteiro? — uma nota de esperança surge na voz dele. Parece querer mesmo essa parceria.

— E sozinha, sem visitas inesperadas? — ela rebate.

— Exatamente.

— Ok, eu canto — ela diz contrariada. — Mas você me deve seu fígado.

— Ei? Pensei que a casa de praia já pagava...

— Vai sonhando. — Escuto o barulho dos saltos dela se afastarem gradativamente. Respiro fundo. Ela vai cantar?

A Charlie era muito afinada, mas só cantava quando estávamos sozinhos. Normalmente quando eu me escondia no quarto dela ou quando ela achava que podia me animar... Me apresso em retornar à mesa, passo no banheiro correndo, não vou perder isso por nada no mundo.

— O que eu perdi? — digo assim que volto à mesa, antes de me sentar e o Luca tem os braços cruzados e os olhos fixos no palco.

Me viro na mesma direção. Ela está lá, com uma calça colada, parecendo couro, botas de salto alto, finos. Ela já pode usar saltos? Uma camiseta
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

branca, esgarçada, em cima de um top, completa o visual. Os olhos estão bem maquiados e os lábios de um vermelho sangue. Eu engulo minha saliva como se fosse pedra. Mas que merda ela está fazendo vestida assim?

— Uma amiga do dono da casa. — Luca fala quando percebe meu olhar fixo. — Linda não?! Com certeza quente — ele diz e eu quero socá-lo com força até arrancar seus dentes. A Charlie não é assim... ela não é... quente?! Quer dizer, o que eu sei? Quantos anos faz que não a vejo? E quando ela ganhou esse corpo todo?

— Fique longe dela, Luca! — falo sério. Ela começa a cantar e eu não consigo me sentar. Sei que o meu amigo me encara como se eu tivesse dito que mudei de sexo, mas que se dane.

— Ei, cara, calma aí! Eu só disse que ela é quente! — ele rebate e ela se vira em nossa direção.

— Fria! — digo na mesma temperatura que a palavra sugere. É um aviso e ele entende bem. Volto a olhar para o palco e para minha surpresa os olhos dela estão colados em mim e eu não consigo me mover. Escuto uma risada de escárnio, vinda do Luca. Vou ter que me explicar mais tarde.

Não consigo desviar a atenção dos olhos dela enquanto canta. Entendo perfeitamente cada palavra...

The Right Kind Of Wrong/O Tipo Certo do Cara Errado

Know all about/Sei tudo sobre

Yeah bout your reputation/ sim, sobre sua reputação

And now it's bound to be a heartbreak situation/E agora isso vai acabar como
uma situação de partir o coração

But I can't help it if I'm helpless/Mas não posso ajudar se estou desamparada

Every time that I'm where you are/Toda vez que estou onde você está

Ela canta e dança perfeitamente no embalo dessa balada rock. Eu estou
vidrado no movimento de seus lábios. Sinto como se fosse um show
particular para mim...

You walk in and my strength walks out the door /Você aparece e minha
força vai embora

Say my name and I can't fight it any more/Diz meu nome e eu não resisto
mais

Oh I know, I should go/eu sei, devo ir embora

But I need your touch just too damn much/Mas eu preciso muito do seu toque
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ela joga o cabelo de lado e desce com um dedo pela lateral do rosto, parando no meio do busto. Eu engulo a pedra que teima em emperrar em minha garganta. Será que foi isso? A Charlie se apaixonou por mim e fugiu? Mas isso é uma loucura completa e faz o quê? Mais de dez anos...

Lovin' you, yeah isn't really something I should do/Amar você, é algo que
eu não deveria fazer
shouldn't wanna spend my time with you, yeah/Eu não deveria passar meu
tempo com você
I should try to be strong/Eu deveria tentar ser forte
But baby you're the right kind of wrong/Mas baby, você é o tipo certo do cara
errado
yeah baby you're the right kind of wrong/ sim baby, você é o tipo certo do
cara errado

Cada palavra parece especificamente para mim. Eu não consigo descrever a sensação que tenho. Nunca uma garota me prendeu assim. Eu sinto que tudo isso é errado, mas ao mesmo tempo não consigo sair dessa posição em que me acho. Completamente cativo do show dela. Meu show particular. A voz dela é perfeita, sempre disse que deveria montar uma banda...

I should try to run but I just can't seem to/Eu deveria tentar fugir mas não
consigo
'Cause every time I run you're the one I run to/porque sempre que fujo, é pra
você que eu corro
Can't do without what you do to me, /Não dá pra ficar sem você
I don't care if I'm in too deep yeah hey-yeah/Não me importo se estou indo
muito fundo

Ela desce nos trechos finais da música e vem em minha direção, cantando. Eu sinto meu coração acelerar mais, se isso é possível. Ela sorri de lado e eu não resisto, faço o mesmo e apoio as mãos nos quadris meneando a cabeça. Ela passa por uma mesa, pega um copo de cerveja e vem até mim. Quando está bem perto ela o joga o líquido na minha cara. Sério? Fico sem reação.

— Mas que...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Esfria a cabeça garotão! — ela diz rindo. — Nem todas caem no feitiço do grande “B” — ela fala e põe o copo na mesa do Luca, pisca para ele. Ela piscou para ele? Merda! Ela vai em direção à saída e eu percebo o papel de idiota que acabei de cumprir aqui. Seja lá o que fiz para ela, a Charlie se vingou no melhor estilo colegial de baile.

Saio de lá irritado e sem fechar o contrato. Mal chego ao carro e Luca vem em minha direção. Eu já imagino o que vai ser e entro rápido, batendo a porta com força. Ele entra do lado do carona. Mas que droga!

— O que foi aquilo lá? — ele diz me encarando e põe o cinto porque sabe que vou acelerar como um piloto de fórmula um. É exatamente o que faço.

— Nada — respondo entre dentes.

— Ah, cara, qual é?! Nada é meu...

— Nada, Luca! — falo freando com força e o encarando. — Eu. Disse. Nada! — Ele franze a testa. Eu volto o carro à estrada e acelero de novo.

— Muito bem, senhor “eu tenho segredos para os amigos” — fala fazendo uma voz ridícula.

— Está parecendo uma bichona! — devolvo, mas sem nenhuma nota de humor na voz.

— Cara, você está tão ferrado! — ele fala meneando a cabeça. — Você dormiu com ela e não ligou? Não, espera, deve ter sido algo bem pior não é?!

— Eu não dormi com ela. — Ele tem razão, estou ferrado, mas não a ponto de esquecer a cara de uma mulher com quem transei. Não sou tão canalha assim.

— Com a irmã dela? — O quê?! Eu encaro ele fazendo uma careta, mas logo volto a me concentrar na estrada. — Com todas as amigas dela, menos com ela... — Faço um chiado pesado. — Isso pode irritar uma mulher.

— Cala a boca, Luca — falo irritado.

— Ben, tem que ter um motivo para uma mulher fazer isso com um cara e com certeza não foi por você ser legal com ela — ele diz rindo. — Você brochou! — Ótimo, mais essa agora.

— Inferno! Você não vai parar? — eu digo, já na frente do prédio onde mantenho o apartamento extra.

— Não até você me dizer tudo sobre ela. — Ele faz uma cara estranha. — O Benjamin Romaninov, com um coração de diamante, e não no bom sentido, achou sua kriptonita. — Ele ri como um descerebrado.

— Vai se ferrar, Luca! — retruco.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vai contar ao Drake?! O Drake já sabe?

— Você está parecendo aquelas mulheres fofoqueiras — digo descendo e ele me segue. — Qual o seu problema?! — Paro no caminho encarando ele.

— Nenhum, não fui eu que fui ridicularizado e fotografado por paparazzis. — Ele ri de mim. Belo amigo esse.

— Vai se ferrar — digo dando as costas a ele e caminho mais uns passos antes de jogar as chaves do carro nele. — Dá o fora antes que eu quebre sua cara.

— Eu vou descobrir, você sabe disso. Só não prolongue sua tortura. — Eu escuto ele rir e ligar o carro antes que eu entre no prédio. Imbecil... Não, o imbecil essa noite fui eu.

Remoendo...

Depois do fiasco que foi a negociação eu ainda tive que aguentar o Luca e suas piadas idiotas. A pior foi ele se referir a CW como minha kriptonita. Sério, um homem do tamanho e da idade dele não poderia soar mais imbecil. Eu penso que deve ser por ele ser filho único. Criado com a mãe e a avó... Mas se fosse assim o Ed seria um completo afeminado. Não, o Luca é um idiota de marca maior mesmo. Estou mal humorado, frustrado e me sentindo uma droga. Claro que a CW não sente nada por mim, a não ser ódio. Merda de sentimento que nem sei o porquê ter ganho assim, tão generosamente.

Para completar tem as fotos “maravilhosas” que tiraram de mim na casa de shows e estampam os jornais. Várias pessoas ligando querendo entrevistas. A Meg e a Amanda já me ligaram hoje também, mais de uma vez...

— Senhor Romaninov? — Escuto uma voz suave e ergo a cabeça do computador, encarando a porta.

— Entre de uma vez, Eleanor. — Ela aparece, rubra. — Desculpe, você não tem culpa de eu ser um babaca. — É assim que a CW me chama, não é?! — Ou idiota, ou imbecil, ou panaca...

— Não o considero assim, senhor — ela fala acuada, perto da porta.

— Já disse que pode entrar, Eleanor. Eu não vou atirar coisas em você. — Ela me encara surpresa. — Só estou em um dia ruim.

— Poderia sair um pouco, se quiser — sua voz é vacilante. Ela veio ver se estou bem? — Não teremos nenhuma reunião até as quatro da tarde — ela diz esboçando um sorriso amigável. — Quem sabe tomar um capuccino?! Hoje o senhor chegou sem o de sempre... — ela para assim que fala isso, como se tivesse dito uma indiscrição.

— Eleanor? — Ela me encara nervosa. — Você é uma secretária excelente, sabia? — Levanto e visto meu paletó. Passo por ela e acaricio sua face. Ela prende a respiração. — Está me saindo uma boa amiga — falo para amenizar, não quero que ela pense que estou flertando com ela. — Nunca

tenha medo de mim, eu não sou nenhum megalomaníaco.

— Eu nunca pensei isso senhor — ela se apressa.

— Ótimo, já tem pessoas demais que me odeiam no mundo. — Pareço um maricas carente agora. Sério. Queria meu taco de beisebol de volta para dar com ele em minha cabeça. — Desculpe, você tem razão, preciso arejar. Estou dizendo insanidades. — Ela sorri de lado.

— Eu cuidarei de tudo e o mantereii informado — ela fala enquanto arruma uns papéis em cima da minha mesa e sua postura parece relaxar. — Tome seu tempo.

Eu saio. Assim que passo da entrada do prédio, inspiro com força. Não vou logo ao café porque não quero dar de cara com a CW. Me condenem, sou um covarde. Depois do fiasco na casa de show, eu fui embora incrivelmente irritado. Ao chegar em casa, parei para pensar. Se fosse qualquer outra mulher eu teria rido e continuado as negociações. O coitado do Oliver não tem culpa de ter uma amiga maluca.

Repenso sobre o cappuccino e retorno. Entro na cafeteria e o Oscar me dá um sorriso enorme. Eu vou até o balcão e pego o de sempre. Agradeço e pago. Assim que vou saindo, meu celular toca. Olho a tela. Eleanor? Já?

— Qual o problema agora? — pergunto cansado.

— Uma moça, senhor — ela diz séria. — Já ligou algumas vezes desde que saiu e diz ter certeza que o senhor está aqui e não quer atendê-la.

— Quem? — Mas quem é essa maluca?!

— O nome é Charlie White. — Ótimo!

— Tem o número do qual ela ligou? — Ela me dá os dígitos e eu guardo. — Obrigado, Eleanor. — Vou acabar com isso de uma vez por todas.

Sigo em direção à rua Abe com a Treze. Logo estou na entrada do prédio 187. Encosto o carro e desço. Fico de frente para o sobrado e disco o número. Após algumas chamadas, ela atende.

— Desça — eu falo sério.

— O quê? — ela retruca. — Idiota. — E encerra a ligação. Sorrio para mim mesmo.

— Agora — falo assim que ela atende minha nova chamada.

— Seja lá com quem ache que está falando, se enganou. — Ela volta a desligar na minha cara.

— Você disse que sabia que eu estava no trabalho — falo assim que ela atende de novo. Ela solta um ruído abafado. — Estou em frente ao seu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

prédio, na verdade é mais um sobrado não? Desde quando mora aqui... — engato uma conversa frívola, sei o quanto isso irritava CW. Ela não diz nada. — Desça e fale tudo que quer de uma vez, não temos mais idade para esse jogo de gato e rato. — Agora eu falei como um vovô.

Espero algum tempo depois que ela desliga sem dizer nada. Receio que ela me ignore. Seria algo comum de ela fazer, mas não faz. Minutos depois ela está abrindo a porta de entrada e caminha na minha direção. Veste short jeans e uma blusa de moletom que parece masculina. Seus cabelos estão em um rabo de cavalo e ela me olha com altivez.

— Precisava conversar com você — ela diz rígida.

— Aqui? — Abro os braços indicando a rua.

— Pode ser — ela diz com descaso.

— Então fale. — Cruzo os braços.

— Queria pedir que reconsidere a proposta do Oliver, ele não teve culpa da minha cena — fala desconfortável.

— Ainda bem que sabe que foi uma cena — devolvo.

— Que você mereceu — ela começa, mas faz um gesto de impaciência com os olhos e muda a linha. — Não importa, se o que queria era que eu me retratasse... aqui estou. — Abre os braços num gesto exasperado. — Me desculpe por ferir seu ego enorme — ela diz isso e não me contenho em rir.

— Acha mesmo que só isso resolve as coisas? — falo para irritá-la. Eu já tinha pensado em aceitar o investimento, mesmo sem ela se retratar.

— Diga o que preciso fazer — ela fala me encarando, voltando a cruzar os braços em uma postura defensiva.

— Qualquer coisa? — ela afirma com um gesto de cabeça. — Que corra sem roupa no parque central. — Ela me olha agora, abrindo os olhos ao máximo. Eu desato a rir. Quem está seguindo a linha colegial agora?

— Panaca. — Ela me dá as costas e eu a sigo.

— Ei? Calma, eu estou brincando — falo segurando-a pelo braço que ela logo o puxa para si. Ergo as mãos no ar.

— Para você a vida é um jogo não? Tudo uma brincadeira? — ela joga em cima de mim com raiva. — O que foi? O príncipe Benjamin está entediado?

— Ei? Por que não me diz logo que erro terrível eu cometi no passado para você gastar tanta energia me odiando? — devolvo e ficamos face a face. Os olhos dela prendem os meus de um jeito esquisito. Estou com raiva, mas de mim, por seja lá o que fiz contra ela. Inferno!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não lembra mesmo? — Apoio as mãos nos quadris e desvio o olhar. Isso está ficando estranho.

— Juro que não Charlie. — Ao ouvir a mudança em minha voz ela me encara e pode ver minha expressão sincera. Isso a faz ceder um pouco e volta cruzar os braços.

— Roubou meu trabalho de faculdade — ela diz com dificuldade.

— Isso? — Não acredito. Não me lembro de ter roubado nada.

— No quarto semestre, lembra agora? Um projeto — ela diz erguendo as sobrancelhas.

— Ah! — Solto o ar com força. Não acredito que é por isso. — Isso é uma bobagem, Charlie. Um trabalho idiota no final do período não a faria ficar com tanta raiva.

— Eu confiei em você Benjamin e você só me usou e roubou meu trabalho de conclusão de semestre — ela fala magoada.

— Não acredito nisso — eu solto indignado. — Tudo isso por um trabalho idiota que você poderia fazer milhões mais. — Eu a encaro irritado. — Sabe quantos jornais têm a foto da sua cena na casa de show? Sabe como isso repercute para minha imagem? — Vejo a expressão dela, surpresa. — Isso faz o quê? Mais de dez anos? — Dou a volta no carro em direção ao banco do motorista. — Eu cresci Charlie, superei muitas coisas, você também deveria — falo entrando no carro e batendo a porta com força. — Quer saber?! Eu ainda vou negociar com seu amigo, já estava tratando disso. O ataque histérico de uma garota mimada não iria me fazer desistir de um negócio que eu considero importante. — Vejo os olhos dela brilharem. Ela vai chorar? Que se dane, odeio ser tratado mal injustamente. Foi exatamente isso que ela fez. Ela fugiu, ela não me deu explicações e me vem com essas agressões gratuitas. — Espero que amadureça, já está na hora.

— Eu espero nunca mais encontrá-lo. — Escuto ela falar em uma voz trêmula antes que siga para casa com passadas duras.

Ligo o motor do carro e arranco com força. Estou com raiva. Dela, de mim, da situação. Por que diabos isso me incomoda tanto? Paro no estacionamento do parque, no centro da cidade. Exalo com força. Ela era uma garota geniosa, mas era divertida, engraçada, inteligente. Eu passava horas com ela conversando de tudo. Tínhamos uma boa relação, eu só peguei um trabalho dela sem avisar. Um! E isso é motivo para uma guerra?

Ligo para o Drake, preciso falar com alguém ou vou explodir. Ele sabia
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dela na faculdade, embora eu nunca os tivesse apresentado e ele pensasse que CW era um cara. Prefiro que fosse assim, não achava que tinha chance de o Drake dar em cima dela, mas sei lá. Um pouco de álcool e ócio, seria suficiente para o Drake mudar de ideia. Os outros caras não sabem de nada, embora fossem todos meus amigos, mas o Drake é diferente. Ele sabe tudo, absolutamente tudo, sobre mim.

— Ei amigo! — falo assim que ele atende.

— Ei, amigo?! — ele diz em um tom estranho. — Que merda você fez hoje, Ben? — Ótimo! Intimidade é uma merda.

— Nenhuma, mas se você me deixasse falar saberia — falo com raiva. O dia de acusar o Ben injustamente é hoje. Venham todos!

— Então fala, idiota — ele diz devolvendo a irritação.

— Quer saber, esquece! — eu digo e desligo.

Chego no apartamento, não o do centro, e afrouxo a gravata. Alguns minutos depois escuto a campainha. Sei exatamente quem é, porque a lista de pessoas que podem subir sem avisar é bem curta. Abro a porta com a cara amarrada. Drake está lá de pé, uma sacola na mão. Já sei bem o que é, salgadinhos e cerveja. Depois dizem que só as mulheres afogam estresse na comida.

— Não foi convidado — falo rude.

— Como se precisasse — ele desdenha e vai entrando. — Era para ser pizza, mas teria que esperar e percebi que você estava morrendo.

— Quando percebeu isso? — Fecho a porta e o sigo até a sala de TV.

— Quando você me ligou todo meloso — ele diz com um ar de riso, mas não me julgando. — Desculpa minha insensibilidade, eu tive um problema hoje.

— Problema? — franzo o cenho. O Drake ter um problema é algo realmente sério.

— Coisas no trabalho, esqueça — desconversa. — Mas e você? — Sentamos no sofá e logo estamos comendo e bebendo.

— Encontrei a Charlie. — Ele me olha torto. — A garota da faculdade, que fazia trabalhos para mim e que me deu um banho de bebida na casa de show. — Ele começa a rir.

— O que ela fez dessa vez? Bateu em você? — Fala enquanto bebe um gole direto da garrafa.

— Não devia falar disso com você — corto e vou me levantando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Espera aí, cara. — Ele me segura. — Fala, mas fala logo de uma vez o que você fez para essa garota entrar em processo de TPM toda vez que te encontra.

— Processo de TPM? — Eu o encaro como quem olha um maluco. — Todos os meus amigos têm merda no cérebro — digo chateado.

— Fala, Ben. O que fez para ela? — ele não cede.

— Eu fiz?! — Esfrego minha cabeça com força. — Nada, não fiz nada. — Me lembro do que ela disse. — Tá, peguei um trabalho de faculdade que ela fez, o que é uma idiotice porque ela tem o QI acima da média, fazia um monte deles. — Ele me olha erguendo uma sobrancelha. — Qual é?! Foi só um trabalho, não foi a vida dela.

— As mulheres são loucas, sempre disse para não fazer amizade com elas — fala seguro de si.

— Sabe que isso é uma idiotice sem tamanho, não é?!

— Não falo de suas irmãs, falo das mulheres, sabe? As pegáveis.

— O quê?

— O Luca disse que ela é quente...

— Não termine - corto ele no meio. — Eu e a CW nunca tivemos nada, ela não é quente — falo rígido.

— Ok, muito bem, não está mais aqui quem pecou — ele diz rindo como se soubesse algo que não sei. — Vai ver ela é só maluca — ele fala e liga a TV.

— Você acha? — Eu fico pensando. Ela parecia normal... Tudo bem que tinha aquele cabelo esquisito, o QI altíssimo, a idade baixa para entrar na faculdade... Ela teria surtado e por isso foi embora do nada?!

— Sei lá, cara — ele fala procurando canal. — Qual o nome dela mesmo?

— Charlie White — eu digo e ele afirma com a cabeça.

— Hum. — diz enchendo a boca de salgadinho. — Cuidado com ela — fala com a boca cheia.

— Vou tomar — bufo com desdém, como se isso fosse um conselho necessário.

Em pouco tempo engatamos conversas sobre jogo, trabalho, saídas de fim de semana e um evento beneficente que reúne grandes empresas todo ano. Isso me ajuda a relaxar e deixar a mente mais leve depois de todas essas confusões absurdas e sem nexos que começaram a ocorrer depois do reencontro com CW. Ela voltou para fazer da minha vida um inferno?! Não, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ela não faria isso. Não devo dar tanto poder a uma garota maluca.

...

Depois da conversa com o Drake me senti mais aliviado. Apesar de ainda sentir um peso no peito. Ela parecia magoada. Não contei a ele a forma como falei com ela, nem o quanto ela agir assim comigo me irrita. As palavras dela retornam em minha mente. Ela CONFIAVA em mim... Espera NUNCA mais me ver... Sinceramente, minha cabeça vai dar um nó. Termina a reunião o mais rápido que dá. Vou para casa por hoje. Saio do escritório e nem me lembro de dizer tchau aos que trabalham comigo. Devem pensar que é pelos jornais, mas é por algo que eu nem mesmo sei explicar.

Assim que chego ao carro tem uma caixinha de sapato perto da porta do motorista. Eu olho surpreso e dentro tem um bebê. Deus?! Um bebê?

Me abaixo e pego o pequeno com cuidado. É um garoto com uma roupinha azul e enrolado em uma mantinha branca. Eu o encaro consternado. Quem em nome de Deus faria isso? E a segurança? Tudo bem que o carro está em frente ao prédio, mas...

*O nosso eu mandei para o céu querido,
mas esse pestinha aí teimou em sobreviver. Já
que você pareceu tão desolado tentando me
encontrar, acho que queria mesmo um bebê.
Pode ficar com esse atraso de vida.*

V.M.

Verônica Mayers. Diabo de mulher. Me lembro dela de imediato. A modelo com quem tive um rolo e ela abortou o nosso bebê para seguir com a carreira. Onde eu estava com a cabeça para me envolver com uma mulher assim? Sou mesmo um babaca. Me referir a mim mesmo dessa forma me faz lembrar da CW. Droga! Não consigo esquecê-la. Tenho vontade de gritar, mas olho o bebê em meus braços e a ideia de que poderia ser o meu, o que ela

abortou, e que ele poderia estar por aí, jogado em algum canto com um traste velho, faz meu coração afundar. Com o máximo de cuidado que um cara como eu pode ter, ponho o bebê no banco do carona da forma mais confortável possível. Entro no carro e dirijo para minha casa de fato. Dirijo devagar. Deveria ir a uma delegacia ou um hospital? Isso. Vou para um hospital: Sant'Anna.

Assim que chego sou atendido na emergência e crivado de perguntas. Eles me sugerem um DNA e eu não me oponho, embora saiba que não é meu. O bebê fica sob cuidados médicos e eu deixo todos os meus contatos. Sou registrado como responsável e eles me dizem que as autoridades serão notificadas. Aposto que os jornais também...

Ligo para Drake que vai me ajudar com as questões legais, sejam quais forem. Tenho os advogados da empresa, mas prefiro o Drake nisso. Ele disse que irá segurar a imprensa, mas não é como se eu fosse um ator ou modelo. O Matt diz que me manterá informado. Por isso busquei o hospital em que ele mais dá plantões e tem mais amizade com os funcionários.

Desisto da ideia de ir para minha casa, a verdadeira, e mais uma vez me vejo no apartamento que mantenho perto da empresa. Assim, caso precise de algo, eu posso correr até o hospital. Não imaginei que a ideia de um bebê mexesse tanto comigo. E o bebê nem é meu.

Assim que chego, afrouxo a gravata e me sirvo de uma dose de conhaque. Jogo fora, não posso beber caso precise retornar ao hospital. Amanhã é sábado, não vou trabalhar. Preciso arejar minha mente. Envio um Whatsapp para Amy. Ela responde e eu ligo.

— Oi maninho, criando problemas? — ela sussurra.

— Estou atrapalhando? — falo pensando em quantos problemas ela já tem com os bebês, o marido em seu trabalho maluco e a Meg. Se bem que a Meg agora é problema do Ed.

— Nunca, seu bobão. — Ela ri. — Alguma coisa com o papai? — a voz fica tensa. Sei que depois da conversa estranha no casamento, o Liam entrou em contato com ele e busca uma aproximação para levá-lo a ver os bebês. A mamãe já foi diversas vezes, mas o papai ainda está afogado em seu próprio orgulho. Envergonhado pelo papel que fez por tantos anos.

— Ele está bem, eu só queria ouvir sua voz — falo me jogando no sofá.

— Isso soa como carência — ela diz em sua voz de irmã carinhosa. Eu sorrio e suspiro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Nível máximo. — Faço uma pausa. — Lembra da CW, da época da faculdade?

— A garota que você explorava? — ela diz com ar de riso. O meu se fecha.

— Droga, Amy. Eu não...

— Ei? Calma! — ela me interrompe. — Só estava provocando. — Escuto seu bocejo. — O que tem ela?

— Ela me odeia — falo e sinto o quanto isso me incomoda.

— E você gosta dela? — parece ter realmente despertado agora.

— Claro que não, Amy — digo rápido demais.

— Não?

— Não. — Suspiro cansado. — Só não gosto de ser odiado.

— Peça desculpas.

— Mas eu não fiz nada demais, eu só...

— Não importa, Ben. Se ela está magoada e deixou você saber disso, ela só quer um pedido de desculpas. — Será? — Sei que eram amigos, mas ela ainda é uma garota. Não é como os três patetas com quem anda.

— Não sei como fazer isso. — Ainda mais depois das coisas que disse hoje. A chamei de imatura. — Ela disse que não quer me ver nunca mais.

— Isso significa que você não só fez como falou alguma coisa idiota. — Ela me derruba com essa. Como sabe que falei bobagem?! — Tem que pedir desculpas sinceras.

— Amy, fala na minha língua. — Escuto um chorinho de duende. Um sorriso bobo se desenha em meus lábios e eu logo lembro do bebê no hospital. — Desculpa, você cheia de coisas para fazer e eu aqui nessa conversa ridícula.

— Você não é ridículo e se meus filhos são minhas coisas, você também é. — Ela ri e faz um chiado como se acalmasse alguém. — Você também é uma coisa na minha vida. Uma coisa muito importante. Não importa quando, que horas, como...

— É só chamar que você estará lá - eu completo. — Eu te amo, Amy.

— Não se declare para minha mulher. — É o Liam.

— Cai fora da extensão seu maricas — retruco.

— Sai da extensão, amor! — Amy fala risonha.

— Maricas? Eu tenho mulher e dois filhos! — fala todo orgulhoso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ela é minha irmã antes disso — devolvo. — E não fale sobre ter feito filhos na irmã de um cara...

— Parem com isso, vão acabar enervando os bebês — ela repreende, mas ainda escuto a nota de divertimento em sua voz.

— Sei, carência nível máximo — ele fala e escuto o clique quando ele desliga.

— Boa noite, Amy — falo saudoso.

— Boa noite, Ben — ela diz, mas espera que eu desligue. Eu não faço isso. — Ben?

— Oi?

— Tem algo mais? — questiona e eu apenas suspiro. — Vai ficar tudo bem. — Assim que ela diz isso, eu realmente acredito que sim. — Eu também te amo!

...

Dormi um sono miserável. Acordei decidido a fazer algo para tirar aquele sentimento de mim. Fui malhar. Corri. Retornei para um banho de lavar a alma. Comi algo e fui para a rua comprar coisas para o bebê. Ele não tinha roupas, fraldas... Comprei tudo que achei necessário e as atendentes da loja só faltaram querer vir junto. Me julgaram pai solteiro e sei que como não passo por gay, elas queriam se candidatar a mães. O bebê não é meu, mas merece mais que uma caixa de sapato. Me lembro da Meg...

Estou fazendo malabarismo para abrir o carro e meu celular toca. Espero que não seja meu pai, não sei o quão rápido os jornais podem ser. Jogo tudo no banco de trás e atendo às pressas. Pode ser do hospital.

— Fala brocha. — É o Drake.

— Algum problema com o bebê? — soo ansioso.

— Não, mas descobri algo sobre sua CW — ele diz divertido.

— Ela não é minha, Drake. — Ele ri. — Desembucha.

— Mas queria que fosse, não é?! Escondeu que era a CW. Por que escondeu que era uma garota da época da faculdade? — Ele parece incomodado com isso. — Enfim, o projeto que você pegou emprestado era o de conclusão de semestre e que garantia a bolsa dela na faculdade — ele fala e eu gelo por dentro.

— Como? — E como ele descobriu tão rápido?

— Vou desenhar — ele diz se sentindo superior. — Você roubou o projeto que garantia a renovação da bolsa dela na faculdade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Merda!

— Das grandes. — Ele ri de deboche. — Então é isso. Sim, ela te odeia e sim, ela tem razão. — Eu me sinto péssimo agora. Acusei ela de ser imatura e esse tempo todo eu agi como um grande imbecil. Ela tem razão, sou um babaca.

— Preciso consertar isso. — Só não sei como. Deveria ter procurado ela antes. Se o Drake descobriu tão fácil, eu com certeza descobriria. Sou um egocêntrico mesmo, não?!

— Como? — ele fala interessado. — São mais de dez anos cara. Ela perdeu a vaga e agora ela trabalha como designer de capas de livros e faz outras atividades. — Ele parece ter feito uma busca minuciosa. Então ela realmente ama livros. — Parece viver bem e você não deveria remexer nisso, deixa a garota em paz. — Drake me dando conselhos desse tipo é porque tem certeza que fez uma merda enorme. Estraguei a vida profissional dela. EU sou um merda!

— Obrigada, Drake — eu digo e encerro a ligação, mas não posso deixar para lá. Posso ser tudo, menos injusto e vil. Eu destruí a vida da Charlie e ainda a acusei de ser a culpada. Como eu pude ser tão idiota?! A Amy tem razão. Desculpas. Vou pedir até que ela me desculpe.

Começo ligando para Eleanor e pedindo que envie flores para a casa da Charlie. Penso melhor e digo que faça um contrato de entrega de flores a cada duas horas, a contar de agora. Vou corrigir isso seja lá como for.

Temos um passado

Dirijo em direção à rua Abe com a Treze. Paro em frente ao prédio e olho para cima. Meu coração acelera. Estou com receio de ser expulso. Penso em todas as vezes naqueles quatro semestres em que corri para o quarto de Charlie e ela me recebia com um sorriso no rosto. Ela era mesmo uma nerd bem esquisita. Cabelos curtos, vermelhos de um tom gritante. Cortou quando entrou na faculdade. Óculos enormes e uma cara de inocente.

Cada vez que ia a uma festa e queria fugir de uma garota, cada vez que não conseguia dormir, cada vez que precisava falar de algo, da Amy, da Meg... ela estava lá. Ela me abria a porta e sorria. Era o Drake de calcinha e, tal como ele, era completamente desprovida de preconceitos e confiou em mim. O que eu fiz? Estraguei a carreira dela e a ofendi. Suspiro pesado. Vamos Ben, seja homem e peça desculpas.

Desço do carro e olho para cima. Ela está na janela, falando ao telefone e com aquele sorriso incrível no rosto. Me sinto um espião. Eu não posso espionar ela. Caminho até a porta e toco o interfone. Já é mais de meio dia e ela deve ter recebido, pelo menos, uns três buquês de flores.

Alguns segundos depois ela atende. Forço as palavras.

— Oi — eu digo como um garoto que quebrou a vidraça da mãe jogando bola na sala. — É o Benjamin...

— Reconheci sua voz. Veio me dar aulas de maturidade? — Nada de sorrisos amigáveis para você hoje, Ben.

— Vim pedir perdão. — Ela fica muda. — Por ter sido um completo idiota.

— Não se pode pedir desculpas por ser quem é. — Ai! Essa doeu.

— E por roubar o seu projeto? — Ela solta um longo suspiro.

— O que você quer Benjamin? — Posso imaginá-la agora mesmo cruzando os braços.

— Minha amiga de volta?! — Sei que forcei um pouco, mas eu estou mesmo arrependido. Não gosto da imagem que se forma no espelho quando

olho e enxergo a mim mesmo. E... Sei lá por quê, mas eu quero que ela me perdoe. Que se dane o porquê. É querer muito?

— Não éramos amigos. Era só uma troca de favores. — Não vai ceder fácil.

— Charlie, por favor? — Estou suplicando? Meu cérebro virou merda mesmo.

— Pare de miar na minha porta — ela diz dura e fica muda. O que mais posso fazer? Começar a gritar? Não, eu tenho dignidade. Me viro na direção do carro, mal desço dois degraus e escuto o clic da fechadura sendo destrancada. — E pare de me mandar flores. Sobe — sua voz vem direto do interfone. Um sorriso bobo aparece em meus lábios. — Não fique tão feliz, você está atrasado mais de dez anos. — Eu fecho a expressão. Não identifico câmeras, não sei como ela sabe que estou sorrindo.

Assim que chego, a porta está aberta e ela está na cozinha cortando alguns legumes. Entro lentamente. Ela veste um short de malha e uma camiseta larga. Dá pra ver um soutien colorido por baixo e me sinto um tarado esquadrihando ela. Pareço uma merda de garoto acuado que foi pego em alguma travessura. Ando meio desconsertado e ela parece me ignorar. Tem os cabelos presos em um coque, alguns fios soltos... O que diabos eu estou pensando? Espanto essas ideias idiotas e me aproximo da bancada. Ela se vira com a faca na mão e eu dou um pulo para trás assustado. Ela ri alto.

— Eu não vou cortar a parte mais importante do seu corpo, pode relaxar — me fala, rindo de mim.

— E vai cortar alguma outra parte? — pergunto ainda com as mãos para cima.

— Não. — Ela fica séria. — Não vou cortar parte alguma sua.

— Obrigado — digo abaixando as mãos, colocando-as nos bolsos.

— Isso ia fazer uma sujeira enorme. Já pensou quanto trabalho dá para limpar sangue de piso? — Abro meus olhos ao máximo. Ela agora solta uma sonora gargalhada. — Meu Deus! Você virou um mariquinhas mesmo.

— Ei? Você que está sendo terrorista — me defendo.

— Para de me olhar com essa cara de assombrado.

— Pare de me dizer essas coisas absurdas — retruco. — Você não mudou nada.

— Não, continuo uma menina imatura. — Ela solta a faca e fica séria.

— Droga! Você não vai facilitar, não é?!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu tenho que facilitar o que mesmo? — Cruza os braços me encarando.
— Meu pedido de perdão?! — digo de uma vez.
— Perdão por... — ela me joga no chão com essa, agora só falta pisar em mim. É, sou orgulhoso mesmo...
— Por ter estragado sua vida — falo consternado.
— E como exatamente você fez isso? — Ela ergue as sobrancelhas e parece mesmo não saber.
— Eu disse, seu projeto. — Ela anui.
— Isso.
— Droga CW, isso mesmo. Vai me torturar infinitamente?! — Estou nervoso. Estou errado, mas também não precisa tripudiar.
— Como você está me torturando com as flores? — Isso é tortura? Eu exalo frustrado. Flores não colam com a CW. — Eu não odeio você por isso — ela fala em um tom suave.
— Não? — Essa mulher é mais louca do que eu achava. — Por que então?
— Quando você soube que eu perdi a bolsa, o que você fez? — Olha atenta a minha expressão.
— Vim aqui pedir desculpas! — devolvo sincero.
— Só soube agora? — Ela abre os olhos como pratos.
— Foi — digo com uma voz que quase não sai.
— Sempre soube que meu QI ia além do seu, mas nunca achei que você tivesse retardo — ela fala estupefata.
— Claro, pode pisar, com força. — Ficamos os dois nos encarando por um longo tempo. Então ela retorna a cortar os legumes.
— Você sempre foi um parvo centrado em si mesmo. — As palavras são duras, mas o tom de voz é indiferente.
— Obrigado, quer que eu sente para a série de agressões ou que deite? — falo rindo, mas estou me sentindo um completo idiota.
— Não seja irônico. — Ela para com a faca a meio caminho. — Você acabou me fazendo um favor.
— Posso saber qual? — Não consigo acompanhar a lógica dela e suspeito que não tem nada a ver com a diferença de QI.
— Eu nunca quis fazer faculdade. Era um sonho do meu pai. — Ela ri torto.
— Por isso que você detonou seu cabelo? — Me aproximo com essa pergunta que não me leva a lugar algum.

— Mais ou menos isso. — Ela pega uma vasilha pequena com uns ramos de salsa e passa para mim. — Trabalhe! — Eu começo a tirar as folhas dos talos.

— Então vai me dizer por que exatamente você me odeia? — pergunto ansioso.

— Porque você não se importou. — Merda! É por isso? Deus! Depois dizem que as mulheres não são loucas. Qual a lógica nisso tudo?

— Eu me importei, mas você saiu sem nem dizer “fui” — falo concentrado nas folhas. — Eu...

— Ficou magoado?! — ela faz uma voz de quem fala com criança e aperta minha bochecha. — Ô meu deuzo te dó de voxê!

— Para! — Eu empurro a mão dela e assumo uma postura emburrada. Ninguém além da Meg conseguia me deixar desconsertado. Mas com a Meg eu não queria magoá-la, já aqui estou irritado. A CW está fazendo eu me sentir um tolo. Ela consegue ir além de qualquer coisa que a Meg já fez para mim.

— Olha, eu acreditei que éramos amigos tá bom?! Eu estava com quinze anos, um QI obscuro e em uma faculdade que não queria fazer. — Eu a encaro concentrado. — Você veio com aquele sorriso bobo e falou comigo, sei lá! — Ela suspira e volta sua atenção à comida. — Eu tinha expectativas demais, só isso. Mas eu aprendi a lição e acho que já descontei o suficiente em você. — Ela ri, suavizando sua expressão.

— Então não preciso esperar mais nenhum copo sendo atirado em mim?! — falo como quem não liga muito, mas por dentro estou que nem uma criança quando leva sermão.

— Não, não precisa. — Ela para e então me encara de novo. — Ei? Relaxa — diz e enxuga meu rosto que ficou úmido quando apertou minha bochecha com as mãos de legume. Eu a olho de soslaio. Ela está me olhando daquele jeito. Droga. Desde que a reencontrei, esse ar esquisito me invade quando ela me encara assim. Benjamin, você tem miolo mole, só pode. Está velho!

— Estou tentando — digo voltando os olhos para as folhas.

— E quer saber?! Você tem razão. — Ela me olha e suspira. — Faz tanto tempo. Não deveria estar tão chateada ainda. — Ela torce os lábios de um lado ao outro. — No fim, você me fez um grande favor, mesmo pensando apenas em si mesmo. Eu sou feliz hoje com o que faço. — Ela sorri e eu fico sem chão. É só isso? — Tá, eu sou um tanto passional, mas fazer o quê?! —

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ficamos nos encarando, em silêncio.

— O que está cozinhando? — Muito bem, sou péssimo nessas situações, mas não consegui pensar em nada inteligente para dizer. Ela tem uma expressão de que esperava mais, que logo some de seu rosto.

— Um refogado de legumes e carne - ela diz retornando ao ar de feliz.

— Espero que tenha aprendido a cozinhar. — Ela me encara ponderando.

— Posso não ser uma chef que nem você, mas melhorei muito. — Um sorriso confiante aparece em seu rosto. Me sinto bem em tê-lo provocado. A raiva foi embora? De vez?

— Claro, foram mais de dez anos — eu zombo.

— Muito bem, eu convido você para conferir. — Me desafiando. — Mas terá que prometer parar com as flores.

— Me convida? — A encaro, surpreso. — Não me odeia mais?

— Não, você tinha razão. Era muita imaturidade minha esperar que alguém egoísta como você fosse pensar no que eu sentia — ela fala muito segura disso. — As pessoas só dão o que têm. Não é esse o ditado? — Ela enfiou a faca em mim e rodou com essa. E era uma faca de serra...

Ela põe os legumes numa panela com a carne e leva ao fogo.

— Eu fico para o almoço — falo isso quando deveria dizer “me desculpe por ser um imbecil egocêntrico”.

— Muito bem. — Ela sorri para mim. Sinto como se a conversa fosse surreal. Parece que estamos dizendo coisas triviais, apesar de sentir que o significado aqui é outro. A observo arrumar a bancada e pôr pratos. A bancada também serve de mesa, com bancos altos. Tudo simples, mas moderno e aconchegante. - Você olha a panela e eu vou tomar um banho. Assim que a carne estiver macia, você pode pôr as folhas. Cuidado, esse fogo é rápido - ela diz tirando o avental e andando para o corredor.

Eu noto uma tornozeleira prateada que ela tem na perna esquerda, enquanto se afasta. Não sei por que minha atenção se prende naquele maldito detalhe. Daí me lembro. A mãe dela deu na época da faculdade e sempre que passasse um semestre, ela ganhava um pingente. Penso no motivo para ela manter a tornozeleira, se não terminou a faculdade.

Fico de olho na panela e ela parece demorar uma eternidade. Mas retorna. Outro short, outra camiseta larga, outro soutien colorido. Eu acho que fiquei brocha como o Drake diz, mas do cérebro. Agora eu vou observar cada peça de roupa que ela veste?! Ela tem aquele sorriso no rosto e vem em minha
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

direção.

— Sabe o que lembrei? — Eu seguro a respiração com receio de que seja mais alguma burrada minha.

— O quê?

— De quando a gente invadiu o refeitório uma noite para você me provar que sabia fazer suflê. — Ela ri largo. Eu vou junto me sentindo aliviado que não é uma coisa ruim.

— Pior foi quando você resolveu fazer aquela bomba caseira de fedor e jogar na república vizinha — eu digo lembrando que as ideias da CW eram bem mais pesadas que as minhas.

— Nem vem que eu não era a má influência. Aquilo lá era uma orgia frequente — ela diz provando o refogado.

— Eu nunca reclamei. — Me concentro em sua garganta se movendo enquanto experimenta o nosso almoço.

— Nem você, nem os outros maníacos sexuais. — Ela revira os olhos.

— Ei? Isso é uma doença sabia?! — me faço de ofendido.

— Sei, você é um doente mesmo. — Ela ri trazendo a panela.

— Cuidado. — Eu faço menção de pegar a panela, nossos olhos se encontram e fico desconcertado com a sensação que isso me traz. — E o pé? — Puxo conversa para relaxar.

— Novinho. — Minha mão fica sobre a dela e me sinto nervoso. Botamos a panela sobre a mesa. Ela termina de trazer os outros pratos. Por diabos estar perto dela está me deixando assim? Só pode ser a vergonha pelo papelão que fiz... Ela pode até me perdoar, mas eu levarei um bom tempo até esquecer.

O almoço corre em um clima de lembranças e contamos fatos dos quatro semestres de faculdade. Ela lembra de uma vez que visitei os pais dela. Um evento na cidade dela e que a mãe me crivou de perguntas e seu irmão, o Chae, quase me arrancou a cabeça. Nunca pensei que lembrar coisas assim me fizesse tão bem.

Todo peso que eu carregava esses dias foi embora de vez e me lembro, só agora, porque eu sempre corria para o quarto da Charlie quando tudo dava errado. Apesar de ela me pôr para dormir no tapete. Afinal, eu quase sempre estava bêbado ou de cuecas. Incrível como um local de aprendizado é também onde fazemos as maiores loucuras da vida. Faculdade é uma coisa insana.

— Qual o problema com flores? — pergunto em um dado

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

momento da conversa.

— Não sou boa em cuidar de plantas — ela diz relaxada.

— Não são plantas, são arranjos. Não vão florescer de novo — eu explico rindo dela.

— Pior ainda, são cadáveres de plantas. — Faço uma careta.

— Você é maluquinha. — Ela me dá língua e eu franzo a testa.

— Sempre me disseram que um QI muito alto deixa as pessoas meio esquisitas. — Fala e eu meneio a cabeça.

— Meio?

— E se o Kevin vir, vai querer arrancar sua cabeça. — Ri travessa.

— Kevin?

— Meu namorado, homem, rolo, peguete, sei lá... — ela explica e eu travo. Ela tem namorado? Eu ouvi homem. — Você sabe, eu agora já passei dos quinze. Já transo...

— Não! — eu corto. — Não quero saber. Regra número dois da amizade entre homens e mulheres, não falamos sobre sexo. — Ela me olha surpresa, então gargalha.

— Como se você precisasse falar algo para eu saber tudo que faz. — Ela me olha torto.

— Estou perdoado? — mudo o rumo da conversa. A última coisa que quero é pensar na CW transando com um... Kevin?

— Estou pensando nisso — diz séria.

— Espero que me perdoe. — Ela me olha esquisito. — Eu deveria ter corrido atrás de você — falo consternado.

— Deveria. — Ela sorri me encarando e acho que acertei uma, finalmente. Ficamos nos observando alguns segundos. — Eu acho que me julguei muito importante e você era imaturo, ou ainda é.

— Touché — digo erguendo meu garfo e me servindo de uma porção generosa. Não vou pressionar mais, vou com calma. Ela já está cedendo, não é mesmo?! E sabe lá por que diabos eu quero que ela ceda... — Quanto tempo tem morado aqui na cidade? — entro em outro tema.

— Um ano e meio. — Eu penso no porquê de não termos esbarrando antes. — Mas eu não sou de badalar muito, então não frequentamos os mesmos lugares, exceto a cafeteria. — Isso deve ser verdade. Se ela fosse a boates e bares eu a teria encontrado antes. — Estava analisando algumas propostas de trabalho, talvez fechar um contrato com uma empresa... — ela

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

começa a falar de seu trabalho e eu como ouvindo e prestando atenção em cada palavra.

Acabamos de comer e ela me serve sorvete. Serve para nós dois, duas taças generosas. Seguimos para o sofá e ela liga o som. Ficamos em silêncio um tempo e eu não tenho vontade de correr. Ela fala sobre o trabalho de designer, conta os cursos que fez e como terminou eles antes do prazo. Claro, algo normal para alguém como ela. Eu falo da empresa. Ela sorri engraçado e põe a taça sobre a mesa de centro e me encara. Eu sei o que vem por aí. Ela desprende o cabelo e começa...

— It is my life!!! — Ela começa a cantar a música de Bon Jovi. Sempre fazia isso. Cada conversa nossa, cada problema, cada vitória... Ela sempre dava uma trilha sonora. Eu sorrio e ela acena para que eu acompanhe, óbvio que eu nego. A voz dela é perfeita a minha é uma droga. Ela grita e eu sei que não vai parar até eu cantar. Embarco cantando como um animal ferido. Assim que ela termina o show, sei exatamente a cara que tenho. Um bocó embasbacado.

— Você canta bem, deveria ter sido cantora — digo quebrando o contato visual.

— Nerds não viram cantores, muito menos de Rock, B. — Ela me chamou de B? Isso não vai me levar a um lugar muito bom!

Um passo mais perto

Saí da casa da CW com uma sensação de leveza. Não sei se fui, de fato, perdoado, mas acho que já alcancei uma chance de, pelo menos, chegar a ser. Isso me faz repensar tantas coisas, principalmente meus erros. Falhei com Amy e vou levar essa cicatriz em minha alma por quantas vidas eu tiver. Quase não consegui ajudar Meg e a magoei diversas vezes, mesmo sem querer, por ela nutrir aquela fantasia louca sobre nós dois. Até hoje me sinto mal pelo beijo... Agora, dias atrás, descubro que também quebrei a confiança da CW. Estou sempre rodeado de mulheres tão dispostas a se doarem e eu sempre decepçiono. Só que dessa vez não, dessa vez eu farei diferente. Eu quero ser diferente...

Meu telefone vibra, me tirando desse devaneio sentimental, e eu atendo. É Drake e me traz mais problemas. O bebê da Verônica recebeu alta e será levado a um abrigo. As investigações têm quatro possibilidades de pais, mas não conseguimos entrar em contato com nenhum deles ainda. Me lembro de tudo que Meg passou e temo pelo futuro desse bebê. Eu tomo uma decisão absurda, mas meus três amigos me apoiam. Eles sabem muito sobre mim para perceberem que não dormirei bem com esse bebê assim, sem cuidados. Uma criança jamais deveria ser tratada assim. Posso ser um idiota, desmiolado e até irresponsável nas minhas relações, como diz meu pai, mas uma criança numa caixa de sapato?! Não sei como pude me envolver com alguém como a Verônica.

Assim que aviso aos caras, Matt se propõe logo a ajudar e Drake diz que faz qualquer coisa que não seja trocar fraldas. Luca diz que vai me ajudar a “olhar” o anão. Já dá para imaginar como vai ser, não?!

Vou ao hospital e pego o garoto. Ele não tem nome, não tem roupas, não tem nada. Segurar algo tão pequeno e indefeso assim me remete aos meus sobrinhos (tirei os nomes aqui).

Aperto o duende nos braços, mas com cuidado. Passamos quase todo o dia

bem. Eu já havia aprendido a trocar fraldas e fazer mamadeiras, mas não imaginava que passar um dia inteiro, sozinho e fazendo isso, seria tão exaustivo. Eu até liguei para Amy e contei sobre ele. Ela ficou surpresa, mas, mais do que ninguém, ela me apoiou. Acho que até me apoiaria se eu dissesse que iria adotar o garoto. Adotar? Não, eu nunca seria um bom pai. Rio de mim mesmo. Só ensinaria bobagens ao garoto.

Já estamos pelo meio da tarde e os rapazes chegando de seus respectivos trabalhos para me ajudar. Luca cheio de “minha vó fazia assim” ou “minha vó fazia assado”. Às vezes acho que ele tem alma de mulher. Matt me dá uma lista de medicações para bebê que devo ter em casa, sobre a qual se informou com uma amiga pediatra. Drake é o melhor de todos, mandou que eu consiga uma babá urgente.

Apesar de toda ajuda, o bebê desatou a chorar e não para. Já fizemos tudo. Fraldas, banho, comida... Eu não sei o que fazer. Ele é tão pequeno e frágil. Estou começando a me desesperar e já dei as diretrizes para Eleanor me conseguir uma babá, mas isso só será possível a partir de amanhã de manhã. Prefiro ser eu a fazer as entrevistas. O telefone toca e Drake atende.

— Ele está ocupado agora. — Parece escutar algo, caminho até ele e faço sinal para saber quem é. O choro do pequeno enche o ambiente. — O bebê não para de chorar... — Ele ergue uma mão para que eu espere e escuto ele dar meu endereço. Para quem ele está fazendo isso? Esse endereço é ultra secreto. Me mantem à salvo de fofocas e mulheres malucas. — CW... — ele grita para mim. Eu sorrio aliviado. Depois do almoço de “reconciliação” nós trocamos contatos e, durante esses dias, trocamos mensagens.

É domingo e as ruas não estão muito cheias. Não demora muito e ela chega. Luca atende o interfone e, assim que ela passa pela porta, os idiotas se preparam para abandonar o barco, fugindo desesperados. Luca fala mais tempo com ela e não gosto do sorriso que dá a ele por algo que disse e não pude escutar. Eles não aguentam mais o choro do pequeno. Drake reclama de enxaqueca, Matt vai para uma palestra e Luca está só fugindo mesmo. Diz que não preciso mais dele. Ótimos amigos eu fui arrumar! Tudo bem, estou sendo injusto, mas me deem um desconto, estou cansado aqui.

— Onde é o incêndio? — Ela me sorri doce. Eu sinto vontade de dizer que é em mim. Droga CW, por que está fazendo isso comigo? Seja séria e pare de me olhar nos olhos! Estou em pânico com o bebê...

— Ele não para de chorar. — Ela vem em nossa direção. Estou descalço, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

usando só calça e camiseta, com uma fralda no ombro e um carinha muito zangado gastando os pulmões. — Já demos comida, trocamos fralda, banho... Nada adianta.

— Só pode ser cólica. — Claro, como não pensei nisso antes? — Me dá o marrentinho — ela fala e o pega com todo cuidado. Ela leva jeito. — Eu tenho sobrinhos. — Grande coisa, eu também tenho e não sou um expert. — Agora tira a camisa e deita no sofá.

— Oi? — Eu a encaro estático. — Acho que isso não é...

— Deixa de pensar bobagens, Benjamin — ela me repreende e se aproxima — Calma garotão, já vai passar. — ela diz acariciando as costas do rapazinho, mas ele não cede.

Eu faço o que ela diz enquanto ela o ajeita em seu colo. Só então percebo o que vai fazer. CW tira a camisetinha do pequeno e o coloca de bruços sobre o meu peito. Ele ainda choraminga, algo sofrido, mas não berra mais. Charlie pega uma manta e o cobre e põe minhas mãos sobre ele. Uma na bundinha e outra na cabecinha. Passo o polegar nas costinhas dele e faço um chiado, igual Amy faz para acalmar os duendes dela.

— Eu já volto, vou fazer um chá. — Ela pisca para mim, mas retorna do meio do caminho. Estou com cara de parvo, vendo o bebê, apesar de ainda chorar, começa a se acalmar. — Tudo bem? — Comigo? Ergo as sobrancelhas. Ela sorri. — Eu já volto.

Não sei quanto tempo ela demora. Acordo com ela pegando o pequeno e colocando na cestinha de passeio que comprei para ele. O duendezinho dorme profundamente. Fico observando ela colocar ele com muito cuidado e cobrir o pequenino. Ela sorri e faz um carinho suave nele. Eu não consigo desviar os olhos deles. Apesar de toda loucura que ela fala, desse jeito moleca, a CW sempre teve esse ar doce. Ela se vira na minha direção.

— Oi, belos olhos. Nem precisamos do chá. — Eu arqueio a sobrancelhas. — Ele te nocauteou, não?! — Nocauteou mesmo.

— Belos olhos? — sorrio.

— Sim, acho que era assim que você pegava as garotas. — Ela senta no chão, próxima a mim, que ainda estou deitado no sofá, apenas mudei a posição para observá-la com o bebê. — Seus olhos são incríveis — ela fala de uma forma tão pura e tão sincera que me sinto nu. Estou desconfortável com um elogio? Tudo bem, não é algo do tipo “você é gostoso” e acho que aí é que está o problema. Fora o fato de que, apesar de estar só sem camisa, eu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me sinto completamente nu. — Não sabia que Benjamin Romaninov corava com elogios — me provoca e eu me sento.

— Sai do chão — digo estendendo a mão e puxando-a para o sofá. Ela se senta ao meu lado.

— Então agora você é pai? — Ela diz me encarando.

— Não é meu, é uma grande confusão. — Conto tudo a ela sobre a Verônica e o bebê. Vejo revolta e admiração nos olhos dela e isso me deixa orgulhoso de mim.

— Sempre soube que aí dentro tinha um coração molenga — diz brincando.

— Obrigado, por hoje. — Eu indico o bebê com um gesto de cabeça.

— Não foi nada, amo crianças. — Ama? — O Kevin diz que quer pelo menos três. — Kevin? Claro!

— Pensei que era um rolo — falo chateado. Será que ela percebeu a mudança no meu tom de voz.

— Um rolo de quase quatro anos. — Ela sorri feliz. Eu sinto algo socar meu estômago. Quase quatro anos?!

— Entendo. — Ela está com ele há quatro anos?! Como vou competir com isso.

— Mesmo? — Me encara descrente e eu só penso no “rolo”. Espera! Eu quero competir com ele?!

— Não, nunca namorei por mais que alguns meses — digo com descaso e ela anui séria.

— É complicado, algumas idas e vindas. O trabalho dele não favorece muito, mas acho que estamos caminhando para um passo mais sério. — Acho que acabei de fazer uma cara de enterro porque ela pigarreou e mudou de posição no sofá. — O que vai fazer com o gigante? — ela muda o rumo da conversa como se não quisesse me deixar desconfortável. Qual é?! Não tenho traumas de relacionamento. Só nunca namorei sério porque nunca namorei sério. Simples. E por que diabos ela tem um rolo?

— Preciso de uma babá — falo olhando-a. Então uma ideia brilha diante de mim.

— Nem vem — ela me corta. Sabe o que pensei.

— Você trabalha em casa, pode trabalhar daqui e ...

— Benjamin, eu tenho uma vida, não posso ser seu estepe. E eu não faço apenas capas, também trabalho com contabilidade e ...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Charlie, você não será meu estepe. — Contabilidade? Dá para fazer isso de casa, não? — Eu preciso de alguém em quem confie.

— E você confia em mim? — fala descrente. — Faz mais de dez anos que não nos víamos, quem garante que não sou uma maluca torturadora de bebês? — Me encara como se eu tivesse mil cabeças.

— Eu garanto, confio em você. — E confio mesmo. — Só por um tempo, até eu achar alguém ou o pai dele aparecer. — Insisto.

— Eu cobro muito caro — ela me corta de novo e para de me encarar.

— Eu te dou todos os meus cartões, senhas de banco, minha alma... — falo com meu corpo todo inclinado em sua direção e ela começa a se afastar.

— Ok, ok, já chega! Pode ir parando por aí. Onde está sua dignidade, homem? — ela brinca me olhando torto. — Eu aceito até você encontrar uma babá de fato. E prometa não demorar.

— Obrigado. — Eu a abraço num impulso e o cheiro de melancia invade meu nariz. Aquele cheiro doce e incrível que ela tem. Cheiro de diversão e felicidade. — Você é meu anjo Charlie White - falo sorrindo.

— Ben? — Eu não a solto. — Ben? — Me afasto só para olhá-la, ainda com os braços à sua volta. — Ben! — ela soa mais enérgica. — Me solta! Regra número um, lembra? Não abrace as amigas e não diga essas coisas melosas. — Eu a solto sorrindo torto. Essas regras são da época da faculdade. Ela brincava que era para que não me apaixonasse por ela. — Prometa não demorar para achar a babá.

— Prometo! — digo com um sorriso enorme. Não sei o que tenho em mente porque estou meio confuso aqui. Mas com certeza vou mantê-la o mais perto e pelo máximo de tempo que eu conseguir.

— E vista a camisa — diz revirando os olhos.

— Você que mandou eu tirar. — Vejo ela desviar o olhar e penso se eu mexo com ela de alguma forma. Talvez não seja eu o problema aqui. Saber que eu a provooco de alguma forma faria bem para o meu ego. Não pense nisso, Ben! Vocês são amigos e ela será sua babá.

— Agora mandei vestir. — Eu concordo sorrindo e visto a camisa.

— Pronto, nada de atentado ao pudor. — Sorrio para ela. Ela me olha esquisito como se ponderasse algo e desvia o olhar.

— Agora tchau. — Se levanta depressa e segue para a porta.

— Aonde vai? — Eu levanto e a sigo.

— Para casa — responde perto da porta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Mas eu vou ficar só com o bebê? — minha voz tem uma nota clara de desespero.

— Dormir no emprego é mais caro — ela diz de costas para mim.

— Eu te dei minha alma. — Ela volta para me encarar e ainda tem aquela expressão estranha.

— Pare onde está. — Põe uma braço de distância entre nós. — E sua alma é corrompida. — Ela ri. — Você vai ficar bem. — Sei que tenho a maior expressão de cachorro que caiu de carro de mudança. — Droga! — Ela bufa olhando para os pés. — Me arruma uma camisa...

— O que você quiser. Meu guarda-roupa é todo seu. — Eu dou um beijo barulhento no rosto dela.

— Ben! — Me empurra, contrariada.

— Desculpa. — Me afasto rindo. — Regras, eu vou cumprir as regras. — Ela sorri descrente.

— Estou com fome. — Ela fala e eu não contenho em mim a felicidade por ela ficar. Em outra época uma noite ganha era levar uma mulher para minha cama, sexo... Eu realmente estou ficando brocha.

Vamos para a cozinha e faço sanduiches para nós dois. Não sem antes levar a cestinha do bebê, que ela põe sobre um dos armários, longe de perigos. Falamos aos sussurros o tempo todo. Com o avançar da conversa eu acabo falando mais sobre a Meg e como me sinto em relação à situação desse bebê. Ela fica me observando e eu sinto como se estivessem me vendo do avesso.

— Qual é a da tornoeleira? — Prendo minha tensão em seu tornozelo. A pulseira, queria perguntar por que ainda usa desde que a vi pela primeira vez e é uma boa forma de mudar o foco da conversa.

— Meu pai diz que é um lembrete de ter esmagado um sonho dele e minha mãe que é um presente que ela me deu, então posso usar como quiser. — Ergo as sobrancelhas. — Tudo bem, meu pai não é mau. Se fosse teria me levado de volta aos estudos pelos cabelos.

— O que ele fez? — Curioso, mas o que posso fazer?! Foram mais de dez anos sem saber nada. Mas o absurdo nisso tudo é que eu quero saber. Quero saber cada detalhe de quando ela esteve longe. Tudo isso é tão estranho para mim.

— Disse que eu tinha inteligência suficiente para fazer minhas escolhas e arcar com as consequências e então apontou para o meu cabelo. — Nós dois
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

rimos e fico aliviado por descobrir que o pai dela não sabe que eu sou o pivô. Covarde, eu sei... Então ela é quem começa a perguntar. Da Amy, da Meg, dos meus pais...

Falo de todo e cada problema meu e me sinto uma mulher na TPM. Homens têm alterações hormonais? Levanto desconsertado da forma como me exponho emocionalmente com a CW. As únicas mulheres que sempre tiveram tanto de minha atenção foram minha mãe, a Amy e a Meg. Sobre elas eu sei tudo e para elas eu conto tudo. Agora estou aqui, diante dessa mulher que não vejo há anos e tudo que quero é mais tempo, saber mais sobre ela, ter mais... Isso é novo, estranho e apesar disso, não consigo recuar. Continuo indo em direção a ela...

Nem parece que passaram tantos anos e que ela me odiava alguns dias atrás. Esse pensamento ronda minha cabeça enquanto sirvo dois copos generosos de suco e ela pigarreia. Sei que aí vem coisa. Ela começa a fazer uma capela numa versão incrível de Carrie On My Wayward Son. Ela é perfeita cantando nesse timbre, como um sussurro rouco... Calmante.

Ela olha o bebê de soslaio vez ou outra, mas ele, assim como eu, não tem objeção alguma ao canto dela. Estou fodidamente hipnotizado!

Recomeço de uma amizade

Acordo com um chorinho chiado. Olho o relógio e são três da madrugada. Só escutei porque pus o quarto dele ao lado do meu e dormi na expectativa. Deixei a babá eletrônica com CW, mas não sei se ela escutou. Mesmo assim, me levanto e vou até lá. Hoje, excepcionalmente, estou de pijama. Na verdade apenas as calças, claro. Precisei me compor para não causar constrangimentos às visitas. No caso, à CW, porque o carinha com certeza não se importa nem mesmo se eu estiver sem roupa alguma. Volto da porta. A camisa é importante. Mal passo ela pela cabeça e rumo ao quarto do pequeno grande chorão vestindo o resto pelo caminho.

— Oi, amigão! — Entro no quarto indo direto ao berço. Nem sinal da Charlie. — Qual o problema, carinha? — falo baixo com ele no colo e aproximo meu rosto dele. O pequeno esfrega sua testinha em meu queixo. — Muito bem, senhor marrento. Vamos checar essa fralda?! — E é o que faço. Logo estou trocando o rapazinho seguindo as diretrizes dadas por meu cunhado. Esse que estava todo orgulhoso em me dar aulas de “fraudologia” enquanto uma Amy babona assistia tudo. — Pronto, sequinho. — Já percebi que o duendezinho aqui não curte uma fralda molhada. — Tem que aprender a usar o vaso logo, rapazinho. — Eu o encaro e ele está chupando a própria língua, os olhos sonolentos, de quem pouco se importa com o que estou falando, começam a se fechar. — Ótimo, sem papo. Você é quem manda. — Nino ele e em poucos minutos o pequeno volta aos braços de Morfeu. Coloco ele no berço e então vou para a varanda, não antes de checar se está respirando normalmente. Paranoia?! Deve ser...

Chego à varanda e observo o mundo lá embaixo. Aqui em cima é bastante alto, mas isso não é problema para mim. Sou um piloto e gosto de esportes que impliquem altura. Escalada, salto de paraquedas, asa delta... Moro na

cobertura de um dos prédios mais caros da cidade. Tenho um helicóptero no terraço, um jatinho em hangar particular, uma empresa que faz transações zilionárias, como diz Meg, carros, roupas de grife, coisas, coisas e mais coisas... Às vezes tudo isso me faz sentir culpado. Lembro de Meg de novo, sem nada. A imagem do rosto dela, ainda criança, com uma expressão completamente perdida, surge diante de mim. Naquele momento eu sabia que iria protegê-la com a minha vida se preciso fosse. Me recordo do carinho na caixa de sapato.

Inspiro com força dando vazão aos pensamentos que surgem em mim. Sei que não sou nenhum modelo de responsabilidade com as pessoas. Nem o senhor atenção e cuidados, mas penso em até onde vai a crueldade de um ser humano.

Assim que a Meg entrou em minha vida, passei a me importar com os eventos de caridade. Há três anos fundei a Liz's Flower House, em homenagem à minha sobrinha. Uma instituição para crianças carentes e sem família. Lá, elas têm educação, alimentação, um lar e segurança. Tudo monitorado e com pessoas detalhadamente fiscalizadas. Não admito violência de qualquer tipo. Disciplina sempre, agressão nunca.

Faço tudo para manter o lugar. Apesar disso, quase nunca apareço lá. Covardia? Sim, eu admito. Ir passar um tempo com essas crianças remete-me a Meg e seu sofrimento. Lembro de Liz e de toda minha impotência. Temos alguns casos de crianças que têm pais viciados e que foram abusadas de diversas formas. Eu tento dar uma nova vida para elas, uma forma de me redimir pelo que não fiz por minhas irmãs. A cada dia a casa fica melhor e adquire mais recursos. Meu pai não sabe, mas minha mãe sim. Ela vai lá às vezes. Meg e Amy também desconhecem. Fiquei sem jeito de dizer que fiz isso para tentar compensar um erro meu. Isso aperta meu peito.

— Vigiar seu reino?! — Saio do meu devaneio e encontro CW de pé, próxima à porta da varanda. Me apoio no parapeito pelos cotovelos e ela olha para o mundo lá fora, com uma ansiedade evidente no rosto.

— Reino? — Sorrio, apesar da linha que meus pensamentos seguiam minutos atrás, porque a simples presença dela me causa essa sensação de boas-vindas. Qualquer outra, que não minha mãe e irmãs, me daria uma ideia de privacidade invadida, mas a Charlie é diferente. Ainda não entendo o porquê desse efeito que ela causa em mim. Mas por ser bom, eu deixo ficar.

— Sim, oh rei dos diamantes! — brinca, mas parece tensa. Cruza os

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

braços e seus olhos passam por mim voltando ao parapeito.

— Esse é meu pai — devolvo. — Perdeu o sono?

— O pequeno acordou.

— De novo? — Me preocupo de imediato. O que foi agora?!

— Não. — Ela ri relaxada pela primeira vez. — Assisti vocês. — Mostre-me a babá eletrônica que só agora percebi em sua mão. — Eu deixei você ter seu momento paizão. — Vejo admiração em sua face e olho ela da cabeça aos pés, notando que está usando uma samba-canção minha. Meu sorriso cresce.

— Sei. — Ela cruza os braços de novo.

— A vista é impressionante não?! — diz parecendo nervosa, mas de onde está não pode ver muito.

— Vem cá. — Assim que falo, percebo o medo em seus olhos.

— Não, aqui está bom.

— Anda, vem! — insisto.

— Não! — ela diz enérgica e dá um passo atrás.

— Medo de altura? — Me encara séria. Eu estendo a mão e vou na sua direção devagar. — Anda, vem logo. Confie em mim. — Aproveito a dúvida em sua expressão e tiro a babá eletrônica de suas mãos e ponho sobre o parapeito largo. Só então seguro sua mão e a levo até lá. CW oferece resistência, mas vem comigo.

Ficamos próximos e ela cola seu corpo no meu. Sua mão presa à minha, com medo. Rio de lado pelo medo dela e a observo. Tem uma expressão de deslumbre. Eu estou um pouco mais à frente e ela quase se esconde atrás de mim. Eu faço menção de soltar sua mão e ela prende a dela na minha. Puxo-a para que fique na minha frente. E a empurro, dando passos para nos aproximarmos do parapeito. Ela segue resistente. Quando chegamos perto, percebo que apoia o peso do corpo contra o meu. Estou bem atrás dela e sinto seu corpo estremecer. Acaricio seus braços, como se fosse para aquecê-la, mas sei que, embora, seja madrugada, o tremor é também por medo. Ela suspira.

— É lindo — finalmente fala.

— É sim — respondo sucinto. Quero prolongar ao máximo esse momento.

— Está perdoado. — Ao ouvir isso olho para baixo e ela ergue o queixo.

— Estou? — Ela sorri. — Se soubesse, teria lhe mostrado antes — brinco.

— Não é pela vista — me diz com uma expressão estranha. Ainda estamos com os olhos presos um no outro. — Apesar de que poderia tirar fotos
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

incríveis daqui.

— Obrigado — falo e ela franze a testa. Estamos abraçados, sobre a cidade, está frio e não tiramos os olhos um do outro.

Sei que tem algo mais aqui, mas esse não é o momento. Ela me odiaria. Isso é sobre confiança e preciso mostrar que ela pode confiar em mim. Ela faz um leve gesto de cabeça à minha resposta e se aconchega mais a mim, se é possível, e volta sua atenção ao mundo lá fora. Ficamos assim tempo suficiente para ver o Sol nascer. E com ele sentimentos até então nunca experimentados por mim nascem em meu íntimo

...

Voltamos aos nossos quartos em silêncio. Não há muito o que ser dito e ela parece cansada. Já exigi demais de sua boa vontade. Sei que precisa de descanso e eu, oxigenar meu cérebro. Tiro um cochilo de minutos e acordo para o trabalho. Passo no quarto do bebê e ele está no colo de CW. Acho que ela acabou de alimentá-lo. Ele está com uma roupinha azul e pode ser estranho, mas juro que parecem mãe e filho. Fico na porta observando. Ela ergue a cabeça e me encara. Parece tão cansada, mas aquele sorriso que eu gosto está lá. Eu gosto muito desse sorriso e não sabia como ele me fazia falta nesses anos todos. Acho que estou com um problema aqui...

— Bom dia, belos olhos — ela diz nessa voz de quem acabou de acordar, mas eu sei que tem tempo que ela está de olho no duendezinho. Nem deve ter cochilado como eu fiz.

— Bom dia — digo devolvendo o sorriso. Toda vez que ela diz “belos olhos” não sei para onde olhar. Preciso compensar esse esforço que ela está fazendo, não estipulamos nem um valor ainda.

— O grande B corando?! — ela me provoca e levanta pondo o pequeno no berço.

— Precisamos acertar seu salário. — Ela me olha por sobre o ombro e percebe minha evasiva.

— Veremos isso mais tarde — ela fala cobrindo o pequeno. — Você quem montou o berço? — pergunta quando não respondo ao primeiro questionamento, percebendo meu desconforto. Mas por que cargas d'água estou desconfortável?

— Foi — confirmo. — Sou ótimo com berços. — Ela se volta para me encarar, apoiando os punhos na grade de segurança.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Claro. Um expert. — Rimos juntos e então nossos sorrisos vão se fechando e ficamos nos encarando, sérios. — Café?

— Agora — respondo depressa e vamos para a cozinha. Ela leva junto a babá eletrônica.

— Estava pensando em levar o John para tomar sol no parque — diz enquanto liga a cafeteira.

— John?

— É, como John Snow em Game of Thrones. — Eu meneio a cabeça.

— Ele não é um filho bastardo, pelo menos não meu — eu digo encarando-a.

— Então conhece a série?! — Me encara surpresa.

— Quem não conhece?!

— Sei... Não podemos chamá-lo de bebê eternamente — retruca. — Além do que, J combina com ele. — Ela já deu nome e apelido ao pequeno?! Reviro os olhos.

— Muito bem, que seja John então.

— Como eu ia dizendo, queria levá-lo para tomar sol no parque. — Eu a observo. Ela gosta mesmo de criança, não?! — O que foi? — questiona quando não falo nada por longos segundos.

— E o empecilho seria? — Desvio o olhar e me concentro em arrumar a mesa, pondo xícaras, pratos e talheres. — Suco? — pergunto abrindo a geladeira.

— Laranja? — Ela me olha e eu faço que sim com um gesto de cabeça. Ela me imita. — Não sei, talvez a cadeira para viagem que se adapta ao carro.

— Eu comprei uma quando comprei todas as outras coisas — digo arrumando os pães na torradeira.

— Nossa! — Ela parece mesmo surpresa.

— O quê? — Eu paro e a observo. Ela enche dois copos com suco.

— O grande B é um homem sensato. — Isso foi uma provocação?!

— Você não me dá nem um crédito, não?! — finjo o ofendido, mas não seguro um sorriso.

— Um ou dois, mas está me surpreendendo — ela devolve. Logo estamos tomando café como se fosse a coisa mais comum do dia. De um dia que para mim começou incrível. O telefone dela toca e CW faz um gesto para mim, como se pedisse licença.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Oi, amor! — A voz dela adquire um tom incrivelmente doce. Ela não é rude comigo, não quando estou agindo certo, mas seu tom para mim é sempre de zombaria. Aquele de amigos que se provocam. Ou então de seriedade. Já esse para o “namorado” é outro e eu me sinto incomodado com isso. Estou com ciúme da minha amiga?! Merda! — Sim, com Benjamin. — Ela disse meu nome completo? — É, em breve ele terá uma babá de verdade. — Ela me olha sorrindo, cúmplice. Eu devolvo o gesto. Ele está com ciúme dela comigo?! Isso melhora um pouco meu humor que foi do céu ao inferno quando ela atendeu o celular. — Até mais tarde e sim, estou morrendo de saudade. — Está? Ela encerra a ligação.

— Problemas? - pergunto fingindo indiferença.

— Com Kevin? — Me olha erguendo as sobrancelhas. — Ele pode ser um pouco ciumento, mas é só o ego de artista. — Franzo a testa. — Ele é músico. — Como se isso explicasse ele ser um idiota. Ben, você nem o conhece! Me repreendo porque estou com problemas aqui. Já odeio um cara que nunca vi.

— Eu levo você para o passeio. A cadeira está adaptada em meu carro. — Ela me dá um sorriso de aprovação e vejo uma nota de orgulho piscar em seus olhos. — E peço a um dos motoristas da empresa para trazê-los quando quiser voltar. — E é assim que fazemos. Embora não queira deixá-la nunca, preciso encontrar Eleanor, cuidar dos negócios e conseguir entrevistas com possíveis babás. Por mim seria CW até que o pai do garoto desse as caras, mas não posso fazer isso com ela. Deixo os dois no parque central e vou para o trabalho.

Eu, Charlie, o bebê, o capuccino e responsabilidades...

Chego ao trabalho com um sorriso enorme e Eleanor também parece feliz. Deixo-a de sobreaviso a respeito do motorista para Charlie e o bebê. Ele usará meu carro que já está com a cadeirinha. Começo as atividades do dia e em cada minuto livre que tenho envio uma mensagem para CW. Ela me responde sempre. Fala que o dia está incrível e que deveria ter levado sua máquina fotográfica. Ela tira fotos profissionais? Envio uma mensagem perguntando e me responde que sim, cheia de si. Após algo como algumas horas recebo uma ligação de Drake.

— E aí, papai?! — ele me provoca.

— Estou ocupado, o que quer boiola? — retruco.

— Seja gentil com quem te ajuda. — Ele ri e eu também. — Não é nada, além de dizer que vi sua garota no parque, com seu filho, e ela parecia a mãe dele. — O quê?

— Em primeiro lugar, ela não é minha e em segundo, ele não é meu filho. — Não sei porque eu respondo assim. Na verdade me incomoda mais que ele os tenha visto e eu não, do que a forma como se referiu a eles.

— Calma aí, Hércules. — Escuto a risada debochada.

— O que estava fazendo lá? — pergunto sério.

— Passeando. — Sei...

— No meio da manhã, Drake? — sério?!

— Ok, você me pegou. — O quê? — Eu liguei para tomarmos um café e Eleanor me falou que você estava sem carro. — E também parece ter dito o motivo.

— A Eleanor fala demais com você — retruco. — E agora você virou espião?! Fique longe da Charlie.

— Qual é Ben?! Sou seu amigo lembra. — Ele muda o tom. — E não brigue com El, ela só não resiste ao meu charme.

— Ela não gosta que a chame assim e não é seu charme, é sua incrível capacidade de ser irritante. Deixe minha secretária e minha amiga em paz — corto.

— Nossa, possessivo. Minha, minha, minha... — me provoca. — E eu disse, sua CW. — Ele ri de novo. Idiota. — Por isso que a escondeu na faculdade?

— Drake, não sei do que está falando.

— Quando fugimos de sua casa porque o bebê não parava de chorar e ela chegou para ajudar não a observei bem, mas hoje... — Hoje o quê?

— Drake! — Minha voz tem um tom de aviso. Ele gargalha.

— Você é um bobão mesmo. — Sou? — Eu não estou e não vou dar em cima dela, só queria confirmar umas suspeitas.

— Minha vida não é uma novela Drake. Não tem trabalho a fazer? — digo irritado com essa conversa sem sentido.

— Muito. Até mais tarde. — Ele desliga e eu fico com cara de idiota.

— Eleanor, venha até minha sala — falo pela extensão.

— Sim, senhor. — Ela entra rubra.

— Nada de passar informações pessoais minhas ao Drake. — Ela abre os olhos ao máximo e fica ainda mais vermelha. Ele sempre teve passe livre e sei que ela jamais falaria algo que não deva falar, afinal, eu falo tudo, mas tudo mesmo para ele. Espera! Tudo, menos alguns detalhes sobre CW.

— Eu não disse nada a ele, senhor. — Assim que acaba de falar, a porta abre e vejo o Drake entrar.

— Não disse mesmo — ele fala sorrindo e ela o olha com raiva. Ela definitivamente não gosta dele. — Eu menti — fala na maior cara limpa. — Na verdade, encontrei a Charlie por acaso, conversamos e ela disse que você mandaria o motorista para levá-la em casa.

— Com licença, senhor. — Eleanor sai pegando fogo.

— Droga, Drake. — Ele vem até a minha mesa e senta diante de mim. — Qual o seu problema? A Eleanor definitivamente não gosta de você.

— Como se eu ligasse se uma mulher gosta ou não de mim — ele desdenha. — Admita, você está balançado por ela. — Eu o olho feio. — Vocês já...

— Não! — falo antes que ele termine. — Ela não é assim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Com você?

— Com ninguém — falo sério. — Ela tem namorado.

— E isso é problema?

— Para você não, eu sei, mas fique longe dela.

— Ela é quente — ele fala e quando o encaro ele tem a expressão clara de quem quer me provocar.

— Escute isso, porque só vou dizer uma vez: fria!

— Com certeza quente. — Miserável, ainda insiste. — Luca e Matt também acham.

— Fria, fria e fria! — Vou na direção dele que ergue as mãos em rendição.

— Muito bem, gelada! — E ri alto. — Mas uma hora você vai ter que admitir e me contar como foi... você sabe o que — ele fala como quem se despede e sai da minha sala. Tenho vontade de arrancar a cabeça dele. Merda de amigo! Ele é a Meg de calças.

O resto do dia segue tranquilo após um almoço com Luca e a definição do contrato sobre a casa de show. Os termos são estabelecidos e eu fico satisfeito com tudo. Espero agora a postura de Oliver e analiso uma abertura de franquia da nossa loja de joias. Não apenas vendemos diamantes, mas também estamos no ramo final. Joias de luxo! Esfrego os olhos que já pedem um descanso. Acho que vou em busca do velho capuccino. Levanto e quando estou saindo dou de cara com a Charlie em uma conversa animada com a Eleanor.

— O que faz aqui? — pergunto no susto. Ela me olha fazendo uma careta.

— Oi para você também, belos olhos. — Dou um sorriso forçado e aperto os lábios, meneando a cabeça.

— Oi, você deveria estar descansando — respondo, lembrando da noite perdida. — Problemas?

— Não, mas acho que Drake me seguiu hoje de manhã. — Ela ri sincera e eu não gosto. Noto a expressão de Eleanor, antes relaxada, tornar-se sisuda. — Mas isso não importa. Viemos buscar você.

— Vieram? — Eu vejo a cestinha de passeio do John no sofá da entrada.

— É, Chae precisa de mim e eu liguei para a Eleanor, então sei que não tem mais nenhuma reunião. — Isso é verdade e não me oponho ao fato de Eleanor passar as informações, já que disse que Charlie tinha passe livre na minha agenda. Afinal, ela está cuidando do bebê. E não é como Drake que atormenta a vida de Eleanor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Chae, seu irmão — falo como um parvo. — Claro. Algum problema?

— Não B, nada de problemas, relaxe — ela diz muito tranquila. — Eu o ajudo com o pub, o Javali's, acho que você conhece. — então ela sabia que era eu naquele dia em que a vi na garupa da moto de um cara.

— Não sabia que era do seu irmão — falo indo até o duendezinho que dorme tranquilo. Ele não faz nada além de dormir e comer? Faz, faz sim, suja muitas fraldas. Rio de mim mesmo.

— Pois agora sabe. — Ela se volta para Eleanor. — Você deveria aparecer qualquer dia, Eleanor. As bebidas serão por minha conta. — Minha secretária sorri.

— Obrigada pelo convite.

— Não foi nada. Quem sabe marcamos em uma folga sua, eu, você e as meninas. — Engata uma conversa como se fossem amigas de longa data e Eleanor parece confortável. CW tem esse poder sobre as pessoas.

— Meninas? — A olho, surpreso.

— Amigas, sabe? Tenho algumas. — Ela ri de mim.

— Muito bem. Vamos? — Ela encara o relógio. — Preciso chegar antes que Chae surte. — Afirmo com um gesto de cabeça e volto à sala para pegar uma pasta que tenho que analisar e então retorno.

Agora sei porque ela estava de garçonne, afinal, as nossas conversas sobre trabalho se resumiram ao dela de design e ao meu de empresário. As atividades extras não figuraram como assunto. Pego a cestinha do pequeno e saímos os três. Não antes de notar um sorriso engraçado no rosto de Eleanor...

Deixo Charlie em casa. Ela precisa se arrumar antes de ir ao Javali's e eu preciso arrumar a agenda e selecionar os currículos das possíveis babás que entrevistarei amanhã. Ligo para Eleanor e peço que me envie todos por e-mail. Será um longo fim de dia.

Assim que chego em casa, arrumo o marrentinho. Confiro fralda, roupa, tudo. Ele está em ordem. Coloco sua cestinha sobre a minha mesa de escritório e ligo o computador. Dou início a uma longa olhada nas candidatas. As mais velhas me inspiram confiança. Lembro da Fiara que era a governanta em minha casa, mas acabou sendo minha babá por um longo tempo, já que eu espantava todas as outras com meu jeito “comportado”. Sorrio olhando o duende de soslaio. Ele dorme tranquilo e eu penso na Verônica. Ligo para Drake.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Oi, mais calmo? — ele já inicia as provocações.

— Corta o papo furado — agilizo o assunto. — Teve notícias da Verônica e os pais do garoto?

— Já cansou de brincar de casinha?! — Ele ri e eu fico sério, com os olhos no pequeno. — Muito bem. Recebi um relatório há pouco, mas ainda não abri.

— E o que está esperando? — falo impaciente.

— Estou saindo do escritório agora. Pensei em passar aí e poderemos ver juntos. — ele explica. Isso é bom porque poderemos resolver seja lá o que precise ser resolvido juntos.

— Estou esperando — respondo sério.

— CW está aí? — Mais uma provocação.

— Vai se ferrar, Drake — eu devolvo. — E não demore. — Desligo o telefone, mas estou rindo. Meu amigo é um chato compulsivo, mas ele só é assim porque eu deixo ele me irritar.

Volto minha atenção aos currículos e recebo uma mensagem no celular. Olho para uma foto da Charlie abraçada com dois caras e fazendo careta. Trabalho/diversão é a legenda da imagem. Um dos homens reconheço como o cara que a salvou no dia em que a vi no pub, o outro desconheço e imagino que seja seu namorado. Um incômodo faz eu me remexer no assento. Sei que ela tem três irmãos: Chae, Rob e Andrea, mas não conheço os três. Na verdade, mesmo que tivesse conhecido, não lembraria. A distinção que fiz foi por semelhanças físicas entre os dois. Concentro-me no rosto dela e um sorriso bobo abre em minha boca.

...

Minutos depois da foto que recebi de CW, Drake chegou em minha casa com uma notícia nada boa. As investigações apontaram que Verônica havia se envolvido com drogas. Tanto uso, quanto venda. As coisas parecem cada vez piores e dos supostos pais do bebê, apenas dois ainda não foram encontrados. Os outros já fizeram o DNA e esperam o resultado. Um deles, inclusive, já avisou que não querará contato com a criança. Drake percebe o quanto isso mexe comigo. Afinal, ele sabe sobre a Amy e a Meg, não apenas os detalhes, mas sobre cada pensamento meu, sabe que é tudo uma grande tragédia e acaba por suavizar as brincadeiras irritantes. Ele até se oferece para me ajudar com as babás, mas tenho a impressão que as escolhas dele estão

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sempre baseadas no decote ou cor dos olhos e cabelo.

Tenho uma grande responsabilidade em mãos agora. Eu, que nunca me preocupei com nada além das minhas roupas e diversão. Claro que me importo com minhas irmãs e com meus sobrinhos, além de meus pais, mas não assim... não sobre a MINHA responsabilidade. Elas não dependem de mim. Se eu sumisse, ainda poderiam levar suas vidas. Mas e esse bebê?! Posso colocá-lo na Liz Flower's, mas isso apagaria as emoções desconexas dentro de mim?!

Balde de água fria

Hoje será um dia daqueles. Terei muitas mulheres para entrevistar e escolher a babá certa. CW vai me ajudar e trouxe Eleanor. De repente elas se tornaram bem próximas. Eu gostei disso. Eleanor não me olha mais estranho, o que me dá coisas em que pensar. É um domingo e, como não temos trabalho na empresa, podemos tomar o tempo que for necessário. Claro que estou pagando extra para Eleanor e vou dar uma folga na semana para ela. Estamos no meu apartamento do centro e temos vários currículos. Logo as candidatas começam a se apresentar.

Demoramos horas até que finalmente entramos em consenso sobre Marissa. Uma senhora de pouco mais de quarenta anos. Tem experiência, mas não pode passar os fins de semana. Concordamos e Charlie diz que me ajuda com eles. Sei que é uma carga que não deveria dividir com ela, afinal, eu cacei essa responsabilidade com o bebê, mas não consigo evitar aceitar. Acertamos tudo, inclusive o horário de chegada na segunda, já que saio cedo. Acordo definido, Eleanor mostra o contrato para ser assinado. Marissa e eu assinamos e tudo certo. Eleanor se despede e se oferece para levar Marissa. Essa tem carro próprio e agradece a atenção. Assim que Marissa sai eu chamo Eleanor. Charlie disfarça e sai com J. Não precisava, não é nenhum segredo.

— Sim, senhor Romaninov. — Ela me olha tensa.

— Me perdoe. — Ela franze a testa. — O outro dia, a coisa com Drake. — O rosto dela relaxa brevemente até ouvir o nome de Drake. Eu preciso descobrir o que ele tanto fala para ela que a deixa assim. Se aquele filho da mãe estiver flertando com minha secretária, eu juro que vou dar uma surra nele. Irmãs, secretárias e amigas estão fora de alcance.

— Não foi nada, senhor — ela diz desconcertada.

— Foi sim, eu confio em você e no seu trabalho — exalo cansado. — Drake é meu amigo, mas é um grande imbecil.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Com isso eu concordo — ela fala, mas parece se arrepender. — Eu... Quer dizer...

— Tudo bem. — Eu rio abertamente. Se Drake está flertando com ela, não está dando muito certo. — Ele é mesmo, mas também é uma boa pessoa.

— Deve ser. — Ela não acredita na bondade dele...

— Estou perdoado? — falo erguendo as sobrancelhas.

— Eu não me chateei com o senhor, sei que está com os dias complicados — ela fala tranquila. — E eu sabia que se desculparia. Nunca foi grosseiro comigo. — Eu a encaro surpreso da certeza dela quanto a isso.

— Eu já disse que você é uma ótima secretária? — Ela cora ao máximo agora. Lembrando-me a Amy...

— Então dê um aumento a ela ao invés de conversas fúteis. — CW. — Me agradeça depois E. — Ela deu um apelido a Eleanor?

— Obrigado mesmo, por hoje, Eleanor. — Ela sorri para mim e se despede. Ficamos eu, CW e J. O pequeno está no milésimo sono nesse momento. É fim de tarde.

— Nossa, se para cada filho seu você fizer um milhão de entrevistas, vai ficar velho antes de conseguir uma babá. — Ela me provoca se jogando no sofá.

— Ei?! Quem foi que determinou montes e montes de regras? — devolvo deitando ao seu lado com as pernas para fora do sofá.

— Eu estava ajudando — rebate e volta a cabeça na minha direção. — Mas que foi exaustivo foi.

— E não é como se eu fosse ter montes deles. — Eu me viro na direção dela. — Ainda quer ter três filho? — eu pergunto e ela faz uma careta.

— Kevin viaja muito em turnê...

— Então ele não comparece — provoco e vejo a irritação surgir no rosto dela.

— Pensei que minha vida sexual não era da sua conta. — Fico olhando-a, mas não consigo dizer que eu queria que fosse sim. Merda, eu queria?! O interfone toca.

— Salva pelo gongo. — satirizo e levanto para atender.

— Você precisa de uma governanta também — ela grita.

— Sabe o trabalho que isso daria? — falo a meio caminho de atender. É o porteiro avisando que os três patetas estão lá embaixo. Matt, Luca e Drake. Ótimo. Mando que subam e retorno ao sofá, mas antes deixo a porta aberta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Quem? — ela pergunta folheando um livro dos quais tenho muitos, mas só para decoração. Nunca leio. Meu pai sempre me dá um em datas comemorativas. Diz que assim eu posso aprender algo que não me ensinaram nas escolas.

— Os três palhaços. — Ela ri e eu a observo. Jogada no sofá, está de calça jeans, descalça e com uma camiseta vermelha. A blusa está fora do lugar expondo um pouco seu abdômen. — Acho que deveria sentar direito — falo pensando nos rapazes. Estou preocupado que a vejam assim? Que ridículo, eles já viram um zilhão de mulheres nuas, cada um. Mas ela não é uma mulher nua, é a CW.

— Agora vai me dar lições de etiqueta. — Ela revira os olhos e assume uma postura mais torta ainda. Uma alça cai. — Sou tão inadequada — diz irônica.

— Para — eu digo e ela abre as pernas. — Já disse para não fazer isso. — Ela está claramente me provocando. Me encara e ri divertida. Eu vou em sua direção para arrumar a blusa e ela corre de mim. Sigo-a em torno da mesa. Ela está descabelada e descomposta. O rosto vermelho e eu finalmente a pego pela cintura. — Agora jure que vai se comportar. — Ela ri sem parar em meio a soluços e eu rodo com ela em meus braços.

— Oi, palhaços — ela diz numa das voltas e eu estaco. Diante de nós estão meus três amigos com expressões estranhas, voltadas para nós. Drake tem aquela cara de “eu sabia”!

— Não sabem bater?! — falo meio sem graça com as mãos ainda em volta da cintura dela.

— Estava aberta — eles falam como se fossem um só.

— Muito bem, professor. Me solte, aprendi a lição — ela fala e puxo minhas mãos mais depressa do que gostaria. — Vou ver o gigante. — Ela sai relaxada e eu fico com cara de paisagem.

— Então, qual o motivo da visita tripla? — Eles me encaram como se eu fosse maluco.

— O jogo?! — Droga, esqueci. — Drake falou da coisa da babá, então resolvemos dar apoio moral e assistir aqui. — Matt fala.

— Apoio moral, sei. Vieram ver as candidatas, mas estão atrasados — eu zombo. — Além do que, sei que vocês estão mais interessados na minha sala de diversão. — Sim, tenho uma sala montada só para assistir jogos e filmes, com poltronas enormes, como assentos de cinema. Por quê? Porque eu posso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sei, soa idiota, mas eu sou um cara com dinheiro.

— Deixa de ser chato, prometemos não gritar. — Luca provoca.

— A sala é a prova de som, idiota. — Drake devolve carinhoso. — Podemos beber? — Ele me encara mostrando as cervejas que trouxeram.

— Desde que não fiquem bêbados. — Voltamos os quatro para encarar Charlie. Agradeço a Deus que ela pôs a blusa no lugar e arrumou o cabelo. Ela parecia que estava em uns amassos, antes. Droga, não pense nisso cara. Eu pigarreio e desvio o olhar dela para os caras.

— Prometemos não ficar, mamãe. — Drake idiota.

— Então vamos nos divertir garotos. — Ela ri para ele e passa por nós, então faz algo absurdo. Dá um tapa na bunda de Drake, como jogadores fazem com colegas de time. Todos ficamos surpresos. — Vão, liguem a TV, eu levo as bebidas e os petiscos.

— Eu a amo. — Drake sussurra quando ela vira as costas, assim que se recupera da ação inesperada. Eu olho torto para ele. Matt e Luca saem rindo em direção à sala de diversão. — Ela é incrível, cara. Agora eu entendo tê-la escondido, pena que levou mais de dez anos para voltar atrás. — O quê?! Eu o encaro com a careta do século. — Nunca pensei que você perderia assim. — Ri de mim e vai atrás dos caras. Eu vou até a cozinha ajudá-la.

— Então tem uma sala para filmes e jogos? — Ela me olha divertida. Eu não desvio a atenção.

— O que foi aquilo? — Faz cara de confusa. — O tapa? — Eu ergo minhas mãos no ar em um gesto afetado.

— Deixa de ser puritano, não combina com você. — Ainda tenho o semblante fechado. — Ah, B. Qual é?! Eu tenho três irmãos homens, lembra? — Não, não lembrava. — Chae, Andrea e Rob. Então isso não foi nada demais. — Ela passa por mim com uma bandeja na mão e com a mão livre dá um tapa em mim também. Eu me volto para ela estupefato, mas não contendo o riso que vem depois.

— E a regra de não tocar? — Vou atrás dela levando mais algumas coisas que arrumou sobre a bancada e a babá eletrônica.

— Você quebrou quando me agarrou lá na sala, tentando me ensinar etiqueta. E vamos combinar, eu não estou molestando você. Algo entre nós seria impossível.

— Nem com eles — retruco me referindo aos caras.

— Nem com eles, mas principalmente com você. — O porquê de eu ser o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pior me corrói.

— Drake é pior que eu — falo amuado.

— Ele não tem seus olhos — ela fala assim que entramos na sala e os rapazes estão em alguma aposta, com certeza referente ao jogo. — Esqueça isso. — Ela me encara pondo a bandeja numa mesa de canto e pisca. Esquecer que sou considerado pior que o Drake? E o que tem meus olhos? Isso com certeza não é conversa para agora, ainda mais na frente da turma de babacas que tenho aqui.

Assistimos o jogo como malucos. Meus olhos e os da CW sempre divididos entre a TV e a babá eletrônica. Vez ou outra nos encaramos, cúmplices. Entre risadas e gritos a divisão é feita. Eu, Matt e Drake torcemos para o mesmo time. CW e Luca torcem para o time oposto. A parada é dura e me irrita ver os dois torcerem juntos. Me chame de babaca quem quiser, mas eu vejo como Luca a observa e já que fui classificado como pior que Drake, sim, eu estou preocupado.

Uma jogada após a outra o time deles avança e logo já têm até dança de comemoração. Em dado momento, eles marcam ponto e eu me desespero ao ver CW pular no colo do Luca, feliz da vida, com as pernas enlaçadas em sua cintura. Em segundos vejo tudo ficar nublado e Drake é quem me mantém no lugar. Para minha sorte, ele não precisa fazer muito esforço já que ela desce depressa do colo do “traidor” assim que consegue, não sei como, distinguiu o chorinho de John. Ela sai da sala às pressas e ficamos na tensão do jogo. Na verdade, eles ficam. Luca com um sorriso que quero arrancar dele com uma faca, já Drake e Matt, entufados. Eu olho apenas para a tela da babá eletrônica.

Ela troca a fralda do pequeno, lhe dá um pouco d'água e ele volta a dormir. Retorna com um sorriso enorme. Eu saio para ir ao banheiro e retorno nos minutos finais do jogo. Perdemos por pouco e isso me dá mais raiva ainda de Luca, mas ver o sorriso de Charlie me faz perceber o quanto sou idiota. Luca é meu amigo, não posso querer matá-lo. Rio de mim e do quanto tudo isso é um absurdo. Ela tem namorado e só está sendo ela mesma. Divertida, alegre, inteligente, com uma conversa cativante...

— Admita. — Drake sussurra ao meu ouvido. Eu o encaro contrariado.

— Não estou a fim hoje! — dispenso ele numa provocação, que assim que falo, percebo que ficou ambígua. Ele ri sarcástico.

O jogo acaba. Desligamos tudo e vamos para a cozinha. O plano é pedir
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pizzas e logo engatamos conversas frívolas e, claro, o assunto faculdade vem à tona. Estão contando casos absurdos e vão para o fato de como eu fugia com facilidade impressionante, mesmo que só de cueca.

— Então Charlie, você e Ben, na época da faculdade...

— Drake, não! — eu corto.

— Qual é?! — ela me interrompe, risonha. — Eu tinha quinze anos e não uma concussão cerebral permanente. — Todos riem e eu a encaro, estreitando o olhar.

— E isso quer dizer...

— Que eu teria que estar drogada, muito louca e sei lá... amarrada... — Minha cara se contorce em uma clara careta de dor. Ela está dizendo que a única forma de ter algo comigo seria eu a molestando? — Qual é, B?! — ela ameniza o tom. — Você sabe que eu e você somos como água e óleo. Vivemos bem um com o outro, mas não nos misturamos. — Sério? Ela fala com a expressão segura de quem acredita que algo entre nós é impossível. Espera um pouco que vou ali me atirar do fosso do elevador. Eu jogo o pedaço de pizza dentro do prato e viro de costas para CW.

— Achei que se deram muito bem naquele dia na casa de shows de seu amigo. — O Luca relembra esse detalhe importante.

— Acho que falei bobagem... — Escuto a voz dela nas minhas costas e me volto.

— Não sabia que eu era tão repulsivo — falo em um impulso e os caras param de mastigar na hora me encarando como se eu tivesse umas mil cabeças. — Por que mesmo que somos amigos? — Estou tenso e todos perceberam o quanto levei a sério esse comentário.

— Porque você precisa de mim para iluminar sua vida obscura e boêmia — ela ainda me provoca. Os caras riem. Sério? Esfrego minhas mãos no rosto e ela desce da cadeira vindo em minha direção. — Você está sobre muita pressão, eu sei! — Vejo Matt anuir com um gesto de cabeça. Do que estamos falando agora? — Então eu entendo que esteja meio carente. — Abro a boca, mas não articulo nenhum som. Estou dando um ataque com plateia?! Sim, estou.

— Ok, “DR” de amigo é pior que de namorado, eu estou fora. — Drake fala e foi esse miserável quem começou isso. — Vem Luca.

— Mas eu... — Luca faz uma cara contrariada e levanta. Estão me dando privacidade? Eles? Isso tudo é uma loucura. — Vem Matt — ele chama o ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cara que está pondo quantos pedaços de pizza consegue, dentro da boca.

— Depois nos vemos. — Passam por mim. Luca faz menção de se despedir de CW com um beijo no rosto e Drake o puxa. Ótimo, alguém com bom senso. Eles saem como vieram, de vez.

— Então? — Ela me encara e cruza os braços. — Não sabia que era um amigo ciumento.

— Não entendo a lógica em ser amiga de alguém que considera um lixo. — É, estou perdido mesmo.

— Ei? — Ela se aproxima e toca meu rosto de leve. — Não te considero um lixo, só não vou transar com você numa noite por diversão e perder sua amizade. — Eu contorço o rosto. — Por mais que digam que você é incrível na cama... — Ergo uma sobrancelha. Quem disse isso para ela?! — ... ainda prefiro ter sua amizade por tempo indeterminado. Eu realmente quero ser sua amiga, B. Você disse que queria sua amiga de volta e é isso que posso ser, sua amiga. Você entende isso, não é?! — Essa me cortou ao meio.

Apoio minhas mãos nos quadris e abaixo a cabeça. Ela ainda tem a mão em meu rosto e me afaga. Voltamos a nos encarar. E estamos tão perto que um movimento seria o suficiente para encostar meus lábios nos dela. Apesar disso, sei que não darei esse passo. Ela me odiaria, tenho certeza. CW se mostra absolutamente segura de que nós não podemos e nem vamos ser nada além de amigos. Será que confundi as coisas? Eu não acerto mais ler os sinais de interesse de uma mulher?! Porque eu sei que ela me deu umas olhadas estranhas, mas agora... Não, agora ela me olha como um amigo. A merda de um amigo. Estou na porra da “friend zone”. Começo a me afastar.

— Ok, você venceu. — O quê?! Um abraço apertado me pega de surpresa. — Não se acostume com muito contato físico. Isso é só porque foi um dia cheio e você está terrivelmente carente. — sorrio sem outra ação possível e devolvo o abraço. — E conserte as coisas com os rapazes ou eles vão pensar que está apaixonado por mim. — Engulo a saliva com força. — O que é um absurdo sem tamanho. — Ela se afasta de mim e me olha nos olhos. - Caras como você não se apaixonam, não dessa forma. — Ela ri com certeza de suas palavras e se afasta. Toma a direção do quarto do John e me deixa com a dúvida. De que forma caras como eu se apaixonam?

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mais

Depois desse domingo a regra de não tocar foi quase abolida por completo. Ela não recua tanto quanto antes e eu aproveito as oportunidades para estar perto. Um mendigo vivendo de migalhas. Cócegas ali, um afago nos cabelos, um aperto nas bochechas... Sei que são coisas bem infantis, mas e se essas migalhas me fazem sentir melhor que o maior dos contratos que já fechei?! Depois das coisas que ela me disse, percebi, eu não sou para CW, não como um homem em sua vida. Quer dizer, posso ser o amigo, mas o namorado, marido...

Não. Ela tem razão. Eu não levo nada a sério nesse campo e só de pensar que vou magoá-la e depois perdê-la...

Ela tem razão, isso não vale uma noite de sexo. Nem que seja incrível como ela diz que disseram para ela. E esse Kevin deve ser um cara legal, afinal, eles estão juntos por quatro anos. Isso significa algo, não? Nem sei mais o que estou pensando. A semana foi corrida e eu desejava o fim de semana com todas as forças. Sei que o namorado de CW está em outra das suas muitas viagens de trabalho e deve chegar daqui a duas semanas. Ela parece sentir muita falta dele.

Me pego observando-a vez ou outra com o olhar perdido, então meu tempo com ela se resume a fazê-la sorrir o máximo que posso. Isso eu consigo.

Saímos com o John e agora estamos mais perto de achar o pai dele. Embora pensar sobre isso também me deixe de mau humor. Sei que não é meu filho, mas toda essa rotina, fraldas, noites mal dormidas, babá, Charlie... Tenho certeza do quanto isso tomou de mim e que me fará falta. Mesmo porque, depois que o J for, quem vai fazer a CW passar tanto tempo assim comigo? Eu poderia comprar um cachorro! Quanta merda um homem pode pensar antes de enlouquecer?!

Estou em casa, minha casa de verdade. Meu recanto secreto que ultimamente está bastante frequentado. Espero CW chegar. Ela teve a apresentação de uma capa no sábado pela manhã, então não chega antes do almoço. Não sabia que fazer uma capa de livro fosse tão trabalhoso. Não era só pegar uma foto e pôr nomes?! Enfim, não é meu mundo mesmo. Além disso tem um tal de relatório financeiro para o irmão. Fico pensando porque de ela trabalhar em coisas tão abstratas. Com o QI que tem, poderia fazer qualquer curso. Ser rica, sei lá... Acho que ela não gosta muito desse mundo de trabalho sério e convenções sociais. Qual é?! É CW. Ela faz vários trabalhos diferentes, vive em seu próprio mundo e namora um músico. Ela é tão diferente de mim e mesmo assim eu fico procurando afinidades... O interfone. Corro para atender com o carinha no colo.

Para minha surpresa tem uma galera na minha portaria. Meg, Ed, Amanda, Liam e os duendes: Zoe, Connor e Ananda. Vieram todos para uma visita e eu nem fui avisado. Eles queriam conhecer John e eu já sei o que isso vai virar. Em minutos a casa fica uma loucura. Mulheres conversando alto, bebês rindo ou chorando. Os caras com suas expressões de parvos, desesperados, tentando dar conta de tudo ao mesmo tempo. O pior é Liam que tem dois. CW chega e eu não estou mais em desvantagem.

— Então você é a CW do Ben. — Ótimo, Meg. Bem por aí.

— E você é a famosa Meg — ela devolve divertida e riem como se fossem amigas de longa data.

— Fique longe dela, é venenosa — eu digo e recebo uma bolada na cabeça. E era uma bola de borracha babada.

— Ei, não fale mal da minha mulher, ainda posso socar você! — Ed, perfeito.

— E esse é o troglodita com que ela casou — eu devolvo.

— Ben! — Amy me repreende. — Eu não vou te defender dele. — Amy fala rindo enquanto pega John no colo.

— Ótimo, nem minha irmã está do meu lado — eu finjo o ofendido.

— Eu te ajudo cunhado — Liam brinca e eu sorrio.

— Ei, você é meu amigo — Ed cobra.

— Mas sou casado com a irmã dele, cara. Você tem que relevar.

— E eu também. — Todos olhamos para o Ed. — Meg, galera! Irmã do Ben... — ele se explica.

— Por mim pode bater nele o quanto quiser, amor. — Meg me provoca e
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

eu faço uma careta para ela.

— Eu te defendo! — CW diz e agora todos olham em sua direção.

— É? — eu pergunto sorrindo que nem um bobão.

— Claro, ele é grande mas não é dois — Ela ri divertida. — Além do que, cresci com três irmãos, eu sei como te ajudar B. — Todos olham dela para mim e sei que o apelido não passou batido.

— Está em desvantagem, Ed cresceu com cinco irmãs. — A Meg dá corda nessa conversa tola.

— Sim, pode ser, mas aposto que são todas loiras e delicadas. — Charlie devolve.

— Qual o problema com as loiras? — é Ed quem pergunta erguendo as sobrancelhas.

— São mais frágeis — diz confiante.

— Sério? — a Amy entra nessa abstração sem tamanho.

— Sim e você sabe, Amy. — ela chama a Amanda como eu chamo e minha irmã tem um sorriso enorme no rosto. — Morenas são sempre mais fortes.

— Ei?! — Meg retruca. — E eu?

— Você é perigosa. — Ela ri e Meg também.

— Vocês são todas malucas — eu exalo achando graça dessa conversa sem nexos. — E você já foi ruiva. — Eu me lembro de CW com aquele cabelo horrível, curto e vermelho.

— Já? — as meninas perguntam para ela.

— Então, senhor xerife gigante, eu sou mais forte e também perigosa. Uma combinação que você não quer enfrentar — ela provoca Ed. — Fique longe do meu amigo.

— Se você diz, moça. — Ed ri e eu percebo que é de mim e não de Charlie. — Mas lembre-se que sou xerife e tenho uma arma.

— Grande coisa, eu sei fazer bombas incríveis. — Ela ri e todos a encaram surpresos.

— Você é maluquinha — eu falo porque realmente acho isso e, por mais incrível que pareça, eu gosto disso nela.

— Eu digo e afirmo: só eu posso bater nele. — Todos olham para mim. Charlie dá uma gargalhada gostosa. — Brincadeira, eu não bati nele. Ainda. — Todos ficam com aquele ar de que tem algo a mais aqui e eu sei que Amy e Meg vão me crivar de perguntas assim que tiverem uma chance.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— E como você e Ben se conheceram Charlie? Sei que foi na faculdade...
 — Meg começa o interrogatório e logo entramos em uma de recordar é viver. No meu caso, sofrer.

Elas querem saber cada detalhe, cada pedaço e então acabam por descobrir a idiotice que eu fiz. Ela defende dizendo que não foi nada, que ficou mais chateada pelo meu egoísmo. Como se isso ajudasse... Na verdade funciona como álcool lançado em fogueira acesa. Eu fico observando as expressões contrariadas das garotas e então Ed desata a rir.

— E você o perdoou assim rápido? — Meg me ajudando como sempre.

— Estou perdendo aos poucos. — CW me olha e sorri como se partilhássemos algo e eu fico sem ar. Partilhamos algo, não?! Sim, a merda da minha cabeça que só pensa nela cada segundo do meu dia desde que a reencontrei. Quase não saio mais, mesmo com a babá, já dei diversas desculpas aos caras.

— Mas como ele pediu desculpas exatamente? — Amy quer me matar, só pode.

— Ele cantou. — Todos olhamos para CW surpresos. — Uma música do Nirvana.

— Sério? — Ed a encara e Liam sussurra algo para ele.

— Qual? — Meg curiosa. Eu estou me sentindo nu agora. Eu não cantei, ela cantou para mim e eu grasnei. Mas essa não foi a música e nem esse foi o pedido de desculpas. Ela devia falar das flores, não?!

— Come as you are... — ela começa baixo e lento e então vai subindo o tom, mas não muito, e sei que é pelas crianças... — as a friend, as a friend, as an old enemy... — fala olhando para mim, erguendo o rosto lentamente até nossos olhos se encontrarem, mas eu não quero vir como amigo. Não mesmo. — take your time, hurry up... — Ela me olha em cheio agora e segue. — Memory, memory, memory... and I swear that I don't have a gun, no I don't have a gun... — Mas eu sinto que tem uma arma, bem aqui, apontada para meu peito.

— Hahaha... — A gargalhada de Liam enche a sala. — Homem morto... — Amy dá uma cotovelada nele. Meg e Ed riem alto também e os bebês fazem um gorgolejo engraçado. Até esses duendes estão contra mim. Então Amy me olha com aquele ar de mãe condescendente. Eu sou um filho da mãe morto e Charlie me encara com aquele sorriso que me desmonta, mas não há segundas intenções em seus olhos. Eu vou enlouquecer, eu sei disso!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

...

Depois da sessão sucessos da CW, todos disfarçadamente arrumaram atividades pessoais. Liam foi pôr os duendes gêmeos num cochilo, Amy foi fazer o jantar, Ed fazer umas ligações, Meg foi trocar a fralda da Ananda e Charlie foi fazer o mesmo com John. Eu sigo a Amy para cozinha.

— Quer ajuda? — pergunto sorrindo. Sempre gostamos de cozinhar a quatro mãos.

— Sempre. — Logo estamos empolgados em uma lasanha. Nada difícil, mas é o que precisamos. Praticidade e sabor.

— Ela é incrível — Amy fala quebrando o silêncio e sei que lá vem coisa.

— É sim. — Disso não tenho dúvidas.

— Ilumina o ambiente — continua. — Aquela pessoa que faz a gente se sentir à vontade. — Ela vai em cima da coisa. Eu não falo nada. — Tudo bem, Ben.

— Tudo bem o quê? — Eu paro o que estou fazendo e a olho curioso.

— Se ela te nocauteou. — Ela ri com uma expressão de felicidade que eu só vi quando os bebês nasceram.

— Não sei do que está falando, mas eu não apanho de mulheres — desconverso.

— Tá, pode fugir o quanto quiser, mas eu sei, e você sabe, que quando não tem ninguém por perto, todos os seus pensamentos só têm um centro. — Eu suspiro e apoio minhas mãos no balcão da cozinha.

— Mesmo quando tem alguém perto. — Amy para o que está fazendo e apoia uma mão em meu ombro.

— Ela sabe como você se sente? Quer dizer, disse a ela? — começa a me encher de perguntas sentimentais.

— Claro que não. Ficou louca?

— Está perdendo um tempo precioso. — Amy me dando conselhos amorosos?!

— Não, esse tempo não existe Amy, ela tem namorado e eles vão casar. — Agora me olha como se eu tivesse dito que tenho uma doença terminal.

— Mas ainda...

— Não, Amy — nem deixo terminar a frase. — É pra ser exatamente assim. Eu não sou o cara para ela.

— Ela cantou para você — diz contrariada. — Não para nós ou para te entreter. — Eu a encaro surpreso. — Cantou PARA você.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Amy, por favor! — eu digo voltando a atenção à comida. — Concentre-se no que está fazendo ou vai estragar a refeição. Você está vendo coisas onde não existem. — Procuro parecer o mais indiferente possível. — Mulheres veem romance em tudo.

— Quando você estiver pronto. — Eu nunca vou estar...

O resto do dia segue tranquilo. Entre fraldas, choramingo, jogos de família. Fazemos mímicas, Imagem & Ação, assistimos filme... Tudo meio atrapalhado e interrompido por uma mamada aqui, um dengo lá. Meg e Ed são insuportavelmente grudentos e o Liam parece que vai lamber o chão que a Amanda pisa. Em um dado momento a Charlie me encara séria, então faz uma cara de quem vai fazer algo que não deve.

— Estou quase agarrando você.

— O quê? — Meu corpo reage e essas palavras saem quase como um grito.

— Com tantas demonstrações assim de amor, fiquei carente. — Ela pula em meu colo e me abraça pelo pescoço. Fico retesado no mesmo instante.

— Charlie... — minha voz sai num aviso.

— Ben... — ela usa o mesmo tom que eu, em deboche. — Só um carinho, não vai matar ninguém. — Ela ri e me dá um beijo estalado na bochecha apertando minha cabeça entre as mãos. Eu levanto depressa, nervoso com a forma como meu corpo responde a um gesto tão bobo e ela cai do meu colo.

— Droga, Charlie! Não tem graça. — Eu ajudo ela a levantar, e ainda está com um riso no rosto.

— Ah Ben, deixa de ser chato. — Eu fico olhando-a, sério. Estou zangado? Droga, estou.

— Eu? - Não consigo pensar direito. — E a regra de não tocar?

— Achei que tinha virado fumaça. — Eu desvio o olhar do dela, exalando com força. — Ei?! Eu sei que você é imune a mim. — Ela me chama e se aproxima tocando meu peito de leve, eu volto a encará-la. — Tenta relaxar. Eu estava brincando, está bem?! Desculpa — fala e parece constrangida. — Exagerei né?! Desculpa mesmo. — percebo que eu que exagerei.

— Não, tudo bem... — eu digo coçando o nariz para disfarçar meu constrangimento pela reação desproporcional. — Esquece. Deve ser a tensão dos últimos dias.

— Tudo bem mesmo? — pergunta de novo e procura meus olhos. Merda! Eu a puxo num abraço para não olhá-la e gritar um “não”.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu que pergunto, foi você quem caiu. — Ela ergue a cabeça na minha direção e percebo meu erro quando ficamos nariz com nariz.

— Minha bunda machucou — diz manhosa e eu a encaro sem saber se joga ela em cima do ombro e resolvo o problema da sua bunda bem longe do “idiota” do Kevin ou se saio correndo. — Mas minha bunda não é da sua conta. — Ela ri como se fosse a melhor piada do mundo. — Vou ver J. — Ela se desvencilha do abraço e fico com cara de parvo.

— Quem é o bobão apaixonado agora? — O Ed está me encarando e suspeito que ele esteja lá há muito tempo. — E nem adianta dizer que não, eu conheço esse olhar. — Ele cruza os braços me olhando, cheio de si.

— Vai se ferrar — eu retruco e ele ri de mim. Ótimo, mais um. Eles devem se organizar pra me encher, não é?! Ele, Drake, Meg, Luca... — Vou tomar banho.

— Frio — ele grita para mim. Frio? Eu preciso de uma geleira do Alasca agora mesmo. Ainda sinto o cheiro dela em mim e o toque do nariz dela no meu, sua mão em meu peito, seu corpo em meu colo. Merda! Sou uma droga de filho da mãe fodido. Ou melhor, sem a foda! Frustração me define.

À flor da pele

Um dia de semana e eu no trabalho pensando no carinha lá em casa. As buscas estão quase no fim pelo suposto pai dele. A maluca com quem dormi era uma libertina mesmo. Mas quem sou eu para julgar?! Penso em Charlie... ela deve me julgar da mesma forma.

Massageio minha própria nuca tentando aliviar a tensão. Nessas últimas semanas passei de um cara cabeça de vento para um com a cabeça cheia demais. Drake me informou que o envolvimento de Verônica com drogas parece sério. A polícia foi alertada, mas não a encontraram ainda, virou fumaça.

Dizem que é o comum entre modelos. Depois de um tempo em que a beleza já não é a mesma e o trabalho não dá o mesmo êxtase, elas buscam as drogas. Para mim isso é fraqueza. De caráter, de personalidade, de tudo. A pessoa é suscetível porque não soube dizer o primeiro não. Vem muito da ausência de amor próprio porque, no caso da Verônica, ela não é uma pessoa que tem problemas que precisem ser afogados nos tóxicos. O que estou dizendo? A mulher pôs o filho numa caixa de sapatos. No mínimo, tem problemas mentais.

Espanto as ideias da minha cabeça. É um dia longo e já estou morrendo por chegar em casa, tomar banho e dormir. Estou velho mesmo. CW volta à minha cabeça. Fomos ao parque mais uma vez para levar o J para um banho de sol no fim de semana seguinte ao que o pessoal esteve lá em casa.

O carinha já cresceu bastante. Fico impressionado como bebês crescem do dia para a noite. Charlie se divertiu com o piquenique que ela mesma deu a ideia de fazermos no parque e eu me diverti com ela. Sei que o tal “Kevin” já está de volta e isso está me consumindo. Por mais que não queira, imagens dela com ele surgem em minha mente como um autoflagelamento. Sou uma porra de sadomasoquista.

A porta do escritório abre.

— Senhor, Charlie, er... Senhorita White está aqui. — Eleanor ainda não sabe se chama Charlie pelo nome ou com um título na frente.

— Só Charlie. Ela não vai gostar que a chame de senhorita — corrijo com um sorriso nos lábios. — Pode deixar entrar.

— Oi, príncipe dos diamantes. — Ela entra sorrindo e sei que foi a Meg quem entregou esse apelido bobo.

— Oi. — Ela vem até minha mesa e eu não levanto. Fico sentado, concentrado em seu rosto enquanto ela anda até mim e senta na mesa. — Temos muitas cadeiras espalhadas pela sala.

— Sou rebelde. — Ela se abaixa na minha direção sussurrando. — Pra você. — Me estende um copo que nem tinha visto em suas mãos até agora. Parece incrivelmente feliz. Efeitos do Kevin? — Capuccino, o seu capuccino. O Oscar está quase dando seu nome a ele.

— Então veio aqui só me trazer um capuccino? — digo tentando parecer relaxado e aceitando a bebida.

— Não se ache tanto, oh rei dos tarados. — Eu franzo a testa ao escutar essa.

— Então, oh senhora da sabedoria, ilumine minha mente tosca e sexual - eu falo, embarcando na brincadeira e ela faz uma expressão entre careta e riso.

— Idiota — ela retruca e ri cruzando os braços.

— Não sou sempre?! — soou irônico, eu sei.

— Vim convidar você para os cinco anos do Javali's. — O pub do irmão dela.

— Sério? — Claro que é sério. Sou mesmo um grande imbecil.

— Sim e já convidei os rapazes e a E — ela diz confiante e vai descendo da mesa. — Hoje, às oito. — Parei de ouvir no “rapazes”, lá atrás.

— Rapazes? Convidou...

— Sim, seus amigos. Para que não pensem que monopolizo você. — Ela vem em minha direção e aperta minha bochecha como se eu fosse uma criança. — Agora, pense no meu convite e mande uma mensagem confirmando. — Ela caminha até a porta e meu olho vai direto para a sua bunda. Me lembro que disse que essa parte do seu corpo não é da minha conta. — E panaca?! — Ela se vira da porta e eu pigarreio e me ajeito na cadeira, disfarçando minha indiscrição. — Não trabalhe demais, isso
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

envelhece. — Ela pisca para mim e vai embora. E minha calça agora está incrivelmente desconfortável. Ótimo!

...

Oito horas, como combinado, estamos todos aqui. Ainda não vi Charlie, está resolvendo algo para Chae. Finalmente vou encontrá-lo. Estou meio ansioso e tenso. Já sei o que os rapazes planejam para ambientes assim: bebidas e mulheres.

Não sei o que Charlie disse para Eleanor, mas ela virá. Ao menos, foi o que me disse quando saí da empresa. Não quis que eu a esperasse. Sabe-se lá por quê.

— Então, brocha? A CW... — Luca começa.

— O que tem ela? — Me faço de desentendido.

— Tem que queremos saber se vocês dois... Merda! — ele xinga, mudando o rumo da conversa e abrindo os olhos ao máximo assim que vê algo. Todos nós viramos para ver o que é. — Cara, tem alguma mulher na sua vida que não seja quente? — Damos de cara com Eleanor. Nada de coque sério, maquiagem neutra, terninhos escuros. Ela está em um vestido vermelho, nada vulgar, mas nem precisa. Ela é realmente linda e tem os cabelos soltos. Eu franzo a testa porque tenho a impressão de que isso tem um motivo especial e espero que não seja eu.

— Pare de babar na minha secretária — eu digo, mas num tom fraco, ainda pego pela surpresa. Charlie então aparece de não sei onde e vai em direção a ela, cumprimentando-a. E para me levar ao inferno ela se meteu em uma maldita calça de couro preta.

— Você já pegou Eleanor? — Matt pergunta com um sorriso esquisito e Drake, calado até então, coloca o copo de volta na mesa, com mais força que o normal.

— Vocês são todos pervertidos — eu corto. — Tanto rabo de saia e estão concentrados nas frias?! — Finjo desinteresse por elas.

— Frio é meu... ou melhor, era, porque depois... — Eu dou um empurrão em Luca.

— Para de falar merda — repreendo.

— Elas estão vindo. — Matt parece uma mulher fofqueira. Faz um belo par com Luca. Eles disfarçam suas expressões, mas o sorriso idiota ainda está lá.

— Oi, rapazes. — CW e aquele sorriso miserável.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Oi, CW. — Luca fala em um tom cheio de intenções, imbecil. — Oi, Eleanor. — Drake pigarreia de novo.

— Oi. — Eleanor responde tímida.

— Senta aqui. — Matt oferece logo a cadeira dele e ela aceita. — Você está linda — ele fala e ela fica da cor do vestido. Drake pigarreia outra vez.

— Quer umas pastilhas? — Matt o provoca e ele bebe o resto do copo e uma vez. Ótimo, teremos uma longa noite.

— CW? — Luca oferece sua cadeira. Ela sorri para ele.

— Obrigada, gato. Mas eu não vou sentar ainda. — Gato? Que merda é essa de gato?

— Eu guardo seu lugar então, gata. — Vou arrancar a cabeça dele. Eu pigarreio desconfortável e Matt ri.

— Pastilhas também? — Ele oferece. Desgraçado.

— Vai se...

— Tudo bem B? — CW volta sua atenção inteiramente para mim. Se apoia em meu ombro com uma mão na minha nuca e a outra na própria cintura. Eu estreito o olhar. Ela massageia minha nuca. — Hoje é dia de relaxar, pare de pensar em problemas. — Sussurra a segunda parte da frase em meu ouvido. — Eu vou ajudar você com isso. — Ótimo, uma parte de mim já está bastante animada. Sou um ferrado que terei uma longa noite de frustração.

— Boa noite! — Nós nos viramos e damos de cara com um home alto, bem vestido, mas nada formal. Ele tem os olhos dela. É o homem da foto que me mandou outro dia. — Estão todos bem? — Todos sorrimos. — Sou Chae White, sejam bem vindos ao aniversário do Javali's. — Nos cumprimenta. — Uma rodada do que quiserem por conta da casa — diz ao garçom que veio com ele e então encara a CW. — Pode vir comigo?

— Claro. — Ela nos olha. — Eu já volto, tome conta deles por mim, E. — Apelidou mesmo a Eleanor, perfeito.

— Pode deixar. — Minha secretária responde e está bebendo algo que nem percebi que pediu.

— Cuida de mim, El? — Matt se oferece.

— Imbecil. — Escuto Drake murmurar e Matt rir. Estreito o olhar na direção de Drake. Desgraçado! Por isso enchia tanto o saco de Eleanor. Estava dando em cima da minha secretária mesmo eu tendo proibido.

A noite segue assim: bebidas, gritaria, piadas péssimas e muita risada.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Logo Eleanor está na pista de dança e arrasta o Matt chamando ele de doc. Penso se não é melhor levá-la pra casa, mas eu sei que Matt jamais abusaria de uma mulher. Provavelmente ele está se divertindo com a cara de Drake. CW não bebe, ela não tolera bem o álcool e sei disso porque na faculdade tomou umas duas ou três doses mínimas de tequila e quase virou do avesso. Me deu muito trabalho, mas depois prometeu não beber mais e assim foi.

Charlie se junta ao trio na pista e logo Luca está lá também. Eles dançam muito próximos e Luca põe a mão na cintura dela, ficando por trás e falando algo em seu ouvido. Ela inclina a cabeça para atrás, apoiando-a em seu peito e ri. Mas que merda! Eu viro meu copo como Drake fez. Estou quase indo lá matar meu amigo com métodos de tortura nazista quando ela se desvencilha dele e vem em minha direção. Minha temperatura cai, mas apenas por segundos, até ela me puxar e começar a dançar comigo. Eleanor está pendurada no Matt.

De repente Charlie grita, um som que é abafado pelos barulhos da festa no pub, começa a pular que nem maluca e corre. Olho na direção e tem um cara incrivelmente alto. Ela pula nele, entrelaça suas pernas em sua cintura e enche o rosto dele de beijos. Eu fico estático olhando e minha atenção só desvia porque a Eleanor passa trombando em mim, e segue para a saída. Droga! Vou atrás dela. Mulher, bebida e sair assim desarvorada é problema na certa. Drake me segue.

— Eleanor? — eu chamo. — Eleanor? - eu grito, já na portaria. Ela me olha com uma expressão confusa.

— Eu sinto muito senhor, eu...

— Ei, esquece. — Não vou dar sermão nela. É uma mulher livre e nunca falhou no trabalho. — Quem nunca se divertiu na vida, não? — Ela cambaleia. Está tonta e eu a mantenho de pé.

— Deixa comigo. — Drake se aproxima, tomando a frente da situação.

— Não — ela retruca.

— Quer parar de ser teimosa?! — Ele se altera. — Já chega, vou levar você em casa. — Como ele sabe onde ela mora?!

— Você não manda em mim. — Estou assistindo uma briga de casal. Perfeito!

— El, por favor. — Drake suplicando?! Deus! Essa noite é um marco no universo. — Só vou levar você em casa, prometo não falar nada. — Eu também não consigo falar nada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Mas meu nome é Eleanor — corrige com uma voz estranha.

— Muito bem, Eleanor — ele diz e ela afirma com um gesto de cabeça.

— Boa noite, senhor — ela me cumprimenta e mesmo alcoolizada não esquece a formalidade. Não comigo. Eles saem e eu fico olhando.

— Sabia! — Me volto e dou de cara com Charlie e o cara que ela agarrou está com ela. Tem uma mão apoiada em seu quadril e meu olhar vai da mão dele para seu rosto. Fico esperando que me diga que é o Kevin.

— Eu não — digo sem graça. Acho que hoje eu vim visitar o inferno.

— Você é mesmo centrado em si, não?! — Ai! Essa foi na ferida. — Esquece. — Desvia a atenção para o cara agarrado a ela. — Esse é Rob.

— Rob? Seu irmão? — Ela me encara erguendo a sobrancelha.

— Sim, meu irmão — repete.

— Oi. — Rob me estende uma mão me olhando como se fosse dizer algo, mas se atém ao “oi”.

— Oi — falo sem jeito.

— Bom, é um prazer finalmente conhecê-lo. Lie fala muito de você. — Fala? Ela sorri inclinando a cabeça. — Gostaria de ficar e conversar, mas estou cansado, acabei de chegar de viagem e só passei para dar um beijo no meu bebê. — Ela revira os olhos com o apelido e eu sorrio. O primeiro sorriso relaxado que dei a noite toda. Acabo de sair do inferno.

— O prazer foi meu. — Mais ainda em saber que são apenas irmãos. Ele parte e ficamos os dois parados do lado de fora do pub. Ela se aproxima e se apoia em meu ombro de novo.

— Eu ia ajudar você a relaxar, apresentar umas amigas, mas vi que não está a fim hoje. — Eu nem digo a ela do que estou a fim para relaxar hoje. — Com fome? — Muita. Penso, mas não respondo, apenas sorrio sarcástico. — Vem, vamos lá pra casa, eu tenho uma torta de carne maravilhosa. — Não me mexo pensando nas implicações de ir à casa dela com essas ideias na cabeça. — Anda. — Ela começa a me puxar. — Não fui eu quem fez, tá? Vem, dá para ir andando daqui! — Me puxa pela mão e eu dou um sorriso torto meneando a cabeça.

Vou com ela para onde quer que me peça. Ao pensar isso, me dou conta do poder que ela tem sobre mim. Se ela soubesse... E é aí que finalmente entendo o sentido da piada: homem morto. Estou voltando ao inferno agora.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Climão

Chegamos à casa dela e, assim que entramos, ela segue direto para a cozinha falando que vai esquentar a comida. Eu vou para a sala. Preciso me afastar um pouco, para respirar e tirar as ideias tolas da minha mente. Vou até a sala dela e me pego observando os diários que tem. Olho em torno e tem um em cima da mesa. Está aberto, na verdade destrancado. Corro os dedos pela capa e não resisto a abrir.

— Que coisa feia! — Solto a capa de uma vez e viro o corpo encarando a CW, que está de pé em sua calça de couro e camiseta. Seu busto em evidência com os braços cruzados.

— Eu só... — Passo a mão na nuca, em um gesto de desconforto.

— Estava invadindo minha intimidade. — Ela ri de lado. — Quer saber?! — Vai até a estante e pega um diário de capa azul escuro. — Esse é seu. — Me entrega e eu pego no reflexo. — Assim não precisa ler o dos outros.

— Nem morto que vou escrever um diário.

— Qual é, B?! É só um diário. E fará bem à sua mente perturbada. — Faço uma expressão de surpresa. — Vai trabalhar suas emoções. Assim não esquece que existem outras pessoas no mundo além de você.

— E é isso que faço? — Ela fica séria de repente. — Nunca vai me perdoar de verdade, não é?!

— Vou sim, só não sei se esqueço. — Ela suaviza o rosto. — Eu dava importância demais a você na época.

— E agora eu sou um nada para você. — Eu brinco, mas tem um fundo de incômodo em minhas palavras.

— Não seja tão dramático. Você era meu único amigo num mundo cão. — Ela se aproxima, pega o diário que me deu e põe sobre a mesa.

— Quem está sendo dramática agora? — devolvo sorrindo, mas penso no que ela disse. Único amigo? Ela não tinha mais ninguém?!

— Muito bem, somos dois filhotes de gregos. — Sorri divertida.

— Grego não, meu pai é russo. — conserto, mas estou rindo com ela. CW me encara como se fosse fazer uma piada sobre isso, mas não faz. Então, pega minha mão.

— Vem, esse humor incrível deve ser fome. Depois que comer você melhora.

E eu vou. Que mais posso fazer? Comemos, rimos, conversamos sobre o dia a dia e ela fala do seu trabalho toda contente e me pede opinião. Terminamos nossos pratos e vamos para a sala. Diz que hoje em dia já consegue beber pelo menos alguns goles de vinho. Eu a vejo encher duas taças e então me entrega, as duas.

— Segura. Vou pegar meus esboços para você me ajudar. — E sai com a certeza de que eu entendo disso. — Aqui. — Retorna muito contente e me mostra duas apresentações. Uma é de fundo preto com um casal numa cena bem quente e o nome é O poder de K. M. Ótimo, isso vai me ajudar muito.

— Qual tipo de livro você disse que arrumava as capas? — Eu olho para ela divertido.

— Isso mesmo. É do seu lado pervertido que preciso. — Essa mulher quer me fazer enfartar só pode! — Olhe bem essa capa e me diga o que ela faz você pensar.

— Não. — Nem sob tortura.

— Não? — Ela faz uma expressão de surpresa e riso.

— Nem sob tortura te digo o que estou pensando. — Ela ri e morde o lábio inferior. Eu bebo um gole do vinho.

— Muito bem. Capa aprovada. — Ela põe de lado.

— Não está nada bem. — Eu me sento desconfortável. — Você já tem mais amigos hoje em dia, não tem?!

— Deixa de bobagem. Você é a pessoa certa para eu perguntar sobre isso. — Ela senta ao meu lado, descalça os pés e os põe em cima do sofá.

— Por que não pergunta ao Chae ou ao Rob? — falo me ajeitando no sofá. De repente ele parece muito pequeno.

— O Chae diz que isso é bobagem e o Rob é um tanto conservador — ela diz como quem se lembra de algo. — Agora essa. — Me mostra outra e eu já me preparo para sair correndo quando vejo que é algo como uma saladeira. Encaro-a, surpreso. — Você cozinha, então...

— Parece legal. — Fundo branco, uma saladeira de vidro com uma bela
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

salada colorida, pegadores em algo como madeira. — Gostei. — O livro é Interior Saudável. Sobre comida natural.

— Ótimo. — Ela ri e pega o papel da minha mão. — Sei que não é muito de ler, mas...

— Quem disse? — retruco. — Saiba que meu pai me dá livros em todas as datas comemorativas. — Ela franze a testa. Bebe um gole de vinho e passa a língua nos lábios. Eu me ajeito no assento de novo.

— E você lê todos eles — desdenha.

— Não, mas são ótimas peças de decoração e pesos de papel. — Rimos juntos.

— Sei, ele dá e você nunca comprou um que fosse. — Ela fala me encarando e põe a taça na mesa de centro. — Não posso passar de alguns goles. — Eu olho para ela sorrindo.

— Ainda com problemas com o álcool? — Eu já imaginava. No Javali's ela não bebeu nada.

— Não fala problemas assim — me repreende. — Parece que sou alcoólatra.

— Com certeza, não — eu zombo. — Não conheço alcoólatras que ficam em coma com três doses de tequila.

— Eu não fiquei em coma! — diz me dando um empurrão de ombro e eu acabo derramando o vinho em mim. — Droga! Desculpa, eu não...

— Isso sai. — Eu sei que sai. Levanto e ponho a taça na mesa.

— Sai sim, me dá a camisa logo. — Eu olho para ela e lá vou eu ficar sem camisa de novo. — Anda. Achei que anos de prática o fariam ficar mais rápido.

— Ei?! Não sou um tarado. — Eu tiro e ela sai com a camisa, correndo para o interior da casa. Eu vou ao banheiro e me limpo. Ela volta um tempo depois.

— Pronto. — Ri confiante. — Deve ficar um pouco de molho, mas a boa nova é que tenho máquina de secar, então você não vai sair nu daqui de casa.

— Sei. — Ela olha do meu rosto para meu peitoral.

— Vou pegar uma blusa do Kevin. — Vai saindo e eu a puxo.

— Não precisa. — Não quero vestir a blusa desse cara. — Estou bem assim.

— Eu... — Me fita confusa. Eu tenho seu pulso entre meus dedos e seus olhos presos nos meus. — Se você diz. — Fala desviando o olhar e puxando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o pulso e, então, vem até o sofá, mas antes pega o diário que me deu. — Senta.

— Sim, senhora. — Obedeço.

— Agora, vamos começar a expor seus sentimentos.

— Acho que você bebeu demais. Isso é uma bobagem. — Eu me nego e apoio o cotovelo no encosto do sofá, descansando meu queixo em meu punho.

— Não é não. — Ela me empurra o diário. — Depois que fizer, verá como é relaxante.

— Uma massagem é relaxante — eu digo e quando olho para ela, tem uma expressão esquisita.

— Não posso te ajudar com isso — diz mexendo no cabelo. — Regra intransponível: sem tocar.

— Sei — eu bufo. — Já nos tocamos.

— Mas a regra se refere a carinho e essas coisas, você sabe...

— Então, ao invés disso vai me torturar com esse diário?!

— Só escreva, B. — me incentiva.

— Eu nem sei o que. — Não tenho nada que possa ser escrito, não com alguém lendo.

— A primeira coisa que vier a sua mente. — Eu olho para ela e então meus olhos vão direto à capa do livro erótico. — Quer saber?! Esquece. — Ela puxa o diário e põe na mesa de centro. — Vamos só conversar. — Acho que percebeu que as ideias que tenho em mente não são nada escrevíveis ou faláveis.

Ela muda o assunto para algo bem leve. Pergunta dos meus sobrinhos e eu, claro, falo tudo. Não posso dar vazão às ideias absurdas de minha mente. Fico impressionado como o rosto dela se ilumina quando falo de trocar faldas e da desvantagem em que se encontra o Connor, entre Zoe e Ananda. Ela ri do meu comentário machista. Mas só eu sei como é ser irmão de duas mulheres, ainda mais se puxarem as mães.

— Nossa, sua irmã tem mesmo sorte — ela fala abraçando as pernas e apoiando a cabeça nos joelhos. — As duas têm. Ela e a Meg.

— É — eu falo e então tiro uma mexa de cabelo que cai em seu rosto, pondo-a atrás da orelha dela. Ficamos presos novamente nos olhos um do outro e começo a pensar que talvez ela não seja tão indiferente a mim.

— Como se sentiu? — pergunta quebrando a tensão.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Quando? — eu respondo com outra questão.

— Quando soube que a Amy conseguiu ficar grávida. — Eu sento rígido e passo as mãos nos cabelos.

— Foi um dia tenso — digo lembrando aquelas horas de horror. Suspiro pesadamente. — Quase perdi as duas no mesmo dia por uma segunda vez e aí vem a Amy e bum! Gêmeos. Então eu fui falar com a Meg e ela entrou no quarto e contou pra venenosa. — Ela faz careta do apelido da Meg.

— Você adora ela. — me repreende. Eu sorrio. Adoro mesmo.

— Muito — confirmo.

— Benjamin Romaninov, quantas faces você tem? — Eu fico meio confuso com essa pergunta.

— Algumas. O idiota, o egocêntrico, o tarado... — falo para descontraír. Tem muita tensão aqui. Olho o relógio e é bastante tarde agora. — Acho que está amanhecendo — digo ao olhar para a janela e notar que o céu adquiriu um tom alaranjado lá fora. Não tinha ideia que o tempo passaria tão rápido ao lado dela e, ao invés de estar entediado e querendo correr, eu quero mais.

— Nem percebemos — ela confirma. — O J está com a Marissa? — Afirmo com a cabeça. — Por que não cochila aqui? Como nos velhos tempos, só que dessa vez eu não vou pôr você para dormir no tapete. — Engulo em seco esperando a proposta que ela tem em mente. — Eu tenho quarto de hóspedes.

— Não precisa, tenho que trabalhar logo — falo levantando. Ela também fica de pé. Mais um momento de olhos grudados e acho que esses foram os momentos em que o tempo correu sem percebermos. — Só não posso ir sem camisa. — Ela olha para meu peito e prende a respiração com os lábios apertados nos dentes. Então eu confirmo. Ela não é tão indiferente assim.

— Claro. Vou buscar. — Sai de novo em direção ao interior da casa e eu fico na sala com meus pensamentos.

Em pouco tempo retorna e me entrega a camisa passada. Eu aceito, visto e por mais que ela insista, rejeito o convite para o café. Estou a ponto de agarrá-la e sei que isso não é o certo. Ela me olha com uma expressão indecifrável e diz que vai aproveitar e dormir, já que não precisará refazer as capas. Parece que eu ajudei. Ela me leva até a porta e na hora de nos despedirmos, nos embolamos e meus lábios roçam os dela. É algo rápido, mas o suficiente para me deixar alerta. Ela se afasta constrangida.

— Desculpe — ela fala apertando os lábios.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não foi nada, eu que... — começo uma explicação gaguejando.

— Não, eu que sou desajeitada...

— Esquece — eu corto. Isso está ficando estranho e já percebo o meu tom de voz alterado. De todas as mulheres que conheci, eu desejo exatamente aquela que não devo ter.

— É, não foi nada. — Ela diz sorrindo de lado e eu devolvo o gesto.

— Então, tchau. — me despeço de vez e parto. Assim que viro as costas ela fecha a porta.

Eu saio com um sorriso idiota nos lábios. Sou um imbecil mesmo. Nem foi um beijo, foi um esbarrão tosco e, apesar disso, estou tal qual um adolescente que conseguiu sair com a garota dos seus sonhos. A Charlie é a garota dos meus sonhos? Quando foi que comecei a querer garotas assim?

Lembranças

Assim que fecho a porta, encosto minha testa contra a madeira. Minha respiração está completamente descompassada e meu coração aos saltos. Não sei o que deu agora. Eu me sinto muito bem com o B, não posso negar, mas essa noite foi mais estranho que qualquer outro momento em sua companhia. Ele mudou em muitos aspectos e algo em mim parece diferente em relação a ele. Isso está ficando complicado.

Suspiro longamente e vou ao banheiro. Olho meu reflexo no espelho e começo a tirar a maquiagem. Mais uma noite acordada ao lado dele e o tempo nem pareceu passar.

Fico pensando em quando o vi pela primeira vez enquanto tiro a pintura em meu rosto. Foi há anos atrás, na faculdade ainda, mas eu lembro como se fosse hoje. Eu, desengonçada, neurônios demais e charme negativo. Tinha quinze anos, estava em um curso que não queria como bolsista e o mundo era cruel. Por livre e espontânea pressão do meu pai e do meu QI obscuro, aceitei. Estava na faculdade. Uma nerd que não se encaixava.

Logo no primeiro dia o pesadelo começou. Em um ato rebelde eu cortei meus cabelos bem curtos e pintei de um vermelho gritante que ficou “perfeito” com os óculos enormes que usava. Resultado: ganhei o apelido carinhoso de monstro e sofri todas as torturas possíveis que os trotes de faculdade reservam para pessoas como eu.

Uma noite, escondida na área gramada do campus, atrás de uns arbustos, eu me entretinha com vários livros. Única forma de ocupar meu tempo e ficar longe das pessoas “legais” que a faculdade abarca. Me escondia das garotas populares e dos gostosões descerebrados. Quando menos esperava, um garoto chegou correndo em minha direção e caiu bem em cima de mim. Prendi a respiração no susto, já esperando a próxima agressão que eu sofreria. Tinha sido um longo dia.

— Por favor, não grite — ele suplicou numa voz embriagada. Eu não me movi. Entrei em pânico. — Só preciso de alguns segundos até pararem de me procurar — explicou e eu permaneci imóvel esperando a pegadinha que viria a seguir. Um barulho de passos na calçada, logo do outro lado dos arbustos, começou a se distanciar de nós. Ele cheirava a álcool e algo como um perfume caro. Como todos eles... — Obrigado — disse na mesma voz embolada e começou a levantar. Só então notei que usava apenas cueca e tênis. Na mão tinha o novelo dourado, o símbolo de uma das repúblicas do campus. Ele com certeza era só mais um idiota, tarado e sem noção. Fechei minha expressão e comecei a catar meus livros, me distanciando dele ao máximo. — Ei? Espera! — falou vindo atrás de mim. Ele vai me seguir?! Olhei para trás preocupada.

— O que quer? — indaguei rude.

— Calma. — Tinha um sorriso irritante no rosto. — Eu agradei a sua ajuda. — O que ele quer?! Uma condecoração por saber dizer uma palavra mágica?!

— Não foi nada — cortei a conversa, seca.

— Você deveria se divertir mais — me provocou e aquela voz estava mesmo me chateando.

— E você menos. — Ficamos nos encarando. Uma cena patética. Eu, a monstra dos cabelos de fogo e óculos fundo de garrafa. Ele, o tarado, bêbado e de cuecas. Ah! E ladrão também. Tenho certeza que roubara aquele novelo idiota.

— Meu pai diz o mesmo. — Ele ri dele, de mim... Não sei. Apesar da cena digna de comédia, ele não tem aquele olhar que caras como ele costumam ter, sabe?! O maquiavélico. Não! O dele é algo mais doce, gentil, de garoto... Eu acabei por relaxar minha expressão. — Benjamin Romaninov — ele se apresenta e, embora o nome não seja estranho para mim, não associo ao rosto dele. Deve ser mais um rico e famoso filho de magnata.

— Charlie White — respondo de forma mecânica e aperto sua mão.

Desse dia em diante eu virei a CW e ele o B panaca. Os encontros se tornaram frequentes, trocamos telefones e meu quarto, que eu não dividia com ninguém, virou seu refúgio secreto para quando aprontasse das suas. Ele sempre com a vida social agitada e eu sempre com a minha morta e enterrada. A amizade cresceu e eu sabia cada detalhe da vida dele. Ele sabia de mim apenas o que eu deixava conhecer. Cada garota com que saiu, cada festa, cada

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

burrada, cada bronca do pai... tudo ele me contava. Era meu amigo, o único, e por mais absurdo que alguém possa achar, nunca pensei nele como homem.

E ainda teve o projeto roubado que eu encarei como uma traição e para mim foi, na época, como uma facada. Achei que ele tinha me usado todo aquele tempo. Minha reação foi desmedida? Eu tenho reações intensas, eu sei, mas eu não era apaixonada por ele. Eu saberia se fosse... quer dizer, ele era lindo na época, ainda é... Droga! Mas ele era o B sem noção...

Hoje é diferente. Ele parece ter coisas diferentes. Mudou. Eu mudei. Algo na forma como me olha... não sei dizer. A docilidade ainda está lá, mas tem algo mais. Alguma coisa que me prende e que eu temo. Essa sensação me deixa tensa e decido tomar uma ducha para lavar esses pensamentos. Gosto de estar com ele e da conversa fácil. Da forma como nem parece que passaram mais de dez anos.

Uma sensação esquisita que vem me consumindo retorna quando deito na cama. Desde que voltei a ver o Ben, quase não sinto o vazio que me tomava quando o Kevin viaja. Eu sei que amo o Kevin. São quase quatro anos nessa luta por manter nossa relação. Afinal, o trabalho dele traz muitas dificuldades. Turnês, shows, viagens e mais distância. Apesar disso, sempre que nos reencontramos a sensação é incrível. É como se nós nos apaixonássemos outra vez. Ele é o homem da minha vida, o único e, apesar disso, tenho que confessar: o Ben de trinta e poucos anos me balança. Ele não é nem de perto o tolo sem noção que o Ben de vinte era. Tem algo mais nele e isso está mexendo com meus neurônios.

A forma como ele protegeu J, como fala das irmãs e sobrinhos. O fato de cozinhar melhor ainda que antes, de abrir seu coração para mim com uma intensidade maior do que fazia há pouco tempo atrás. Ele se mostra, mesmo sem perceber. Fala de um jeito tão leve e trivial, mas é algo íntimo. Tudo nele me envolve de uma forma que parece termos nosso próprio tempo. Deus! Eu não deveria estar analisando isso dessa forma. Estou mexendo em algo que não devo. Pode uma amizade ser assim, tão... Isso me dá medo. E o pior é que a sensação de pavor me invade quando penso na possibilidade de perder esse elo.

...

Acordo horas depois, muito cansada e com um pouco de mau humor. Não estou atrasada, mas quase. Pego minhas roupas e as visto apressada. Puxo a ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

bolsa que deixei embaixo de uma poltrona. Passo pela sala, recolho as amostras de capa e o cheiro do B retorna às minhas narinas. Sacudo a cabeça para pôr os neurônios de volta no lugar. Não seja burra, ele é seu amigo, só isso. Por mais que mude ele será sempre um cara que, no tocante às mulheres, não quer nada que seja complicado. E por complicado entende-se relacionamento.

E eu tenho o Kevin. Lembro do meu namorado, alto, lindo e tatuado. Eu AMO o Kevin. Sussurro para mim.

Saio de casa pensando em passar no Oscar para pegar um café. Olho no relógio e sei que dá tempo. E é assim que faço. Café, trabalho, apresentação de capas e almoço com as garotas hoje: Marla, agente do Kevin, que conheci através dele e nos tornamos amigas, e a Suzy, minha amiga desde que larguei a faculdade.

Combino com elas por Whatsapp depois que a apresentação das capas foi um sucesso. Aviso que estou a caminho do restaurante e assim que chego, Suzy está lá esperando e a Marla liga avisando que não demora.

— Então, a boa de hoje é... — Suzy começa. Ela tem essa alegria vibrante que faz o clima parecer festa o tempo todo.

— Eu! — respondo provocando.

— Modesta toda. — Apoia o queixo nas mãos, com os cotovelos sobre a mesa. — Fala do seu “amigo”. — Faz aspas com os dedos para frisar a palavra. — Aquele que não me deixa ver você direito. — Ela está com ciúme do B?!

— Não seja boba, ele estava com problemas. — Ela é muito ciumenta. — Ele não é assim, monopolizador.

— Sei, problemas, o bebê. — Ela diz séria. — Você gosta dele?

— Claro, é meu amigo — falo desviando o olhar para qualquer ponto que não seja ela.

— Lie, sério?! — Apenas ela e meus irmãos me chamam assim. — Eu não tenho QI de um milhão, mas também tenho um cérebro sabia?!

— Sei lá, Su. É estranho — falo olhando para minhas mãos. — De qualquer forma, não tem porque falar disso, eu tenho o Kevin.

— Mas se não existisse Kevin... — ela insiste.

— Não haveria motivo para estragar a amizade que temos em troca de uma aventura — digo porque realmente acredito em minhas palavras. Seria só uma aventura e as coisas ficariam bem estranhas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— E se ele quiser mais? — Ela não para.

— O Ben?! — pergunto incrédula. — Só em outra vida. — Rimos juntas e ela me faz um sinal avisando que a Marla chegou. Essa não é uma conversa para ter com a amiga do meu namorado. O assunto se torna o Kevin e a última viagem. Falamos de tudo, inclusive de casamento.

— Não acho que deve pedir. — Marla fala segura.

— Pois eu acho que deve. — Su retruca. — Kevin tem miolo mole. Toda aquela fumaça de shows, você sabe. — Su, assim como Chae, não gostam muito do Kevin.

— Você está dizendo bobagens, como sempre. — Marla fala com uma nota de revolta na voz. — Ele gosta de você querida, não se preocupe, quando estiver pronto ele pede.

— Quando tiver uns noventa anos e você for estéril. — Su começa com suas teorias. — Ela quer ter filhos Marla e não casar por casar, a Lie quer uma família.

— E isso é da sua conta?

— Claro que é. O Kevin com essa vida de cigano vai ser o quê?! Um amigo com benefícios? — As duas engatam uma discussão e parece que não estou aqui. — Ele será um bom pai?

— Claro que será, você não conhece como eu conheço. — Marla fala e então olha para mim. — Como nós o conhecemos. — É uma sentença que exclui a Su.

Eu lembro do B com o J, ele será um pai excelente. Exalo ar com força. Marla insiste que devo esperar, que Kevin é assim, mas que quando fizer o pedido, será algo grande. Já Suzy acha que tenho que ir atrás e pôr ele contra a parede.

Após esse almoço, volto para casa. No caminho uma mensagem do Ben pisca em meu celular. É uma foto dele em uma reunião. Ele não deveria tirar fotos no meio de uma reunião, é o chefe. Respondo com um volte ao trabalho e uma carinha sorrindo.

Hoje à tarde tenho relatório para fazer da contabilidade do Chae, ligar para meus pais e saber da vida no campo. Sorrio lembrando que eles compraram o sobrado para vir para capital e ficar perto dos rapazes, Chae e seu pub, Andrea, sua esposa e filhos, mas não vieram.

Eu acabei ficando com o lugar e eles com suas tradições. Gostam do ambiente do campo, da simplicidade, dos animais... A vida na capital é
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

agitada para eles, até demais. EU também gosto de lá, não sou muito de festas. Aturo algumas pelo Kevin e por Chae e seu trabalho. Eventos sociais, roupas de gala e essas coisas não me encham os olhos. Mais um fator que grita opostos para mim e o para o B. Droga! Por que estou fazendo essa lista mental?

Passo pelo parque central e lembro o piquenique que fizemos, eu, J e B. Tiro uma selfie fazendo careta e envio para Ben. Me sinto estranha de novo. O que estou fazendo? Talvez essa amizade seja um erro sem tamanho e eu deva apenas me afastar de Benjamin.

Uma sensação de culpa me invade e ligo para Kevin, trocamos algumas palavras e combinamos um jantar em sua casa no domingo. É quando ele chega de viagem. Assim que encerramos a ligação eu fico completamente perdida entre as duas opiniões das minhas amigas e meus conflitos internos. Me afastar de Ben é uma boa opção. Preciso pôr minhas ideias em ordem. Pensar com clareza.

O esbarrão que demos quando ele foi embora lá de casa retorna em minhas memórias, do exato momento em que os lábios dele tocaram os meus. Foi algo rápido para ser considerado um beijo, mas fez um estrago enorme em minha lógica.

Escapando entre os dedos...

Acordo cansado. Foram longos três dias em uma semana que ainda parece longe de acabar. Nada de Verônica e a família dela tenta ao máximo abafar as coisas e não querem nada com o pequeno grande homem aqui. Estou diante de seu berço, observando-o. Ele já está bem crescido. Parece tão tranquilo e nem imagina como o mundo pode ser cruel. Solto um suspiro pesado. O que faço com você John?! A voz da minha consciência fala alto. Meu telefone toca e eu atendo rápido para não despertar o duendezinho aqui.

— Oi, Drake. — Espero que sejam notícias boas.

— Achamos o pai. — Ele fala na lata e meu coração acelera. — Parece que é um cara legal. Foi segurança dela em um evento e eu já agendei um encontro com você e ele. Tomei a liberdade de marcar com a El, no seu escritório, hoje, às nove e meia. —

Escuto tudo sem fazer qualquer som, como se tivesse uma pedra na garganta que me impede de falar. — Ben? Não dormiu não, né?! — Ele brinca, mas sua voz parece tensa. Acho que ele entende minha posição.

— Estou acordado — respondo. — Nove e meia. Entendi. — Encerramos a ligação e eu fico só com meus pensamentos.

Me arrumo o mais rápido que consigo e vou ao trabalho. As horas se arrastam e eu fico cada vez mais ansioso. A reunião finalmente começa e conheço Malcom Jones. Ele é forte, alto e moreno. Tem um sorriso tranquilo, mas sua expressão se fecha ao saber que Verônica pôs o gigante em uma caixa de sapato, na rua. Ele diz que não será fácil, devido ao trabalho, ainda mais agora que é segurança de um político importante, mas que fará o que estiver em suas possibilidades para cuidar do filho. Trocamos contatos para que ele possa falar comigo, caso precise de algo. Que posso fazer?! Me apeguei ao garoto.

Os nossos advogados têm a papelada pronta. Tudo organizado para a
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

liberação do juiz ainda essa semana. Fica definido que, no máximo sexta-feira, o garoto vai estar com o pai. Pai! Essa palavra parece crescer muito em minha mente. Nos despedimos com um aperto de mão e Malcom vai embora.

Penso em John. John Jones. JJ... Todas essas ideias em minha cabeça me levam a CW. O pai gostou do nome John e como a Verônica nem havia registrado o garoto, ele disse que porá esse no duendezinho.

— Não vai chorar não né, cara?! — A voz de Drake me tira do transe. Estamos só eu e ele na sala agora.

— Vai se ferrar, Drake! — eu digo, mas minhas palavras não têm força alguma.

— Porque, sério, essa cara que tá fazendo é de choro. — Ele me olha esquisito. — Que menininha!

— Qual o seu problema? — O encaro revoltado.

— Meu? Você se enfiou na porra de uma friend zone e se apegou a um garoto que não é seu, mas eu que tenho um problema? — Parece que ele está com raiva de mim. — Você está muito fodido, cara!

— E o que você tem com isso? — Devolvo com raiva também.

— Eu sou seu amigo, seu merda!

— E daí, Drake?! Para de me encher — eu corto e me afasto. Meu peito aperta como se estivesse quilômetros abaixo da água. — Vai ligar para a Eleanor e atormentar a vida dela.

— Você é um idiota mesmo — ele bufa. — Não pode fazer nada quanto ao garoto, ele tem pai e o pai o quer. Agora, a CW você pode...

— Drake, seus serviços não são mais necessários por hoje — eu corto olhando muito sério e ele tem uma expressão de surpresa.

— Você gosta dela e está perdendo por ser um marcha lenta — me diz pegando sua pasta.

— E você se importa com isso — eu desdenho. — O grande Drake liga para gostar, sentir, querer... — começo a enumerar. Ele ergue as mãos no ar em rendição e meneia a cabeça.

— Você é quem sabe de sua vida. Sabe onde me encontrar. — me diz com um tom esquisito que nunca ouvi dele e sai sem olhar para trás. Eu suspiro pesadamente.

Volto ao meu trabalho, o dia mal começou e eu preciso me concentrar. Não posso deixar algo assim me abalar, eu sabia que era temporário. Mas que merda eu estou pensando?! Sou Benjamin Romaninov, não tenho ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

responsabilidades assim. Eu construí uma vida fácil e tranquila porque gosto assim. Gosto? Parece que não mais. Ainda trabalho algumas horas até que não controlo mais e eu pego o celular discando rápido.

— Oi, belos olhos. — Ela atende com o apelido costumeiro, mas há algo diferente em sua voz.

— Oi - respondo seco. — Encontramos o pai do John e ele quer a guarda do garoto.

— B... — ela faz uma pausa como quem busca pelas palavras. — Você está bem? — sua voz é tão gentil e a estranheza some do seu tom.

— Estou, claro — minto. — Feliz pelo garoto que tem um pai que o quer. Já basta a mãe ser uma maluca — falo tentando parecer indiferente.

— Sei — ela responde e escuto seu suspiro do outro lado da linha. Então, para minha surpresa, ela começa a cantar. Uma música do Michael Jackson. Droga! A maldita pedra na minha garganta retorna.

— Para! — eu falo sisudo. Isso está me matando.

— Desculpa. — Espera! Ela está com a voz embargada. Está chorando?! — Eu posso ir me despedir dele? — Inferno. Não é só por mim que ela está assim, é por ela também.

— Claro — respondo sem conseguir articular uma frase maior. Então recupero o fôlego. — E não tem do que se desculpar.

Nos despedimos meio sem jeito e eu volto a atenção aos meus papéis. Não estou com cabeça para isso e Eleanor entra em minha sala trazendo o meu cappuccino. Eu a encaro surpreso. Ela sorri de lado e agora todo mundo está com pena de mim. Ótimo! Agradeço sucinto e aceito a bebida. Levanto olhando pelas janelas panorâmicas do escritório. Bebo o líquido quente observando o mundo lá fora. Preciso de diversão. Sair desse clima pesado.

...

Assim que saio do trabalho combino com os rapazes. É meio de semana, mas ninguém se nega, exceto Matt que está de plantão. Vamos eu, Luca e Drake, ainda emburrado comigo, mas não rejeita. Escolhemos uma boate badalada e logo Luca já tem companhia. Ficamos eu e Drake a sós.

— Então, cabeça dura. Vai continuar fugindo? — Eu tomo um longo gole do uísque em meu copo e o encaro.

— Drake, não começa. Já tenho pai para sermões. — Ele nega com a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cabeça e bebe também. — Por que não fala de você e Eleanor?! — devolvo.

— Porque não existe eu e Eleanor — ele fala, mas há uma nota de decepção em sua voz.

— Não? — Fiquei curioso.

— Não — ele repete. — Ela nunca sairia com alguém como eu.

— Entendo. — Nós dois estamos ferrados. Eu penso que a noite vai ser uma droga assim mesmo e então Drake ergue o copo para um brinde e sorri.

— Aos ferrados. — Eu devolvo o gesto e lá vem Luca com três garotas.

Em pouco tempo estamos os três acompanhados. Luca some, Drake também e eu fico com a garota. Uma loira. Sempre as loiras para mim... Eu fico observando-a falar sem parar, mas nada do que ela diz me interessa. Em um dado momento, ela pede que eu a leve em casa e sei exatamente o que ela quer. Sinto por ela, hoje será a primeira noite, desde que me entendo por homem, que negarei isso a uma mulher. Acompanho-a até meu carro e começo a guiar. O caminho passa pelo Javali's e não posso evitar olhar na direção da entrada. Nada de CW.

Continuo o trajeto e, como Deus está de olho em mim hoje, há algumas quadras do pub, um casal abraçado caminha. Eles trocam carícias e afagos e em um dado momento, exatamente quando o sinal fecha para mim, eles param de andar. O cara agarra a garota com um beijo intenso, uma mão na nuca e outra nas nádegas. Sinto algo esquisito em mim e o sinal abre. Arrasto o carro, mas ainda vejo pelo retrovisor quando eles se separam. E é Charlie a garota.

Meu estômago recebe um soco do destino. Eu acelero o máximo que posso e freio com força no prédio que a loira ao meu lado sinalizou como sua casa.

— Boa noite! — digo seco. Ela fica esperando algo mais, só que eu a ignoro.

— Idiota! — Ela diz descendo e batendo a porta com força.

— Sempre fui — falo arrastando o carro, marcando o asfalto com os pneus. Mesmo que ficasse com ela, nem um guindaste me ergueria hoje!

Chego em casa puto comigo, com a CW, com a droga do Kevin. Mas o que eu queria?! Eles estão juntos há quatro anos. Com certeza que se beijam, fazem sexo... Inferno! Eu tinha que pensar isso?! Mas aquele desgraçado não ia chegar só no fim de semana?! Lembro de a CW ter dito algo assim. Ótimo, ele veio antes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tiro meus sapatos pondo os pés no chão frio e caminho até o quarto do carinha. A babá eletrônica está ligada e sei que Marissa a tem em seu quarto. Já deve estar dormindo. Eu observo o pequeno alguns segundos e então o pego do berço. Ele dá alguns gemidos, mas eu o ajeito no meu peito e o levo para sala comigo. Deito no sofá com ele sobre mim. Envolvero-o em uma manta e exalo ar com força. Fico assim algum tempo, até que me perco em meus pensamentos e pego no sono.

...

A semana passa voando e logo a sexta-feira chega. Um dia de despedidas para mim.

Lembranças me perseguem todo o tempo. Eu, CW e John passamos todo tempo extra que nós temos juntos. Conversávamos de tudo e ela sempre tinha que ir embora. O fato de ela ir embora só não me irritava mais do que o de ela ter um “namorado”. Havia dito que me apresentaria a ele, mas eu vou ao inferno antes disso acontecer. Toda vez que fala dele, lembro do beijo dos dois na rua aquela noite. Sim, vou ao inferno e vou descalço.

A Charlie veio ver o John e está com ele no quarto. Eu me afastei um pouco, porque não aguentava a cena toda.

As buscas pelo pai do pequeno foram rápidas e nada da Verônica aparecer. Essa mulher com certeza tem problemas mentais sérios.

Decido voltar ao quarto do duendezinho e ver o que ele e CW estão fazendo. Fico parado observando-a agora com o John. Ela veio se despedir e parece conversar algo com ele que com certeza o pequeno não entende, embora esteja rindo. Vê-la nesse teatro me faz pensar que eu não tenho um amigo ou amiga que tenha os neurônios no lugar. Cruzo os braços e apoio o ombro na parede.

— Surtou de vez, coitada! — Ela se volta assustada.

— Idiota — ela diz meu apelido “carinhoso” e sorri.

— O que está fazendo? — Me afasto da parede e caminho até ela. CW se joga em uma poltrona, parece frustrada com algo.

— Pensando em como convencer o Kevin a me pedir em casamento de uma vez. — O quê?! Agora sou eu quem precisa sentar. Ela está conversando isso com o John?

— Você quer casar com ele? — falo num tom estrangulado e ela ri,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

embaraçada.

— Claro, são quatro anos, B. — Ela puxa os cabelos soltos até então e faz um rabo de cavalo. Acompanho os movimentos. Ela parece tensa. — Ele também quer, só não sabe ainda, afinal, ele fala de filhos. E poderíamos arrumar isso de tantas turnês...

— Ele é um imbecil! — digo tirando a gravata, o paletó e logo estou só com a camisa e a calça.

— Meu imbecil! — ela retruca e puxa os pés para cima do sofá e me olha estranho. Lá vem. — Você poderia me ajudar em vez de ficar me zoando - ela fala e me olha de um jeito estranho.

— O quê? — Eu tive um mini enfarto agora.

— B, me ajuda? — Ela me encara como quem espera algo do qual não faço a mínima ideia. — Você é homem.

— Que bom que percebeu! — falo com raiva.

— Não seja mau comigo. — Ela entufa e faz bico. — Me ajuda, sei lá! Qualquer coisa... uma pose do Kama Sutra para o homem pedir a mulher em casamento?! — diz com um ar de graça e eu a encaro com uma careta memorável. Sério que estou ouvindo isso? Exalo irritado e quero arrancar a língua dela agora. — Droga, eu nunca te peço nada! — ela insiste.

— Chantagem? — pergunto sério.

— Funciona? — Não, eu penso.

— Seus irmãos são homens também e você disse que tinha mais amigos hoje em dia. — Minha voz soa rude, mas que se dane. Não vou fazer esse papel.

— Rob nunca me ajudaria com algo assim. E Chae não gosta do Kevin. — Sabia que Chae era uma boa pessoa. Sorrio por dentro. — A Suzy disse que eu deveria chegar logo pedindo, mas a Marla, que também é amiga e agente dele, disse para eu ter paciência, que ele vai pedir — me explica.

— Ótimo, escolha uma das duas opções e faça. — Me volto para o John.

— Muito bem, eu me viro só. Sempre me virei não foi?! E você nunca foi muito de ajudar. — Ela levanta e pega a bolsa irritada. Mas por que ela está irritada?! Eu que estou sendo torturado aqui. — Tchau pequeno grande homem. Espero que cresça com juízo. Vou morrer de saudades — diz em uma voz carregada de emoção e então vai em direção à saída. Eu a acompanho, mas ela nem olha para mim. Mas que inferno! A vontade que tenho é de gritar que não case com aquele imbecil, mas as palavras não saem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Charlie? — Ela para com a mão na porta. — Não faz isso.

— Pedir ajuda a meu amigo homem que entende a cabeça dos homens?!

— Ela quer me matar, só pode. Ela me olha estranho de novo, não entendo os sinais aqui. Parece que me pede algo, mas não o que quer pedir de fato. Acho que acabei ficando de miolo mole de vez. Estou divagando sobre emoções femininas...

— E ele é um homem como eu por acaso? Porque, pelo que sei, homens como eu não se apaixonam ou casam — devolvo as acusações que ela fez contra mim e vejo a expressão dela tornar-se desfeita. Ela está magoada?! Mas que droga!

— Então você acha que ele nunca vai pedir — sua voz tem a entonação clara da decepção.

— O que eu poderia fazer? — pergunto frustrado e ela me encara mudando o semblante para algo como esperança. — Foram quatro anos! O que acha que posso dizer que faça ele mudar de ideia? — Ela tem uma mágoa no olhar agora de novo e me amaldiçoo por isso. Eu vou ajudar?

— Eu sou uma boba mesmo. — ela volta a se virar para a porta.

— Espera. — Eu vou me arrepender muito disso. Ela me olha. E penso que nunca, em toda minha vida, fiz algo desse tipo. Algo contrário a mim mesmo. Bem, tem a Amy e a Meg, mas isso?! Inferno de vida. E eu que achava que tinha sorte. — Você o ama? — faço a pergunta cuja resposta vai terminar de me matar. Ela sorri estranho. Estranho define toda essa situação agora. Espero e então ela anui com um gesto de cabeça. Outro soco no meu estômago. Ela o ama! Acabou de afirmar isso para mim olhando nos meus olhos. — Faça ele perceber que pode te perder! — digo me sentindo um grande merda. Ela vai casar? E eu? Como fico? Porque, com certeza, não poderei mais vê-la com tanta frequência. Nem isso terei mais...

— Como? — Ela não sabe mesmo.

— Acho que o seu teste de QI tem algo errado — digo em tom de brincadeira, mas não há traço algum de riso em minha expressão. Ela parece envergonhada. — Faça-o sentir sua falta. — Ela ergue as sobrancelhas. — Não seja tão disponível.

— É assim que eu sou? — Faz uma cara confusa.

— Você sempre atende suas ligações, responde suas mensagens, entende suas viagens...

— Ok. — Ela me interrompe. — Já entendi. — Ela caminha até mim e me
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

abraça. Não me movo. Ela beija meu rosto e depois limpa a possível marca do batom que está usando. Um laranja suave. — Obrigada! Por ser meu amigo. — Amigo! Estou na merda da “friend zone” mesmo. Ótimo Ben!

— Eu sou isso mesmo, não?! — as palavras saem a força. Ela está tão perto. E pela primeira vez em minha vida, meu pensamento é dizer “não vá”. Não pelo bebê, mas por mim. Seguro a vontade de beijá-la com todas as forças. Eu acabei de perdê-la de vez.

— Sim. — Ela sorri, mas seus olhos parecem sérios. Repreendo-me mentalmente. Esqueça os olhos dela, idiota. Assisto ela ir embora sem sequer me mover do lugar.

Enfio minhas mãos nos bolsos. Eu dei esse conselho, mas ele é furado, afinal, eu sei que vou perdê-la e o que estou fazendo?! Olho para meus sapatos. Meus pensamentos vão para a Meg. Acho que agora sei como ela se sentia quando eu dizia não. E olha que a CW não me negou nada. Ela parece nem notar o que eu sinto. E como iria? Não tem bola de cristal.

Tão perto, tão longe...

Em pouco tempo Malcom vem e leva o J. Fico sem os dois de uma vez só. Não tenho muito em que pensar e no sábado pela manhã estou na empresa, arrumado para o trabalho que inventei, já que no sábado só abrimos em casos especiais. Vou fazer qualquer coisa que aparecer para não ter que pensar em Charlie e no bebê.

Não demora muito e CW me manda algumas mensagens com fotos de roupas que ela deveria usar para ver o Kevin. Sério?! Eu não respondo. Depois de umas dez e meu completo silêncio para ela, Charlie me manda uma de calcinha e soutien. Mas que droga! Eu ligo para ela.

— Que porra pensa que está fazendo? — minha voz sai entredentes e sei que estou sendo grosso, mas tudo tem limites.

— Chamando sua atenção — ela devolve risonha. Se soubesse o que essa provocação faz comigo...

— Consegui. — Toda a minha atenção e quase morte! Esfrego a mão no rosto com força. — Agora pare. — É uma ordem bem clara.

— Eu preciso de ajuda — ela suplica.

— O que quer? — devolvo agressivo.

— Que me ajude a escolher a roupa certa. — Soa extremamente lógica.

— Você não tem uma amiga para isso?! — digo contrariado.

— Preciso de opinião masculina. — E o idiota premiado sou eu.

— Então vá procurar em outro lugar — minha voz sai rude. Estou com raiva?! Sim, e muita.

— Ei?! Qual é o problema?! — Ela não sabe mesmo?! Acabo de constatar que ela é burra ou o único namorado que teve na vida foi o Kevin. — Eu já o vi de cueca um milhão de vezes — retruca.

— Isso era na época da faculdade, faz muito tempo. Eu era um cara sem

noção. As coisas mudaram — corto, seco.

— Sei, você se tornou puritano — me provoca. — Mas se não quer me ajudar eu mando para o Oliver.

— Oliver? — O cara da casa de shows?! Meu “sócio”. Com tantas coisas, nem sei a quantas andam as coisas no novo negócio. Apenas invisto a grana e ele resolve tudo. Eles são amigos assim?

— É — ela responde. — Ou o Drake. — O quê?! — Acho que Drake é uma melhor opção. Ele parece entender dessas coisas e vai poder me ajudar com as lingerie também...

— CW, se você... — começo a falar entre os dentes.

— Ei?! — Ela me interrompe. — Não sou maluca. Só estou tentando fazer você relaxar. Sou eu quem vai casar. — Como se isso ajudasse. — Sério, você era mais divertido na época da faculdade.

— E você era menos maluca. A sua ideia de me fazer relaxar é me mandar fotos suas de roupa íntima? Daqui a pouco vai mandar fotos sem roupa alguma... — Maluca completa. Fica em silêncio alguns segundos.

— Peguei pesado? — pergunta em uma voz estranha, parece constrangida. — Mas é tão composta. — Ela é maluca e quer me enlouquecer também.

— Pegou, não faça mais isso. — Poderiam ser calcinhas beges...

— Apague a foto e não olhe para ela nunca mais. — Como se eu não tivesse a imagem gravada em minha mente. Não respondo. — B, desculpa! Estou nervosa, tá bom?! Meu pai disse que Kevin foi falar com ele e Marla disse que terei uma surpresa... — Ela não para de falar e só o que consigo pensar é no imbecil do Kevin fazendo uma “surpresa”. Que surpresa seria essa? — Ele falou com meu pai, sabe o que significa?! E notei que um dos meus anéis sumiu... — Droga, aquele idiota vai mesmo fazer o pedido...

— Eu não posso conversar com você, estou muito ocupado e tenho que trabalhar — falo em um tom indiferente. Na verdade eu acho que acabei de mudar de cor. A raiva faz isso com a gente, não faz?!

— Entendo — parece triste. Não deveria me sentir mal por isso, afinal, ela está me levando ao inferno com essa história toda, mas eu me sinto péssimo por deixá-la assim. — Tem notícias de John? - muda completamente o rumo da conversa.

— Ele está bem — as palavras quase não saem.

— Muito bem. — Não tenho nem ideia do que dizer e as coisas que penso agora não podem ser ditas. - Desculpa de novo, B.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Esqueça. — Desligo sem esperar por ela.

...

A semana segue louca como sempre e eu evito Charlie ao máximo. Mal conversamos e ela parece chateada quando falamos, mas não quero discutir os termos do casamento dela. Porque sim, ela vai casar. Vi a aliança na mão dela três dias depois da conversa ridícula sobre ela e o idiota com quem ela quer passar o resto dos dias de sua vida... Deus! Nem conheço o cara e o ódio.

Estou com um humor dos infernos. Meus únicos pensamentos são as diferentes formas de desmembrar o Kevin e arrancar o dedo dela em que tem a aliança. Eu daria uma aliança maior. Daria?! Mas que merda estou dizendo?! Que daria uma aliança maior e com um diamante descomunal. Estou me exibindo mentalmente?! Que se dane!

Para ser uma semana “perfeita” ainda tenho uma conversa absurda com meu pai que me quer mais sério. Que diz ser importante para o papel que vou assumir. Você é o nome Romaninov, ele disse, tem que se mostrar à altura. Chega de noites perdidas e fique longe desses amigos idiotas. Uma velha e recorrente discussão. Isso só piorou depois de um contrato com uma tradicional empresa russa ficar balançado por eu ser o presidente da empresa e não ter uma esposa. Que coisa de gente retrógrada.

Chego em casa absurdamente irritado. É uma quarta-feira. Entro devagar e vou para as janelas de vidro observar a visão panorâmica. Meu telefone toca.

— Ei, brocha?! — Drake.

— Oi. — Só digo isso.

— Iiiii... Qual o problema agora? — Não quero falar sobre isso, não agora.

— Só estou cansado.

— Eleanor disse que seu pai esteve com você hoje à tarde quase toda. — Disse? Por que ele fala tanto com ela para saber sobre mim? — Liguei no final do dia, mas você já tinha ido e imaginei que foi por essa longa conversa.

— As coisas de sempre. — Ele ainda corre atrás da Eleanor...

— Sei. Tudo bem?

— Sim.

— Achamos a Verônica. — Ótimo! Mais problemas, com certeza.

— Sério? — Meu coração acelera.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sim — ele prossegue. — Ela não está bem. Estava em uma descida para o inferno. Drogas e mais drogas. A pegaram em overdose. — Essa notícia me acerta em cheio.

— Onde ela está? — pergunto tenso.

— Está em um hospital — fala em um tom bem sério. — O estado é grave, não sei se... — ele não termina essa frase. — A família está tentando conter a mídia, mas logo os jornais vão estampar cada canto da cidade com a notícia.

— Obrigado por avisar, Drake. — Falo por falta de coisa melhor para dizer.

— Não foi nada e Ben...

— Oi?

— Se precisar de algo, já sabe, é só ligar.

— Sim, eu sei.

Volto minha atenção para a vista panorâmica. Observo o mundo lá fora e só então me dou conta. Amy casada e com filhos, Meg também, J foi embora com seu pai e CW vai casar... O que fica para você Ben? Estou agindo como um idiota carente. Acho que o Drake está certo quando diz que é falta de sexo. Sorrio amargo de mim mesmo.

Vou até o quarto que era do John e observo tudo concentrado. O que farei com tudo isso? Doar. É isso. Assim que der vou desmontar tudo e doar.

Ando pela casa sem saber exatamente o que fazer e entro na cozinha dando de cara com a Charlie cantando baixo enquanto mexe em algo no armário. O que ela faz aqui e como entrou?

Fico observando a cena sem reação. As palavras do meu pai vêm a mim. Eu poderia viver com isso diariamente? Esposa? Uma mulher dentro da minha casa e mexendo em minhas coisas? Eu cresci com uma irmã, sua amiga louquinha e minha mãe. Três mulheres. Fora as empregadas e a governanta, Fiara. Ela virou minha babá, já que, devido aos meus modos extremamente “educados”, todas as babás iam embora no dia seguinte.

A tranquilidade de um lar e família é para mim?

— Posso ouvir seus pensamentos daqui — ela diz parando de cantar. Larga um vidro que tem nas mãos, sobre o armário, e me olha. — Oi, belos olhos — fala quando nossos olhares se encontram, mas tem algo esquisito nos dela.

— Oi — devolvo me sentindo um soldado derrotado. — O que faz aqui?
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

—pergunto confuso.

— Nossa, mais agressividade. Estou começando a achar que homens têm TPM. — Ela senta sobre a bancada do armário.

— Engraçadinha. — Eu cruzo os braços em uma postura defensiva. — Tenho cadeiras, poltronas, sofás... Você sabe, não?! — Ela revira os olhos e desce da bancada.

— Muito bem, senhor “eu estou ficando velho e chato”. — Ela volta a mexer no pote sobre o armário. — Já que você estava se escondendo de mim, eu resolvi usar a chave que esqueceu de pedir de volta. — Não esqueci, não pedi porque não achei necessário. Fico encarando-a sério e ela volta a olhar para mim, só então noto que é um vidro de chocolate em pó. Tem algo estranho na forma como ela me olha que não consigo decifrar. — Não quer falar, né?! Muito bem. Sabe o que você precisa? — Ergo as sobrancelhas. — Vem. — Ela me puxa pela mão até a sala.

Me empurra para o sofá e senta na mesa de centro, pegando meus pés. Tira meus sapatos e meias e começa uma massagem.

— CW, eu não...

— Calado — ela me corta. — Sua hora de falar passou.

— Achei que a regra era não tocar amigos. — Ela me olha fazendo uma careta. Não falávamos da regra faz tempo... Ela escorrega para trás na mesa e apoia meus pés entre suas pernas, então, levanta e, com minhas pernas entre as dela, anda até mim e chega bem perto. — O que está fazendo? — Ela pega uma almofada, põe atrás do meu pescoço e empurra minha cabeça.

— Eu disse calado. — Começa uma massagem nas minhas têmporas e eu só consigo pensar no fato de ela estar quase sentada no meu colo. Não paro de olhá-la. — Estou tentando fazer você relaxar. Desse jeito vou é surtar de vez.

— CW, eu... — Faço menção de sair dessa posição e ela empurra minha testa com uma mão e volto a deitar sobre a almofada. — Ai!

— Deixa de frescura e se quer falar, tudo bem, mas feche os olhos. — Sério? — Feche! — Ela dá a ordem e eu obedeço inspirando profundamente. Que se dane. Ela prossegue com a massagem e é incrivelmente relaxante. Ela desce para meus ombros e pescoço e então volta aos meus pés.

Me entrego a esse momento e não sei quando, mas eu pego no sono. Um sono profundo e sem sonhos depois de várias noites mal dormidas. Acordo um tempo depois, acho que uns trinta minutos. Não foi muito, mas foi um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cochilo excelente. Juro, relaxei mais que em muitas horas de sono que já tive na vida. Abro os olhos e ela está em minha frente com um sorriso engraçado e duas xícaras.

— Sabia que o chocolate quente ia te acordar. — Tem as xícaras fumegantes nas mãos. — Pega. — Me oferece uma xícara. — Agora que está com o consolador mor, pode falar o que te atormenta tanto. — Faço uma careta. Ela acabou de chamar a bebida de consolador mor?! Maluca.

— Não sei do que está falando — digo isso porque nem morto vou falar do fato de que ela vai casar. Olho para a aliança em sua mão. E sou o cara mais fodido do mundo nesse momento.

— Está me matando de curiosidade. — Enruga a testa. — É o John?! — pergunta surpresa. — Quer dizer, você se apegou a ele, eu também. — Algo parece surgir em sua mente quando ela faz uma expressão de quem entendeu algo. — Ah, B! Você já está morrendo de saudade! — ela diz pondo a xícara dela na mesa e sentando ao meu lado. Então se vira de frente para mim, bem próxima. — Quem sabe você não pode ser o padrinho?! — diz esperançosa e eu foco em seus olhos cor de chocolate. Esse poderia ser o meu consolador mor... — Entendo você, não é difícil se apegar a uma coisinha assim tão incrível, fofa, gostosa... — Sim, penso em todos esses adjetivos, mas a pessoa em minha mente não é J.

Ficamos nos encarando e sou incapaz de falar qualquer coisa. Ela pega minha xícara que parece congelada em minha mão, com meu braço estendido no ar. Então, ela segura minha mão e eu desvio meu olhar para nossas mãos entrelaçadas. A maldita aliança está lá. Com uma mão segura a minha e com a outra ela acaricia meus cabelos. Ela fez isso quando eu fiquei arrasado e contei sobre a Meg e o padrasto dela.

Volto a olhá-la e ela se aproxima de mim... Tenho a impressão que vai me beijar. Não consigo pensar direito, pela primeira vez não sei o que fazer, mas ela só encosta sua cabeça em meu ombro.

— Quem diria que o príncipe dos diamantes tem vocação para ser pai — ela fala suave e pelo tom, sei que tem um sorriso no rosto. Encosto meu nariz em seus cabelos e inalo o perfume. Um toque, um pouco de contato e estou aqui implorando internamente por mais migalhas. — Você ainda tem a mim.

— Tenho? — minha voz sai sem que eu queira. — Você vai casar — falo como se dissesse que vai morrer.

— Eu estarei aqui quando precisar. — ela diz voltando a me olhar e isso
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

soou tão estranho. Há alguns anos nem nos falávamos, agora, em semanas, estamos tão unidos quanto como éramos na faculdade. — Sou sua amiga, não?! Sua CW. — Não sei que coisa doida é essa, mas não quero dissecar isso. Na minha cabeça, o “sua CW” é a única coisa que ficou registrada. Toco a face dela e percebo algo como dúvida em seus olhos. Ela cora e então solta minha mão de forma brusca.

Em um impulso eu a puxo de volta pela nuca, seus olhos mostram surpresa e eu toco seus lábios impedindo que fale o que começou a articular. Vejo uma expressão quase de pânico em seus olhos. E que se dane o certo e o errado! Ela não está correndo, está?! Eu colo meus lábios nos dela. Ela prende a respiração e cerra os lábios. Eu insisto e ela tem as mãos contra meu peito, como se fosse me afastar, mas não me empurra. Prossigo com a investida e ela começa a ceder. Quando finalmente introduzo minha língua em sua boca, tenho a sensação mais incrível da minha vida, mas ela se afasta.

Vejo o pânico em seus olhos. Ela começa a se distanciar mais, dando passos para trás. Eu vou em sua direção e ela nega com a cabeça.

— Charlie... — eu começo, mas ela fecha os olhos e tapa os ouvidos.

— Não! - grita. — Isso não deveria acontecer, isso nunca...

— Charlie, calma, eu... — Faço menção de tocá-la e ela se esquivava.

— Não, Ben. — Ela abre os olhos novamente. — Para. Não chega mais perto. — Sua respiração está irregular e ela parece realmente preocupada. Está com medo de mim?! Droga! Ela retribuiu o beijo antes de se afastar ou eu quis tanto isso que imaginei?!

— A gente precisa conversar — eu falo, mas não me aproximo mais.

— Não, não vamos conversar nada. — Pisca várias vezes pensando no que dizer. — Isso não aconteceu e eu preciso ir — o tom dela muda completamente. Fala numa voz estranha, como se estivesse em outro lugar que não diante de mim. — O Kevin vai chegar nessa madrugada e vamos planejar a viagem do fim de semana. Uma espécie de lua de mel antecipada. — Por que ela está me dizendo essas coisas? Ela está trêmula. Fico completamente perdido, não sei como agir. Constato que essa é a primeira vez que sou rejeitado. Queria sacudir os ombros dela e mandar o Kevin se danar, mas as palavras simplesmente não saem. Ela está muito nervosa.

— Tudo bem, eu não vou me aproximar. — Ela apenas anui. Parece cansada demais e eu sinto como se fosse acordar a qualquer momento. Observo-a encostada na porta, como se fosse se fundir à madeira.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sinto muito — são as palavras que saem de seus lábios quando me olha com a pior expressão que já vi em seu rosto. Prefiro a raiva de quando esbarrou em mim ou a ira de quando jogou bebida. Sente muito por me beijar?! Ela leva as mãos trêmulas aos lábios e se embaralha com a fechadura da porta. Eu me aproximo para ajudar e ela se afasta fugindo do meu toque. — Fique bem, B. — Como? Fico acompanhando ela sair pela porta. Vou perder os dois ao mesmo tempo.

A sensação de que algo foi arrancado de mim forma um buraco em meu estômago. Vieram fácil, vão fácil...

Culpa

Saio da casa dele com uma sensação de estar fora do corpo. Ainda sinto os lábios dele nos meus e a sensação de culpa que me invade é descomunal. Olho para a aliança em minha mão e sinto-me indigna agora.

Lembro do pedido do Kevin. Minhas mãos estão trêmulas. Kevin pegou um avião e veio me ver no meio da turnê. Disse que não aguentava mais de saudade e que queria dar um passo importante. Ele nunca foi muito de atos assim, mas isso me desmontou. Quando percebi, estava com a aliança no dedo e um sorriso bobo no rosto. Me senti amada, querida e feliz.

Agora, me sinto suja. Eu não posso desejar o Ben, não posso querer meu amigo. Porque é isso que ele foi, é e será em minha vida. Um amigo. Lágrimas escorrem em minhas bochechas e eu limpo depressa. O motorista do táxi me olha pelo retrovisor, mas não diz nada. Ainda sinto o toque dos dedos do Ben na minha nuca e seu gosto em minha boca.

Chego em casa e corro para meu quarto. Minhas mãos vão direto para meus lábios. Relembro a sensação maluca do Ben me beijando. Meu primeiro impulso foi parar de respirar, mas depois, a vontade de me jogar nos braços dele foi tão grande que eu me desesperei. Fugi, não quis conversar...

Preciso consertar as coisas. Pego meu celular e disco apressada. Algumas chamadas depois e Kevin atende.

— Oi, noiva?! — a voz sedutora de sempre se faz ouvir do outro lado da linha.

— Oi — digo com toda a desolação que se apossou de mim. Eu traí meu noivo...

— O que foi? Parece triste. — Não respondo. — Saudades do seu homem? — Tosco. Ele sempre foi assim, com uma linguagem direta e sem meios termos. O Chae detesta isso nele e eu gosto, me faz rir.

— Sim — não consigo dizer nada mais efusivo. — Quando volta?

— Daqui a um dia e meio, no máximo. Estamos acabando por hoje, amanhã mais um show e pegamos a estrada — explica. E penso que preciso pôr as coisas às claras. Assim que puser os olhos no Kevin saberei se o que sinto por ele ainda é amor. Preciso olhá-lo, tocá-lo e ter certeza que isso não deixa espaço para um pensamento sequer voltado ao Ben. Eu aceitei a aliança não foi?! Olho para ela, presa em meu dedo. Parece pesar muito.

— Não era na madrugada?

— Alguns probleminhas amor, quando chegar eu explico — ele fala tranquilo.

— Ótimo, vou estar esperando — eu digo buscando me acalmar.

— Eu sei, você sempre espera por mim — diz tão confiante que as palavras do Ben, de que sou sempre disponível, me vêm à mente.

— Sempre — eu falo um tanto decepcionada. Comigo, com tudo...

— Tenho que ir amor. Até logo — ele se despede e eu não digo nada. Apenas sorrio triste, um sorriso que ele não pode ver, mas que eu sei bem como se mostra em minha face.

...

Acordo cansada, mas decidida a resolver essas questões. Não posso viver dividida, não posso casar com um e pensar em outro. Não posso pensar no Ben dessa forma, afinal, ele mudou bastante, mas não tanto. Ele não se envolve com ninguém além de sexo, não namora, não se apaixona, não diz eu te amo. Muito bem, é piegas?! Pode ser. Mas eu quero paixão, amor, uma vida de casal. Estou com quase trinta. Quero minha família, filhos, algo sólido.

Preciso focar no Kevin. Ele me ama e me pediu em casamento. Amanhã o Kevin chegará e eu preciso encará-lo e ver que o amor que acredito existir em mim por ele ainda é real. Eu irei trabalhar pela manhã e no horário de almoço vou ao seu apartamento arrumar tudo. Farei um momento romântico para gente. Preciso encontrar esse sentimento que me acompanhou nesses quatro anos. Não posso jogar fora uma relação de tanto tempo por uma atração de momento. Estou confusa, é isso...

O dia segue tranquilo no quesito trabalho. Novas capas e sinopses para ler. Mais livros ganhos e algumas páginas escritas em meu diário. Expor os ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sentimentos no papel me faz analisar melhor as coisas. Me sinto mais segura e confiante.

Arrumo a papelada que peguei com o novo cliente sobre a mesa e me levanto. Hora de ir ao apartamento do meu noivo arrumar a bagunça sentimental que fiz em mim mesma. Pego minha bolsa e desço. Na rua tomo um táxi e vou até a casa do Kevin. Tenho a chave e o porteiro me conhece. Logo estou lá esperando a Suzy que vai me ajudar. Não demora e ela chega.

— Muito bem, missão casamento feliz — ela me provoca. — Você quer mostrar ao Kevin que é uma dona de casa das boas?

— Para de falar bobagens, Suzy. — Eu rio dela.

— Amiga, isso não faz diferença, ele não para em casa. — Ouvir isso me deixa temerosa.

— De qualquer forma você precisa se casar logo, seu relógio biológico está fazendo tic-tac — fala sacudindo um paninho de limpeza como se fosse um porteiro.

— Você tem muitas minhocas na cabeça. — Eu a ignoro.

— Ei?! Você está estranha. — ela para e põe as mãos na cintura.

— Não é nada. — Não vou dar atenção às loucuras da Suzy. Eu amo minha amiga, mas não quero casar porque sou uma louca por filhos e maridos. Eu realmente quero uma família e quero ser feliz. Minha família é grande, gosto disso...

— Sei. — Ela cruza os braços. — Nada a ver com o bonitão que você desenterrou do seu passado? — Eu a encaro surpresa. — Aquele para quem você envia mensagens vinte e quatro horas, com quem conversa muito ao telefone, que você visita, que você brincou de casinha...

— Su! — eu corto. — Não é... nada... disso... — gaguejo.

— Sei — ela soa descrente. — Pode até não dizer, mas, garota, esse homem tá fazendo um estrago em sua cabeça lotada de neurônios.

— Ele não é assim, Su, ele é...

— Está bem, me explica direito como ele é, porque até agora não consigo entender. — Ela se senta parando o que estava fazendo por completo.

— Ele é... — Como definir o Ben para ela? — ...divertido, engraçado, inteligente...

— Carinhoso, família, gostoso, rico, cheiroso... — começa que nem uma louca e rimos juntas.

— Maluca. — Ficamos sérias. — Ele é família com a família dele, e

carinhoso também.

— E com você?

— Comigo? — Inspiro pesadamente. — Ele é o B.

— Isso não explica nada. O que só comprova que você está com problemas.

— Como assim?

— Quando não sabemos explicar é que as coisas estão feias mesmo — ela soa lógica. — Se você sabe que ele é gostoso, uma transa, diversão, um passatempo... ótimo! Mas se não sabe definir, aí...

— Aí o quê?

— Aí ferrou.

— Chega, vamos trabalhar — eu corto. — O meu “problema” é o meu noivo que vai chegar logo. — Levanto a mão com a aliança, exibindo-a para Su que me sorri.

— Ele pediu mesmo. E ele também é gostoso, cheiroso, bonito, rico... — fala enquanto retorna a tarefa que viemos desempenhar aqui: arrumar o lugar.

— Ei? — Bato nela com a toalha, simulando ciúmes.

— Desculpa, amigas são sinceras.

— Louca.

Nós duas damos uma de faxineiras. Arrumamos tudo. Ponho toalha nova na mesa, e até preparo algo para comermos que possa ficar na geladeira até próximo do horário que ele chegará. Mortas de cansadas, nós deitamos no meio da sala, as duas no chão, entre os dois sofás enormes que o Kevin cismou em ter. Estamos quase cochilando quando escutamos um barulho na porta. Ergo a cabeça, espantada, mas não vejo nada daqui por causa do sofá.

— Finalmente chegamos gostoso. — Escuto isso e meu coração para. Suzy me olha com os olhos arregalados, parecem que vão sair do crânio.

— Ei, gostosa, calma aí com essa mão. Estou cansado da viagem — ele devolve.

— Você nunca está cansado para isso. — A voz melosa da mulher me causa náuseas. — Sei o que é. Está me dispensando para ficar com aquela coisinha insossa que chama de namorada — ela fala doída. Eu deveria levantar agora, mas pareço não ter controle do meu corpo. Suzy se mexe e eu faço sinal para que não faça barulho.

— Qual é gostosa?! — ele repete o apelido “carinhoso” e escuto o som de um beijo bem barulhento. — Ela é noiva agora e será minha esposa e mãe
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dos meus filhos. — Náuseas me tomam ao ouvir essa descrição.

— E eu? — A desgraçada ainda retruca.

— Para você todas as minhas fodas! — Sério que estou parada, deitada no chão ouvindo isso?!

— Já chega! — Suzy grita ficando de pé. Eu vou junto e dou de cara com o Kevin e uma loira alta, cheia de curvas. Eu já a vi antes. Mas que merda, é a Cadence, amiga da Marla.

— Amor, não é nada disso, eu... — ele começa com as desculpas e eu sinto que aquele teste de QI com certeza falhou. Pela primeira vez, em toda minha vida, eu me sinto burra. Já me senti feia, deslocada e inadequada, mas burra nunca. Hoje é o dia.

— Cala a boca, cretino. — Suzy grita para o Kevin e a Cadence nos olha com desdém. Eu preciso reagir, preciso fazer algo...

— Não se mete, Su — ele grita para minha amiga e começa a andar em minha direção.

— Eu acreditei em você, Kevin! — Jogo na cara dele enquanto o olho. Fui tão tola esperando ver amor e o que vejo agora é nojo. Um estereótipo de músico diante de mim. Gostoso, sarado, talentoso e tarado. Um perfeito idiota.

Eu Passo por ele e pego a chave da moto sobre a mesa próxima à porta. Ele puxa meu braço e eu tento me afastar. Ele não solta tentando me abraçar. Sério?

— Amor, eu... — Não aguento isso. Em um momento de completo destempero dou vazão à minha impulsividade e com a chave presa entre os dedos, como o Rob me ensinou uma vez, eu soco a cara do Kevin. Acerto-o em cheio. Ele cambaleia para trás e vejo o sangue escorrer onde acertei o golpe.

— Sua louca. — A loira vem em minha direção e a Suzy a empurra.

— Nem pense em encostar nela. — Suzy é robusta, alta e mete medo em qualquer um quando está com raiva. Ela me contou histórias de que batia nos garotos na época da escola. Eu não fico para ver o resto da cena. Apenas corro para a saída.

Subo na moto e deixo o meu cérebro no automático. E eu pensando em finais felizes e contos de fadas. *Isso não existe, acorda sua burra.* Talvez eu devesse ter vivido mais como o Ben. Penso nele. Ele que foi certo em levar sua vida longe disso tudo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Acelero como se pudesse voar com a moto. Não uso capacete e não dou a mínima para sinais fechados. Eu sempre julguei tanto o B mentalmente e olha só: a incrível CW com seu QI de 198, um recorde incrível, obsceno. Bela droga!

As lágrimas nublam minha visão... Não pude ver as coisas tão claras diante de mim. Conheci um cara de voz aveludada e palavras doces e lá estava eu acreditando em finais felizes. Finais felizes não existem. O que existe são decepções.

Desacelero um pouco e paro a moto. Estou me sentindo muito mal. Uma ânsia de vômito sobe pela minha garganta. Eu choro convulsivamente. Desço e entro em uma loja de bebidas. Sempre tem uma perto quando se precisa. Compro uma garrafa de vinho. Bebo goles longos e subo na moto acelerando de novo. A vontade que tenho é de explodir... Não. De sumir! Sumir sem deixar um pedaço sequer de mim.

Em minhas mãos

Já são quase oito da noite de quinta, e embora J não esteja aqui, não tenho a mínima intenção de sair. Drake ligou, Matt também e Luca me encheu de mensagens, mas não estou no humor. Estou curtindo uma fossa por causa de mulher pela primeira vez em minha vida. Começo a rir que nem maluco de mim mesmo, acho que peguei a doença da CW. Ou um vírus chamado CW...

Pego meu celular e vou aos arquivos de fotos. Tem várias dela: sorrindo, fazendo careta, posando de modelo, a de lingerie... Ótimo, estou literalmente curtindo fossa.

Meu celular acende e um número estranho está no visor. Quem será?! Atendo pensando na possibilidade de ser algo sobre John ou Verônica.

— Senhor Romaninov? — Não reconheço a voz.

— Quem quer saber? — Muito bem, estou irritado.

— Desculpe, senhor. É Oscar, da cafeteria.

— Oscar?

— Eu sei que é um homem ocupado e que não deveria ligar, mas não sei para quem ligar e...

— Oscar, fale de uma vez. — O que pode fazer o Oscar me ligar assim? Dei meu número a ele depois de muitas idas à cafeteria. Uma cortesia, caso precisasse de algo, mas ele nunca me ligou.

— É a senhorita White, senhor. — Meu coração acelera assim que escuto o nome dela.

— O que tem ela, Oscar? — Fico exasperado e começo a caminhar em direção à porta.

— Ela está aqui na cafeteria e não está muito bem.

— Estou chegando aí. — Não o deixo terminar. Deveria pedir mais informações, mas não consegui. Só tenho um pensamento, chegar até ela.

Nunca cheguei ao carro tão rápido como agora. Assim que entro acelero sem piscar. As ideias do que pode ter ocorrido me consomem. Penso no motivo de ter ligado para mim e não para os irmãos.

Chego à cafeteria quase subindo na calçada. Tem uma moto jogada na calçada e uma garrafa quebrada ao lado. Passo por ela, saltando-a. Algumas pessoas que andam ali, me olham como se eu fosse maluco. Entro procurando o Oscar. Ele está de pé, na porta do banheiro feminino. Vou até ele.

— Onde ela está? — Pergunto direto.

— Aí dentro, senhor. Eu ia ligar para um de seus irmãos, mas ela jogou o celular dentro do vaso e eu não pude... — Abro a porta e vejo uma cena deplorável. Charlie está abraçada a um dos vasos sanitários com a porta do cubículo aberta e parece ter vomitado. Ela está grávida? — O senhor me deu o número para necessidades e como vi os dois várias vezes juntos nesses últimos dias, achei...

— Esqueça as explicações, Oscar. — Eu entro no banheiro e o cheiro de álcool misturado a vômito se sobrepõe a tudo. — O que houve com você, Charlie?

— Olá. — Ela faz um gesto com a mão em minha direção, está completamente bêbada. — Diz ao Oscar para me deixar em paz — sua voz está empastada e seus movimentos lentos.

— Acho que ela tomou uma garrafa de vinho inteira — ele fala olhando para ela assustado.

— Droga. — Eu ando até ela e me abaixo em sua direção. Começo a pegá-la no colo. — Vem, vou levar você embora.

— Não, para — ela retruca e as coisas sempre podem piorar não?! Ela vomita em mim. — Olha o que me vez fazer. — Ótimo! Estou todo sujo agora e ela também. Sem chance de sair daqui assim.

— Oscar, ponha as pessoas para fora e diga que está fechando. — Dou a ordem, sério.

— Senhor, só posso fechar às dez — retruca enquanto eu estou tirando minha camisa.

— Eu pago duas vezes o valor que você lucraria ficando aberto até as dez. Diga que tem um problema elétrico — falo agora olhando para Charlie, ela está mais suja que eu. — Ande Oscar, eu pago o triplo. — Ele parece indeciso, mas vai. Retorna em pouco tempo dizendo que todos saíram. — Agora mocinha, você vem comigo. — Faço menção de pegá-la novamente.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não! Eca, você está todo sujo.

— Você também. — Não cedo. Ela não tem condição nenhuma de me impedir. Pego-a no colo.

— Você está fedendo. — Ainda tenho que aturar isso...

— Obrigado — falo por falar. Saio com ela no colo e Oscar me segue. Assim que a coloco no carro, no banco do carona, passo o cinto. Ela segura meu rosto de uma maneira estranha, apertando minhas bochechas. As mãos sujas... O que um homem não faz.

— Belos olhos — fala passando a mão de forma desajeitada em meu rosto. Eu meneio a cabeça com um sorriso irônico.

— Não precisa me seguir. — Volto-me para Oscar. — Eu entro em contato para acertar tudo assim que chegar em casa. — Ele faz um gesto afirmativo de cabeça. — Obrigado Oscar.

— Não foi nada — diz sem jeito.

Entro no carro e voou para casa. A minha, porque ela não tem chave, documento, ou qualquer bolsa que possa ter algo assim. Tiro-a do carro e entro no elevador com ela no colo. Charlie enguia e eu espero pelo pior, mas ela não vomita de novo. Acho que já saiu tudo e agradeço a Deus por isso.

Assim que entro passo pela porta, Charlie dá algumas batidas no meu rosto. Eu a encaro sério. Ela falou durante o curto percurso, o tempo todo, um monte de bobagens.

— Quanto conhecemos de uma pessoa? De verdade? — Filosofando? Perfeito. Não respondo, sigo direto para o banheiro. Coloco-a dentro da banheira e tiro o tampo do ralo.

— Fique aí, eu não demoro — digo indo até o box. Entro e começo a tirar o resto da roupa suja e ela me olha, sem desviar a atenção. Apoiando-se na borda da banheira. Um olhar tão confuso.

— E a regra sobre fotos de roupas íntimas? — pergunta lembrando o dia em que me enviou uma foto de lingerie.

— Não vamos tirar fotos — digo achando graça do pensamento dela diante da situação.

O box tem uma tarja preta no meio, evitando que eu fique completamente exposto e me limpo o máximo que posso, de forma rápida. Visto um roupão e saio. Vou até ela, me abaixo próximo à banheira e ligo a água morna.

— Vai me dar banho? — Me encara surpresa. Ela tem uma incrível capacidade de falar, mesmo bêbada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vou tentar. — Meu celular toca e eu me levanto para ir atender porque receio que seja algo ligado ao J. — Não saia daí. Ponho o tampão do ralo bem longe dela. Não quero que se afogue na banheira.

— Sim, senhor. — Ironiza batendo uma continência desajeitada.

Vou até a sala e atendo. Para minha surpresa é o Rob, seu irmão. Ao que parece, Andrea e Chae estão procurando por ela. Dizem que Kevin está preocupado porque ela ficou de encontrar com ele e não apareceu. Eu tenho certeza, nesse momento, que ele é o motivo de toda a cena. Digo que ela está comigo, Rob diz que entende, que provavelmente Kevin fez uma burrada e que vai se resolver com ele. Eu confirmo que ela está bem e que assim que puder ela retornará a ligação. Rob acha a situação toda estranha, diz que manterá contato e eu passo meu telefone fixo. Sinto em sua voz que não simpatiza mesmo com Kevin. Mais um... Não conto a ele sobre o estado deplorável dela, parte porque sei que ele faria alguma loucura e parte porque meu lado egoísta quer cuidar dela sozinho. Volto ao banheiro e quase tenho um ataque cardíaco. CW tirou toda a roupa.

— O que acha que está fazendo? — pergunto parado à porta.

— Não tomo banho de roupa — ela diz, lógica, nessa voz empastada. Acho tão estranho. CW é sempre tão tranquila e confiante, exceto quando está com raiva. Ela fica impulsiva e maluca. Acho que todas as mulheres ficam assim. — Deixa de bobagem — fala rindo. E não está exatamente tomando banho, fez foi uma bagunça enorme no banheiro. Quanto tempo eu levei ao celular? Não o suficiente para esse estrago, tenho certeza. — Ainda vai me dar banho? — Acho que Deus está me testando, só pode. Observo seu corpo com algumas marcas de arranhões e hematomas. O ódio cresce em mim em apenas imaginar o que pode ter feito todo esse estrago.

— Não acho isso muito certo — falo e ela faz menção de levantar da banheira e escorrega. — Droga. — Vou em sua direção. — Muito bem, vamos limpar você e rápido. — Evito olhar para onde não devo. — Não vou tocá-la.

— Muito certo, muito errado. — Ela ri de mim. — E você já viu muitas mulheres sem roupa — afirma me encarando. Tento pensar em outras coisas enquanto ensaboo sua pele. — Já deu banho em muitas? — Ela fecha os olhos, encostando a cabeça na borda.

— CW, isso não vem ao caso agora. — Estou me sentindo sob tortura aqui. Lavo seu cabelo como dá. Isso deve ser bem engraçado para o cara lá
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

em cima. Eu faço o possível para tocá-la o mínimo.

— Como vai me dar banho sem me tocar? — Ela começa a rir de mim, de novo. — E já está me tocando. Vai trocar minha fralda, passar talco e escovar meus dentes? — diz ainda rindo. Sou um palhaço mesmo.

— Vou — eu falo. Sei bem como é ter o gosto de vômito na boca. Isso está bem nojento.

— E vai me tocar para isso? — me provoca.

— Quis dizer que não vou me aproveitar de você. Tocar onde não devo. — Acelero o processo, antes que faça uma bobagem. Não sou um tarado, muito menos me aproveitaria de uma mulher bêbada. Não mesmo.

— Eu sei — ela fala isso e vai do riso ao choro em segundos. Inferno.

— Ok, já chega de banho. — Estendo um roupão para ela e envolvo-a nele. Ela soluça e seu corpo treme todo. As fases do álcool e sua capacidade de modificar e expor as pessoas. — Não chora — eu digo e só depois sei o quanto isso soa idiota. Ela me encara prendendo os soluços.

— Vai me secar também? — ela diz em uma voz agora que não parece mais deboche, nem de choro. Está no modo carente.

— Vou cuidar de você. — Amarro o roupão desejando intimamente que esse momento fosse outro, sem o álcool e que por vontade nossa estivéssemos os dois assim, sem roupa nessa banheira. Enxugo algumas lágrimas e pego-a no colo indo para o quarto.

— Cuidar de mim — repete como quem saboreia as palavras. — Nossas roupas estão nojentas — diz aconchegada em meu peito quando passamos pelas suas roupas que estão jogadas no chão.

— Jogarei fora.

— Vou ficar nua? — parece espantada.

— Está de roupão. — Coloco-a na cama e quando vou me afastar ela se agarra ao meu pescoço.

— Não, não quero ficar só — ela diz com o rosto enterrado na curva do meu pescoço. Está testando todos os meus limites hoje.

— Eu vou me vestir. — Começo a me afastar de novo.

— Você está de roupão — devolve agarrada a mim. Suspiro com força e então me sento na cama, encostado na cabeceira e com ela entre minhas pernas, aconchegada em meus braços, encostada sobre meu peito. — E não vai me atacar.

— Não, eu não vou — digo muito seguro das minhas palavras, apesar de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estar tenso.

— Eu sei, você dormiu em meu quarto várias vezes e nunca me atacou. — Penso naquela época, eu não sentia desejo por ela. Agora, acho que vou entrar em combustão. Ela dá um suspiro sentido.

— Por que bebeu assim? — pergunto finalmente, mudando o foco. Ela parece que não vai responder. Espero por um tempo que parece longo demais, então, ela começa a falar.

— Peguei o Kevin com outra. — Que imbecil completo. Tenho mais vontade ainda de desmembrá-lo, embora algo mau em mim fique feliz por ele ser assim. Agora está fora do meu caminho. — Eu acreditei nele todo esse tempo. Fui tão burra.

— Você não é burra — digo rígido. Ela enfia a mão pela abertura do meu roupão, na altura do meu peito. Sinto meu sangue ferver em minhas veias e lembro dela, na banheira, sem roupa alguma e do toque dos meus dedos em sua pele. Não deveria ter esse sentimento, não agora, não com ela assim tão frágil. — Ele que é um idiota — a raiva me toma.

— Eu tenho tendência a gostar dos idiotas — diz e sei que isso é para mim também. Engulo saliva chateado. — Sabe o que ele disse para ela? — Vai começar a contar o que aconteceu. Prevejo uma longa noite.

— O quê? — Não sei se quero saber, mas ela vai falar de qualquer forma. Da última vez que bebeu foi assim, falou até capotar. Ela começa a cantar Impossible, do James Arthur. Novos espasmos e soluços ganham seu corpo. Abraço-a apertado e acaricio suas costas por cima do roupão. — Charlie... Exalo com força.

— Ele... disse... que casaria comigo, e que... e que... eu seria mãe de seus filhos, mas... todas as fodas... todas... seriam com ela... — fala entalando com a própria saliva. Sinto tanta raiva dele por tê-la quebrado assim.

— Charlie... — penso em algo que possa consolá-la, mas o que poderia dizer?

— Não, Bem. Com quem mais conversaria sobre isso? Você, mais do que ninguém, entende isso — sua voz de repente assume um tom seguro. Ela me encara e passa a ponta dos dedos livres em meu rosto. — Todas as mulheres com quem sai são fodas, certo?! — ela diz encolhida em meus braços. Os dedos da mão, dentro do meu roupão, ondulam em meu peito. Noto seu rosto se contrair com uma careta de nojo e ela fita a sua aliança. — Tira isso de mim, B — ela grita. — Tira, tira, tira...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Calma, eu tiro — falo segurando a mão que ela tenta descoordenadamente arrancar do braço. — Eu vou tirar. — Eu faço.

— Joga fora... fora... — Ela pega da minha mão e joga contra a parede.

— Charlie...

— Eu nem sei foder... — ela fala com a voz carregada de tristeza e seria cômico se não fosse trágico. Eu pego seu rosto em minhas mãos.

— Olha para mim — falo duro. Provavelmente ela não lembrará nada amanhã, mas eu falo assim mesmo. — Ele é um imbecil, um desgraçado filho de uma... — me controlo. — Que se dane, ele perdeu você e vai se arrepender.

— Você casaria comigo, Ben? — A pergunta me pega de surpresa, mas a minha resposta me surpreende mais ainda.

— Sim, eu casaria — digo bem seguro das minhas palavras e eu nem transei com ela. Se meu pai me visse agora...

— Viu?! Eu sou o tipo de mulher que os homens casam, mas eles querem mesmo aquelas com quem eles fodem — diz amarga. E desvia os olhos dos meus, apoiando a testa em meu peito.

— Ei?! Se eu me casasse com você, todas as minhas fudas seriam suas — digo em um impulso tolo apertando-a em meus braços, mas o fato de que ela não se lembrará de muito, me faz mais confiante. Sou um covarde.

— Por isso que você é meu melhor amigo — devolve segura e passa os braços em torno do meu pescoço. Está em torno de mim agora, envolvendo-me em um abraço. Solta uma das mãos e volta a afagar me peito.

— Amigo — repito em um sussurro automático. E depois das coisas que falo ainda estou na “friend zone”.

— Você diria qualquer coisa para me fazer sentir bem. — Ela fecha os olhos, sonolenta. — É por isso que eu te...

Ela para de falar e pega no sono. Eu fico observando sua respiração. Aquele grande imbecil a magoou uma vez só. Se eu o encontrar, juro que vou fazê-lo em pedaços.

Lembro da Meg de novo e de cada garota que já gostou de mim. Será que alguma, alguma vez, se sentiu assim?! Espero que não. Não me agrada ser o motivo de um sofrimento assim. Sinto muito Meg. Penso com a CW em meus braços. Assim que percebo que ela adormeceu profundamente, eu a coloco com cuidado na cama. Me levanto e vou me vestir. Ponho cuecas, calças de moletom e uma camisa, volto ao quarto. Ela dorme encolhida, como um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

bebê. Lembro de John... O que eu não daria por eles. Eu estou apaixonado. E morto. Deito na cama ao seu lado e pouco tempo depois ela vem em minha direção e se agarra a mim. Eu a tenho agora em minhas mãos...

Operação “Adeus Kevin”

Acordo antes dela. Toda a agitação da noite e as confusões me deixaram cheio de adrenalina. Vou para a cozinha e começo a preparar um café caprichado. Ela precisa comer e vou garantir que coma bem. Sei que vai acordar com um humor dos diabos, com dor de cabeça e lapsos de memória.

Estou bem entretido com o que faço quando escuto um pigarrear. Ergo a cabeça e tenho a melhor visão do mundo: CW diante de mim na cozinha, de pé, descalça e de roupão, os cabelos soltos e o rosto amassado. Sorrio involuntariamente.

— Bom dia — digo feliz. Não deveria, mas que se dane o Kevin. Ele perdeu e eu estou feliz que ele seja o imbecil que é.

— Bom dia — diz envergonhada. — Eu não lembro como cheguei aqui, nem como acabei sem roupa, vestida nesse roupão. — Desvio o olhar querendo rir ainda mais. — A gente não...

— Não — me apresso em responder, tenso. — Não sou assim. — Ela acredita mesmo que eu faria algo do tipo?

— Desculpe, eu sei que não. — Parece constrangida. — Só pensei que eu poderia ter molestado você porque um de nós dois tirou minha roupa. — Eu finjo estar concentrado na bandeja, pois não quero olhar nos olhos dela agora. — Muito bem, sem conversas constrangedoras. Acho que minha cota de abusar da sua amizade já acabou faz algum tempo — sua voz parece triste e aquele magnetismo desgraçado que persegue as pessoas apaixonadas, sim eu pensei apaixonadas, me faz olhá-la. O sorriso fácil parece querer aparecer em seu rosto, mas ele não alcança os olhos. Ela está fazendo piada de si mesma. Sorrio de volta. — O que está fazendo? — pergunta indicando a bandeja.

— Arrumando o seu café — digo relaxando. — Ia levar na cama. — Ela faz uma cara estranha e então sorri por completo pela primeira vez depois de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tudo.

— Então vou voltar para lá. — Sai me deixando só com meus pensamentos. Não demoro em ir até ela e escuto o barulho do chuveiro. Acho que ela está tomando um banho de verdade agora. Eu sento na cama com a bandeja de café da manhã e espero.

— Oi, de novo. — Ela aparece sorrindo sem jeito. — Acho que eu precisava de um banho. — Seu rosto se contorce como se lembrasse de algo.

— Você está bem? — pergunto preocupado.

— Acho que sim. — Ela me olha séria. — Tirando a dor de cabeça descomunal, o embrulho no estômago e a sensação de que fiz coisas memoráveis, no sentido negativo...

— Muito bem, nada de conversas constrangedoras — sou eu quem muda o clima agora. — Hora de comer. — Aceno para o espaço na cama, próximo à comida. Ela vem e se senta, puxando as pernas para cima e começamos a comer em silêncio.

— Eu dei muito trabalho? — pergunta após engolir o que tinha na boca e eu olho para ela.

— Não — digo enchendo a minha boca.

— Mentiroso — retruca.

— Não sou não. — Ela ri.

— É sim, eu sei que está mentindo porque torce a boca de um jeito engraçado quando mente. — Me encara como se soubesse o que penso. — Sempre faz isso.

— Eu faço isso? — Aperto meus lábios.

— Faz — ela diz ficando séria e inclinando a cabeça de lado.

— Muito bem, você deu um trabalho dos infernos. — Ela me olha surpresa.

— O que fiz? — Algo passa em sua mente e se reflete em seus olhos. — Ai meu Deus! Eu tirei a roupa na rua.

— Não! — digo enérgico. — Eu não deixaria isso acontecer.

— Sei, o príncipe dos diamantes na Ferrari branca — ironiza, mas seus olhos expressam gratidão.

— Meu carro não é uma Ferrari.

Me sinto meio esquisito com a forma como me olha. Não quero gratidão, muito menos aproveitar de um momento de fraqueza dela. Sei que uma mulher nessa situação seria facilmente seduzida, mas eu não sou assim, não
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sou o tipo que se aproveita. Tenho mulheres fáceis, mas que sabem o que querem. E é a Charlie que eu quero, não quero uma transa aleatória.

— Só vomitou em mim — digo mudando o rumo dos meus pensamentos. Ela fica rubra.

— Eu fiz isso? — leva as mãos à boca, espantada. — Meu Deus! — Esconde o rosto com as mãos.

— Fez, mas como vomitou em você mesma também, acho que estamos quites. — Tiro as mãos do seu rosto e as seguro nas minhas. — Não foi a melhor noite da minha vida, mas eu tirei umas fotos e filmei para pôr no Instagram, Youtube, essas coisas... — Eu sorrio e ela me empurra.

— Ben! Não é legal zombar da fraqueza das pessoas.

— Que posso fazer, não sou legal — digo contendo o riso, sem obter êxito. — Desculpe.

— Esquece, você cuidou de mim — ela fala ficando séria de novo. — Pela segunda vez em minha vida que tomei um porre, você cuidou de mim. — Sei que está lembrando a época da faculdade. — Não recorro de muito sobre ontem, apenas de ter visto o meu noivo agarrado a outra.

— Não precisa lembrar disso — desconverso. A ira que senti por ele magoá-la retorna, mas não quero perder tempo com “Kevin”. Penso na Amy, na Meg... acho que todo cara que tem irmã mulher e que gosta dela um pouco que seja entende meu sentimento. Uma coisa é ser da vida, sem compromisso, sem laços, outra bem diferente é fingir ser o que não é.

— Eu soquei ele — diz em um tom de raiva que não me lembro de ter ouvido em sua voz antes. Nem quando parecia me odiar. — Do jeito que o Rob me ensinou. Sei que fiz um estrago na cara dele.

— Espero que sim. — E espero mesmo.

— E levei a moto dele. — A moto? — Espero que eu tenha jogado ela no lixo. Não lembro onde deixei. — Espera, aquela moto na frente da cafeteria?!

— Me diga que não bebeu e foi pilotar uma moto — falo bastante sério agora.

— Eu fiz isso, fugi com a moto dele — diz olhando para as próprias mãos.

— Você poderia ter morrido. — A dor que esse pensamento causa me assusta. Eu poderia tê-la perdido?

— Eu queria ter morrido — fala tão certa... Eu tomo sua mão na minha e seguro seu queixo forçando-a a me encarar.

— Nunca mais diga isso. — Olho-a direto nos olhos. — Me prometa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Obrigada por cuidar de mim, B — ela fala triste.

— Mas que droga, CW! Prometa. — Insisto. Ela parece pensar em meu pedido.

— Eu prometo — fala com os olhos ainda nos meus e isso me causa um alívio extremo. — Sabe que eu até... — Meu celular toca quebrando o momento e eu atendo.

— Oi, Dona Clarisse — digo carinhoso. — Droga! — Largo a imprecisão ao escutar bronca sobre o almoço de hoje. — Mãe, eu juro que não lembrava. — Um almoço na casa de meus pais com um monte de sócios, investidores e parentes. O nosso negócio sempre foi algo que envolveu a família. Cada um em um seguimento: extração, comércio, avalistas, designers, etc. — Eu... desculpe, mãe. Eu não vou faltar, só atrasar. — Encerro a ligação com a promessa de não faltar.

— Problemas?

— Um almoço de negócios na casa de meus pais. — Ela franze a testa. — Depois da doença dele, esse vai ser o primeiro encontro com sócios e investidores. Ele gosta de fazer negócios de uma forma que parece familiar, diz que dá segurança, confiança...

— Não quero te atrapalhar — ela fala apertando os lábios. Já deve ter perdido boa parte do trabalho essa manhã por ter ficado comigo. — Olho o relógio e já está bem tarde mesmo. — Você não tem culpa da minha burrice.

— Não importa meu trabalho, sou o chefe, lembra? — Me aproximo e ergo seu queixo para que me olhe. Ela parece tão frágil e a ideia de que talvez ela realmente ame aquele imbecil me faz sentir um buraco no estômago.

— Importa, é o seu trabalho — ela retruca. — E eu não estou doente, só tomei um corno digno de novela mexicana, não vou morrer por isso.

— E você não é burra. Maluca sim, burra não. — Um sorriso começa a aparecer em seus lábios e espero até que ele alcance seus olhos.

— Maluca é aceitável — diz, parecendo feliz. — Pessoas com QI obsceno são malucas, geralmente. — Ela parece pensar algo. — Eu falei muita bobagem?!

— Defina muitas — digo provocando e ela joga migalhas em mim.

— Ben! — insiste.

— Algumas. Não quer que eu lembre todas, quer?! — desconverso e desvio o rosto indo até o closet procurando algo.

— Não, não quero que lembre. — Suspira e eu me controlo para não olhá-
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

la. — Você é um amigo incrível. — Amigo! Muito bem, Ben. Você precisa dar um tempo a ela para digerir tudo e então você poderá chacoalhá-la até que esqueça essa palavra odiosa.

— Ajudar não dói — ironizo e sinto algo bater contra minhas costas e me viro. Um travesseiro.

— Eu falo sério. Obrigada. — Ela me olha como se fosse falar algo mais.

— Só fazendo um bem para a sociedade e resgatando uma maluca.

— Idiota — ela diz sorrindo e eu me aproximo sentando em sua frente. Ela ergue a mão e acaricia meu rosto.

— Ainda se sente muito mal? — pergunto sentindo o calor de sua pele em meu rosto. Poderia esquecer minhas regras morais agora e os meus pais, não?! Dona Clarisse e o grande Dimitri não fariam nada além do comum, me dar uma bela bronca.

— Não, só uma ressaca moral por ter te dado trabalho. — Sou eu quem afaga o rosto dela agora.

— Só prometa ficar longe de motos e vinhos - falo sério sem soltar seu rosto. Meus olhos em conflito sobre olhar os dela ou fixar em seus lábios. Como eu quero beijar essa boca de novo.

— Juro pelos meus sobrinhos. — Eu sorrio porque me lembro dos meus duendes. Ela me falou que tem três, mas já grandinhos, andando e falando.

— Além da ressaca moral, sente algo mais? — Continuo preocupado. Ela sempre foi do tipo que reage rápido. Me lembro da faculdade e de todos os trotes pelos quais passou, mas nada disso se compara a uma traição. Ainda mais se pegar o traidor no flagra. E esse olhar triste que ela mantém apesar do riso, preocupa-me.

— Eu vou sobreviver, seu magnífico café da manhã me recarregou cinquenta por cento. — Ela força um sorriso e decido levar adiante.

— Assim está melhor. — Suspiro lentamente. — Vem comigo?

— Para a casa de seus pais? — Confirmo com um gesto de cabeça. — Ben, eu não acho uma boa ideia.

— Por que não? — sei exatamente o que ela está pensando, mas farei tal como ela. Fingirei não perceber as outras intenções que pairam sobre nós.

— Essas pessoas todas, essa coisa chique e refinada não é minha área. — Se esquia incomodada. Vai usar a desculpa do dinheiro em excesso.

— Vai ser bom para você. Pessoas diferentes, outras coisas em que pensar...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ben, eu estou confusa e não quero... — me interrompe ponderando algo. — Preciso de tempo para...

— Para curtir fossa por um canalha? — vou em cima e ela me encara magoada. — Ele não merece. E sua presença vai deixar meu pai mais sociável.

— Eu...

— Você ainda pode rir deles com suas roupas formais e meu pai, o grande Dimitri, falando algumas coisas em russo — faço um pouco de pressão. — Vai me ajudar? — Não deveria, mas cobro. — Amigos se ajudam.

— Está fazendo chantagem? Pensei que fosse um dos mocinhos.

— Funciona? — Faço como ela que cruza os braços. — E não, nada de mocinho. Sou bem malvado. — Ficamos sérios e ela então solta uma sonora gargalhada. Como amo esse som. Amo?! Droga, amo demais. — Eu falei que não era legal.

— Você é um grande idiota. — Ela está de volta, pega a xícara na bandeja, mas a põe de volta sem beber.

— Sempre. Agora mexa-se daí. Hoje é dia de pensar na vida alheia, esqueça a sua e seus problemas e venha ver o meu mundo. — Ela me encara com uma expressão de dúvida.

— Não posso ir almoçar com seus pais usando um roupão atoalhado.

— Eu tenho um de seda. — Brinco erguendo as sobrancelhas repetidas vezes. Ela revira os olhos. — Passaremos em sua casa e não aceito desculpas — digo indo em direção à porta. — Eu vou me arrumar e você vai adorar aquelas pessoas chiques — ironizo e ela se joga de costas contra a cama.

— Você vai falar russo também? — brinca.

— Uma palavra ou duas.

— Preciso avisar a Suzy. Ela estava comigo na hora que... — para de falar.

— Sabe o número dela de cor? — CW afirma com um gesto de cabeça. — Ligue daqui. — Indico um telefone na mesa de cabeceira. Ela sorri para mim e eu viro as costas me concentrando em procurar algo para vestir.

— B? — me chama e eu me viro com as roupas nas mãos. — Pensei que não levava garotas à casa de seus pais — me provoca.

— Você é a única exceção. — Vou fazê-la pensar apenas em mim. Usarei todos os artifícios que tenho nessa jogada e o Kevin vai ser apenas um passado bem distante. Essa é minha chance e não vou perder, ah, não vou
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

não!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Pais e filhos

Levo Charlie em casa para trocar de roupa e assim que chegamos tem uma morena com formas avantajadas na porta. Ela parece preocupada e nos encara séria. Charlie desce de roupão e a expressão da garota parece se contorcer toda. A impressão que tenho é que vai virar do avesso. Quando eu desço, ela parece perder a cor. Não sabia que causava esse efeito nas mulheres.

— Lie, eu fiquei louca atrás de você sabia?! — Ela vem em nossa direção e abraça a Charlie. Usa o mesmo apelido que o Rob.

— Estou viva e inteira — CW responde sorrindo. Ela sempre sorri.

— Estou vendo, mas sabe o que pensei quando vi você naquela moto?! — Ficamos todos em silêncio.

— Foi uma burrada, eu sei.

— Nunca mais faça isso. — A amiga a chacoalha tanto que parece que vai vira-la do avesso.

— Su, para. Vai quebrar o que não quebrei ontem — Charlie faz troça.

— E devia mesmo. — Elas se abraçam. Eu pigarreio.

— Ah, esse é o Ben. — CW me apresenta.

— Oi, garotão. — ela me olha de cima a baixo. — Então você é coisa fina. — Ela ri de mim e eu não tenho outra saída a não ser rir também. Amiga da CW é maluca. Poderia ser diferente? Não.

— Não zoa, Su. Ele não é metido. — Charlie me defende.

— Sei. — A tal Suzy parece não acreditar muito nisso. — E você vai ficar de roupão o dia todo? — Vejo CW mudar de cor e olhar para os pés. — Aqui, sua bolsa e suas chaves devem estar aí. — A amiga entrega as coisas dela, entramos e logo elas estão no quarto e eu na sala esperando.

Quando retornam, CW veste algo bem estranho para o guarda-roupa dela. Tem algo como insegurança em seu semblante, mas não vou recuar agora. Ela me dá um sorriso torto e sei que o manual das mulheres diria espere, mas

o dos homens diz avance. Não vou atacá-la, mas não vou recuar. Não tem mais Kevin e ela não está correndo de mim, então...

— Não sei se está bom, eu deveri... — começa tensa.

— Parar de pensar — corto. — Quem está sendo a senhora certinha agora? — Franze a testa me encarando. — Vamos lá, é só um almoço com pessoas velhas e que falam estranho — brinco e estendo a mão para ela. Suzy me olha torto. CW aceita minha mão e quando estamos entrando no carro, Suzy me chama.

— Ei, lorde?! Eu sou lutadora de MMA. — Ergo as sobrancelhas porque acho que acabei de ser ameaçado por ela.

— Sim, senhora. — Entramos no carro rumo à casa dos meus pais e Charlie ri de mim e da Suzy.

— Ela é forte — me provoca.

— Eu percebi. — Olho de soslaio para ela. Por mais que ria com frequência, vez ou outra tem um olhar triste. Penso se serei o suficiente para fazer os olhos dela voltarem a brilhar como antes.

...

Chegamos e somos logo recebidos pela dona Clarisse. Ela vem em nossa direção com um sorriso enorme no rosto. Minha mãe casou jovem e logo teve filhos. Sofreu com um marido que trabalhava compulsivamente, com os traumas que a filha passou, teve tudo para ser uma dondoca amarga e intragável, mas não. Ainda mais depois que voltou a estreitar os laços com a Amy. Ela sorri radiante.

— Meu filho, isso são horas? Quase meio-dia — fala enquanto me abraça apertado. — Seu pai vai falar horrores e você terá que ouvir tudo em silêncio. Lembre-se do coração dele. E por que não vestiu a blusa que lhe dei semana passada? Aquela azul? Você fica lindo de azul. — Minha mãe começa sua incursão por minha roupa, meus cabelos, afaga meu rosto, limpa um cisco invisível. — E esse corte de cabelo? Muito moderno ou você esqueceu de ir ao cabeleireiro? - E lá vamos nós. Eu escuto um riso preso e sei bem de quem é.

— Mãe, por favor! — Eu seguro as mãos dela nas minhas. — Agora que já fez seu papel de mãe que envergonha o filho terrivelmente, pode me deixar apresentá-la à Charlie?! — falo beijando as costas de suas mãos. — Minha

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

amiga. - Ergo uma mão na direção de CW para que se aproxime.

— Ah, oi. — Dona Clarisse se volta para minha “amiga”. — Desculpe-me querida. Não quis ser mal educada, quando for mãe entenderá. — Vejo o sorriso de CW morrer no meio do caminho. — Clarisse Romaninov. — Minha mãe vai até ela e faz um afago em seu rosto. — Então são amigos. — É uma afirmação, mas bem poderia ser uma pergunta.

— Somos — Charlie fala com uma expressão estranha. Acho que se pudesse correria daqui. — E eu que pensei que só tinha como amigos os garotos. — Ela se refere aos palhaços que me acompanham sempre, mas nem mortos viriam a um almoço assim na casa de meus pais. Embora ache que Drake viria sim.

— Sou menina. — Charlie brinca e dona Clarisse sorri. Aquele sorriso incrível que a Amy tem igualzinho e que Liam fez voltar ao rosto de minha irmã.

— Com certeza que é. — Minha mãe me encara com um ar sagaz. — É uma linda moça, meu filho. Fiquem à vontade. Avisarei ao seu pai que você chegou. — Ela sai e ficamos os dois em um silêncio estranho.

— Desculpe por minha mãe. Ela consegue fazer a gente parecer nu, mesmo estando de roupas. — Eu tento descontraír e vejo Charlie corar.

— Depois de ontem, parecer nua não é um problema tão grave assim. — Sei ao que ela está se referindo. — Então, tudo bem, não sei como poderia estar mais constrangida do que já estou. — Ela está claramente se referindo ao “banho” que dei nela. Algo estranho passa por seus olhos e penso o quanto ela se lembra do seu comportamento como bêbada.

— Não seja boba — falo ficando de frente para ela e bem próximo. — O ontem já foi. Esqueça. — Ela parece que vai sorrir, mas seu rosto se contrai em algo como uma careta. — O agora é o que importa.

— Sim senhor, B. O agora é sempre o que importa para você. — Isso foi uma crítica?! Fico na dúvida, mas ignoro. Pego sua mão e noto que está gelada. Ela tenta parecer forte, mas sei o que essas pessoas a fazem lembrar.

— Então, senhora C, vamos enfrentar os leões. — Ela ri de verdade agora. — E olha que nem conheceu meu pai ainda.

— Ei, Benji. — Escuto uma irritante voz conhecida. — Quanto tempo! — Meu primo chato.

— Oi, Ivan — falo tenso, mas ele nem está mais interessado em mim. Seus olhos estão presos na CW.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Olá. — Ele estende a mão para ela. — Não sabia que estava namorando. — CW pega a mão estendida. — Ivan Romaninov ao seu dispor. — Que imbecil.

— Não somos namorados — falo sério.

— Melhor para mim. — Ele sorri como o imbecil que é. — Qual o seu nome princesa?

— Charlie White, princesa da “nadônia” — CW diz fazendo uma reverência.

— Inteligente e com senso de humor — Ivan devolve. — Gostei dela.

— Já percebi, agora largue a mão dela. Charlie precisa das duas mãos — eu falo separando o ponto de contato entre os dois e mantenho a mão de Charlie na minha.

— Muito bem. — Ele me dá aquele sorriso irritante de quem acha que sabe muito de tudo. Nesse momento desvio meu olhar dele e acabo dando de cara com meu pai, que me faz um sinal para ir até ele.

— Eu tenho que ir, Ivan — digo e sei que não é uma boa ideia levar Charlie comigo para uma conversa onde irei ouvir um longo sermão de meu pai. — Vamos. — Eu vou deixá-la em outra companhia que não a dele. Ela me segue em silêncio e quando paro a meio caminho de meu pai e a encaro, tem um sorriso engraçado no rosto.

— Por que não gosta dele? — me pergunta de cara.

— Quem disse que não gosto? — retruco.

— A forma como seu humor mudou absurdamente. — Ela aperta a mão na minha e eu já nem percebia que tinha sua mão cativa.

— Desculpe a cena, mas ele é um imbecil. — Exalo ar entre os dentes. — Vamos esquecer o Ivan? — Ela ergue as sobancelhas e vejo meu pai vindo em nossa direção. — Eu volto logo. — Faz uma cara surpresa e eu solto sua mão indo até o grande Dimitri.

— Pai — digo assim que o alcanço.

— Nada de pai. Não respondeu nenhum dos meus e-mails, não marcou as reuniões que mandei e ainda chegou atrasado. — Ótimo, lá vamos nós.

— Pai, eu...

— No escritório, Benjamin. Agora.

Ele sai me deixando com cara de parvo. Não tenho outro meio a não ser segui-lo. Assim que entramos ele começa:

— Já chega dessa inconsequência toda, garoto. — Garoto? — Você já
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

passou dos trinta e não mais nada para poder desperdiçar em sua vida. Agora o relógio corre contra você.

— Do que exatamente estamos falando? — Eu realmente me perdi aqui.

— Do fato de ser um garotão de mais de trinta anos, farrista, sem responsabilidades, compromissos, maturidade... - ele começa a enumerar tudo que não aprova em minha vida. — Não se compromete com nada de verdade. Parece viver eternamente entediado... — a mesma lengalenga de todas. — Eu estou farto de tudo isso. A nossa empresa não pode ter uma imagem de um rapagão durak*. — A crítica em russo só piora as coisas. — Você tem que ter algo mais que seks* em sua mente. Ou então arranje uma esposa e faça isso com ela me dando netos. Veja o Ivan. Aos vinte e nove anos já fez muito, até casou e é uma pena que sua esposa faleceu em uma acidente de carro, mas mesmo sendo mais jovem que você, não vive de bar em bar, de cama em cama.

— Já chega — altero minha voz ao ouvir os elogios ao Ivan. Essa comparação me irrita profundamente. — Acho que ficaria mais feliz se ele fosse seu filho e não eu.

Nunca briguei assim com meu pai, mas essas comparações absurdas me tiraram do sério. Ivan é um idiota que casou cedo e vivia brigando com a esposa. Outra desequilibrada que bebeu e saiu dirigindo. No fim, ela perdeu a vida e o Ivan pouco se importou, mas o teatro que faz para meu pai convence. E como meu histórico é péssimo, nunca terei razão em nada. Não tenho crédito algum. Queria gritar tudo isso para ele, só que lembro de sua doença de coração e as palavras ficam entaladas em mim enquanto nos encaramos. Eu irritado, ele decepcionado.

— Quando vai crescer, Benjamin? — ele diz sentando-se na poltrona atrás da mesa.

— Pai, eu cresci. — Poderia dizer a ele tudo que fiz. Falar do instituto, de como não faço noitadas há dias, de...

— Não, não cresceu — ele me corta. — Até sua irmã que passou por tudo aquilo já refez a vida dela e não tem nem vinte e seis anos ainda. — Para mim chega. Falar da Amy já é demais.

— Quer saber, cansei. — Eu vou em direção à porta. — Não vim aqui para ouvir essa enxurrada de críticas. Pensei que queria negociar com os homens lá fora.

— Os homens lá fora são o motivo dessa conversa. Críticas como diz. —
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele levanta e soca a mesa. — Querem uma figura séria à frente da empresa. Dinheiro não é uma fonte inesgotável. Você tem que manter, solidificar, que...

— Eles pediram que me deponha?! — Querem me tomar a presidência?

— É uma das condições primárias para muitos deles. — Fico encarando-o. Estou sendo movido como uma peça de jogo. — E estou inclinado a aceitar. Ivan até se ofereceu para me apoiar...

— Ótimo. — Não quero mais saber. — Dê o cargo ao Ivan. — Saio e deixo meu pai sozinho com seus ideais antiquados e distorcidos.

Meus passos parecem querer furar o chão. Assim que volto para as pessoas “distintas” lá fora, dou de cara com uma cena que vai coroar meu dia. Charlie está sentada, toda sorrisos para o Ivan que estende para ela uma taça de vinho. Ela é louca ou quer me enlouquecer de vez? Acelero o passo e chego a tempo, antes que ela encoste a taça na boca. Puxo-a sem nenhuma educação.

Tensão

— Que merda acha que está fazendo? — falo irritado pela atitude auto destrutiva dela, que me encara espantada. Estamos em um canto da sala de recepção.

— Eu estava bebendo... — ela começa tensa.

— Calma aí, Benji. — Ivan põe uma mão em meu peito. As pessoas à nossa volta estão tão cheias de si que nem percebem o que acontece aqui.

— Cai fora, Ivan. — Eu o empurro. — Já conseguiu o que queria. — Me volto para CW. — E você? Não basta ontem e toda aquela cena?

— Que cena? — Ivan! Será que ele não entende quando não é bem-vindo?!

— Nenhuma — ela fala zangada e sai me deixando sem respostas. Atravessa a porta em direção à rua, eu vou atrás e agradeço aos céus que Ivan não veio junto.

— Ei? Não vai fugir. — Seguro-a pelo braço fazendo-a me encarar na entrada da casa. Estamos apenas nós dois.

— Me solta! — Ela puxa o braço e eu ergo as mãos no ar.

— Você não pode fazer uma burrada assim e achar que vou ficar sentado assistindo.

— Burrada? — Ela fecha os olhos com força e vira o rosto para o alto, puxando ar. — Que burrada eu fiz agora? — Volta a me encarar cruzando os braços.

— O vinho — falo como se ela fosse louca.

— Era suco de uva, seu idiota — devolve com raiva e continua andando até o carro. — Eu quero ir embora.

— Droga! — Esfrego meu rosto freneticamente. — Charlie, desculpa, eu achei...

— Muito bem, eu pego um táxi. — Ela faz menção de sair e eu a puxo, trazendo-a de encontro ao peito, então a envolvo em um abraço apertado.

— Me solta — ela resmunga.

— Não até você me desculpar — eu insisto.

— Isso é bem infantil — fala com o rosto contra meu peito, mas não tenta se afastar.

— Eu sei, acho que hoje eu sou a criança da festa — digo lembrando do meu pai. Ela ergue a cabeça.

— Criança? — pergunta me fitando, séria.

— É uma longa história. — Seus olhos não deixam os meus. — Envolve meu pai, dinheiro e sermão.

— Então está descontando em mim a sua irritação por discutir com seu pai? — Seus braços até então soltos ao lado do corpo, envolvem-me a cintura.

— Desculpa, eu achei que era vinho... — falo afrouxando o aperto e subindo minhas mãos em suas costas até sua nuca. Massageio as laterais do seu pescoço e ela aperta as pontas dos dedos nas minhas costas, mas aproveita o espaço e afasta seu corpo do meu um pouco.

— Suco de uva — afirma. Seus olhos nos meus e seus lábios estão tão próximos que quase posso sentir o gosto deles.

— Perdoe-me — suplico.

— Foi uma bronca muito pesada? — Franzo a testa para essa pergunta.

— Vai tirar a empresa de mim e dar ao Ivan. — Ela ergue as sobrancelhas e Deus sabe porque entreguei assim tão fácil.

— Por que? — Volta a colar seu corpo com o meu.

— Porque eu sou inadequado — digo em um tom irônico e ela faz a última coisa que eu esperava. Ri. Uma daquelas gargalhadas que eu adoro, mas não agora. — Obrigado por tripudiar em cima de um homem ferido. — Abro os braços como quem a deixa livre, mas ela não me solta. Traz suas mãos para meu peito e leva-as para meu rosto, envolvendo-me entre elas.

— Pais são complicados às vezes — fala como se fosse a descoberta da pólvora. — A forma como nos colocam em nossos lugares de criança...

Ela aproxima seu rosto do meu lentamente e se ergue na ponta dos pés, inclinando seu corpo, apoiando o peso em mim. Seguro-a pelos quadris e espero sua aproximação como quem espera a cura do câncer. Meu coração bate a galope. Ela encosta seus lábios nos meus e pela primeira vez eu não
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

retribuo um beijo de imediato. Eu congelo. De todas as vezes que imaginei isso, porque sim, eu imaginei, não esperava aqui, agora, tão rápido. Não depois do que aconteceu da última vez que nos beijamos.

Sinto seus lábios macios contra os meus e como se tivesse recebido uma injeção de adrenalina, todo meu corpo começa a reagir a ela. Minhas mãos apertam sua cintura e trazem seu corpo mais colado possível ao meu. Nossas bocas se devoram sem controle, como se algo em nós tivesse sido contido por um tempo excessivo. Ela segura minha nuca e eu subo uma mão por suas costas afundando meus dedos em seus cabelos e aprofundando ainda mais o nosso beijo. Nossas línguas dançam freneticamente. A falta de controle aqui é tamanha que pouco nos importa onde estamos e que alguém nos possa ver. Então ela quebra o contato. No mesmo instante ergo minhas mão no alto em um ato de rendição que se tornou frequente entre nós. Olho-a esperando uma reação louca, medo, pavor, que corra...

— Desculpe. — Ela está me pedindo desculpas? É a segunda vez que me pede desculpa por me beijar.

— Você quer me enlouquecer, só pode — falo rindo de mim mesmo, com as mãos na cintura e olhando para o chão.

— Não — ela fala numa voz quase sussurrada. Estamos os dois com a respiração alterada. — Eu estou confusa e não quero...

— Não — sou eu quem interrompe agora. Ponho uma mão sobre seus lábios. Estamos mantendo uma distância segura. — A culpa não é de sua confusão. — E com certeza não é. As coisas entre a gente são tão naturais e intensas que não podem ser assim apenas por ela estar confusa.

— Ben? — minha mãe grita e olho em sua direção. — Não acredito que você e seu pai não vão acabar com isso nunca. — Dona Clarisse vem em nossa direção e essa conversa deve ser adiada. — Vamos voltar meu filho. Vocês precisam conversar como pai e filho e se entender.

— Acho que o grande Dimitri já escolheu seu filho — digo seco. Abraço minha mãe e beijo o topo da sua cabeça.

— Ben, você é o nosso filho e não tem outro — ela começa. — Seu pai apenas admira o Ivan.

— Eu preciso ir mãe — interrompo e que se dane o Ivan. — Não quero ser o causador de um enfarte em meu próprio pai. Eu te amo. — Vejo o olhar de tristeza de minha mãe e me amaldiçoo por isso, mas preciso de espaço agora. — Vem — digo puxando CW pela mão.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Tchau, senhora Clarisse — ela fala com minha mãe por sobre seu ombro.

— Tchau querida e cuide dele para mim. — Escuto minha mãe e penso na ironia disso tudo. CW cuidando de mim? Quem vai ter um enfarte sou eu...

Entramos no carro em silêncio e seguimos na estrada. Em pouco tempo estamos em frente à sua casa e ela ainda não disse nada. Ficamos parados, sentados dentro do carro, como se qualquer movimento fosse fazer a bomba atômica aqui conosco explodir.

— Então tem problemas sérios com seu pai? — ela começa.

— Não é sobre isso que temos que conversar. — Ela volta-se em minha direção e me encara surpresa.

— E sobre o que temos que conversar?

— Sobre o beijo? — Seus olhos se abrem ao máximo. — Os dois na verdade e também sobre os pedidos de desculpas...

— Ben! — ela me interrompe. Então afunda o rosto nas mãos. — Eu estou tão confusa.

— Não vem com essa Charlie — eu digo duro. — Qualquer coisa, menos essa desculpa ridícula de que...

— Eu sou ridícula — me interrompe de novo. — Olha, eu estou confusa sim. Desde que reencontrei você é tudo tão estranho e... — ela suspira com força. — Minha vida era toda certinha e em dias encontro você, seus problemas, seu mundo...

— Eu sou o problema então? — digo irritado. — A culpa agora do mundo ser como é também é minha? — exagero.

— Não! — diz enfática. — Você não entende e nem eu consigo explicar. — Volta a me encarar e ficamos os dois em uma batalha muda por alguns segundos. — Não quero confundir as coisas, não quero entrar em algo por impulso.

— Está me dizendo que isso não é real? Isso que acontece entre nós quando estamos próximos, quando nós nos tocamos... — digo fazendo menção de segurar sua mão, mas ela a puxa contra o peito. Está fugindo de mim e eu estou de saco cheio. — Muito bem, quer fazer desse jeito, faça. Quer fingir que não é nada, quer chamar de perfeita a vida que tinha com aquele imbecil? — Vejo a mágoa marcar seu semblante. — Quer fugir de mim, então faça isso, escute sua cabeça incrivelmente inteligente, use a lógica e faça quantos cálculos precisar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ben...

— Não. — Sou eu quem esquiva do toque dela agora. — Eu preciso ir, estou cansado. — Percebo que sua expressão cai. Inferno, não estou cansado dela. Estou irritado porque ela está dando uma de burra!

— Entendo — ela diz em um tom triste. Entende uma ova. — Tchau, Ben e obrigada por cuidar de mim. — Isso está me matando. Como eu queria não ter escrúpulo algum e seguir meu impulso de sacudi-la até que ela raciocine normalmente.

— Adeus! — digo com raiva assim que ela desce do carro e acelero.

Chego em casa voando. Subo para o meu apartamento sentindo-me queimar por dentro. Estou frustrado, irritado, excitado... Espera! Droga, eu estou irritavelmente excitado. É uma merda mesmo. Alguém como eu que nunca fez um esforço para ter a mulher que quis, agora quero uma que é completamente maluca. Vou direto para o banheiro, ponho o chuveiro no frio e assim que tiro a roupa, entro de cabeça. Alguns minutos são suficientes para começar a pensar com clareza. Ao menos acho que estou pensando assim.

Saio do chuveiro e meu celular toca. Atendo.

— E então, marrento?! — É Meg.

— Oi — digo, seco.

— Oi nada. Sua mãe me ligou. — Ela parece rir. — Levando uma amiga na casa da família, brigando com seu pai, fugindo...

— Ótimo, ela não ligou para Amy também? — digo irritado.

— Ligou, mas Amy não atendeu. Expliquei que ela está arrumando as coisas do batizado triplo e não deve ter visto.

— Batizado?

— Sim, dos seus sobrinhos — ela fala, lógica. — Se você lesse seus e-mails pessoais com mais frequência saberia.

— Eu vou olhar — falo de forma vaga.

— Vai ficar bem?

— Estou em casa e vou ficar bem. — Suspiro lentamente. — Se a dona Clarisse ligar diga que eu não destruí meu celular. — Meg ri.

— Ela só quis contornar as coisas. Disse que saiu às pressas, dirigindo irritado. — Parece pensar em algo, então continua. — São seus pais Ben, só querem o melhor para você.

— Claro. — Agora que ela é mãe ela entende esse sentimento de pais e filhos, loucos e compulsivos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Pare de pensar bobagens. Você e seu pai sempre se deram muito bem, qual o problema agora? — diz como quem lê meus pensamentos.

— Ele quer que eu case e tenha filhos, Meg. — digo pensando em todas as implicações que isso traz.

— Você foi muito bem com o quesito filho. Seu treino com o filho da Verônica pareceu satisfatório. — Ótimo, Meg me dando conselhos de como ser família.

— Claro, agora eu vou arranjar uma esposa pra treinar mais — digo irônico.

— E eu vou voltar ao mundo das mães. — Ri de novo. — E se cuida príncipe dos diamantes, você vai resolver isso, eu sei.

— Vou cuidar, Meg.

Assim que desligo, o celular toca de novo. Drake.

— Oi, brocha? — Não estou com humor para brincadeiras.

— Fala logo.

— A moça tá irritada. — Mais brincadeiras idiotas.

— Se não falar logo o que quer vou desligar, Drake.

— Ok, calma — assume um tom sério. — Verônica não morreu. — Isso é uma notícia boa? Ok, estou sendo mórbido. — Teve alta do hospital e a família a internou. Reabilitação sigilosa, estão contendo a mídia. Principalmente porque faz tempo que ela não estava muito no auge.

— Entendo. — Penso no J e na mãe que tem... Meus pensamentos voltam para Charlie. Mulher confusa!

— Bom, era só isso — ele fala com sua voz relaxada de sempre. — Que tal pizza e cervejas?

— Hoje não.

— Muito bem, se mudar de ideia, avise.

— Pode deixar.

Encerramos a ligação e me sento no sofá da sala. Um filme dos últimos acontecimentos passa em minha mente.

Talvez eu tenha pegado pesado com Charlie. Eu estava apenas sendo eu, o egoísta idiota. Ela acabou de ver o cara que ela achava que ia casar com outra e eu já estou cobrando um passo novo para ela. Claro que ela está completamente errada, mas achava que estava certa... Vai ver estão certos quando dizem que homens só pensam com a cabeça de baixo, justamente a que não tem cérebro. Que se dane! A última coisa que quero agora é pensar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu vou perder a empresa para o imbecil do Ivan, o instituto vai ficar à mercê dos bens que tenho, enquanto durarem, estou interessado em uma mulher maluca e meu pai me acha uma criança sem senso de responsabilidade.

É Benjamin, sua cota de sorte nessa vida acabou.

De onde menos se espera vem o melhor conselho...

Os dias passam como se voassem. Charlie não me procurou depois da cena na casa de meus pais e eu também não fui até ela. Estamos sendo orgulhosos? Talvez. Eu não quero dar o braço a torcer e ela parece que também não. Apesar disso, olho o celular e chego os e-mails a cada dez minutos.

Afundi-me em trabalho para esquecer toda a tensão e até agora nada da notificação de que fui afastado do cargo. Não sei o que estão esperando, mas sei que Ivan ainda não saiu da cidade. Sempre me dei bem com meu pai. Na verdade, nossa relação nunca foi menos que ótima, mesmo com as coisas que aconteceram com Amy, mas agora ele invocou com essa de casar e filhos...

— Senhor Romaninov? — A voz de Eleanor me tira dos devaneios e eu fito sua expressão preocupada diante de mim.

— Oi, Eleanor — falo ajeitando-me na cadeira.

— Sua mãe ligou três vezes essa manhã e pediu que retorne. — Ela põe algumas pastas sobre a mesa. — Os relatórios que seu pai solicitou estão aqui, revisados, basta assinar. Uma mulher ligou também, mas não deixou contato ou recado. — Uma mulher? Será que foi Charlie? Pego as pastas, abro e começo a assinar. — Ligou de um telefone público. — Não foi CW.

— Como está a agenda da tarde?

— Praticamente livre. O diretor do Instituto ligou, solicitou uma visita sua, senhor. — Mais problemas? Esses, com certeza, saberei resolver.

— Certo, irei após o almoço. — Assino mais alguns papéis.

— Se precisar estarei na minha mesa. — Ela sai me deixando com meus pensamentos.

Assino todos os documentos e ligo para dona Clarisse. Ela atende ao
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

primeiro toque.

— Meu filho, bom dia. — Escutar a voz de minha mãe sempre provoca algo em mim, como uma sensação de que as coisas vão se acertar.

— Bom dia, dona Clarisse.

— Parece cansado — ela diz preocupada. — Já falou com seu pai?

— Estou bem mãe. E já respondi aos e-mails dele — digo sério.

— Vocês sempre se deram tão bem. É tão ruim assim o que ele pede a você meu filho? — Que eu me case e tenha filhos?! Na verdade não, não agora...

— Mãe, eu nem tenho uma namorada. Meu pai precisa saber que não existem vitrines de mulheres com preços legais para casar e ter filhos — soa irônico.

— Benjamin, não fale assim! — me repreende. — Seu pai jamais iria pedir isso. Ele só quer que você se acerte, que tenha uma família...

— Eu tenho vocês — corto.

— Não é bem assim, querido... e você sabe. — ela suspira. — E estamos velhos, não viveremos para sempre, ele só quer que você...

— Mãe? — interrompo.

— Oi, querido — sua voz é ansiosa.

— Eu vou sobreviver — digo encerrando o assunto. — Eu te amo, dona Clarisse e também amo aquele velho turrão com quem se casou. — Ela ri.

— Então já sei a quem você puxou. Também te amo, querido. — Ficamos alguns segundos em silêncio. — E aquela sua amiga? — Acho que minha mãe está com ideias.

— Qual? — Disfarço.

— A única que trouxe aqui em casa. — Ri mais uma vez. — Ela pareceu ser uma boa pessoa.

— Você trocou duas palavras com ela mãe, pode muito bem ser uma maluca.

— Pior que seus amigos não é e eles têm um ótimo coração. — Claro, coração... — Deveria trazê-la outro dia aqui.

— Quem sabe outro dia. — Quando ela voltar a falar comigo...

— Vou deixar você trabalhar e não se esqueça de almoçar, querido. — Preocupação de mãe.

— Não esqueço.

E não esqueço mesmo. Decido almoçar no instituto e já resolver as coisas
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com o diretor. Assim que chego tem um monte de crianças correndo pelo local. Elas parecem animadas com algo. Nem faço ideia, mas cinco segundos de atenção e noto que estão em alguma brincadeira em grupo. Pistolas de água e muita bagunça. Um deles me molha e seu rosto traduz o pânico antes que corra fugindo de mim. Eu sorrio. Não sou de açúcar.

— Me desculpe, senhor Romaninov, hoje é o dia das atividades externas, escolheram água e estão brincando...

— Tudo bem, Aidan — eu falo sorrindo para o diretor que vem ao meu encontro.

— Crianças, por mais disciplina que se tenha, sempre aprontam algo.

— Já disse que não foi nada, Aidan. E eu já fui criança e não era nem um pouco disciplinado. — Nós dois rimos. — Então, queria falar comigo. Vim almoçar aqui hoje. — Ele me encara surpreso. Nunca venho com tanto tempo.

Almoçamos e ele me passa os relatórios de desenvolvimento. Precisaremos aumentar a renda e ampliar alguns setores. Temos muitas crianças chegando e fico impressionado como aumenta o número de pais que abandonam seus filhos.

A conversa toda me deixa animado com as sugestões de coisas novas que poderemos fazer pelas crianças, mas também, fico preocupado. Caso meu pai tome de volta o cargo, sei que terei problemas em manter o instituto. Os custos são altíssimos e o que mantém tudo é o gordo salário de presidente. Vai praticamente todo para o instituto.

Vivo bem porque tenho bens, investimentos que me rendem muito e minhas casas. Sim, casas, e são todas próprias. Começo calcular meus bens mentalmente depois que deixo o Aidan.

Sento em um banco do jardim do instituto. Um banco mais afastado e começo a fazer as contas. Posso vender as casas de praia e de campo, o chalé nas montanhas, tem os carros que coleciono, o avião, o helicóptero e... Paro meu raciocínio quando vejo um garoto franzino, de calças jeans e camisa de malha vir até o banco que estou e sentar ao meu lado. Ele tem nos pés um par de All Stars muito velhos. Eu o olho, mas ele parece me ignorar.

— Tudo bem? — pergunto curioso.

— Diga você, que é quem está com cara de quem chupou limão. — Essa resposta me surpreende.

— É essa a cara que tenho?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— É sim — diz seguro e fico observando esse pequeno homem.
— Então está bom — falo olhando-o de lado.
— Sabia que todo problema tem solução? — Meu rosto se contorce todo.
— Quantos anos você tem? — Ele me olha como se eu fosse um idiota.
— Cinco e você?
— Mais de trinta. — Sinto o peso da minha idade agora mesmo.
— E veio buscar um filho para você? — fala ansioso. — É por isso que está com essa cara? Não sabe escolher... — começa a enxurrada de perguntas.
— Não, não vim buscar um filho.
— Então não quer filhos. — Parece frustrado.
— Não é isso, eu apenas...
— Não quer o filho dos outros. — Esse garoto está começando a me assustar.
— Você está sozinho aqui? — pergunto olhando em volta.
— Não, estou com você, ué. — Agora sim fiz papel de idiota. — Você é casado?
— Não — respondo no automático espantado com o rumo da conversa.
— Ela não quis casar com você?
— Ela? Ela quem? — Isso só pode ser uma pegadinha.
— A garota com quem você sai. Homens como você sempre saem com uma garota. — Ele para e olha para as mãos. — Você não gosta de garotas?
— Ótimo. Estou sendo questionado sobre minha sexualidade por um garoto de o quê...
— Quantos anos disse mesmo que tinha?
— Cinco.
— Muito bem, vamos começar de novo. Qual o seu nome?
— Micha — ele diz bastante sério. — E o seu?
— Benjamin. — Ele me estende a mão. Uma mãozinha que dá um décimo da minha.
— Prazer — fala muito compenetrado.
— Digo o mesmo. — Quero rir, mas não posso, ele está levando isso muito a sério.
— O que veio fazer aqui se não quer filhos? — pergunta na lata.
— Vim ver algumas coisas e pensar um pouco — respondo vago. Nunca tive tanto contato com as crianças daqui, não com uma conversa assim.
— Sei — diz cruzando os braços. — Adultos têm muitos problemas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— É, temos sim amiguinho. — Gostei do moleque. — E você? O que veio fazer aqui? — Ele parece ficar triste de repente.

— Os garotos não gostam muito de mim — fala e sinto meu coração doer.

— Por que acha isso?

— Porque não falam comigo, só a Michelle. — Michelle?

— Quem é Michelle? — Estou curioso sobre a vida social de um garoto de cinco anos.

— Minha amiga.

— E onde ela está?

— Eu briguei com ela. — Quais as chances de uma coincidência dessas? — Ela não fez uma coisa que disse que faria e eu briguei com ela, mas depois eu me arrependi, só que ela não fala comigo. — Fico impressionado com a diferença entre essas crianças e as que têm estrutura familiar. Esse garoto só tem cinco anos, mas fala como se tivesse bem mais. O sofrimento força a gente a pular etapas e avançar.

— Já pediu desculpas?

— Não. — Ele olha para mim. — Você tem amiga? — Me lembro de Charlie.

— Tenho. — Eu acho...

— E você já brigou com ela?

— Para dizer a verdade, faz um tempo que não nos falamos. — Isso está muito estranho.

— Por quê? — ele pergunta e depois ele mesmo responde. — Brigaram também.

— É, brigamos. — Brigamos?

— Por que não pediu desculpas? — Me devolve a pergunta.

— Não sei como fazer. — Falo sincero e estou em uma conversa papo cabeça com um garoto de cinco anos. Sou um idiota fodido mesmo.

— Nem eu. — Seus olhinhos brilham e ele abre um sorriso. — Você é adulto, trabalha, devia levar flores para ela. — Ergo as sobrancelhas diante da ideia do garoto.

— Acha que isso resolve? — pergunto curioso com o que ele tem em mente.

— Sei lá, mas as mulheres gostam de flores. — Não a CW.

— Nem todas, vai por mim — falo rindo.

— Micha! — Ouvimos uma voz chamando e nós dois olhamos na direção
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dela. Elizabeth, uma das coordenadoras. — Procurei você por toda parte. — Ela vem em nossa direção.

— Estou encrocado — ele sussurra.

— Desculpe, senhor... — Eu faço um gesto negativo com a cabeça e ela entende na hora e não termina a frase.

— Eu não fiz nada de errado — ele começa se defendendo.

— Estávamos conversando, Elizabeth — intercedo por ele. — O Micha me ajudou em alguns assuntos pessoais. — Ela me encara surpresa.

— Isso parece ótimo. — Ela fala, mais calma. Vejo o sorriso do garoto tomar todo seu rosto.

— Sim, ele é um garoto esperto. — Levanto do banco e passo a mão nos cabelos do pequeno. Ele é loiro, tem olhos azuis e cabelos bem lisos.

— Esse garoto esperto tem aulas para assistir. — Então ele estava filando aula. Sorrio da travessura do pequeno.

— Então eu não vou mais tomar o tempo dele. — Pisco para ele que sorri satisfeito por eu o estar acoberando. — Até mais, Micha.

— Até, Benjamin — ele diz contente e vai de mãos dadas com Elizabeth. Fico observando o projeto de homem e seus tênis velhos. Já tenho uma ideia de para onde vou agora mesmo.

...

Eu troco de roupa tirando o terno formal do trabalho. Passo em uma delicatessen e minutos depois estou diante da casa de Charlie com uma sacola de guloseimas nas mãos e observo a janela do andar superior. Pondero e tomo coragem.

Desço do carro levando comigo a sacola, respiro e toco o interfone. Espero alguns segundos e a porta é destrancada. Acho estranho, mas subo. Dou de cara com uma cena digna de filme de sessão da tarde. CW está com uma blusa larga, de mangas compridas, masculina. Ela está de short de baby doll. Meus olhos se prendem em suas pernas indo até seus pés descalços.

— Oi — diz parecendo constrangida e eu encaro seus olhos.

— Oi. — Não sei como começar isso, mas vamos lá. — Ainda está muito chateada?

— Eu? — Parece confusa. — Pensei que você estivesse zangado comigo. — Claro, porque fui eu quem fez uma cena.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não me ligou, nem mandou mensagens desde aquele dia...

— Nem você. — Ótimo. Uma disputa de quem deveria dar o braço a torcer primeiro.

— Nenhum de nós — falo desviando o olhar e me concentro na TV. — Está vendo filme?

— Estou. — Essa conversa toda é uma idiotice. Ela meneia a cabeça e ri. — O que tem no seu saco? — Pergunta em um tom engraçado e eu reviro os olhos.

— Sorvete, chocolates, coisas... — O sorriso dela aumenta.

— Nada de flores? — Eu nego com a cabeça. — Me dá, eu aceito a propina. — Ela estende o braço e entrego. Ela segue para cozinha e vou atrás. Servimos duas taças e retornamos. — Quer assistir comigo? — Sei que é um teste, afinal, é uma comédia romântica ou um drama...

— Por que não?! — Vamos os dois para o sofá e começamos a assistir.

— Sempre abre a porta sem ver quem é? — digo sem muita atenção na TV. Esse filme é sobre dois amigos e um deles vai casar, quando o outro se descobre apaixonado. O homem é que se descobre apaixonado pela amiga que vai casar. Ele faz um monte de loucuras, menos dizer a ela o que sente. Sei cada detalhe desse filme porque Meg e Amy adoram e me torturavam com esses filmes todas as vezes que estavam na TPM. Faziam chantagem e eu assistia a vários. Homens que têm irmãs mulheres sofrem...

— Eu olhei da janela e vi seu carro — ela diz sem me olhar. Eu observo a curva do seu pescoço e como a gola da camisa é larga demais, deixando um ombro a mostra.

— Então não estava zangada comigo. — É uma afirmação, mas falo por falar. Ela puxa as pernas para cima do assento e tenho vontade de puxá-la contra mim.

— Eu estava com vergonha — diz depois de alguns segundos. Me viro em sua direção apoiando um braço no encosto. Estamos os dois sentados, lado a lado, mas sem nos tocar.

— De mim? — Ela também me olha e aquele magnetismo que seus olhos têm me prende.

— É, de você. — Suspira e desvia o olhar. Passa uma mão na testa. Um gesto nervoso, depois prende uns fios soltos atrás da orelha. Queria ser eu a fazer isso. — Eu fiz uma cena absurda, você tomou conta de mim, me deu banho... — Ao falar isso, seu rosto tinge-se de vermelho. — Deus, eu sou
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

muito...

— Eu também não facilitei — interrompo. CW fica engraçada assim vermelha, mas quero que relaxe. Não gosto de vê-la assim, desconfortável. — Deveria ter pegado leve. — eu penso que na verdade deveria ter pegado mais pesado.

— E eu não deveria ter beijado você — fala séria e eu sei que tenho uma expressão decepcionada. — Você é meu amigo. — Todo o desejo que está crescendo em mim toma um banho de água fria com essa palavra. — E por mais carente que esteja, não posso usar você.

— Pode me usar — digo sorrindo e ela me olha com uma expressão divertida, aliviando a tensão. — Ah pode sim.

— Não posso não. — Levanta pegando as taças de sorvete. — Eu devo respeitar você e... — Seguro seu pulso e sinto como está nervosa. Sua pele está fria.

— Acha que me desrespeitou? — Olho-a, confuso. — Sério que pensa que me usou e cometeu um erro ao me beijar? Charlie, quantos anos acha que tenho?

— Não é isso, Ben. — Ela puxa sua mão da minha e não ofereço resistência. Charlie vai para a cozinha levar as taças. Me deixa no ar e eu fico olhando a TV. Ela demora um pouco a voltar e sei que está fugindo. Eu poderia pressionar e ir atrás dela, mas quero que ela dê o passo sozinha porque não vou aguentar outro beijo mal dado e outro pedido de desculpas sem motivo.

— Gostando do filme? — pergunta quando retorna.

— Meg e Amy me torturaram com ele por um longo tempo. — CW senta-se ao meu lado, mas sem encostar.

— Então você já está capacitado para fazer uma resenha dele. — Desviando o assunto. Acho que tenho algum defeito muito grande para ela lutar tanto contra.

— É sobre um cara idiota que gosta de uma garota e que ao invés de dizer a ela faz um monte de burrada. — Assim que acabo de falar percebo a ironia em tudo isso. Ela está séria, me olhando e eu tenho certeza do que leio nesse olhar. — Chega disso.

Eu envolvo sua nuca em uma das minhas mãos e a outra segura seu rosto quando cubro sua boca com a minha. Vou direto aprofundando o beijo e invadindo com a língua. Nossas línguas começam a dança que esperaram

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tanto para ter. Ela põe as mãos sobre meus ombro, mas não me empurra. Prendo os cabelos dela em uma das mãos e aperto. É um beijo intenso, voraz e até agressivo. Ela não recua e devolve na mesma intensidade cravando as unhas nos meus ombros, sobre a camisa. Eu a puxo em meu colo. Uma perna de cada lado. Minha mão livre desce por suas costas e aperta as bochechas de suas nádegas. Ela geme contra minha boca e se aperta contra mim. Eu cheguei a um nível que não tem volta.

Enfio minhas mãos por baixo de sua blusa para perceber que não usa soutien algum. Inferno! Isso causa um efeito ainda mais devastador sobre mim. Ela puxa minha blusa para cima e nos afastamos tempo suficiente para que a camisa passe por minha cabeça. Estamos em um ritmo louco e frenético. Começo a tirar sua camisa enquanto ela desliza suas unhas levemente por meu peito. CW desfaz o contato de nossas bocas e encosta sua testa na minha tomando fôlego.

— Acho que deveríamos ir mais devagar. — O quê? Eu não ouvi isso.

— Inferno, Charlie! Quer me matar, faça de uma vez só — digo segurando seu rosto entre minhas mãos e encarando-a. Vejo desejo em seus olhos, seu corpo está trêmulo e suas mãos estão presas na parte frontal do cós da minha calça. — Certo, você está certa. Eu deveria fazer o quê?! Convidá-la para um encontro, um jantar, ir ao cinema... — Começo com um monte de ideias que me surgem a mente. Ela não diz nada e vou levantando-a do meu colo fazendo menção de colocá-la sentada ao meu lado antes que eu exploda sem ao menos tirar a roupa. A respiração dela está irregular e ela prende suas mãos em minha calça com força.

— Não! — diz firme e eu encaro-a, surpreso.

— Não? — Está confirmado. Perdi toda a minha pegada.

— Não. — Ela sorri e umedece os lábios. Essa mulher quer me matar e bem lentamente.

— Olha, pode parecer engraçado para você, mas para mim não — eu falo e ela apenas fica lá, parada, me encarando. — Eu estou ficando maluco com isso, mas é isso mesmo que você quer não? Me torturar? Eu mereço por todas as loucuras que já fiz, mas eu peço arrego. — Ela segura meus lábios entre os dedos e eu paro de falar.

— Bicudo — diz quando solta meus lábios e ganhei um novo apelido. — Eu disse... — Ela me beija de leve. — ...devagar — Outro beijo. — ...e não parar. — ela olha nos meus olhos e ergo as sobrancelhas para ela. — Oi, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

belos olhos. — Com as mãos apoiadas em seus quadris, meus polegares massageiam sua cintura.

— Oi. — Eu fico com uma ótima cara de idiota. — Devagar? — falo como um parvo. As mãos dela sobem pelo meu peito e massageiam meus ombros, correndo por minha nuca e seus lábios descem sobre os meus em um beijo lento, mas não menos excitante.

— Devagar... — sussurra contra meus lábios, me beijando de novo. — Lento.

— Lento — devolvo. Uma mão minha entra em sua blusa procurando seus seios e a outra aperta sua coxa. — Você gosta lento? Eu consigo lento. — Ela sorri com os lábios ainda nos meus.

— Sei que sim — diz com a respiração ofegante. Eu a deito no sofá, ficando sobre ela. Foco meus olhos nos seus.

— Tudo bem? — pergunto ainda com receio que decida parar no último momento.

— Acho que sim. — Parece tensa. Seu corpo está trêmulo sob o meu. Estou incrivelmente excitado, mas com medo de fazer algo errado. Espera! Eu, Benjamin Romaninov, com medo de errar no sexo? Merda, mas não é só sexo.

— Acha? — falo, passando a ponta dos dedos desde sua têmpora até a altura dos ombros. Então desço meus lábios seguindo o mesmo caminho.

— Estou morrendo de medo — sua voz sai em um sussurro. Sinto a tensão em seu corpo.

— Eu não vou te machucar. — brinco, sussurrando em seu ouvido. Volto a encará-la e ela prende os lábios entre os dentes.

— Eu sei, não é disso que tenho medo. — Franzo a testa e sinto suas mãos em minha cintura, ela dedilha minha pele em um toque torturante e delicioso. Minhas mãos servem de apoio ao lado do seu rosto, para que não deixe meu peso todo sobre ela.

— E do que tem medo? — Ela não responde, apenas suspira. — Tudo bem, a gente pode ir devagar, de verdade. Podemos jantar, ir ao cinema, sei lá...

— Não, nada de sei lá. — Ela sobe suas mãos por minhas costas e me puxa de encontro a ela, entrelaçando meus quadris com as pernas. Põe seus lábios nos meus em um beijo sem reservas.

— Essa opção é ótima — digo pressionando meus quadris contra os dela.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Nada de sei lá e ir devagar estão perfeitos. — Eu ganho um sorriso incrível e a tensão agora é só sexual. A aura de medo foi embora.

Adeus Kevin, adeus friend zone, adeus qualquer barreira. Estou derrubando todas...

Adeus friend zone

Estamos no sofá, abraçados, sem roupa alguma, cobertos por uma manta que ela puxou do encosto. Escuto sua respiração regular, mas sei que não dorme, está apenas relaxada. Minha cabeça deu um giro completo. Nada se compara a esse momento. Eu já tive muitas mulheres, e quando digo muitas, é porque são tantas que dariam para repovoar o mundo. Eu sei, sempre fui um galinha, mas fazer o quê?! Minha vida sempre foi ótima... eu achava que era. Só que acabo de me dar conta que isso, essa coisa entre eu e Charlie é melhor. Não tenho como descrever as sensações que tive, só sei que nunca experimentei nada assim antes.

Meu corpo todo parecia saber, com certeza, que esse seria o melhor orgasmo da minha vida. Eu sei, parece exagerado, mas de orgasmos eu entendo. Dos meus e do das mulheres. Nossos corpos estavam em uma sintonia perfeita. Eu já estive com diversas mulheres, de várias crenças, cores, sabores... nada se compara a ter Charlie sob mim, para mim. É incrível, mas eu preciso confessar para mim mesmo, estou assustado com tudo isso.

— Charlie. — Sussurro em seu ouvido.

— Hum — ela geme e um sorriso aparece em seus lábios. — Perdeu a chance de sair correndo.

— Sair correndo? — pergunto passando a ponta dos dedos por sua têmpora e ela abre os olhos me fitando.

— É. — Coloca um braço displicente para cima. — Você sabe. Silenciosamente, sem fazer ruído algum, aproveitando que estou dormindo. — Beijo a ponta do seu nariz.

— Você não está dormindo. — Sua mão afaga meu rosto.

— Estava fingindo, para facilitar as coisas. — Fico sério, observando essa maluquinha. Ela acha mesmo que eu sairia correndo?!

— Então vamos fazer de novo. Feche os olhos para eu poder correr — digo debochado.

— Idiota! — ela fala e eu aperto meus lábios nos seus com força.

— Maluca. — Ficamos nos encarando. — Você sabe que para fugir eu preciso de um lugar e seu quarto me parece bem convidativo agora. — Afundo meu nariz em seu pescoço, sentindo seu cheiro. — Adoro isso. — Estou de mimos em um sofá? Eu realmente sou um cara fodido...

— Desculpa, não tenho tapete. — Ela se contorce e suas mãos empurram meu peito.

— Aceito a cama. — Sorrio malicioso.

— Sei. — Fica séria de repente e se levanta, levando junto a manta. — Quem disse que eu quero você na minha cama? — Eu fico tenso, ela falou tão segura.

— Como assim? — Me sento no sofá.

— Isso foi algo casual. — Ela está me dispensando? — Eu sei que você não gosta de compromisso e eu também não estou procurando um. — Ela faz uma expressão estranha e sei que estou com o queixo no chão com tudo isso que ela está falando. De repente Charlie começa a rir. Eu levanto e caminho na direção dela. Estou sem roupa alguma e ela me olha da cabeça aos pés, dando passos para trás até encostar contra uma parede e seu riso morre de imediato. — Ben, não! — Soa tensa.

— Está falando sério? — digo em um tom baixo e rouco enquanto aproximo-me dela, colando meu corpo ao seu e pressionando-a contra a parede. — Quer que eu saia por aquela porta como se nada tivesse acontecido? — Estou começando a ficar com raiva dela.

— Eu... — Ela aperta os lábios entre os dentes. — Desculpa...

— Droga Charlie, não vem com essa — digo irritado com uma mão ao lado do seu rosto, contra a parede e a outra segurando sua cintura. Ela não tem saída, mas em vez de querer fugir, suaviza a expressão e leva uma mão ao meu rosto. A outra mantém segurando a manta que cobre seu corpo.

— Eu estava brincando — diz com uma voz que quase não escuto. Ela estava me zoando!

— Brincando de quê? — Encaro-a zangado. — De fazer o Ben de idiota?

— Isso não tem graça, você já é um. Ela começa a rir de novo.

— Você quer que eu vá embora? Muito bem. Tchau! — falo indo em direção a porta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não! — ela grita me puxando pelo braço. — E você está sem roupa, seu doido. — observo-a.

— Você que está me deixando doido. — Minhas mãos afundam em seus cabelos, na base da cabeça.

— Eu achei que talvez você quisesse ir — ela começa e vejo insegurança passar por seus olhos.

— E por que eu iria? — ela não responde. Eu beijo sua boca e passo a língua em seu lábio inferior mordiscando-o de leve. Volto a encará-la. — Logo agora que estou aprendendo essa coisa de devagar. — Começo a rir e ela bate em meu peito.

— Idiota. — Abraço-a e estamos de novo contra a parede. — Quem sou eu para te ensinar algo?! — Eu puxo a manta com força e ela se assusta. — Ben!

— Está me ensinando tanto que nem faz ideia. — Eu a beijo, devagar, como ela pediu agora pouco. Me afasto e acaricio seu rosto, roço nossos narizes. — Com você, eu me comporto como um adolescente sem experiência alguma. — O sorriso dela cresce. Levo o assunto para um campo menos complexo.

— Você? Sem experiência? — Escuto sua gargalhada. — Eu diria exatamente o contrário. Não quero conversar sobre nós, não agora. Quero viver o momento. Olho-a nos olhos evidenciando todo meu desejo e passo meus lábios de leve pela linha lateral do seu pescoço.

— Está comprovando as fofocas que ouviu? — provoco e ergo as sobrancelhas. Aperto meu corpo contra o dela.

— Já disse que você é convencido? — sua voz agora também evidencia o desejo que sente por mim. Beijo seu pescoço e pego-a no colo. — O que acha que está fazendo?

— Convencendo você. — Beijo-a ignorando os protestos, levando-a em direção ao quarto. — Chega de papo, quero conhecer seu quarto.

— Tarado! — diz com os braços agarrados ao meu pescoço.

— Agora vou te mostrar o rápido, muito rápido, muito lento, meio rápido, meio lento, meio...

— Desse jeito não vamos sair do quarto nunca mais. — Eu jogo-a de leve na cama e ela me puxa pelo pescoço.

— Já disse que você é muito inteligente? — Deito meu corpo sobre o dela e não sairei daqui até saciar essa fome que fui acumulando desde que a
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

reencontrei.

...

Muito tempo depois, mas não o suficiente para mim, estamos na cozinha. Ela com a minha camisa e eu apenas com a calça. Fazendo um espagete, ela canta Happy do Pharrel Williams e eu escuto com um sorriso tolo. Charlie larga as panelas e começa a bater palmas e cantar alto. Vem em minha direção pedindo coro. Nem morto, ela só me faz passar vergonha cantando e, mesmo que não tenhamos plateia, não vou cantar.

— Não! — eu falo quando ela já está bem perto.

— Covarde! — Ela move os lábios sem emitir som. Eu estreito o olhar e vou atrás dela que logo começa a correr.

— Eu vou mostrar o covarde. — Ela não canta mais, apenas dá pequenos gritos e escuto sua gargalhada no melhor tom. O som enche a casa e para mim é como música.

— Não! — ela diz quando se vê encurralada entre mim e a janela. — Eu vou pular. — ameaça tal qual a louca que é sentando no parapeito.

— Sai daí, não tem graça — reclamo, mas ela faz menção de se jogar para trás e eu enlaço-a pela cintura.

— Não! — retruca assim que sente minhas mãos nela, mas envolve meu pescoço com os braços me agarrando com força.

— Maluca. — Encaro-a sério.

— Idiota — ela devolve.

— Sua inteligência funciona quando mesmo? — provoco. Ela abaixa o rosto e me beija.

— Não sei — diz voltando a me olhar nos olhos. — Eu estou aqui com você, então devo ser muito burra.

— Burra por ficar comigo é? — Ela ri. — Sabia que as crianças quando gostam machucam? Acho que é isso que você está fazendo. Ofendendo-me por gostar muito de mim. — A expressão dela pula de divertimento para tensão. Então suaviza.

— Senhor B, o psicólogo do amor — desdenha.

— Tenho muitas facetas — desconverso. Não quero discutir relação.

— Sei. — Suspira. — Mas essa de ficar de mimos depois do sexo é nova para mim. — Parece pensar algo. — A não ser que já vinha fazendo isso nos
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mais de dez anos que ficamos afastados.

— Não, você é a única exceção — falo dando um crédito a ela.

— Eu já disse que você mente muito mal?! — Puxo-a da janela e ela vem enlaçando as pernas na minha cintura. Ando com ela até me jogar no sofá.

— Isso faz bem ao seu ego? — provoco.

— Se conseguir me fazer acreditar... — Puxo-a pela nuca e beijo essa boca nervosa que ela tem. Sempre dizendo bobagens.

— Você está pensando demais. — Beijo seu pescoço e desço pelo ombro. — Estamos no sofá da ação e não da conversa. — Ela ri alto.

— Sofá da ação? — Puxa meu rosto para que a encare.

— É. Nosso sofá — digo rindo também.

— Agora temos um sofá?! — fala surpresa. — Daqui a pouco vai escolher uma música, uma praia...

— Não, nada de música, você canta bem todas e praia ainda não fomos juntos. — Volto a beijá-la.

— Não lembro de ter sido convidada. — Ela alisa meu peito e corre a ponta dos dedos pelos meus ombros.

— Vou pensar em seu caso. Caso comporte-se bem... Quem sabe?

— Ah, eu sei me comportar muito bem — diz provocante e é ela quem me beija e começa uma incursão de carícias. Eu achava isso tão bobo e agora sei que me comporto como Amy, Meg, Liam e Ed. Acho que fui pego e estou feliz e receoso na mesma proporção.

O interfone toca e ela me olha espantada.

— Droga! — fala desesperada e corre pela sala catando as roupas soltas no chão e tira minha blusa às pressas, jogando-a em mim. — Veste. — Ela pega a camisa que estava vestida antes e passa pela cabeça, desesperada.

— O que foi? Onde é o incêndio? — pergunto vestindo a camisa. A ideia de que a camisa que ela veste pode ser do Kevin me irrita.

— Anda rápido. — Eu vou até ela e impeço que vista a blusa.

— Não. — Ela me encara surpresa. O interfone toca sem parar. — Não vai vestir essa camisa. Se vai vestir uma camisa masculina que seja a minha. — Ela faz uma careta.

— Não seja um neandertal. — Ela se desvencilha de mim e atende o interfone. — Oi, Rob. Desculpa, eu estava... cozinhando — diz tensa. Está nervosa por causa do irmão? Ela aciona o botão que abre o portão lá embaixo. — E a camisa é do Andrea. — Me dá língua e vai em direção ao ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

quarto levando as coisas que catou do chão. Eu volto para a cozinha.

— Lie? — Escuto a voz masculina na porta e fico tenso também. Não tem como não saber o que estávamos fazendo aqui. Estou com cara de foda, na cozinha, fazendo comida e descalço... — Lie?

— Aqui, na cozinha — falo e contorço o rosto. Ele vem até mim.

— O que faz aqui? — diz surpreso.

— Cozinhando — falo tal qual o idiota que Charlie diz que sou.

— Sei — diz me observando de cima a baixo. — Onde está Lie?

— Aqui. — Sinto um alívio absurdo em vê-la. Ele vira para encará-la e ela está de short jeans e camiseta. Fez um rabo de cavalo e acho que lavou o rosto. Como conseguiu tão rápido?

— Oi, meu anjo. — Ele a abraça e beija o topo da sua cabeça. — Esqueceu o combinado?

— Não. — Ela sorri amarelo. — Ben apareceu com um probleminha e eu acabei me perdendo no horário. — Probleminha meu? Olho para ela franzindo a testa e CW me devolve um olhar de “cala a boca”.

— Se quiser ir conosco... — Rob vira em minha direção. — Vamos a uma excursão com a dupla explosiva.

— Os filhos do Andrea. Dia de tios e sobrinhos, vamos levá-los ao cinema. — Ela olha o relógio. — Daqui a uma hora temos que sair.

— Não quero interromper um passeio de família — digo me sentindo em excesso.

— Qual é, cara?! Charlie fala tanto de você que já é família. — Rob diz me dando uns tapinha no ombro, mas sinto que põe força a mais. — Depois de tudo que fez por ela... — Está se referindo ao episódio com Kevin imbecil. — Afinal, são amigos, não são? — Eu e CW nos encaramos e o que exatamente está acontecendo aqui?! Eu sou um homem e não um garoto acuado.

— Na verdade...

— Somos sim — ela me corta. — Mas Ben tem mais o que fazer do que ficar atrás de duas crianças no shopping, Rob.

— É tenho muito o que fazer — digo irritado. Estou sendo enxotado. Ótimo Ben, pagando todos os seus pecados. Vou até a sala e calço meus sapatos. Quando estou fechando a porta trás de mim sinto-a ser puxada.

— Vai sair sem dizer adeus? — CW. Essa mulher com certeza quer derreter meu cérebro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Achei que queria que pulasse da janela para ser mais rápido — devolvo zangado. Ela envolve os braços em meu pescoço jogando-se contra mim.

— Bicudinho — diz me beijando, fico rígido. — Sabia que você fica mais lindo ainda entufado, belos olhos? — Reviro os olhos. — Não estou expulsando você, estou te livrando de uma situação constrangedora — diz muito segura. Pela primeira vez na vida que quero ficar, uma mulher me põe pra fora.

— Estou com fome — retruco sem muito o que dizer, parecendo um moleque amuado e lembro do Micha. O carinha pareceu mais maduro do que eu...

— Eu sei. — Ela me beija de novo e dessa vez eu devolvo.

— Lie... — Ouvimos seu irmão chamar e nos afastamos às pressas. Vou em direção à escada, mas ela vem atrás de mim, me abraçando pelas costas.

— Prometo deixar você cozinhar e comer da próxima vez — diz contra minhas costas e dou a volta para ficarmos de frente.

— Próxima é? — Começo a sorrir e ela torce os lábios.

— É. Caso você não mude o telefone, fuja da empresa, mude de país... - Beijo-a, fazendo calar-se e lá vamos nós, mãos e bocas.

— Próxima. Vou cobrar.

— Lieee...

— Seu irmão está em processo de parto — provoco.

— Idiota! É trabalho de parto e vou dizer para ele. — Faz menção de sair.

— Nem pense. — Eu puxo-a pela cintura e a encosto na porta. — Próxima vez, minhas regras. — Eu a beijo até ela começar a ficar sem ar, só então me afasto e vou embora deixando Charlie com um sorriso bobo, que sei ser exatamente igual ao que tenho no meu rosto.

Descontrole

Faz o quê? Algumas horas que deixei a casa de Charlie e já estou querendo correr para lá. Eu sei, estou falando como um idiota. Homem morto segundo meu cunhado e o Ed. O que posso fazer?! Já desgastei a tela do celular de tanto que mexo esperando uma mensagem. Qualquer coisa. Pensei em ligar, mas não quero parecer ansioso. Apesar disso, não quero que pense que fugi. Inferno! Não sei como se faz isso...

Já tomei banho, comi, assisti TV mudando os canais aleatoriamente e nada. Preciso fazer alguma coisa ou vou enlouquecer olhando para o teto. Levanto, olho o relógio e são quase nove da noite. Eu troco de roupa e ligo para o três palhaços. Uma saída com os rapazes vai me fazer relaxar. Vamos ao Javali's, pub do irmão de CW. Gostamos de lá e ele se tornou ponto frequente de reuniões após o trabalho. Em pouco tempo estamos todos em torno de uma mesa, rindo, bebendo e jogando conversa fora.

— Então brocha, podemos saber qual é o motivo dessa felicidade toda? — Drake começa.

— Com a cara que ele está só pode ser mulher. — Luca embarca.

— Estou com a mesma cara de sempre — retruco, rindo. — A minha.

— Sei. — Matt também entra no jogo. — Só que bem diferente da que você tinha dois dias atrás quando foi almoçar comigo.

— Qual o problema de vocês? Achei que só mulheres perdessem tempo com essas conversas. — Eles riem.

— Está fodido! — Drake erguendo o copo como quem faz um brinde.

— Você que é um fodido. — Eu retribuo o gesto.

— Somos todos! — Matt também levanta o copo dele e Luca permanece estático.

— Eu não! — Luca começa. — Sou gato, sarado, jovem e solteiro. Eu não

sou um fodido, eu fodo as mulheres. — Todos olhamos para ele que cai em uma gargalhada.

— Você é um retardado. — Matt joga amendoins nele.

— Não, vocês que são. Se apaixonando, querendo constituir família e blábláblá...

— Eu não estou apaixonado. — Drake se defende, Matt ri e eu não digo nada.

— Sabemos. — Luca provoca.

— Corta esse papo de boiola, Luca. Por isso que você está solteiro, não quer assumir seu namorado. — Drake acusa rindo.

— O que você disse? — Luca encara Drake.

— Você ouviu — ele devolve.

— Muito bem, vamos ver quem pega mais garotas hoje. Isso se você pegar alguém, Drake. — Luca sai da mesa em busca de sua próxima presa.

— Quantos anos vocês têm? Cinco? — Matt ri pedindo mais uma rodada. Estamos só no chope e era para ser uma noite tranquila de conversas e relaxamento, mas acabou de virar uma noite de apostas e sexo.

— Conheço garotos de cinco anos com mais cérebro que esses dois — provoco. — E se ele tiver um namorado, qual o problema?

— Nenhum, além de que Luca é um trouxa. — Drake fala bebendo um gole da nova bebida e sai da mesa. Ele não tolera ser desafiado e já vi que para eles será uma noite de orgia.

— Você não vai? — Matt indaga.

— Não, estou bem aqui. — Pigarreio. — Pode ir.

— Não, hoje não. — Não?! Por que o Matt se negaria a uma noitada? Ele é o mais centrado, tudo bem, mas fugir desse jogo dos rapazes?! Estamos ficando velhos.

— Então... — engato uma conversa trivial. — ...os plantões?

— Ótimos como sempre. — Ele ri. Faz cirurgias de próstata, trata de disfunção erétil e essas coisas. Seus plantões são mais tranquilos, exceto em casos em que precisam de apoio extra. — E você? Superou o John?

— Não tem o que superar — falo vago, mas lembro sem querer do peso do garoto em meu colo. Minhas mãos formigam.

— E o Instituto? — O Matt tinha irmã e compartilha das minhas ideias de caridade.

— Vai bem. Fui lá hoje, almoçar — digo como quem não quer nada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sério? Você não vai lá mais que alguns minutos para assinar papéis. — Ele entende meu lado.

— Mas dessa vez demorei mais. E sabe que foi bom? — Lembro do Micha.

— Foi? Por quê?

— Conheci um carinha muito engraçado — conto então do Micha, mas corto as partes que podem levar ao assunto CW. Não é segredo, mas também não quero alardear.

Não demora muito e Drake retorna à mesa com Luca. Os dois vêm com algumas mulheres a tira colo. Acho que as coisas vão ficar estranhas agora. Assim que presto mais atenção, Drake está envolvido por gêmeas, ruivas. Olho para ele de cara feia, sem controlar. Achei que ele estava envolvido com Eleanor. Luca tem uma morena e uma loira. Tenho a impressão de que uma delas está destinada a mim. Olho em volta procurando o irmão de Charlie, não o vejo. Pigarreio desconfortável.

— Então, rapazes. Essas são Lorraine e Lorrana — Drake apresenta as ruivas. — E essas são Juliet e Arlene. — Apresenta a morena e a loira.

— Oi, garotas. — Matt cumprimenta e eu sorrio e aceno com a cabeça. Uma das ruivas fala algo para Drake e ele ri. Babaca. Sorrio também, afinal, ele não está fazendo nada mais além de ser ele mesmo.

— Vamos esticar no apartamento novo das garotas. Ouvir música, tomar um vinho... — ele começa. — Vocês vêm? — Como saio dessa? Poderia correr, mas não.

— Não posso. Tenho plantão amanhã cedo. — Matt esquiva-se. Jogada de mestre.

— Eu também não. — Eles me encaram como se eu tivesse dito que tenho câncer. Pense rápido, Ben. — Vou viajar para o batizado dos meus duendes — falo quase entortando a cara e agora sei como CW sabe que estou mentindo.

— Muito bem. Adeus, rapazes comprometidos. — Drake diz, levando consigo as ruivas e eu nem vi quando Luca caiu fora.

— Bom, então é isso. — Matt ri. — Até mais, Ben.

— Boa noite, Matt. — bebemos os últimos goles de chope e saímos.

Assim que atravesso a porta do pub dou de cara com a cena mais bizarra de todas. Kevin está encoxando CW contra a parede e tem as mãos dela presas no alto por uma mão dele enquanto com a outra segura seus cabelos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com força. Eu estaco no lugar. Mas que merda é essa que eu estou vendo?! Basta dois segundos para perceber que ela tenta desviar o rosto dele enquanto ele investe, tentando beijá-la. Avanço contra ele jogando-o o mais longe que consigo da Charlie.

— Nunca mais toque nela! — Minha voz sai carregada de ira.

— Quem você pensa que é? — Ele volta-se com raiva.

— Sou o cara que vai quebrar a sua cara se você tentar encostar nela — digo cuspidando ódio e logo começa a juntar gente em torno de nós.

— Pois eu sou o noivo dela! O único homem que ela conheceu e vai conhecer a vida toda. Ela é minha. — Mas que imbecil! Aperto minhas mãos tentando me conter.

— Era — eu grito.

— Já entendi. — Ele ri com uma expressão sarcástica — Você está trepando com ela? É por isso que você fugiu de mim? Contou aos seus irmãos que está dando por aí? A santinha Lie Whi... - Ele não termina a sequência de insultos porque meu punho entra com força em sua cara. Só que não consigo parar, vejo tudo nublado. Eu soco uma, duas, três... Eu continuo mesmo com ele caído no chão.

— BEN! — Escuto o grito de CW e uma sirene ao fundo. Merda! A polícia. Paro de tentar matar o Kevin, se já não fiz isso, e saio de cima dele. Minhas mãos estão sujas de sangue. Sangue dele e volto-me para Charlie que olha-me como se visse um monstro. Faço menção de ir até ela, mas ela abraça-se e dá um passo atrás. Não sei como tudo chegou a isso...

Em tempo recorde estamos em uma delegacia. Eu estou algemado em uma cela e Charlie está lá fora dando depoimento. Usei minha única ligação para falar com Matt, porque Drake não atenderia, já que estaria muito “ocupado”. Sobrou usar Matt para trazer Drake aqui. Minha cabeça está dando voltas sem parar. Eu vi todos aqueles flashes e sei exatamente onde vai parar: internet. Depois disso virá a enxurrada de sermões paternos e adeus empresa. Mil vezes merda!

— Está liberado. — Um policial vem me soltar.

— Fiança? — pergunto pensando no processo de agressão que vou cumprir.

— Pergunte ao seu advogado. — Bom humor!

— Obrigado — digo saindo dali o mais rápido que posso.

Encontro Drake com Charlie, Chae e Matt no saguão da delegacia. Chae
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me encara como quem sente muito por tudo, mas parece ter gostado da sova que dei no imbecil. CW olha-me de um jeito estranho. Vou até eles e minhas mãos ainda estão sujas. Sinto-me um idiota, mas de um jeito ruim e não de quando a CW fala e acho graça

— Será muito pesado? — Me refiro ao processo.

— Não. — Drake fala. — Fizemos um acordo.

— Acordo? Aquele desgraçado ainda queria arrancar grana? — fico indignado. Como ela pôde namorar alguém tão sórdido?!

Não, Hulk. Ele retirou qualquer tipo de acusação em troca de não ser acusado por assédio ou tentativa de...

— Entendi — corto. Sei o que ele ia dizer e lembro da Amy. Meu coração encolhe no peito e meu sangue parecer borbulhar em minhas veias.

— Acho que ele aprendeu a lição. Ele está no hospital, já que fez um belo estrago na cara dele — Drake explica e eu penso que foi pouco. Meu maxilar trava e eu espero que, para a própria saúde dele, Kevin fique longe da Charlie. — Vamos, Hulk. Hora de ir para casa. — Ele olha torto para mim. — Limpar isso aí.

Eu pego uma carona com o Drake, já que vim de camburão. Vamos o caminho todo em silêncio e recebo algumas olhadas de canto de Drake vez ou outra. Sei o que ele pensa. O mesmo que eu. A história da Amy e tudo mais... Me sinto um merda de novo por não ter salvado minha irmã e acho que descontei tudo na cara do Kevin.

Voltamos para a frente do pub porque meu carro ficou lá. Charlie foi com o irmão para casa e eu estou me sentindo péssimo com essa situação.

— Vai ficar bem? — Drake pergunta.

— Vou — respondo sem acreditar em minha palavra.

— Me deve uma. — Ele ri, tentando suavizar as coisas. — Na verdade duas. Eram duas ruivas quentes, muito quentes! — Exalo ar pelo nariz.

— Tchau, Drake. Depois mande a conta. — Reviro os olhos e ele dá a partida indo embora. Entro no meu carro.

Dirijo e paro na frente da casa de Charlie. Olho para cima e vejo uma luz acender. Fico parado no carro pensando. Um tempo que parece enorme passa até que olhe para minhas mãos. Sujas ainda. Ela ficou com medo de mim. Aparecer assim na porta dela com as mãos sujas de sangue não melhora as coisas.

Decido ir embora, esfriar de fato minha cabeça. Um toque no vidro do

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

carro chama minha atenção. Volto-me para ver Charlie, de pé, enrolada em uma manta.

— O que está fazendo? — pergunta e ainda parece assustada.

— Oi. — Abaixo o vidro. — Eu... não sei.

— Desce do carro — diz dando dois passos para trás. Eu desço e ela olha para mim de cima a baixo. Torce os lábios. — Vem. — Sai andando e eu vou atrás.

Assim que subimos ela me guia para o banheiro. Fico meio perdido sem saber o que ela vai fazer e então percebo quando liga as torneiras da banheira e volta para tirar minha blusa. Me puxa até a pia para que eu lave as mãos. Charlie faz isso por mim, com muito cuidado. As coisas são feitas devagar e sem palavras. Apenas o som das nossas respirações enchem o ambiente.

Com as mãos limpas, noto o quanto a mão que desferiu os socos está inchada. Ela acaricia minha mão e nossos olhos se cruzam. Eu tiro o resto da roupa e entro na banheira. Evito olhar para outro lugar, além dos olhos dela. Ela faz o mesmo e entra comigo. Ficamos nos encarando. A banheira tem espaço suficiente para ficarmos de frente um para o outro. Ela abraça os joelhos, trazendo-os junto do peito e deita o rosto sobre eles, de lado.

— Desculpa ter assustado você — eu digo finalmente.

— A situação toda me assustou — ela fala e aperta os lábios entre os dentes. — Eu não esperava que o Kevin agisse daquele jeito, ele nunca... — ela para de falar com a voz trêmula.

— Droga! — praguejo e puxo-a para meu colo. Ela se encaixa perfeitamente e apoia a cabeça na linha do meu pescoço. — Aquele desgraçado. Se ele cruzar meu caminho de novo vou bater nele até separar a cabeça do corpo.

— Por favor, não — diz e quando acaricio seu rosto sinto as lágrimas.

— Ei? — Ergo seu queixo para que me olhe. Só então noto as marcas arroxeadas em seu pescoço, pulsos e braços. Aquele miserável é um homem morto e não no sentido bom da expressão. — Ele...

— Não! — fala depressa. Suspiro e engulo saliva contendo a raiva em mim.

— Ficou com medo de mim? — pergunto nem sei mesmo o porquê.

— Você ficou descontrolado — ela fala e meu coração dá um salto com a ideia de que tenha medo de mim.

— Eu não me contive — confesso. — Um homem nunca deveria agredir
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

uma mulher, de forma alguma, ainda mais um que ela conhece e confia e...

— De quem estamos falando, Ben? — me questiona confusa.

— De você, do Kevin... — pondero um pouco. — Do meu passado. — Ela me olha espantada. — Não! — Me apresso em explicar. — Eu nunca...

— Eu sei — me corta e acaricia meu rosto. — Sei que nunca me machucaria e nem outra mulher qualquer, por pior que ela seja. — A confiança dela em mim acalma um pouco meu coração.

— Mas outros o fazem e eu não consegui impedir — falo lembrando da Amy de novo e da Meg... — A ideia de que ele pudesse ter machucado você se eu não tivesse chegado...

— Mas você chegou — ela diz segura e sinto seu corpo tremer.

— Por favor, não tenha medo de mim — suplico. Eu jamais machucaria você, não importa a situação. — Vejo as lágrimas se formarem em seus olhos. Espero alguma palavra dela, mas Charlie não diz nada. Ela faz. Se aproxima de mim e cola seus lábios nos meus. Um beijo casto, mas carregado de significados. Quando se afasta eu limpo uma lágrima teimosa que corre em sua bochecha. — Nunca mesmo. — Aperto ela contra mim e sinto suas mãos lavarem meu peito. A sensação não é menos que perfeita.

— Dorme comigo? — a pergunta vem carregada de tensão. — Eu disse aos meus irmãos que não foi nada, que estava bem. Não quis atrapalhar o trabalho de Chae, nem separar Andrea da família, Rob está fora da cidade e não quero assustar a Su. Desculpa, eu não quero grudar em você, eu só...

— Shhh... — Ponho um dedo em seus lábios para que pare de falar. — Nem precisava pedir, eu não vou a lugar algum. — Ela está com medo de ficar só e eu com medo de deixar ela sozinha. Beijo o topo da sua cabeça repetidas vezes. Meu coração bate sem controle algum.

Saímos da banheira e Charlie não fala nada além de alguns monossílabos. Me põe na cama e vai até a cozinha dizendo para eu ficar. Pouco tempo depois ela volta com duas xícaras e já sei o que é: chocolate. Sobe na cama e me dá uma das xícaras. Eu tomo um gole e não é nem de perto o da Amy, mas eu não vou dizer isso para ela.

— Quer conversar? — pergunta tímida.

— Eu? — Franzo a testa. Ela passa por tudo isso e eu que estou sendo cuidado. — Você é quem precisa de mimo. — Ponho a xícara na cabeceira e abro os braços para ela. Um sorriso se forma lentamente em seu rosto e ela também abandona seu chocolate. Se aninha em meus braços e eu enfio meu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nariz em seus cabelos. — Como você se sente?

— Protegida. — Sorrio disso.

— Sinto muito que tenha passado por isso — falo e ela joga a cabeça para trás para me encarar.

— Vai me contar sobre o seu passado? — Agora entendo sobre o que quer conversar. — Foi por causa da Meg? — diz tensa.

— Da Amy também — eu conto para ela sobre minha irmã e Charlie não contém as lágrimas. Percebo que também estou chorando, quando ela enxuga meu rosto carinhosamente. É um momento tão íntimo e delicado e agora sei que só poderia tê-lo com ela. Uma vida toda em que, sempre que ela fez parte, eu abri meu coração. Acabo por contar do Flor de Liz e tudo mais...

— Por que você esconde o Ben do mundo? — diz afundando o corpo contra o meu como se fosse fundir-se comigo.

— O quê? — fico meio perdido e dou um sorriso sem graça.

— Esse Ben. — Ela acaricia meu rosto. — Esse homem aqui, agora, na minha frente. — Fico sério.

— Eu sou só um cara idiota. — Uma mão minha a envolve pelas costas e a outra segura seu pescoço. Passo o polegar de leve por um hematoma.

— Você é tudo, menos só um cara. — Ela ri.

— Ei?! Deveria dizer que não sou idiota.

— Prometo jamais mentir para você. — Beija-me carinhosamente. — Está tentando fugir do meu chocolate horrível? — Brinca quando afasto nossos lábios e eu ponho uma mecha de cabelo dela atrás da orelha.

— Mas seu chocolate é incrível! — Ela soca meu peito de leve.

— Ben!

— Eu não prometi não mentir?! — Me defendo.

— Idiota — fala de um jeito tão doce que parece o maior dos elogios. Aperto-a em meus braços e encho seu rosto, pescoço e cabelos de beijos. Ela ri aquele som que tanto adoro. — Ben?

— Oi?

— Vai estar aqui quando eu acordar? — sua voz é ansiosa. — Eu não quero pedir nada que não possa dar, só que...

— Ei? - Acaricio sua face, mas não olho-a nos olhos. — Eu não vou a lugar algum. Se preferir eu nem durmo — falo em tom de brincadeira, mas a minha voz sai estranha. Ela suspira.

— Só fique comigo — diz aninhando-se a mim, preparando-se para
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

entregar-se ao sono.

— Não há outro lugar que eu queira estar. — escuto seu suspiro e percebo sua respiração regular.

Odeio tanto o Kevin agora e, apesar disso, tudo que ele faz só traz ela mais para perto de mim. Sei que deveria ter arriscado tudo e deixado ele me processar para poder acusá-lo e prendê-lo, mas ela não quis e eu também pensei no Instituto, muitas crianças dependem de mim. Ainda não sei a repercussão de tudo. Amanhã, com certeza, irei saber.

Afago seus cabelos e inalo o odor que ela emana, doce e frutado. Adoro essa suavidade dela... Aperto-a em meus braços e prometo internamente que vou defendê-la custe o que custar. Já falhei duas vezes nessa vida, duas que me custaram muito caro. Está na hora de assumir o papel de adulto da situação e enfrentar o mundo por alguém. Não que não faça isso pelas minhas garotas, mas dessa vez eu não vou chegar tarde demais.

Um sentimento real

Acordo sentindo meu corpo dolorido e acho que é por causa da tensão da noite anterior. Me espreguiço lentamente e quando toco o travesseiro ao meu lado ele está vazio e frio. Meu coração dá um salto. Ele prometeu que ficaria...

Me sento na cama em um impulso sentindo meu pulso acelerar. Olho em volta e abraço meus joelhos. O que eu poderia esperar? Ben e tensão emocional não funcionam. Não com sexo envolvido. Se ainda fôssemos apenas amigos ele estaria aqui. Engulo o nó que se forma em minha garganta. Levanto e vou ao banheiro, olho no espelho e vejo alguns roxos em minha pele.

Respiro fundo algumas vezes ao me lembrar do Kevin completamente descontrolado. As coisas que me disse, as desculpas loucas por me trair todo esse tempo, o pedido absurdo para reatarmos. Eu, definitivamente, não conheço aquele homem. Isso só reforça meus temores em relação ao Ben. Sei que passamos muito tempo juntos e tudo flui de forma natural, mas não consigo vê-lo em um relacionamento de fato. Não consigo vê-lo se entregando, doando seu coração. Paranoia minha? Acho que não. Não sou tão burra assim. Um homem como ele, que sempre viveu escondendo sentimentos assim, que gosta de leveza, de uma vida tranquila e sem compromisso emocional, não vai mudar. Não por minha causa.

Saio do banheiro após essa incursão de pensamentos diante do espelho. Lavei o rosto, fiz um rabo de cavalo, mas não tomei banho. O cheiro dele está em mim e pode ser torturante, mas não quero apagá-lo. Não agora.

Troco o pijama por uma calça jeans e camiseta. Calço sapatilhas e após me observar no espelho e ver alguns arroxeados nos pulsos e braços, onde Kevin me apertou com força, decido por um cardigã. Sei que meus irmãos sabem o

que aconteceu e estão só esperando Kevin sair do hospital para terminar de quebrar os ossos que Ben não quebrou, mas não quero aumentar o atrito. O que ele fez foi imperdoável, mas não vale a liberdade dos meus garotos.

Pego meu celular e começo a fuçá-lo enquanto ando até a cozinha. Tem milhares de mensagens da Su. Vou me encontrar com ela. Aciono a discagem rápida para avisá-la que estou a caminho e assim que ela atende eu estaco na entrada da cozinha: de pé, de costas para mim, está o Ben. Meu rosto se abre em um sorriso que não posso conter. Meu coração esquenta tanto no peito que acho que vai pegar fogo. Ele vira-se com um sorriso também e eu fico séria. Acabo de me dar conta do quanto ele move meu mundo. Estou apaixonada pelo Ben e não é pouco. O medo me toma nesse instante. Sei que se eu mostrar o que sinto vou perdê-lo. Não sei onde pôr as mãos agora. Me sinto completamente perdida.

— Você ficou — as palavras saem como um desabafo.

— E para onde eu iria? — pergunta relaxado e eu suspiro tentando aliviar minha tensão. Não posso virar um chiclete agora. Carência, grude, dependência? Não colam com o Ben. Preciso parecer despreocupada e tranquila. — Não quis te acordar. Estava terminando aqui para levar para você na cama e mais uma vez você não me deu tempo. — Eu sorrio desse jeito dele. Cozinha maravilhosamente e está fazendo isso para mim.

— Desculpa — digo sem jeito.

— Tudo bem — fala ainda sorrindo e puxa uma cadeira para mim. — Senhorita. — meu sorriso se torna relaxado e vou até a cadeira. — O que vai querer?

— O que tem no cardápio? — Ele parece ponderar algo.

— Todos os seus desejos serão atendidos. — Me dá um selinho rápido e isso já faz meu coração afundar.

Tomamos um café incrível. Depois disso esforço-me em mostrar segurança. Digo que estou bem e que encontrarei Su. Ele insiste em ficar comigo, mas digo que não quero atrapalhar seu trabalho. Consigo convencê-lo a ir trabalhar, mas não sem antes me deixar na casa da Su. Assim que ele sai, me apresso em subir as escadas para alcançar o apartamento da Su. Ela mora em um prédio de quatro andares e não tem elevador. Quando chego, ela já abriu a porta.

— Meu Deus, Lie! — diz me abraçando. — Aquele desgraçado. Como alguém pode ser assim, tão...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vamos esquecer o Kevin, Su — digo séria. — Ele é passado. — Ela se afasta para me olhar.

— Claro. — Me puxa pela mão e logo estamos no sofá.

Su não pergunta sobre Kevin, mas sim sobre o Ben. Conto tudo para ela, que fica de queixo caído. Não falo os detalhes sobre Meg e Amy, mas ela imagina o que não conto. Acho que toda mulher consegue se pôr um pouco no lugar da outra em situações assim. Depois de muitas conversas, detalhes, lanches e loucuras femininas ela me avisa que está de folga. Como lutadora de MMA ela treina pesado, mas não está em nenhum campeonato agora.

— Então... — começa e sei que lá vem pergunta tensa. — Você e ele já se definiram?

— Definir? — encaro-a confusa.

— Sim. — Ela se arruma toda no sofá como se fosse fazer o discurso da Independência. — Definir. Vocês ainda são amigos, são amigos com benefícios, são algo mais...

— Su, você está viajando — falo desconsertada, mas eu também queria saber o que somos.

— Você já disse a ele que está apaixonada? — Ela corta meus pensamentos.

— Ficou louca?! — pergunto nervosa. — Nunca.

— Você precisa. Precisa que ele diga as intenções dele.

— Quantos anos eu tenho? Doze? — bufo contrariada. — Não estamos na era da pedra — Suspiro. — E se fizer isso, o máximo que consigo é que ele corra a toda velocidade sem olhar para trás.

— Mas foi você mesma quem disse que ele é um cara incrível, atencioso, etc. e etc.

— Disse e ele é, mas não assim. — Fico meio perdida entre o que acho, sinto, sei...

— E como é Lie? — ela fala chateada.

— Ele é assim comigo porque nunca cobre nada dele, Su. Porque sabe que somos amigos e que não espero que ele venha em um cavalo branco para me tirar da vida real e me levar a um conto de fadas.

— Mas é exatamente o que você queria — ela diz cética.

— Não importa o que quero, importa que não posso pedir a ele mais do que está disposto a dar. — Penso em tudo que já obtive dele e, sendo Ben, considero que foi muito. Estou dando muitos pontos a ele? Talvez.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ele não dá sinais? Não...

— Su? — interrompo.

— Oi.

— Não — corto.

— Lie...

— Não, Su. — Nos encaramos sérias. — Sabe como fiquei quando acordei e achei que ele tinha fugido? — Ela faz uma cara de sofrida. Detesto pena.

— Mas ele estava lá fazendo seu café da manhã.

— Porque estava sensibilizado e pensando na irmã e na amiga. — Ela exala ar entre os dentes.

— Entendo. — Imagino que não, mas não nego.

— Vamos esquecer esse assunto? — Minha amiga me olha contrariada, mas eu não quero criar falsas expectativas. — Quem sabe um dia ele compre um cavalo, aí posso começar a pensar em príncipes e essas coisas todas. — Nós duas rimos.

— Bobona. — Me empurra. — Mas ele socou a cara do Kevin bem socada. — Ri como quem ganhou um prêmio.

— Isso ele fez mesmo. — Confirmo lembrando da cena. Achei que Ben esfacelaria o crânio de Kevin, não achava que ele era tão forte.

— Queria estar lá — diz apertando minha mão.

— Para terminar o serviço que o Ben começou? — indago olhando-a com uma careta.

— Ah! Com certeza. — Nós duas gargalhamos.

Depois disso só conversas bobas. A Su me fala de seus peguetes e da viagem que fará para as próximas lutas e dos treinos. Falo das empresas que entraram em contato e de uma que é no Japão. Não falo Japonês, mas acho que inglês me ajudaria lá até aprender. Sei algumas línguas, gosto de aprender sobre outras culturas e tal. Nada melhor que na língua nativa. Meu telefone toca e é o Ben. Meu coração salta e Su faz como toda amiga retardada que se tem: começa a fazer caras e bocas e eu reviro os olhos para ela.

— Oi — digo tímida.

— Oi, maluquinha. — Ele agora vai me chamar assim? Me dando apelido? Isso é um sinal? Não pense Charlie.

— Oi, idiota — devolvo e ele ri. Imagino a forma como os olhos dele
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

brilham quando faz isso. Um brilho que se torna um ímã para qualquer pessoa que o esteja observando.

— Tudo bem? — Parece preocupado.

— Sim. — Penso um pouco. Preciso relaxar e agir normalmente. — Tudo perfeito. Estou aprendendo uns golpes de defesa pessoal com a Su. — Ele parece suspirar.

— Isso é bom — fala sério. — Queria pedir algo para você.

— O quê? — Fico ansiosa.

— Meu pai vai fazer um evento beneficente. Espera. — Fala com outra pessoa, mas não entendo nada. — Voltei. Bom, ele vai fazer um almoço em casa... — Mais um almoço de gente rica. No outro nem almoçamos. — ...e queria que fosse comigo.

— Não acho uma boa ideia. Da última vez...

— Ah, por favor - rebate. — Preciso que me ajude. — Sério? — Na verdade, queria saber se fará algo agora à tarde porque poderia vir até o escritório. Ou melhor, eu pego você e me ajuda com os detalhes.

— Por que eu Ben? Você tem assessores para isso. — Sei que pareço mal agradecida, mas ele tem mesmo. Fico confusa com o pedido.

— Porque meu pai gosta de eventos que pareçam família e uma opinião feminina não profissional muitas vezes soa melhor.

— E sua mãe? — pressiono.

— Está cuidando do cardápio e outras coisas — ele explica. — Pode só ajudar um amigo, por favor? — Amigo? Estamos definidos então? Acabei de morrer.

— Posso — digo triste e Su para com suas peripécias e me indaga com um gesto de sobrancelhas.

— Obrigada, eu pego você duas horas. Tudo bem? — Parece ansioso.

— Tudo. — encerramos a ligação. Nada de beijo, de tchau, de adoro você... Droga, sou uma tola mesmo.

— O que foi? — Minha amiga me indaga curiosa.

— Ele me pediu ajuda com um evento beneficente. Vem me buscar duas horas.

— Hum. — Ela geme.

— Hum o quê? — Desvio o olhar.

— Nada.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sem crédito com o pai

As coisas parecem mais calmas para Charlie, mas eu tenho a impressão que às vezes ela se faz de durona. Ela não sabe, só que fala dormindo. Escutei-a implorar para que Kevin não a machucasse e dizer que ele não era assim. Aquilo foi como reabrir todas as feridas do meu passado. Não contei a ela, mas acordei e fiz um café da manhã caprichado que levaria na cama, mas, mais uma vez, ela acordou antes. Ela se derreteu toda e agradeceu repetidas vezes. Não queria deixá-la, mas tenho muito o que fazer.

Deixei-a na casa de sua amiga Suzy e fui para o escritório. Tenho, além de tudo que já faço, uma festa beneficente na mansão da família. Meu pai acha que fazendo as festas em casa será mais tranquilo para o seu coração. Nem sabe ele que o problema é seu próprio cérebro.

Convidei CW e ela acabou virando parte integrante da organização. Está no escritório com Eleanor e um grupo de pessoas que expõem ideias, cores, pratos... Eu fico observando cada gesto dela da minha mesa. Resolvo outras atividades enquanto fazem da minha sala uma feira. Mas a sensação de tê-la diante de meus olhos, segura, me faz trabalhar melhor. Estou paranoico? Não sei. De qualquer forma, ela também não pensa no que aconteceu enquanto está aqui.

Ela fez umas perguntas estranhas quando a convidei, mas acho que disfarcei bem. Não poderia dizer que a queria sob meus olhos para me sentir melhor. Vez ou outra olha-me e quando pega-me observando-a, faz algum gesto. Um sorriso, uma piscada, uma careta, qualquer coisa e meu dia parece melhor.

Meu telefone toca e é o grande Dimitri.

— Oi, pai. — A zanga do outro dia se foi.

— Precisamos conversar, Ben — ele parece tenso.

— Pode falar, estou desocupado agora — eu explico.

— É sério e não pode ser por telefone. — Droga!

— Podemos jantar. — Ele concorda. — Até mais, pai.

— Até, filho.

Temos uma boa relação. Claro que ultimamente brigamos quase que em todas as conversas, mas eu e meu pai sempre nos demos bem. Mesmo com tudo o que Amy passou, eu e ele mantivemos contato. Me condene quem quiser, mas eu amo meu pai. Sempre cuidou de mim, me deu boa educação, casa, diversão e atenção. Sim, o grande Dimitri sempre me deu atenção. Ele renegava a Amy e hoje sabemos porquê, mas comigo era diferente. Se esforçava, ia aos meus jogos, lembrava dos meus aniversários... ele é um pai para mim. Um pai controlador e que quer que eu me case para expor uma postura absurda, mas ainda assim, meu pai.

— Pronto, senhor Romaninov. Os últimos relatórios para serem assinados.

— Eleanor vem até mim e eu assino os documentos.

— Mais alguma coisa, Eleanor?

— Não senhor — ela diz e com um sorriso sai da sala.

Nem percebi como as horas passaram rápido. Dou uma girada na cadeira e vejo o mundo lá fora sob a noite. Eleanor poderia resolver tudo que Charlie fez, mas eu precisava de uma desculpa e usei a que tinha. Me ergo da cadeira e vou até as paredes de vidro do meu escritório. Vista panorâmica é algo bem relaxante. Observo a cidade lá fora e solto um longo suspiro. Uma conversa com meu pai.

— Admirando seu reino? — Essa pergunta. Volto para encarar Charlie. Mesma pergunta, mas não tem a expressão relaxada do outro dia.

— Não, o reino do grande Dimitri. — Sorrio e ela fica me encarando.

— Então é seu, já que vai ficar com tudo de herança — diz em um tom esquisito. — Toda essa riqueza. Você será obscenamente rico. — Ela adora essa palavra não?

— E isso importa? Ser rico? — pergunto estranhando esse tema. — Ou obscenamente? — friso a palavra.

— Não sabia? — Faz uma cara surpresa e então começa, com um brilho arteiro no olhar. — Nós mulheres somos loucas por riqueza. Adoramos tudo que a palavra rico pode significar, principalmente dinheiro. — Faço uma careta. — Só de falar rico, nossa, quase temos um orgasmo. — Começo a rir dessa maluca. Charlie faz uma cara de quem está muito excitada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Cala a boca. — Tento parecer sério.

— Ah, não, eu não contei o melhor. — Aproxima-se de mim. — Diamantes, carros do ano, roupas de marca, nossa, temos orgasmos múltiplos com essas coisas. — Umedece os lábios. — Toooooooooooooo das nós, você sabe, mulheres. — Está brincando comigo e eu adoro essa boca grande que ela tem. Puxo-a de surpresa e imprenso-a contra a parede de vidro, usando meu corpo como contenção.

— Orgasmos múltiplos, hein? — falo bem próximo à sua boca e ela fica séria de repente. Sinto seu coração acelerado e o meu não está muito atrás. — Posso te dar alguns. — Ela gargalha.

— Convencido — provoca.

— Você quem começou — digo e ela enlaça meu pescoço, colo minha boca na sua, não deixando espaço para mais nada. Nem mesmo o ar.

— Ben! — Me empurra. — Estamos no seu local de trabalho.

— Exatamente. É meu, faço o que quero. — Pressiono meu corpo ainda mais contra o dela.

— Não, do senhor D. — Ela acabou de dar um apelido ao meu pai? Encaro-a franzindo a testa e ela aproveita minha confusão e me empurra com mais força.

— Você me provoca e depois foge? — Ela ri.

— Não provoquei. — Faz-se de inocente. — Disse que riqueza me daria orgasmos múltiplos e não uns amassos.

— Maluca. — Ela está sentada na minha mesa agora. Não em uma cadeira ou poltrona. Na mesa. Aproximo-me e me encaixo entre suas pernas. Ela apoia as mãos em meu peito. Seguro seu rosto entre minhas mãos e quando vou beijá-la de novo, meu telefone toca. — Hum. — Solto um gemido sofrido. Encaro-a. — Salva pelo gongo.

— Ui, que medo — brinca. Eu não saio da posição em que estou. CW me olha surpresa quando faz menção de descer da mesa e eu não deixo. Apenas atendo o celular com uma mão, enquanto seguro sua cintura com a outra.

Minha mãe do outro lado da linha para me dizer que irei me atrasar para o jantar. Droga! Agora meu pai come meus rins no almoço beneficente. Encerro a ligação com o clássico “eu te amo, mãe”.

— Então? Mais bronca? — CW pergunta com as mãos nos meus quadris.

— Acho que a nossa orgia da riqueza vai ter que esperar. — Dou uma risada torta. Ela acaricia meu rosto com uma mão.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Problemas? — Curiosa.

— Meu pai quer conversar sério — ironizo. Pondero alguns segundos. — Vamos jantar?

— Com seus pais? — Seus olhos abrem ao máximo.

— Sim, com os assustadores senhor e Senhora Romaninov. — Espero a resposta dela, que fica muito séria.

— Da última vez que fui comer lá, saí com fome e ainda levei bronca. — Ótimo. Meu sorriso é involuntário.

— Eu deixo você beber todo suco de uva que tiver na casa e espero você comer primeiro para depois dar um ataque sem motivo algum. — Afago a mão que ela mantém em meu rosto e apoio a outra na sua perna.

— Idiota. — Ela segura a minha gravata com as duas mãos e me puxa, depositando um beijo em meus lábios. Esse foi extremamente gentil e sinto algo se revolver em meu estômago.

— Por favor? — Faço cara de cachorro pidão.

— Certo, mas se você e seu pai começarem uma guerra, eu abandono você lá. — Me empurra um pouco e desce da mesa.

— Muito bem, amiga — satirizo.

— Vamos, amigo — provoca.

Saímos de mãos dadas e sinto meus dedos formigarem. Assim que passamos a porta do saguão da empresa, algumas pessoas olham para gente e solto a mão dela. O segurança joga a chave do carro e mesmo com ela em mãos, sinto que estou de mãos vazias. Abro as portas e assim que acelero minha mão vai direto sobre a dela. Charlie puxa a dela para mexer nos cabelos, mas tenho a impressão que estava esquivando de mim. Parece um pouco tensa.

— Tudo bem? — pergunto.

— Ótimo — responde com um sorriso amarelo. Deixo o assunto para depois, agora terei que lidar com o grande Dimitri.

Logo estamos indo ao jantar do sermão. Não demora muito e chegamos. Estrada vazia, carro potente e eu, que sou um ótimo motorista, guiando. Eu sei, pareço convencido, mas sou apenas confiante.

Estaciono em frente à casa em que cresci e olho para a porta de entrada. Pronto ou não, aí vou eu. Dona Clarisse nos recebe na porta e logo Charlie relaxa, já que a postura de minha mãe não lembra em nada o estereótipo de dondoca rica e fútil.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O jantar já estava quase sendo servido e nos apressamos para a mesa. Sei que CW se surpreende por não ser nenhum prato exótico. Ela come satisfeita e logo ganha as graças de Fiara. O jantar segue sua rotina tranquila e o grande Dimitri não menciona o tema principal que me fez vir aqui, apenas conta histórias da Rússia e vejo os olhos de Charlie brilharem ao ouvi-las. O sorriso dela é contagiante quando ele fala algumas expressões em russo. Ela acabou de ganhar esse velho turrão?

— Se me derem licença. — Meu pai se levanta em um dado momento em que já comemos tanto quanto aguentamos. — Venha, vou te mostrar o jogo senhorita White. — Ai, não! Ele e essa partida de xadrez que nunca acaba.

— Pai, achei que queria conversar comigo — provoco.

— Primeira vez que conheço uma amiga sua e para meu espanto ela sabe jogar xadrez. Não tenha pressa filho — ele me descarta.

— Sim, ela gosta. É uma nerd. — Aponto.

— Essa nerd aqui salvou sua pele diversas vezes, seu almofadinha — diz cética.

— Sei. Joga na cara. — Eu rio dela e então me toco da expressão que meus pais têm em suas faces.

— Ben! — Me olha torto.

— Venha, senhorita. — Meu pai mais uma vez estende a mão para ela. — Ele sempre foi rebelde.

— Charlie — ela corrige e pega a mão dele. Fico parado observando a cena. Quando volto-me para minha mãe, ela tem aquele sorriso estranho no rosto.

— Então filho, vai me contar?

— Contar o que, mãe? — Desvio o olhar levantando-me da mesa. Dou alguns passos e logo ela está de braço dado comigo.

— Sobre você dois. — Ótimo. Sensor de mãe ativado.

— Somos amigos.

— Só isso?

— Só mãe. — Fico tenso. — Não se empolgue. — Caminho até a biblioteca para ver essa partida monumental. A nerd que nunca perde e o dono da Rússia.

...

Assim que me aproximo da porta, percebo que estão conversando. E muito. Normalmente em partidas de xadrez as pessoas não falam muito. Nessa então, em que meu pai armou uma jogada que ninguém consegue vencer, estaria mal respirando. Algo dentro de mim não contém a curiosidade e paro perto da porta.

— Então, onde se conheceram mesmo? — interrogatório do grande Dimitri.

— Na faculdade — a voz dela parece relaxada. Ela não tem medo dele e isso é bom.

— E ficaram amigos rápido? — Ele não acredita na nossa amizade.

— Não. — Acho que ela suspirou agora. — Seu filho era um idiota na maioria das vezes, mas ele também era legal. — Legal? Eu era legal? Não gosto de legal.

— Era? — Ótimo. Pais sempre ajudando os filhos.

— Ele mudou muito. — Ela acha que eu mudei. Sorrio para a porta à minha frente.

— Não mudou não. — Valeu pai. Também te amo. — Continua o mesmo garotão de sempre, sem querer compromisso e responsabilidades de adulto.

— Olha senhor D... — Ela o chamou de senhor D? — Acho que o senhor não está olhando para o lado certo. Seu filho mudou muito sim. Ele pode até não gostar dos compromissos e responsabilidades de adulto que o senhor quer, mas ele faz muitas coisas.

— Muitas coisas, sei. — Ele bufá contrariado. — Mulheres, sempre esperançosas.

— Sim, nós somos, mas nem por um momento pense que somos tolas — ela corta e sinto a mudança em sua voz. — Seu filho é um homem incrível. Honesto, amigo, leal, trabalha muito, não se droga. — Ela está falando de um cachorro? Bom, gostei da parte do homem incrível.

— Ele tem mais de trinta e não tem um relacionamento sério. — Meu pai vai à questão que atormenta seus sonhos.

— Entendi — ela fala com um peso na voz. — Alguns homens são felizes assim.

— Você não quer casar? — ele perguntou isso a ela? Deus, vou entrar lá. Ponho a mão na maçaneta...

— Isso não importa. — Paro quando escuto isso. — Não temos nenhum compromisso e, mesmo que tivéssemos, eu jamais cobraria algo dele que o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fizesse infeliz. — Fico imóvel com a mão na porta. Charlie pensa que casar me faria infeliz? — Ele é sim um homem incrível e se o senhor o ama, não cobre tanto dele. Não nessa área. Converse com ele, é seu filho, vai ver o monte de coisas que ele fez e faz e vai achar algo para se orgulhar. — Ela está me defendendo mesmo lá dentro.

— Acho que me entendeu errado, senhorita.

— Charlie — corrige mais uma vez, só que com um pouco menos de paciência.

— Charlie — ele repete. — Eu amo meu filho, só não quero que ele se veja, daqui a uns anos, um homem sozinho. — Meu pai está preocupado com isso. — A família é a única coisa que importa. Queria que ele tivesse o que eu e Clarisse temos. Sei que o amor não é fácil, mas na verdade acho que ele só tem medo. — Por que diabos ele está falando essas coisas com ela? — Só de olhar para os palhaços com quem anda posso ver isso.

— Senhor D, seu filho é feliz. Ele me parece bastante feliz e ele é um homem bastante família — ela diz segura disso. — Já os palhaços, eles têm um coração bom, dê um crédito a eles.

— Desisto. — Ele riu agora? — Você o defende mesmo. Ou acredita em tudo isso, ou é tão maluca quanto os outros amigos do Ben.

— Já me chamaram de maluca antes. — Ela ri do jeito que tanto adoro, mas não gostei do meu pai dizer que ela é maluca. — E somos amigos.

— É, amigos, você disse. — É tão difícil acreditar que posso ser amigo de uma mulher? E qual o problema com isso? Ninguém sai com inimigos.

— E além disso...

— Garoto Ben! — Fiara vem em minha direção no corredor. — Precisa de algo?

— Não. — digo como um garoto pego em malinagem.

— Tem certeza? — Ela ergue uma sobrancelha com descrença.

— Tenho. — Passo a mão em seu antebraço. — Obrigado, Fiara. — Pode ir. — Empurro-a de leve.

— Sei. — Vai andando, mas não se detém e fala depois de alguns passos. — Ela é uma boa garota, Ben. Não faça bobagem. — Por que todo mundo acha que vou fazer algo errado? — Ela sorri e sai. Não tenho outro remédio e abro a porta e os dois parecem entretidos no jogo. Droga, não ouvi o final.

Muito bem, agora eu escuto atrás de portas.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Minha garota

Entro para ver Charlie pôr meu pai em cheque tão rápido que até eu fiquei assustado. Achei que estavam só em uma conversa, mas ela fazia isso enquanto armava uma jogada. O grande Dimitri não vai ficar feliz com isso.

— Já conhece essa jogada? — Ele fala surpreso com ela.

— Não, mas eu o distraí tempo suficiente para perceber sua jogada. — se defende.

— Veja, Ben. Com uma jogada sua amiga me pôs em cheque — ele diz com certa decepção na voz. Acho que esperava vencê-la sem sofrer uma pancada dessa. — Não me disse que ela era tão inteligente.

— Namorei o chefe do clube de xadrez. — Ela começa a rir alto. — Desculpa Senhor D, mas eu sabia que o senhor iria me subestimar. — Meu pai franze a testa então ri também.

— Não sabia que garotas bonitas namoravam jogadores de xadrez. — O velho Dimitri parece ter gostado mesmo dela. E meu pai não é do tipo que simpatiza fácil.

— Eu não era bonita. — Ela diz com um sorriso amarelo.

— Ela é nerd, pai. — Eu entro na conversa. — Você sabe. Do tipo que come livros.

— Sei, aqueles que você tem aos montes, mas usa como peso de papel. — Ele está defendendo ela? Ótimo, agora eu sou o inimigo.

— Não sou nerd — se defende. — Gosto de xadrez e livros, isso não é crime.

— Não, jamais seria para uma pessoa com um QI de mais de 200 pontos. — Meu pai agora fica incrivelmente surpreso.

— Não é 200. — defende-se.

— Então você sabia o tempo todo que ela me daria uma surra e não me

avisou?! — Todos rimos. — Clarisse tem uma biblioteca incrível Charlie, com vários clássicos. Por que não vai conhecê-la? — Ela sorri levantando.

— Claro. — Passa por mim e sua mão roça de leve na minha e percebo que é proposital. Como se estivesse me apoiando pelo sermão que irei ouvir. Vejo a cumplicidade em seu olhar.

— Terceira porta à esquerda, CW. — Ela sorri para mim. — Passo lá para te pegar quando acabar aqui. — Faço sinal de que terei minha garganta cortada e ela revira os olhos.

— Tchau, senhor D. E maneire no castigo. Ele tem se comportado bem ultimamente — provoca meu pai antes de fechar a porta.

— Tem certeza que ela é só uma amiga? — Diz mostrando a cadeira em frente à mesa.

— Pai, é complicado. — Ele me encara como se meu QI fosse zero. — Mas não foi sobre isso que me chamou para conversar — corto. Não tenho idade para falar de garotas com meu pai, ainda mais sobre Charlie.

— Muito bem, agora nós dois então — ele diz e eu ando até ele, sentando em sua frente.

— Pode despejar. — Ele puxa um envelope e me mostra. Abro e dentro estão as fotos do dia que briguei na rua.

— Foi a gota d'água, Ben. Posso perder alguns investidores e as ações caíram um pouco. Bem pouco, mas isso pode repercutir mal. — Fico parado olhando as fotos e a única coisa que lembro é o motivo por eu ter brigado. — Diga algo, Ben. Me dê uma saída.

— Use o Ivan. — Ele me encara espantado. — Ele tem a imagem que as pessoas querem pai. Não vou afundar sua empresa. — Levanto para sair. Poderia dizer o motivo pelo qual briguei, mas não quero expor Charlie. Sei como são essas coisas, já foi difícil conter no dia...

— Ben. — Meu pai vem até mim quando já estou com a mão na porta. — Eu não quero o Ivan. Você é meu filho e a empresa é nossa. Sua, da sua mãe, da Amanda, dos meus netos. — Ele suspira cansado. — Mesmo que nenhum de vocês queira nada disso.

— Pai, eu sou feliz com tudo que tenho e tudo que me deu — digo sério. — Não estou frustrado com meu emprego, não me sinto pressionado a trabalhar em algo que não gosto. Eu amo meu trabalho. — Vejo admiração passar em seus olhos. — Admiro o homem que o senhor é e tudo que construiu, mas eu não posso ser o que eles querem. Esse sou eu e se não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

posso gerir a empresa por falhar às vezes, sinto muito — digo seguro. — Nunca faltei com compromissos de trabalho.

— Entendo — ele diz exalando ar com força.

— Preciso ir agora pai, Charlie está cansada. O dia ontem foi cansativo e o de hoje também. — Começo a me despedir.

— Muito bem meu filho. — Percebo que meu pai não se dá por vencido e está arquitetando algo, só não consigo imaginar o quê. — E, Ben? — Pergunta quando me viro para ir embora. — Ela é uma boa garota. — Sorrio para ele.

— Aleluia, ele aprova um dos meus amigos — brinco e ele meneia a cabeça.

— Tome uma atitude de uma vez, como homem, e não a perca. — Eu sou um homem. E perdê-la não está nem perto do que pretendo. — Juízo garoto.

— Não sei aonde vende — retruco e ele me dá as costas voltando ao jogo de xadrez. Com certeza vai perder a noite tentando reverter a jogada.

Eu e Charlie pegamos o caminho de volta para casa. Assim que paro em frente ao seu endereço ficamos em silêncio. Mais silêncio, já que não dissemos nada o caminho todo. Eu olho para ela pensando em tudo que aconteceu até agora. Tantas coisas ao mesmo tempo.

— Tudo bem? — Ela pergunta tensa.

— Tudo — digo sucinto.

— Mesmo? — Insiste.

— Não — confesso de vez.

— O que foi? — Pergunta segurando minha mão. Olho para ela e lembro das palavras de meu pai. A única coisa que realmente me afetou em tudo, foi a possibilidade de perder Charlie.

—Tudo — digo sem olhá-la. — Tanta coisa ao mesmo tempo que minha cabeça parece que vai dar um nó.

— Cobranças? — Ela fala, passando a mão em meu rosto e me fazendo encará-la.

— Muitas. — Aperto a mão dela na minha. — A empresa. Meu pai está com problemas com investidores porque não passo a imagem correta.

— Em que época estamos? — Diz indignada.

— Fotos do dia que briguei na rua chegaram aos investidores mais antiquados. Os que investem mais, ricos de berço. — Lembro do instituto e do Micha. Solto um suspiro pesado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Desculpe — ela diz triste e eu a encaro.

— Nunca se desculpe por isso. Não me arrependo nem um segundo do que fiz. Nem que meu pai me deserde. — Ela olha-me surpresa. — Na verdade me arrependo de não ter desmembrado o Kevin. — CW faz uma careta.

— Não há nada que eu possa fazer? — Ela diz solícita. E eu realmente queria que pudesse resolver tudo com um dos seus sorrisos.

— Não, mas eu vou dar um jeito — tento suavizar. — Meu pai é turrão, mas não é nenhum vilão.

— Por que não fala do instituto? — O rosto dela se ilumina.

— Não. Vai parecer que quero me redimir de algo — digo convicto. — Não quero que Amy pense que eu...

— Ela não pensa — me interrompe. — Sua irmã não pensa nada disso.

— Você não sabe. — Desvio o olhar, mas ela puxa meu rosto de volta.

— Eu sei sim. Sei porque eu vi como ela te olha, Ben. — Tem as duas mãos agora segurando meu rosto. — Ela te ama pelo cara incrível que você é. Só está acostumado que as pessoas pensem que você pode dar menos.

— Charlie, eu...

— Você o quê? — Solta o meu rosto parecendo ficar nervosa. — O que você quer, Ben? De verdade? — Não respondo. — Você precisa decidir e ir atrás. O que você quer para você? — Engulo saliva e esfrego meu rosto contra minhas palmas. — Eu entendo tudo que passou e o fato de achar que falhou, mas a vida é isso. Ganhos e perdas. É assim que a gente cresce, que a gente evolui.

— Então você também acha que sou um garotão? — Falo chateado.

— Não, só surdo — retruca irritada. — Surdez seletiva. De tudo que falei, pegou um pedaço e distorceu.

— Não quero expor os garotos do instituto também — falo pensando na leviandade que seria usar os garotos para promover minha imagem.

— Viu? É disso que estou falando. Desse cara. — Ela aponta contra meu peito. — Esse homem incrível, que se incomoda com os outros, que tem esse senso de proteção maravilhoso e que seria um pai fantástico. — Tenho certeza que fiz uma careta de dor. — E não precisa casar para isso. Eu vi você com o John. Seria um ótimo pai solteiro. — Ela ri e eu tento, mas não consigo retribuir o gesto.

— Sempre diz que sou um idiota. Agora vem com essa de cara incrível — falo meio descrente, mas nem sei mais do que estou me defendendo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Quando digo que é um idiota me refiro a uma parte do que você é. — Ótimo, isso melhora as coisas. — Deixe que se frustrem e vejam quem você é de verdade. O cara que eu vejo... — Pareceu querer dizer mais, só que não disse

— Acredita mesmo que mudei? Acredita nas coisas que disse ao meu pai? — Pergunto por fim.

— O quê? — Ela fala surpresa. — Ah meu Deus, estava escutando atrás da porta? — O ar de espanto toma sua face.

— Culpado — digo com os olhos nos dela.

— Quantos anos tem? Doze? — Começa a rir abertamente e eu só quero escutar esse som.

— Meu pai acha que tenho nove, mentalmente falando, é claro. — Nós dois rimos juntos agora, mas não relaxamos.

— Vem! — Ela sai do carro, bate à porta e segue em direção à porta. Fico parado olhando para o volante. — Ei? Vai ficar aí? — Desço do carro e vou atrás dela. Entramos e a sigo para a sala. Fecha a porta atrás de mim e me puxa para o sofá. — Você precisa de colo — diz carinhosa e eu não me nego. Ela senta com as pernas pra cima e puxa minha mão. Me aconchego entre suas pernas. De costas para ela que inicia carinhos e afagos em meus cabelos.

— Posso ficar mal acostumado — brinco segurando seus tornozelos.

— Nem comece, estamos em uma conversa séria — me corta.

— Estamos em uma “DR”? — Sinto seu peito vibrar às minhas costas quando fala.

— Não sei, me diga você. Nunca tive uma. — Volto-me, encarando-a. — Eu sei o que eu quero.

— Conversa séria, Ben. Nada de coisas pervertidas — fala em tom de brincadeira, mas sua expressão é tensa.

— Eu sei o que quero — digo olhando em seus olhos, sério. — A única coisa que realmente quero e não envolve empresa, nem bens, ou dinheiro. — Apoio minha testa na dela e acaricio seu nariz com o meu. Sinto-a prender a respiração. Volto a encará-la. — Eu quero você comigo. — Ela não fala, mas seus lábios permitem uma brecha para a passagem de ar. — Estou apavorado, eu confesso. Não sei como fazer isso, nunca fiz. Não sei as regras, nunca me comprometi com ninguém antes. Tenho medo de errar o tempo todo. De fazer algo que vai estragar as coisas, que vai fazer você ir embora, fazer você me odiar. — Ela engole saliva, sua respiração ficando superficial. — E mesmo
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

assim, eu não penso em outra coisa a não ser você. E não são coisas normais como você nua ou sexo. — Ela prende os lábios nos dentes contendo um sorriso.

— Isso é normal — afirma numa voz sussurrada. — E o que não é?

— Querer saber se você acordou, se dormiu bem, com quem está, o que está fazendo, comendo, pensando... — Enquanto falo, ela ergue as mãos e toca meu rosto, passando de leve as pontas dos dedos. Fecho os olhos apreciando o toque por alguns segundos, mas volto a encará-la. — Adoro tudo em você. O jeito que você me olha, como me sinto com você, como quero ser melhor quando estou com você. É a única pessoa que me fez querer ser alguém que vale a pena. Eu quero você, Charlie White. Quer ser minha garota?

— Você vale a pena, Ben! — Diz com uma voz emocionada e eu anseio pela resposta. — Sua garota? Namorada? — Diz nervosa.

— Ai, meu Deus! Quem tem o QI com mais de duzentos pontos? — Apoio-me nos joelhos, sentando nos meus calcanhares e seguro seu rosto em minhas mãos. — Sim, sua maluca. Quer ser minha namorada? — Ela demora longos segundos em silêncio. — Vai me torturar muito tempo mais?

— Eu já sou sua garota, Ben. — Eu que me surpreendo agora. — Desde o dia que vi você com o J. Você tomou meu coração naquele dia. — Sorrio. — Eu fiquei confusa. Estava em um relacionamento de anos...

— E eu vim salvar você da monotonia. — Rio vitorioso.

— Eu já disse que você é convencido? — Ela brinca e eu me jogo de costas no sofá, puxando-a comigo.

— Só um pouco, mas tenho motivos. — Sinto o peso do corpo dela sobre o meu e meus pensamentos já seguem um rumo que não tem nada a ver com conversas e “DR”. — Agora chega de conversas. — Puxo-a para um beijo. No meio ela se afasta.

— Esse pedido foi péssimo. E esqueceu as regras. — Ergo as sobrancelhas.

— Me dê um crédito, foi meu primeiro pedido de namoro sério. — Ela fica séria de repente.

— Não existe namoro que não seja sério, Ben! — Me repreende.

— Muito bem, senhora “eu sei namorar” — provoco fazendo cócegas. Ela se contorce.

— Namoro sério tem regras - diz segurando minhas mãos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Achei que a única regra é que você é minha garota. — Dou um selinho.
— Então posso beijá-la quando, onde e como quiser. — Ela se encolhe quando beijo seu pescoço.

— E você é meu garoto. — Ri do quanto soa mal a frase no masculino.

— Pode me beijar à vontade — devolvo a brincadeira.

— Só mais uma coisa. — Ela se afasta e me encara.

— Sim, minha garota — provoco e CW revira os olhos.

— Se a sua boca sonhar em beijar qualquer outra mulher... Quer saber, se você tocar qualquer outra mulher que seja de forma íntima, sua boca nunca mais vai encostar em mim — diz ameaçadora. Uau, ela é ciumenta.

— Essa regra é muito restritiva. Poderíamos torná-la mais maleável — provoco.

— Certo — diz com uma calma esquisita. — Qualquer coisa que sua boca fizer em outra mulher, poderá ser feita em mim também, mas por outro homem. — Mudo de posição, prendendo-a embaixo de mim no sofá.

— Nem que eu tivesse que pisar no sol eu concordaria com uma loucura dessas. — digo duro.

— Então não seja um canalha — me provoca, se remexendo embaixo de mim. Sorrio, meneando a cabeça.

— Regra máxima, nada de outros tocando, cheirando, beijando, sequer olhando o que é meu. — Beijo-a com vontade, até quase deixá-la sem ar.

— Digo o mesmo — sua voz sai trêmula.

— Minha mãe pode ser uma exceção? Ainda posso abraçá-la? — Ela afunda os dedos em minha nuca, puxando meus cabelos até quase doer.

— Mães, pais, irmãos e sobrinhos, todos exceções. — Ri me olhando com desejo.

— Acordo firmado, agora chega de conversa. Estamos no sofá da ação. — Pressiono meus quadris contra os dela, que tem uma mão ainda em minha nuca, apertando com força, e a outra em minhas costas.

— Idiota — fala com uma voz carregada de desejo e acho que ela diz essa palavra julgando ter outro significado. Porque nunca soa pejorativo.

— Seu idiota. — Beijo Charlie como se não houvesse amanhã. Com o desespero que só um desejo intenso, acrescido desse entendimento que temos, pode conter. Minha Charlie, minha CW, minha garota, minha namorada. De todas as palavras, a que mais gosto é minha!

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Conhecendo um carinha

Não imagino que horas são, nem que dia da semana é. Parece que perdi completamente o senso de direção, noção de espaço, tudo. Sabe a sensação de expansão? É assim que me sinto. Acho que isso é o que chamam de felicidade em excesso. Abro os olhos lentamente e percebo que CW não está comigo na cama. Meu coração parece ter caído dentro de mim. Minha respiração acelera no susto e meus olhos abrem completamente despertos. O desespero ilógico alivia quando vejo-a entrar no quarto trazendo uma bandeja. Um sorriso satisfeito marca meus lábios.

— Bom dia, minha garota — falo com a voz rouca de quem acabou de acordar e ela se aproxima retribuindo o sorriso, pondo a bandeja na cama.

— Bom dia, meu garoto — a voz dela é doce como sempre. Ela tem um misto de menina e mulher que me encanta. O tipo que não se esforça para aparecer, mas aparece e cativa você naturalmente. Muito bem, estou apaixonado e tecendo um texto sobre a minha garota. Me condenem, eu nem ligo.

— Quem autorizou você a me deixar sozinho em nossa primeira noite?! — Vejo sua expressão de surpresa e o leve rubor que aparece em suas bochechas.

— Não foi nossa primeira noite e já é dia — me corrige apertando os lábios, como se contivesse o riso.

— Foi sim. Oficialmente — devolvo sentando. — Que horas são?

— Então você é do tipo que se apega a datas, momentos, gestos e contabiliza tudo?! — Provoca. — São seis.

— Muito engraçadinha. O que você estava tramando logo cedo? — Afago seu rosto. Observo a bandeja.

— Nada de especial. Sabe que não cozinho bem como você — diz parecendo constrangida.

— Eu como o que você fizer. — Idiota morto. As palavras brincam em minha mente na voz do meu cunhado. Parece que posso vê-lo rir de mim agora mesmo.

— Então, tudo bem. Temos torrada, mel, suco de laranja, ovos mexidos e café. — Ela ri. — Não é nada grandioso, mas dá para enrolar. — Pego um pedaço de torrada com mel e como.

— Hum... Incrível. — Ela revira os olhos.

— Sempre um péssimo mentiroso. — Enche uma xícara com café. — Mas meu café é bom, isso eu tenho certeza porquê... — Ela para de falar e pigarreja. — Aqui, experimente.

— Porque o imbecil do Kevin gostava? — Digo sério, sentindo a aura de felicidade se esvair.

— Não — ela diz com um suspiro e parece desconfortável. — O Kevin não gostava do meu café.

— Como assim? — Se não era ele, de quem ela ia falar?

— B, isso não importa agora — ela põe a xícara em minha mão. — Volte a sorrir para mim. Adoro seus olhos, principalmente quando sorri. — Mantenho a postura sisuda. — Por favor, belos olhos.

— Depois que me falar quem adorava seu café. — Sim, eu sou teimoso. Estou sentindo uma raiva surgir em mim e embora saiba que não é racional, pouco me importo.

— Dylan — fala com um suspiro cansado.

— Quem é Dylan? — Meu bom humor acabou de ir embora e ponho a xícara na bandeja sem provar o café.

— Um amigo.

— Que tipo de amigo? — Charlie faz uma careta.

— Quer mesmo saber? — Droga. Não deveria, mas quero. Bufo contrariado.

— Outro ex seu? — Falo em um tom ácido demais. Estou com ciúme. Não, estou morrendo de ciúme.

— Benjamin, isso é desnecessário — ela diz começando a parecer irritada. — Você vai querer saber de cada namorado que tive?

— Como assim cada? — Eu ouvi bem o Kevin dizer que era o único homem na vida dela.

— Cada um, ou seja, mais de um — me explica como se eu fosse terrivelmente burro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— E você teve vários? — Isso realmente me incomoda.

— Muito bem, você ganhou. Vou me arrumar, tenho trabalho a fazer. — diz levantando-se.

— Ei, não terminamos aqui. — Caminho até ela segurando seu pulso.

— Trabalho é o que pessoas adultas fazem para pagar as contas. — Puxa o pulso da minha mão. — Para mim acabou sim.

— Eu fiz uma pergunta e você não respondeu — devolvo esfregando as mãos nos cabelos.

— Vou responder quando você me contar sobre cada mulher com quem saiu. — Assim que fala me dou conta do quanto pareço ridículo.

— Desculpe-me. Eu não sei bem como lidar com isso.

— Isso o quê? Uma pessoa que tem uma vida antes de você? — Está realmente chateada. — Não gosto de ser controlada e muito menos tratada como se fosse desleal. Alguma vez dei motivos para que duvidasse de mim?

— Charlie, eu não...

— Dei?

— Não — respondo derrotado.

— Então não aja como se eu fosse uma desesperada com o letreiro “vagina à procura” pendurado no pescoço. — De onde ela tira essas coisas?

— Eu não disse isso — falo, tentando parecer sério, mas não contenho o riso. Ela parece ficar mais chateada e sai do quarto. Eu a sigo. — Charlie, por favor...

— O quê? — Volta-se para mim cruzando os braços.

— Eu estou com ciúme, está bem?! — Digo assumindo minha posição frágil aqui. — Todos esses caras com quem você namorou têm uma história, lembranças, fazem parte de sua vida. Comigo é diferente. Nunca tive alguém que importasse realmente. Eu simplesmente passei pela vida. — Ela faz uma expressão de quem vai ceder — Nem me lembro de metade do nome delas. — Vejo sua testa franzir.

— Isso é triste e sinto muito por você, mas não faz de mim uma pessoa... — Puxo-a em meus braços, essa distância está me matando.

— Você é uma mulher maravilhosa e eu confio plenamente em você. Só estou sendo o idiota de sempre, com o acréscimo do ciúme. — Ela não descruza os braços e eu a abraço mesmo assim. Beijo suas bochechas, mas ela não esboça reação. Mantém o rosto virado de lado, sem me olhar. Beijo o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lado voltado para mim várias vezes seguidas. — Perdoe-me, por favor — suplico e ela então volta a me encarar.

— Eu não sou esse tipo de garota — diz agora em um tom mais ameno.

— Eu sei, eu disse mulher maravilhosa? Quis dizer incrível, perfeita, confiável, linda... — O sorriso começa a surgir em seus lábios.

— Pode parar. — Apoia a mão em meu peito, descruzando os braços.

— Estou perdoado? — Questiono hesitante.

— Talvez depois que beber o café que acordei antes do sol nascer para fazer. — Ela se esforçou e eu retribuí como o idiota que sou. — E me prometer que não vai fazer o maníaco por controle. Eu não quero esse tipo de relação Ben, não mesmo.

— Nem eu. Perdoe-me ok?! — ela me olha como quem pondera. — E você tem razão, eu sou um pouco controlador.

— Muito bem, rei dos diamantes, use isso em seu trabalho e com coisas que pode controlar. Eu sou uma pessoa, não uma coisa. Lembre-se disso. — diz muito sério e eu entendo que tenho muito a aprender nessa história de relacionamentos.

— Seu café é bom mesmo. — digo logo após sorver um bom gole. Quero mudar o foco dessa conversa.

— Eu disse.

— Esse Dylan não mentiu. — Lá vou eu de novo. Ela me olha com uma expressão de repreensão.

— Nem começa.

— Ei, eu só estava te dando razão. — Suspiro contrariado. Meu celular apita e vejo o aviso na tela da feira de ciências do instituto. Sempre me avisam dos eventos, mas não vou a muitos. — Que tal ir comigo ao instituto hoje? — Pergunto na lata e o rosto dela se ilumina. Tenho uma ideia de como me redimir por ser um babaca.

— Sério? — ela me sorri, ansiosa, e sempre quis saber mais sobre o trabalho que faço lá.

— Sério. — Sorrio de volta. — Vai ter uma feira de ciências e tem alguém lá que gostaria que conhecesse.

— Quem?

— Você verá quando chegar lá. — Crio mistério e vejo a aura de desentendimento se dissipar. — Vou só resolver algumas coisas no escritório e assinar alguns documentos, volto para te pegar às nove. Tudo bem?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Tudo ótimo. Posso deixar meu trabalho para a tarde.

— Não quero atrasar seu trabalho — falo sincero, pois não quero bagunçar a vida dela.

— Não atrapalha, meus horários são flexíveis. — lá se foi toda a tensão.

Deve ser disso que as meninas sempre falavam. Meg, Amy... Uma hora você está no céu e então tudo parece desanda, mas então, as coisas se acertam. As coisas estranhas da paixão. Espera?! Eu pensei isso mesmo. Volto minha atenção para a mulher a minha frente. Não quero me perder em divagações sobre sentimentos. Acho que ainda não estou preparado para analisar o quanto estou fodido aqui. Continuamos comendo entre carinhos e sorrisos e a atmosfera de felicidade plena retorna.

...

A manhã segue rápida e logo estamos eu e Charlie a caminho do instituto. Paro em uma loja antes de seguir viagem para comprar um par de tênis para Micha. Lembro-me do par de All Star velho que ele usava e isso me aperta o peito. Andamos de mãos dadas até a loja, mas assim que entramos eu solto a mão de Charlie. No momento seguinte eu a observo para ver se há alguma reação. Eu sei, meu ato é idiota, mas é um reflexo. Ainda me sinto meio estranho quando olham para a gente. Ela parece não se importar.

Passeio pelas vitrines e escolho um par de All Star na cor azul, já que CW adora essa cor e diz que são perfeitos. A vendedora ajuda-me com o provável número que um garoto de cinco anos calça e minha garota confirma. Seus sobrinhos têm por volta de sete e dez anos. Após a vendedora dizer que posso trocar, caso precise, voltamos ao carro e lá vamos nós.

Em pouco tempo chegamos e o Flor de Liz está em festa. Crianças correndo, muitas falando em suas explicações sobre os projetos que fizeram. Outras em meio a experimentos. Os professores e coordenadores animados andando para todos os lados e eu procuro Micha, olhando da entrada mesmo.

Charlie entrelaça os dedos nos meus assim que começamos a caminhar para perto dos estandes. Eu me sinto tenso, mas procuro manter minha mão no lugar. Meus olhos encontram os de Aidan, que vão direto para nossas mãos. Mais uma vez eu a solto. Ela nem me olha, parece tranquila e eu me apresso em cumprimentar o Aidan para disfarçar.

— Então, como vai o evento? — Começo uma conversa boba. Posso ver
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que tudo está às mil maravilhas.

— Vai bem. Todas as turmas fizeram trabalhos incríveis. — ele diz sorrindo de orelha a orelha.

— Oi, eu sou Charlie — ela se apresenta com um sorriso estonteante e estende a mão para Aidan.

— Prazer, Aidan. — Ele devolve o sorriso apertando sua mão e eu fico meio perdido. Devia tê-la apresentado logo. Onde estão meus modos? — Veio conhecer as crianças? — Pergunta, empolgado.

— Vim conhecer tudo — ela devolve contente. Não está chateada, sinal de que nem percebeu meu nervosismo e minhas esquivadas. — Pode me mostrar? — O quê? Eu posso mostrar. Por que ela está pedindo para ele?

— Claro. Por aqui, Charlie. — ele responde contente demais para meu gosto. Mostra o caminho entre a turba de crianças alvoroçadas e os visitantes. — Se não tiver problema para o senhor, Senhor Romaninov — ele diz, finalmente olhando para mim e acho que é por ter percebido meu semblante fechado.

— Problema algum, Aidan. Pode ter certeza de que ele não se importa — ela responde por mim e apressasse em ir com ele. Fico com cara de perdido, olhando os dois saírem em uma conversa animada enquanto ela se apoia no braço dele. Ótimo, Bem, mais uma vez você prova ser o idiota que todos dizem.

Sigo atrás, não vou deixar os dois a sós. Não que eu desconfie da Charlie, longe de mim. Só não quero dar espaço para seja lá o que for. Aidan é um cara apresentável e... droga! Estou pensando um monte de tolices. Sigo o mais próximo deles que posso.

Assim que estou ao lado dela, procuro sua mão com a minha, mas ela cruza os braços. Poderia ser um ato impensado, mas eu sinto que não. Ela faz isso umas três ou quatro vezes, mais quando tento me aproximar, e agora não há dúvidas. Está se esquivando ao meu toque. Exalo ar com força e desvio o olhar, é aí que encontro o carinho. Micha está em um estande cheio de plantas. Muito bem vestido, mas nos pés traz os velhos tênis. Caminho em sua direção e algum tempo depois Charlie e Aidan também chegam.

— Benjamin! — Ele diz contente em me ver e essa felicidade gratuita aquece meu íntimo. — Você veio?! — Ele não sabe que sou o dono do lugar. Na verdade, acho que nenhuma criança sabe.

— Não perderia seu show, carinho. — Sorrio para ele e revolvo seus

cabelos.

— Então quer saber como os feijões nascem? — Pergunta, empolgado.

— Manda — digo no mesmo tom de ansiedade. Ele então desata a falar sobre a água e como ela faz as plantas crescerem fortes e bonitas. Descreve sua experiência de plantar o feijão no algodão e por aí vai. Após um tempo divertido escutando essa miniatura de homem descrever todo orgulhoso seu trabalho de ciências, eu olho de soslaio para Charlie, que parece ter sido conquistada pelo charme do pequeno grande homem.

— Entendeu? — Ele pergunta ansioso.

— Entendi sim, sua explicação foi perfeita. — Ele sorri aliviado.

— Essa é Michelle. — Ele puxa a camisa da amiguinha que deve ter um ou dois anos mais que ele.

— Oi, Michelle. — Ela se encolhe com vergonha.

— Oi — responde tímida e pelo jeito fizeram as pazes.

— Essa aí é a sua amiga? — Ele pergunta apontando Charlie.

— Como estão em boas mãos, vou ver alguns detalhes no estande oito. — Aidan se despede indo em direção ao estande mencionado e parece preocupado com algo. Olho na direção e acho que o vulcão não deu muito certo por lá.

— Ei, ela é a sua amiga? — Micha insiste me fazendo olhá-lo de volta. Fico meio aéreo. Deveria dizer namorada, mas a palavra não sai.

— Sou sim. Charlie — diz estendendo a mão para o pequeno.

— Micha — ele devolve o gesto para ela.

— Você é bonita.

— Olha só o Don Juan — eu brinco e ele me olha sério.

— Quem é esse?

— Ninguém, Micha. — CW me repreende com o olhar. Ela se abaixa na altura dele. — Você também é muito bonito e eu adorei sua apresentação.

— Mesmo, Charlie?

— Muito. — Ela sorri gentil e os olhos dele brilham. Sei que em segundos ela vai ganhar o pequeno. — E pode me chamar de Lie. Meus amigos e família me chamam de Lie.

— O Benjamin te chama de Charlie. — Boa observação, garoto.

— Ele é um caso extra — ela diz em um tom que me faz sentir encrencado.

— Ela é legal. Como se desculpou? — Ele se lembra. Garoto danado. O
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que essas crianças de hoje comem? Ele não parece ter cinco anos. Não mesmo.

— Conta o seu segredo que conto o meu. — Pisco para ele e indico a Michelle que já fugiu de nós e está entretida com as plantinhas. Charlie nos observa curiosa.

— Eu não podia dar flores, então escrevi um bilhete — fala muito seguro. — E você?

— Chocolate e sorvete — digo achando divertida a conversa. Não imaginava que ele já sabia escrever.

— Ben! — Charlie me encara e sei que acabou de lembrar do dia que apareci em sua porta com as guloseimas. — Sério? — Encolho os ombros. Ela me pegou. Eu recebi conselhos de um garoto de cinco anos...

— Vai por mim, comida funciona mais que flores. — Ele ri. Eu olho para seus pés. — Trouxe algo para você. Vamos no carro buscar? — Eu deixei os tênis no carro. Não queria deixar as outras crianças com ciúmes.

— Vamos. Deixa eu avisar a Chelle.

Sai em disparada até a amiga. Assim que fala com ela, volta ansioso. Caminhamos até o carro e entrego a caixa para ele.

— Posso abrir?

— Claro. É seu. — Acho que estou tão nervoso quanto ele. Sentamos no gramado do jardim, em frente ao estacionamento e ele começa a rasgar o embrulho. Assim que termina de abrir a caixa seu sorriso morre no rosto.

— Um par de tênis — diz baixinho.

— O que foi carinha? Não gostou? — Digo me sentindo triste por errar no presente.

— Não, Benjamin. Eu gostei — fala, educado. — Mas não posso usar.

— Por quê? — Charlie, até então apenas observando a cena, pergunta.

— Porque esses daqui foi minha mãe quem me deu. Quando eu visitei ela no hospital, no último dia, antes de vir para cá. Ela me disse que sempre que eu usasse ela estaria comigo. — Minha garganta seca e vejo os olhos de CW brilharem marejados. — Sei que não vou usar muito tempo, porque meus pés já estão apertados aqui dentro, mas quero usar o tempo que der. — Essas palavras na voz de um garoto de cinco anos são como punhais atravessando meu peito. Ele perdeu a mãe e se apegou a isso para ter uma lembrança.

— Então faremos assim, — ela começa e eu não consigo dizer uma palavra, sequer posso me mover — vamos trocar por números maiores e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

quando você não puder usar esses aí, usará os de cá — diz segurando o embrulho. — O que acha? — Ela acaricia a face do pequeno. O rosto do garoto se ilumina e eu me encho de orgulho da forma como ela contorna as coisas.

— Eu aceito — ele diz, voltando a sorrir.

— Micha? Não vou fazer tudo sozinha — resmunga Michelle, que nos observa há alguns metros. Ele faz um muxoxo.

— Tenho que ir. — Ele levanta e olha de mim para Charlie. — Ela é legal, mesmo. Não brigue com ela de novo. — Agora eu recebi uma reprimenda do pequeno gigante. — Obrigado Benjamin. Você volta outro dia? — Questiona esperançoso.

— Claro.

— Então até outro dia — ele diz e começa a se afastar.

— Micha? — Charlie o chama e ele a olha. — Posso te dar um abraço? — Ele parece surpreso, não responde, apenas encolhe os ombros. Ela se aproxima e o abraça apertado. Ele faz uma careta e depois corre para a amiga.

— O carinha conquistou você? — Falo depois que ele sai.

— E você não? — Ela me olha séria, mas seus olhos ainda estão marejados.

— Não posso negar. Vem. — Levanto estendendo a mão para ela, mas ela se levanta sem tocar em mim.

— Charlie... — Vejo-a enxugar uma lágrima com força.

— Não, Ben. — Ela volta para me encarar com os braços cruzados. — Se toda vez que sair com você, vai soltar minha mão, prefiro que nem me toque. — A reação dela me toma de surpresa. Ela está mesmo magoada. — Eu não quero me apegar a você para que, quando eu menos esperar, você me deixe. Sei me virar bem sozinha.

— Ei? Você não está só. — Digo isso com seu rosto em minhas mãos. Enxugo suas lágrimas com meus polegares.

— Mas é como me sinto cada vez que solta minha mão. — diz rígida, esquivando-se do meu toque. — Não me avisou que iríamos namorar escondido. Estou velha para isso e acredito que você também — fala e começa a se afastar. Eu a puxo de volta.

— Não está sozinha — digo puxando-a para um abraço. — Está comigo. — Droga! Eu não acerto uma. Primeiro no café e agora essa.

— Só quando ninguém estiver olhando. Sei — retruca e dá uma fungada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sei que pode parecer doentio, mas ela fica linda até assim, chorando e com o nariz vermelho. Mas eu não gosto de vê-la assim. Ela é sempre tão alegre, tão doce...

— Não, sempre. — Forço para que descruze os braços e enlaço meus dedos nos seus. — Desculpe-me, eu...

— Você o quê? — As lágrimas caem de novo. — Sabe como me sinto quando você faz isso? Quando solta minha mão? — Não tenho resposta para isso. — Indesejada, um extra, excesso de bagagem. Não quero e nem preciso me sentir assim, B. — Limpa o nariz com as costas da mão. Ela me chamar de B agora, no meio da discussão, é o golpe de misericórdia. Por que ela tem que ser assim, mesmo brigando comigo? Preferia que estivesse jogando algo em mim. Não me faria sentir um merda.

— Perdoe-me, por favor — eu falo e percebo como minha voz sai estranha. Eu vou chorar também? — Eu realmente sinto muito. Não foi proposital. Você não é indesejada, nunca. Eu adoro ter você comigo, o tempo todo. Eu teria você ao meu lado, colada em mim se possível. — Seus olhos parecem duvidar, ela suspira e desvia o olhar.

— Então nunca mais faça isso — diz por fim, como quem me dá uma última chance.

— Nunca mais eu vou soltá-la Charlie. Só se você me pedir. — Talvez nem assim. Digo para mim mesmo. Ela me olha sem confiar. — Eu não estava brincando quando pedi você em namoro. É sério, muito sério para mim. Desculpe se fiz parecer que você não pode confiar em mim. Você pode, sempre pode contar comigo. Você é minha garota e eu vou cuidar de você. Nunca estará só e eu te desejo. Muito. — Volta a me olhar e parece ansiosa, como se fosse dizer algo. Suspira lentamente olhando nossas mãos e sei que não mais espaço para Burradas.

— Vou precisar dela quando for tomar banho. — Sorrio, porque essa é minha garota, sempre fazendo de um momento ruim uma piada. Sei que não estamos mais brigados. Até a minha próxima Burrada, que não deve acontecer, mas eu vou aprender a fazer o certo, dizer o certo. Pela Charlie, eu quero muito isso.

— Eu posso dar um jeito nisso. — Puxo-a em um abraço, sem largar sua mão. Envolver sua cintura com a mão livre e a beijo com vontade. Ela resiste um pouco, mas cede. Volto a olhá-la. — Estou perdoado?

— Vai viver me pedindo desculpas? — Diz e sei que é bem isso, já que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sempre estou nessa posição em relação a ela.

— Vou pedir quantas forem necessárias, sempre — digo com toda sinceridade que essas palavras possuem.

— Já vi que serão muitas. Uma hora eu não vou desculpar — provoca.

— Então vou pedir até você aceitar e rezar para que essa tal hora nunca chegue. — Ela sorri e meu coração sente o alívio desejado.

— Seu idiota. — A palavra no tom de sempre. Estou começando a gostar de ser idiota.

— Eu vou te compensar — falo confiante, já com uma ideia em mente.

— Nada de pensamento sujos. Tem crianças aqui. — Sorri maliciosa.

— Nem perto disso, mas mesmo assim, acho que eles ainda não leem mentes. — Rimos cúmplices. — Você vai gostar, eu prometo.

Voltamos para a feira de mãos dadas e sem nos soltar. Vemos o resto dos estandes. Aidan me fala de alguns projetos, assino mais algumas coisas e mostro a biblioteca para CW. Ela também se compromete com aulas sobre design para os garotos. Aidan se empolga com a ideia e não gosto do jeito que ele olha para ela, mas não vou armar outra confusão. No fundo eu sei que estou sendo apenas inseguro aqui. Sei o que tenho em mãos e o medo de perder não é irreal. Já chega de desentendimentos por hoje. Ela parece bem sensível com tudo que aconteceu nos últimos dias e principalmente depois da conversa com Micha, então voltamos para casa em silêncio. Eu a deixo no pub do irmão, Chae. Ela diz que vai trabalhar com ele em alguns orçamentos. Retorno à empresa, mas não sem combinar de pegá-la no fim do dia. Farei uma surpresa. Levarei ela para jantar, em público. Um encontro à moda antiga. Minha garota será mimada essa noite e todos irão ver.

De mãos dadas

CW é importante para mim. Muito. Só não consigo dizer o que deveria para torná-la mais confiante. Três palavrinhas que fazem uma diferença incrível, mas eu não consigo. Não sei por que, não saem.

Nunca tive nada sério com ninguém. Alguns diriam que isso é resquício de um trauma ou coisa do tipo, mas ao menos isso eu sei, não tenho trauma algum. Apenas levei a vida do jeito mais fácil. Estive em alguns rolos, saí com a mesma garota várias vezes, mas nada rotulado, nada com nome. Não havia um relacionamento.

Olho para o espelho. Meu reflexo, o cara de hoje não é o mesmo de alguns dias atrás. Sempre achei que tinha tudo em mãos. Pensava que minha vida era altamente controlada por mim. Da hora que acordava à hora que retornava à cama, não necessariamente para dormir, sempre acreditei que controlava tudo. Agora sei que não é assim. Charlie mudou tudo isso. Com ela as coisas são diferentes. Eu não tenho certeza de quase nada e sempre espero ansioso pelo passo seguinte. Faço as coisas esperando sua aprovação. Ver a expressão dela de que concorda comigo ou que valoriza o que faço ou digo me traz um contentamento, uma sensação de realização que não esperava ter. Nem com o grande Dimitri é assim. Normalmente faço o que acho certo e se ele não concorda, discutimos e depois as coisas se ajustam. Com ela não. Com Charlie eu quero acertar, eu quero ser alguém melhor, eu quero ser o melhor que puder e não o que as pessoas esperam que eu seja.

Hoje com ela no instituto as coisas ficaram meio tensas. Um gesto bobo, eu sei, mas que fez uma diferença enorme para CW. Pode ser TPM, uma reação exagerada, ou apenas insegurança. Eu sei o porquê, mas não consigo resolver da forma que deveria. Não era minha intenção soltá-la, mas o impulso foi mais forte. Ridículo, eu sei bem. Um homem com mais de trinta e

que não consegue ficar de mãos dadas com a namorada! Namorada... Essa palavra faz redemoinhos em minha mente. Eu tenho um compromisso, um relacionamento sério e eu realmente quero isso.

...

Entro na minha já amiga rua Abe com a Treze e sigo direto para a casa da minha garota. Exalo ar com força, criando coragem. Eu sei, sou um idiota, mas os idiotas também amam. Eu amo a Charlie? Por que estou perguntando isso?! Vamos lá Ben, pense menos e aja mais. Vamos fazer mágica. Desço do carro e sigo para o interfone. Toco e espero.

— Onde é a festa à fantasia? — Escuto uma voz masculina que não reconheço de imediato e meu coração quase para. Quem é esse cara?

— Não entendi. Onde está Charlie? — Minha voz soa irritada, mas que se dane.

— Lie, tem um pinguim aqui te chamando. — Ele pode me ver? Espera. Essa voz... Droga, é o Rob.

— Rob, não seja chato. Oi B, sobe. — Escuto o clic da trava da porta sendo aberta. Agora terei plateia... Um teste para como vou me sair na rua?!

Entro em casa e procuro por eles. Estão rindo na cozinha. Rob está comendo um sanduíche enorme e CW, sentada em um banco alto, parece empolgada em ouvir o que ele fala de boca cheia. Assim que me vê, seus olhos grudam nos meus. A respiração dela fica presa tal como a minha. Sempre que nossos olhos se encontram é o mesmo. Posso não conseguir dizer ou agir da forma que devo. Minhas palavras podem soar sempre como meias verdades, em tom de brincadeira, mas nossos olhos sempre trazem a seriedade das nossas emoções. Isso é real, não é um jogo de sedução e tenho a certeza de que se não amo Charlie, sinto algo bem perto disso.

— Oi, B. Você está lindo. — ela diz com uma voz doce, que adoro. Vem em minha direção e me beija. Um selinho suave, mas reverbera por todo meu corpo. — Vou trocar de roupa, não demoro.

— Bela fantasia de príncipe. Só acho que Lie não tem a que completa seu traje. — Sorrio sem jeito. Exagerei?

— Ela fica bem com qualquer roupa — devolvo sem olhar para ele.

— Então pinguim, vai levar minha irmã para jantar? — Vou ser interrogado, ótimo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vou.

— Isso de vocês é sério? — O que eu devo dizer?

— Estamos namorando. Algum problema para você? — Ele ergue as sobrancelhas.

— Não, a menos que você comece a agir como o Kevin. — Eu franzo a testa.

— Jamais faria algo tão imbecil — minha voz traz o sentimento que tenho pelo Kevin.

— Eu espero que se comporte — ele diz em um tom estranho. — A propósito, ainda não agradei o que fez na cara dele.

— Não precisa. Só fiz o que deveria ser feito — falo seguro.

— Ainda estou procurando o desgraçado para terminar o que você começou, mas ele se esconde bem. — Não sei o que dizer. Eu concordaria com ele se não soubesse que Charlie odiaria isso.

— Você tem uma irmã e deve imaginar como me sinto. — Isso me traz um desconforto absurdo. Lembro de Amy. Sei que tenho uma expressão perdida agora. — Obrigado cara, sério, obrigado mesmo — ele diz estendendo uma mão e parece baixar a guarda um pouco. Eu olho a mão estendida alguns segundos antes de apertá-la.

— Eu vou cuidar dela, pode ter certeza disso — digo com uma confiança que me invade por completo. — Ela é minha namorada agora e nada, nem ninguém vai machucá-la. — Eu e Rob ficamos nos encarando e ele parece finalmente entender, então solta minha mão.

— Por que tão sérios? — Nós nos viramos ao mesmo tempo para ver Charlie. Ela trocou a calça jeans que estava por um vestido. Meu queixo cai. É um vestido azul, curto e que em qualquer outra pareceria vulgar, mas nela não. Ficou perfeita. Linda e elegante. Drake diria que estou pensando que nem uma bicha, mas eu tenho que admitir. Estou surpreso. Imaginei que ela vestiria algo como um tubinho preto até os joelhos, mas não. Minha garota está incrivelmente sexy e elegante. — Estou bem? — Ela ri e dá uma volta em torno de si mesma.

— Perfeita — digo sorrindo como um bobo.

— E Rob, — Ela vai até o irmão que a segura pela cintura. Ela olha para cima para encará-lo. — Pare de importuná-lo.

— Sou seu irmão mais velho bebê, esse é meu dever. — Ele ri e beija sua testa enquanto eu fico de plateia da cena.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ele passou no teste? — Ela questiona e não evita um sorriso torto.

— Digamos que por hora sim. Se comportem crianças. — Ele não deve ter mais que três anos além de mim.

— Sim, senhor. — Ela se despede dele e eu estendo a mão para ela. Saímos de mãos dadas. Vamos direto para o restaurante e quando chegamos ela parece ansiosa.

— Tem certeza que precisa ser algo tão pomposo? — Sorrio porque sei que ela não se sente muito confortável, mas vai aprender a relaxar. Eu a quero comigo, sempre e CW terá que enfrentar meu mundo.

— Você vai gostar, eu prometo. E se em quinze minutos achar que não consegue, iremos embora. — Sorri satisfeita. Caminhamos de mãos dadas toda a entrada e ela olha para nossas mãos e para mim, de soslaio.

— Senhor Romaninov, boa noite. Vou verificar sua mesa. — O maitre diz assim que me vê. Ele sai e eu puxo Charlie pela cintura. Envolvero-a em meus braços e beijo a linha do seu pescoço.

— Está linda. — Sussurro em seu ouvido.

— Foi o melhor que pude arranjar — diz com as mãos apoiadas em meu peito.

— Você está perfeita — falo e beijo-a. Ansiei por esse contato desde que cheguei. Na verdade, desde que a deixei mais cedo.

— Perfeita é bom — fala com os lábios ainda contra os meus. O maitre retorna e nos leva a nossa mesa. Assim que sentamos, ela me encara e começa. — O que Rob disse?

— Queria ter certeza de que não irei raptá-la — brinco. — Só estava tomando conta de você. — Ela fica séria e suspira

— Sei. Ele está meio nervoso com a história do Kevin.

— Quem não ficaria? — Digo apertando sua mão na minha sobre a mesa.

— Ele pôs alarme em minha casa, uma câmera no meu interfone... — Quando fala da câmera entendo porque me chamou de pinguim, ele me viu. — ...e só falta pôr um rastreador em mim.

— Você é a irmã dele e ele não estava lá por você. Tente ser paciente. — Tomo partido dele e ela me encara, um sorriso se formando em seus lábios.

— Já vi que viraram melhores amigos enquanto eu vestia o vestido. Eu o entendo, Ben. Sempre fomos muito apegados. Amo todos os meus irmãos, mas o Chae é mais do tipo que controlava meus horários, estudos e essas coisas de responsabilidade, o Andrea estava sempre estudando e aparecia

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mais nas datas comemorativas, já o Rob... bem, ele era a diversão. Brincava comigo, me ensinava um monte de bobagens e até tentou brincar de boneca, mas eu odiava. — Fico escutando os relatos dela. Me sinto bem em conhecer esse pedaço da sua vida. Até então, eu falava mais de mim e ela apenas escutava, me contando muito pouco da sua vida familiar, embora eu sempre soubesse que eles eram ligados.

— Mais um motivo para a reação dele — digo passando o polegar nas costas da mão dela. Seu olhar tem um ar doce, de quem lembra algo.

— Sempre fizemos tudo juntos, sabe? E ele se sente mal por viajar tanto e me ver pouco hoje em dia — explica.

— Eu disse a ele que vou tomar conta de você. Serei seu rastreador — Ela ergue as sobrancelhas.

— Vai? Não vai soltar minha mão no parque e deixar eu me perder? — Está claramente me provocando.

— Eu sei que foi um gesto infantil da minha parte, mas eu nunca mais vou soltar sua mão. Nem que para isso eu tenha que passar o resto dos meus dias usando apenas a mão esquerda — digo isso porque sou destro e estou segurando-a com minha mão direita.

— Nunca mais é muito tempo — diz pensativa.

— Para ficar com você, nunca mais parece pouco — falo sério. — Sei que não inspiro muita confiança, mas acredite em mim. Eu dou minha palavra que não vou mais fazer isso. Não vou mais fazer você se sentir da forma como foi no instituto. — Levo sua mão aos meus lábios e beijo e quando ergo os olhos encontro meu amigo, em uma mesa um pouco afastada. Não consigo ver a garota, mas sei que não é uma daquelas de uma noite. — Sabe, CW, até o pior dos canalhas têm solução.

— Você não é canalha B, só galinha. — Ela ri de mim.

— Como se isso fosse uma qualidade — devolvo. — Quinze graus à sua direita — digo e ela leva alguns segundos para olhar na direção.

— Drake? E com a El? — Ela consegue ver quem é e eu não fico surpreso que seja minha secretária. — Espero que ele não faça bobagem.

— Ele me ligou perguntando sobre um restaurante para levar uma garota séria — confesso.

— Você não vai ajudar ele a enganar a El, vai? — Me pergunta parecendo zangada.

— Charlie, eu jamais faria isso, mesmo que não fosse a El — respondo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sincero. — Mas tenho certeza de que não é essa a intenção dele. — Ela ri.

— Assim espero.

O jantar segue perfeito. Conversamos sobre projetos para o instituto, as aulas que ela pretende dar lá e diz que eu também deveria dar aulas ou palestras. Combinamos um almoço com seus irmãos e por mais que isso me deixe nervoso, eu tenho que enfrentar a família dela. Convido-a para o batizado dos meus duendes e o sorriso que me dá é complemento da noite. Ela está radiante. Um sentimento egoísta de que eu estou causando tudo isso me faz sentir satisfeito. Tudo perfeito, penso eu, até ver a mulher que caminha para nossa mesa.

— Boa noite, Ben. — É a Natascha. Já saí com ela algumas vezes. Droga!

— Boa noite, Natascha — digo sério e Charlie parece tensa.

— Então, estou de volta na cidade, me ligue, vamos marcar algo. — Ela ignora Charlie completamente.

— Natascha, eu estou acompanhado... — começo.

— Tudo bem querido, sabemos como são suas companhias. Quando estiver só, me ligue. — Tenho raiva de mim agora por ter saído com alguém assim.

— Eu não vou ligar — corto duro e seguro a mão de Charlie quando ela tenta puxá-la de cima da mesa. — Estou acompanhado, constantemente. — Espero que ela entenda e saia.

— Por ela? — Finalmente parece notar CW. — Essa coisinha sem graça? Ah, Ben, você já escolheu melhor.

— Vou pedir que saia de perto da nossa mesa, Natascha, não é bem vinda aqui. — Aperto meu maxilar e seguro firme a mão de Charlie.

— Muito bem querido, espero você cansar. Porque você vai — diz tão segura que me repreendo pelo espaço que dei a ela. Ela agora sente que me conhece e me julga pelos atos que tive no passado.

— Não vou cansar, ela é minha namorada — digo sério.

— Namorada? — Ela ri alto e algumas pessoas nas mesas vizinhas nos olham. — Vamos ver quanto tempo ela dura no seu mundo, Ben — fala provocante e quando começa a se afastar, Charlie se levanta, soltando minha mão bruscamente.

— Charlie, espera... — Vou em sua direção com receio de que vá embora e nunca mais queira me olhar.

— O mundo é o mesmo para mim e para você — ela diz segurando o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pulso de Natascha. — A diferença é que você não sabe quando não é bem-vinda. — Natascha não esperava por essa e tem uma expressão de surpresa. — Ele é meu namorado... — ela frisa o “meu” — ...e você não é bem vinda perto dele. Espero que entenda isso apenas com palavras, mas se não for o suficiente, eu vou te mostrar como ensinamos isso a pessoas como você, no que você chama meu mundo. — Mais uma vez a palavra “meu” recebe uma dose extra de ênfase.

— Olha, a sem gracinha tem garras. — Charlie aperta o pulso dela e percebo a careta que Natascha faz.

— Você nem imagina quão afiadas. — A voz de CW se torna baixa, mas ainda firme. — Se preza sua língua e olhos, acho que deveria ir agora para o buraco de onde saiu. — Vejo os olhos de Natascha faiscarem. Ela sai pisando duro e Charlie se volta para mesa, pega sua bolsa e sai. Me apresso em pagar a conta e correr atrás dela.

— Ei? — Alcanço-a quase no carro. — O que foi isso?

— O que foi isso? — Ela me encara com a raiva dirigida a mim agora. — Cansei de ser agredida, Ben. Eu sofri minha vida toda com garotas como ela na escola, não vou tolerar isso de novo. Quantas mais terei que encontrar assim? Quão longa é sua lista? — Ela está com raiva de mim e eu sei que tem razão. Droga! Até quando quero acertar eu erro...

— Charlie... eu... desculpa. — Não tenho nada além disso para dizer. — Eu não sei o que fazer para evitar isso. Infelizmente não posso apagar meu passado. — Ela fecha os olhos e respira com força.

— Eu sei — diz voltando a me encarar e parece mais calma. Um pouco, mas já é o suficiente para eu me aproximar. — Só não sei se tenho espírito para viver esses joguinhos. Droga! Não sou muito paciente, Ben.

— Você é a pessoa mais paciente que conheço — digo pegando sua mão e puxando seu corpo em direção ao meu, mas ela resiste. — Eu estive com muitas mulheres, não vou mentir, você mesma já sabe. Apesar disso, nenhuma delas significa o que você é para mim. Existem muitas Nataschas no mundo, mas só uma Charlie. — Ela engole saliva, me encarando séria. Encosto meu corpo no seu. — Eu estou com você. Eu sou seu. — As palavras saem antes que eu pense direito nelas. Ela encosta a testa na minha e segura minhas lapelas com força.

— Me leva embora? — Pede quase como uma súplica e eu a levo para minha casa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ela não reclama do destino que tomei. Entramos ainda sem conversa, do mesmo jeito que fizemos o trajeto até aqui. Caminho com ela até a varanda e sento em uma poltrona larga, puxando-a em meu colo. Ela se aconchega de costas para mim, entre minhas pernas e com as costas apoiada em meu peito. Envolver sua cintura e afundo meu rosto em seu pescoço.

— Tudo bem? — Pergunto com os lábios contra sua pele. Ela se arrepia e eu sorrio.

— Vai ficar. — Suspira. — Sou um tanto impulsiva as vezes.

— Eu sei, pensei que ia espetá-la com o garfo — brinco, mas ela não ri.

— Não quero mais falar sobre ela. — Ficamos alguns minutos assim abraçados, ela não diz nada e eu começo a me sentir ansioso.

— Um milhão por seus pensamentos.

— Não valem tanto. — Mexe-se e fica de lado, apoiando agora a cabeça na linha do meu pescoço.

— Ainda assim eu pago.

— Vai ser sempre assim?

— O quê?

— Peruas loucas atrás de você? — Diz tensa.

— Acho que não. A essa hora a Natascha já espalhou que tenho namorada. E uma bem ciumenta. — Ela ri finalmente. Eu beijo seus lábios.

— Senhor B, você ainda vai me dar muito trabalho — diz provocante. Virando-se de frente para mim e aprofundando um beijo que começa lento e se torna intenso.

— Senhora C, eu prometo solenemente me comportar — brinco.

— Você tem que aprender a se defender também — diz isso como se fosse dizer algo mais e ficamos olhos nos olhos por um tempo que parece congelado.

— Eu fui pego de surpresa... — ela fecha os olhos e toca meus lábios num gesto suave para que me cale.

— Eu estou apaixonada por você, Ben. — Escuto essas palavras e não consigo dizer nada. — Isso me assusta, porque eu sei que quanto maior o sentimento, maior pode ser a mágoa.

— Eu não pretendo magoá-la — falo por seus dedos. — Nunca.

— Eu sei. — Parece triste ao falar isso, quando deveria sorrir. — Mas ainda pode acontecer.

— Então vai desistir de mim? — A pergunta sai carregada do sentimento
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de perda que me toma.

— Não — diz segura. — Eu não vou largar sua mão até que você solte a minha — diz entrelaçando nossos dedos. Então um sorriso toma meu rosto por completo. — Belos olhos. — Sussurra enquanto acaricia minha face com a mão livre.

— Eu sou o homem mais feliz do mundo agora — digo olhando-a nos olhos. — EU.SOU.SEU. — ênfase cada palavra. — Não há espaço para mais ninguém. — Ela sorri e eu a beijo. — Não solte a minha mão nunca. — Ela ri com os lábios nos meus e sei que entendeu minhas palavras. Nos beijamos novamente, apaixonados.

Sentimentos

Abro os olhos lentamente com uma sensação calorosa entre meus braços. Charlie está aconchegada a mim, de costas. Ergo um pouco a cabeça para ver seu rosto, evitando movimentos bruscos. Tiro uma mecha de cabelo de sua face, pondo-a para trás e corro a ponta dos meus dedos do seu rosto até a sua mão. Sorrio dos pelos na sua pele, respondendo ao meu toque. Entrelaço meus dedos nos seus. Ela suspira e pisca algumas vezes.

— Está levando isso, de não soltar a minha mão, bem a sério! — Um curva delicada nasce em seus lábios e ouvir essa voz só faz eu me sentir mais feliz ainda, se isso é possível.

— Eu levo você a sério. — Ela se volta ficando de frente e eu não largo sua mão.

— Assim espero. — Ficamos nos encarando e tudo parece tão natural que não consigo me lembrar de como é estar com outra mulher. Mais ainda, não concebo a ideia de existir um momento assim sem ela. Se os palhaços pudessem me ouvir agora...

— Não precisa esperar. Assim é. — Ela fica séria de repente.

— Sabe do que eu tenho medo? — O tom de voz dela é tenso e movo a cabeça, em negação, ansioso pela explicação. — De que um dia você decida que está cansado disso e que quer sua velha vida de volta. — Dói perceber que ela ainda está insegura quanto ao que sinto. E o motivo disso? Eu. Vamos lá, Bem. Você cresceu com as mulheres, vocês as conhece. Dê um jeito nisso.

— Quando vai começar a confiar em mim? — Pergunto e a nota de ofensa é clara em minha voz, por mais que tente controlar. Ela alisa meu rosto com as costas da mão livre. Somos um emaranhado de braços e pernas bem desengonçado.

— Eu sei quem você é, B. Eu vejo você como você é. Também vi todas as

suas mudanças esse tempo todo, mas...

— Nunca, já entendi — falo contrariado como uma criança fazendo birra e ela solta minha mão para mudar de posição e me abraça.

— Veja só um pouquinho pelo meu lado. Minha vida sempre foi meio doida. A esquisita, sem grupos, sempre sofri com as brincadeiras na escola, depois na faculdade...

— Você cresceu, Charlie, e isso é passado — falo seguro. Ela tem a cabeça apoiada em meu peito agora.

— Eu sei, mas o passado no qual cresci e me criei me tornaram assim. Eu tenho medo, embora saiba que não deveria ter. — Sua voz tem uma angústia que não esperava ouvir dela. Sempre a vi como alguém leve, aberta a aceitar as pessoas, sempre disposta a se doar. Agora ela parece alguém com muitas cicatrizes. — Às vezes para mim, é difícil confiar em algumas coisas. Eu confio em você. Acredito no homem que você é e ainda pode ser. E eu juro que tento lutar contra. — Ergue o rosto encarando o meu. — Eu não estou desistindo, só estou confessando a você que tenho medo. Uma sensação de que a qualquer momento vão me dizer que isso é uma peça que pregaram em mim. O príncipe nunca fica com a estranha. — Aperto-a em meus braços como se isso fosse afastar seus temores.

— Você não é estranha. Você é inteligente e isso incomoda muita gente. E eu estou longe de ser um príncipe — digo afagando seus cabelos. — Foi por isso que escolheu o mundo das artes? Fotos, capas de livros... ao invés dos cálculos onde você se destacava.

— Eu me destaco no mundo dos livros — diz com um sorriso fraco me olhando nos olhos. Ela está se expondo para mim. Mesmo que ache que não, me contar sobre seus medos é uma forma de confiar. Essa sintonia que nós temos só mostra que o que sentimos não é uma emoção passageira. Mais um motivo para os temores dela e os meus. Sentimentos assim assustam.

— O que eu posso fazer para que esse sentimento morra? — Pergunto com ela colada a mim.

— Só olhe nos meus olhos e não solte a minha mão. — Mudo nossas posições ficando por cima dela, entre suas pernas. Seguro suas mãos nas minhas, acima da sua cabeça. — Assim eu sempre saberei que está comigo, não importa o que aconteça.

— Assim? Exatamente assim? — Falo sorrindo, mas ela não retribui o gesto. Fica me encarando séria. Eu a beijo, com todo sentimento que tenho

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

por ela. Com toda verdade que há em mim. Afasto-me para olhá-la. — Sei que as coisas são meio confusas, que eu caí de paraquedas em sua vida, mas eu não estou fazendo um jogo com você, Charlie. — Ela ainda me olha, agora com expectativa e também desejo. Nossos corpos sempre respondem um ao outro e isso é outra maravilha de estar com ela. Sempre quero mais e por mais tempo. — Eu não sei ainda como vou fazer você confiar, mas eu juro que vou descobrir.

— Jura? — Ela começa a rir finalmente. — Desculpa — fala se desvencilhando do meu enlace, para envolver meu pescoço em um abraço mais que apertado. — Eu estou insegura, mas não quero que pense que desvalorizo você. Que o julgo por um rótulo. Tem todo esse mundo seu de glamour, essas mulheres todas, as aparências e eu sou maluca, você sabe... — desata a falar contra meu peito. Mulheres! Pego seu rosto entre minhas mãos e a beijo de novo para que se cale, não por me sentir incomodado com as coisas que diz, mas por não haver necessidade de que se desculpe.

— Você prometeu que nunca mentiria para mim. Então pode sempre falar como se sente, você sabe, nós homens ainda não temos aquele botão de adivinhação. — Ela ri mais ainda. — Eu sempre vou te escutar e tentar entender o seu lado. Sei o que dizem sobre homens como eu, mas a maior parte é um estereótipo fantasioso que não condiz com a realidade. — A expressão dela suaviza. Esses olhos cor de chocolate, que tanto me prendem, fixos em mim...

— Eu... — começa, mas para de falar e me beija. Imagino quais palavras viriam depois do eu, mas elas não chegam. Tive uma ideia de como ajustar as coisas e espero que ela funcione.

...

São quase dez da manhã e eu decidi tirar o dia hoje para ficar longe do trabalho. Além de ter que comprar presentes para os duendes e arrumar tudo para a ida ao batizado, que será esse fim de semana. Pedi a CW para ficar comigo e ela não se negou. Às vezes acho que abuso do tempo dela, mas o meu lado egoísta não consegue ficar longe. Sempre que não está, eu penso nela o tempo todo e fico com aquele vazio, como se tivesse um buraco no estômago.

Faço umas ligações de checagem e descubro que hoje algumas crianças do ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Flor de Liz foram passear com possíveis pais. Aidan pareceu empolgado por muitas delas serem grandinhas. É difícil ser adotado se já passou muito da fase de bebê. Ele me falou que Micha não foi uma delas e que o pequeno ficou triste, já que Michelle, sua amiga, foi escolhida. Vou até a cozinha, onde minha garota cantarola algo. Me aproximo sorrateiramente e escuto uma versão gostosa de I say a little pray for you.

— Em que está pensando? — Pergunto, abraçando-a por trás, ao encontrá-la perdida em suas ideias. Afundo meu nariz na curva do seu pescoço inalando seu perfume.

— Vou ganhar outro milhão? — Ri, virando o rosto de lado para me encarar. Parece mais leve depois da conversa matinal.

— Só se eu for uma parte importante desse pensamento. — Ela me beija. Sei que é clichê, mas os apaixonados têm razão sobre o beijo da pessoa de quem você realmente gosta ser diferente.

— Você é. — Suspira. — Estava pensando no Micha.

— O quê sobre o carinha? — Pensamentos sincronizados. Beijo seu rosto, seus cabelos e inalo novamente o odor que ela exala e que tanto adoro. Doce, suave...

— Uma criança tão nova e já passou por tanto...

— Sei... — Suspiramos ao mesmo tempo e então ela se volta, ficando de frente, agarro-a pela cintura e ela descansa as mãos contra meu peito, rimos juntos. — Eu estou pensando em visitá-lo de vez em quando. — Sua expressão se ilumina.

— Posso ir junto? — Pede ansiosa.

— Sempre. Podemos ir hoje. — O sorriso dela toma quase todo o rosto. Levanto-a do chão e começo a caminhar com ela em meus braços. — Eu vou adorar e tenho certeza que ele também. — Ela enlaça meu pescoço. — Mas antes vamos a outro lugar.

— Aonde vamos? — Diz me enchendo de beijos pelo rosto.

— Ao paraíso. — Ela gargalha.

— Senhor B, você é um amante brega. — Não contendo o riso e solto-a na cama sem muito cuidado, me jogando ao seu ao seu lado.

— Descobriu meu segredo — digo fingindo derrota, minhas mãos descem do seu rosto até sua cintura. Massageio-a com o polegar. A expressão dela define nosso momento. Nada de problemas, nada de complicações, bastar olharmos nos olhos e nada mais importa. Adoro a forma como ri relaxada, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mas agora é uma hora séria. Muito séria...

...

Chegamos ao Flor de Liz e, embora eu seja o dono, não quer dizer que posso simplesmente pegar uma criança e sair, apesar do fato da propriedade me permitir agilizar as coisas. Logo os papéis estão assinados e eu tenho a permissão. Não sem perguntar ao carinha se ele quer ir. Ele troca de roupa, mas mantém os tênis velhos. Vejo o olhar de CW para os sapatos do pequeno e ela aperta a mão na minha. É incrível como conseguimos nos comunicar sem palavras. Um olhar, um gesto e pareço compreender os pensamentos dela. Rezo que seja isso mesmo, porque terei encontrado o segredo das mulheres, como entendê-las. Na verdade ela, a única que me importa nessa área e que não temo mais admitir, ao menos para mim mesmo.

— Vamos carinha? — Ele olha para mim ansioso.

— Estou pronto — diz seguro e me estende uma mão. Levo alguns segundos olhando para ela pensando nas palavras da Charlie sobre manter as mãos unidas. Pego a mão dele e ela logo se posiciona do outro lado. Saímos assim, os três de mãos dadas.

— Então, o que acham de irmos ao shopping almoçar? — Ela pergunta empolgada.

— Acho ótimo — respondo como uma criança. Micha olha de um para o outro, mas não fala.

— E você Mic, o que acha? — Ela já o apelidou.

— Eu? — Ele pergunta enquanto ela o coloca no carro.

— Sim, você — responde pondo o cinto nele e ajustando-o. — Posso chamá-lo de Mic?

— Pode — diz com um sorriso tímido. — Eu não sei para onde quero ir. Quando a Chelle foi levada por uma mulher arrumada que a abraçou, eu só queria ter ido junto. — A sinceridade dele me comove. Ele só queria atenção e um abraço? — Pode ser qualquer lugar.

— Shopping, almoço e depois parque — ela começa enumerando. — Tudo bem, B? — Olha para mim, dando-se conta que sou parte da equação e posso querer escolher. Sorrio para minha garota. Se ela me pedir para ir ao inferno, juro por Deus que vou.

— Você manda — brinco tomando meu lugar ao volante.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não sou uma mulher arrumada Mic, mas vou me esforçar para fazer o dia valer a pena. — CW brinca e o rapazinho apenas mantém seus olhos ansiosos na rua enquanto o carro desliza no asfalto.

O dia segue em uma diversão sem limites. O Micha se encanta com os brinquedos do parque e a Charlie leva tanto jeito com o moleque que tenho que disputar atenção. Eu sei, idiota, mas o que posso fazer. Eles se deram tão bem...

O garoto ri o tempo todo e ela parece brilhar. Usamos todos os brinquedos do parque, alguns mais de uma vez. Do shopping, e com um farto pacote de guloseimas, voltamos ao parque. O Micha adorou o lugar e julguei que não faria mal retornar. Lá a diversão parece ser maior do que antes. Brincamos de pega-pega, Charlie conta histórias e estamos deitados em uma manta que eu tinha no carro. Pusemos ela sobre a grama e nós nos jogamos exaustos. É final de tarde e o Sol dá os primeiros sinais que vai partir.

— Hoje é o melhozão dia de todos — ele fala quebrando o silêncio. Eu e CW nos olhamos, compartilhando o sentimento de satisfação. — A Chelle nem vai acreditar quando eu disser que hoje eu fiz tudo isso. — A empolgação dele é contagiante.

— Só faltou a mulher arrumada. — Charlie se vira na direção dele e temos o pequeno entre nós. Ela sorri para ele.

— Mas você é mais lindona que ela — ele diz seguro e ergo as sobrancelhas em espanto.

— Ei amigo, essa garota já é minha, não vale roubar do amigo — brinco e CW faz uma careta para mim.

— Eca! — Ele diz fazendo cara de nojo. — Eu não beijo garotas. — Eu e CW rimos.

— Ah é? Mas eu beijo garotos. — Ela começa a fazer cócegas nele e então distribui beijos pelo seu rosto. Ele ri ao máximo.

— Também sou garoto — provoco e ela me joga um beijo no ar. Ótimo, estou conseguindo menos que um carinha de cinco anos. Faço um afago na cabeça do moleque.

No céu o laranja toma conta. Sinal que o dia está acabando e uma saudade antecipada nasce em meu peito ao ver Micha ajudando Charlie a levar as coisas para o carro. Fico como expectador, olhando de longe a cena. Ela poderia ser mãe dele facilmente. E eu o pai... Eu? É, destino, você está me saindo um bom arquiteto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Um homem se aproxima dele quando o pequeno deixa cair a bola que tentava equilibrar nas mãos junto com as sacolas, mas CW logo vem em seu auxílio. Noto como ele a olha e isso mexe comigo. É a mesma forma que o Ivan olhou, que o Luca olhou e que tantos outros caras devem olhar. Será que só ela não percebe o efeito que causa à sua volta? Até o grande Dimitri se rendeu. Quem sou eu para negar?! Eu estou perdidamente apaixonado. E não é só o sexo, que eu posso dizer com conhecimento de causa, é o melhor da minha vida. Tem algo mais nela. Alguma coisa que exala... Droga! Se Drake me ouvisse agora, me queimaria vivo. Vou ao encontro dos dois com um sorriso bobo nos lábios. Homem morto andando...

Batizados, duendes e amor

E é assim que minha vida segue. Entre passar momentos incríveis com a Charlie, ir ao instituto com uma frequência inesperada, visitar dona Clarisse e o grande Dimitri, além do trabalho e de assistir jogos com os palhaços. Nada mais de noitadas loucas ou de festas e mulheres variadas...

CW e meu pai se tornaram parceiros no xadrez e ele pareceu esquecer a conversa sobre casamento e me afastar da empresa. Foi impagável ver a expressão dele quando a apresentei como namorada. Minha mãe me sorriu apenas, com aquele olhar de eu já sabia. Uma coisa me aliviou, Ivan não foi mais mencionado. Estamos agora em uma aura de paz que me faz temer o próximo dia. Quando tudo está tão certo, acabamos esperando que algo dê errado. Sempre ouvir as mulheres falarem sobre isso, sobre achar que as coisas estão boas demais para ser verdade. Eu quero que seja verdade.

Meu celular vibra e atendo.

— Oi, Amy.

— Ben, já está vindo?

— Quase aí. — Ela está ansiosa.

— Certo e a Charlie?

— Vai junto. Minha garota vai aonde eu vou. — Ela ri do outro lado da linha.

— Sabe que desde que encontrei o Liam, rezava para que você e Meg encontrassem o mesmo? — Não tenho como responder a isso. — Agora juízo, mocinho! E não faça tolices.

— Sim, mamãe. — Nós dois rimos. — Eu gosto dela de verdade, Amy.

— E ela sabe? — suspiro.

— Sabe... eu acho — respondo lembrando da minha ideia de como provar.

— Diga a ela assim mesmo, agora venha logo. Conversaremos o resto

aqui. — Desligo o celular pondo-o no bolso.

Olho minha garota e sei que tenho uma expressão de parvo, mas não me importo nem um pouco. Ela sorri animada em preparar a bagagem para ir ao batizado dos duendes. Internamente eu agradeço a tudo que tenho até agora. Nunca me esforcei por nada disso e tive a sorte de encontrar, como quem não quer nada. Vou viver cada pedaço como se fosse o último e dane-se o que as pessoas pensem ou esperem de mim. Agora só me importa a Charlie e o que ela quer.

— Tudo pronto? — Pergunto e ela me olha como quem faz cálculos mentalmente.

— Tudo ok, senhor B — diz e aperta minhas bochechas, me beijando com força. — Belos olhos — fala piscando os seus várias vezes.

— Vamos enfrentar as feras — digo pegando boa parte da bagagem. Ela nem sabe o que a espera. Um segundo de incerteza passa por mim. Receio de que não goste do que preparei...

— Não fale assim, são apenas bebês fofos — fala enquanto me segue. — Avisei ao Micha que não iremos esse fim de semana. — A incerteza se esvai quando ela me olha. A minha garota, minha Charlie... Seus olhos me dão a certeza que desejo.

— Isso é bom, eu ia ligar agora mesmo, mas já que você avisou, uma coisa a menos na lista de checagem. — Penso no carinha. Nas conversas divertidas que temos e no jeito como ele se julga um adulto. Sei que terei muita gente por lá, mas irei sentir falta dele. Lembro-me de John.

— Tão sério! — Charlie parece me tirar de um transe. — Um centavo por seus pensamentos.

— Só? — Rio enquanto ponho a última bagagem no carro. A impressão que tenho é de que estamos levando até as panelas das duas casas, da minha e da dela.

— Ei garotão, eu não tenho minas de diamantes. — Pisca para mim mordendo a língua.

— Pode me pagar de outras formas. — Ela ergue as sobrancelhas para mim.

— Entra logo no carro, seu tarado. — Me beija, um selinho rápido, mas não menos significativo e toma assento no carona, eu me posiciono atrás do volante. Cintos postos e pegamos a estrada. — Acho que você pensa em sexo a cada um segundo e não a cada quatro, como apontam as pesquisas sobre as

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pessoas normais.

— Anda lendo pesquisas sobre sexo. — Provoco com um sorriso cínico.

— Entre outras coisas. — Ela ri e liga o som. Logo está cantando junto enquanto mantém uma mão em minha nuca com um afago relaxante.

...

— Vocês demoraram! — Meg vem nos receber assim que descemos do carro. — Por que não veio com Jo? — Charlie me encara com uma leve franzida de sobrancelhas.

— Não achei necessário o helicóptero — respondo de pronto. Passo por CW para pegar as coisas e digo para que apenas ela escute. — Jo é minha piloto. — Ela sorri desconsertada.

— Charlie, como vai? — Meg vem em sua direção e a abraça. Ela devolve o gesto.

— Bem. E você? E a pequena? — Logo estamos em uma troca de abraços sem fim.

Minutos depois estão nos alojando. Chegamos no fim da sexta para aproveitar todo o fim de semana. Se meu pai não me tirou o cargo pelas confusões, vai tirar por faltas.

As mulheres estão em uma tagarelice só. As cinco irmãs do Ed já estão aqui, então dá pra imaginar tudo. Danna não chegou ainda por causa das aulas das filhas. Chega no sábado.

— Então... — Meg vem até mim e se senta ao meu lado na varanda. Amy me olha através da porta de vidro e pisca. Estão tramando algo. — Você finalmente se rendeu?

— Cobrinha. — Abraço-a pelos ombros. — Do que está falando? — Faço o desentendido.

— Não seja idiota. — Essa palavra. Ela apoia a cabeça em meu ombro.

— Mas eu já sou. — Rimos. Estou apaixonado, Meg — confesso e a sensação é incrível. Tenho até vontade de gritar.

— Isso eu já sabia, estou me referindo ao namoro — me provoca.

— É, namoro — repito saboreando as palavras.

— Homem morto. — Ela ri me encarando.

— Já entendi essa piada boboca. — Puxo-a em um abraço apertado. — Senti saudades, cobrinha.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu sei, príncipe dos diamantes. É impossível não sentir saudades da Meg aqui.

— Exibida. — Escutamos o estalar da porta e nós nos viramos ainda abraçados.

— Ei, garotão! Sempre querendo roubar minha mulher. — Ed vem em nossa direção e os olhos de Meg brilham.

— Sempre, troglodita — provoco. — Ela é minha antes de ser sua. — Ele me olha com cara de poucos amigos.

— Sempre provocando, Ben... Se ele bater em você, não vou te defender. — Ed pega Meg de surpresa e a põe sobre os ombros.

— Mantenha suas mãos de polvo longe da minha esposa — diz em um tom que parece ser sério, mas tem um sorriso torto no rosto.

— Nossa, dois caras lindos brigando por mim.

— Comporte-se. — Ed dá um tapa nas nádegas de Meg e ela ri alto.

— Socorro! — Ela encena medo.

— Mim Tarzan! — Provoco e vejo, então, que temos uma expectadora. CW está parada à porta nos assistindo.

— Está encencado. — Ed fala quando passa por mim.

— Oi — Charlie fala cruzando os braços.

— Oi - respondo abrindo um sorriso de paz. Estendo a mão para ela. — Vem. — Ela se aproxima e eu a abraço, embora ela mantenha os braços cruzados. Seu rosto vem de encontro ao meu peito.

— Você e a Meg? — Pergunta tensa.

— Não — corto. Não vou dar vazão a um ciúme bobo. — Eu e você. — Ela ergue o rosto e me encara. — Sem pensamentos bobos. Meg é como a Amy para mim — digo sério. Desço meus lábios sobre os dela.

— Então casal... mesmo quarto para vocês? — Amy me encara com uma expressão de satisfação impagável.

— Com certeza — digo rápido e CW ri.

— Muito bem. Agora pode largar a minha cunhada. Terei pouco tempo com ela, então pare de monopolizá-la. — ela fala toda feliz. CW vai se afastando mas eu a puxo em um beijo nada casto.

— Agora pode ir. — Elas duas reviram os olhos.

— Bobão. — Amy a puxa pela mão. — Vamos Charlie, tenho muitas coisas para conversar com você. — Deus me ajude.

...

As coisas se processam rápido e o batizado dos anões sai perfeito. Meg fez mesmo sua empresa de organização de eventos. As irmãs de Ed são de grande ajuda e também a Danna, que não para de babar os gêmeos. As gêmeas dela estão aqui também, já grandinhas e pentelhas. Não param de me encarar e estou começando a ficar incomodado.

— Então você é nosso tio também? — Uma delas pergunta. Não sei qual é qual.

— É — respondo tenso.

— E Charlie é nossa tia? — Ótimo, mais essa. Estou sendo interrogado por duas mini mulheres.

— Claro que não sua lerda, não são casados. Viu algum anel na mão dela? — A outra fala.

— E daí sua, burra?! Hoje em dia as pessoas não ligam mais para isso.

Olho para Charlie, sorrindo ao longe. Ela está de vestido. Um floral que fica perfeito nela. Deveria usar mais vestidos. Na verdade, ela fica linda com qualquer coisa. Ela está com uma bandeja, ajudando a arrumar as mesas expostas em torno do lago. O local ficou perfeito. Um homem se aproxima para ajudá-la e vejo que ele a toca no braço, depois põe uma mexa de cabelo que estava no rosto dela, atrás da orelha. Isso me incomoda muito. Deixo as meninas falando sozinhas e vou até lá.

— Precisa de ajuda? — Ela me olha e sorri.

— Não, o Eric já está ajudando. — Está me dispensando?

— Eric, por que não vai ajudar em outro lugar? — Tomo a posição que ele ocupava ao lado dela quase o derrubando.

— Muito bem, zona de guerra sendo delimitada — me provoca e sai rindo.

— Imbecil — falo baixo.

— B? — Ela me chama. — Não precisa disso.

— Não quero ele perto de você. — Ótimo, estou com ciúme.

— Não seja idiota — ela me repreende e sai com a bandeja, me deixando só. Perfeito!

Um carro chega e é meu pai. A surpresa me choca. Ele ainda não tinha vindo aqui depois do casamento. Minha mãe veio sem ele e está entretida com os netos. Ele desce do carro e parece meio deslocado. Vejo Charlie ir até ele e o abraçar. A forma como ela pôs ele no bolso em duas ou três conversas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me espanta. Ela o traz pelo braço e ele parece mais confortável agora.

— Posso segurar meus netos? — Pergunta e vejo a expressão da Amy. Seus olhos enchem de água.

— Pensei que não viria. — Amy fala e dona Clarisse está claramente nervosa.

— Charlie me disse umas coisas... — ele fala olhando minha garota de soslaio. Ela ainda o segura pelo braço. Acho que é um ponto de apoio. — Sou um velho tolo e sei que errei muito com você, minha filha. — Vejo a mão de CW prender-se à de meu pai. Ele tem os nós dos dedos pálidos pela tensão. — Espero que ainda tenha tempo para fazer parte de sua família e que haja espaço em seu coração para esse velho turrão. — As pessoas próximas que assistem a cena parecem nem respirar. Amy pega Connor do berço e vem em direção ao papai.

— Aqui. — Ela o põe nos braços dele que a observa surpreso. — Esse é seu neto Connor. — Ela sorri para o duendezinho. — Diga oi ao vovô, Connor. — Meu pai sorri também e vejo as lágrimas tomarem sua face. — Espero que seja capaz de amá-los como fez com o Ben — ela diz como um aviso e ele apenas assente.

— E a menina? — Pergunta ansioso.

— Está aqui, Dimi. — Minha mãe vem com Zoe no colo. — Mas vamos com um por vez. Você está bem? — Pergunta e sei que teme pelo coração dele.

— Melhor impossível.

Ele e Amy não são o melhor exemplo de pai e filha, mas estão tentando e ver minha família se remontar me faz pensar que as coisas vão ser plenas um dia. Sinto dedos conhecidos entrelaçarem nos meus e olho de lado. Minha garota tem os lábios presos entre os dentes e me olha com expectativa. Ela que arrumou isso. O grande Dimitri finalmente se dobrou de vez.

— Então, arquitetando planos às minhas costas? — Brinco.

— Sempre. — Sorri culpada.

— O que disse a ele?

— Não sabe? — Faço uma expressão perdida. — Nós mulheres somos todas bruxas. — Ela ri mais e eu a puxo em um abraço.

— Obrigado.

— Não por isso. — Ela envolve minha cintura.

— Por tudo. — Acaricio seu rosto e o seguro entre as mãos. — Por entrar
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

na minha vida, por estar comigo, por acreditar em mim, mas, principalmente por me amar. — Ela parece perder a cor quando escuta a última parte da minha fala.

— Então sabe que eu te amo? — Diz nervosa como se quisesse renegar as palavras.

— Sei, porque é o mesmo que sinto por você. — Franzo a testa em um reflexo. As palavras parecem ser pesadas em minha boca. Não sei exatamente o que temo. O medo tolo de todos os amantes. — Eu te amo, Charlie. — Ela fica muda, respiração presa e isso leva alguns segundos que me fazem ficar assustado. Então vejo as lágrimas que começam a descer por sua face. Tenho vontade de chorar junto. Ela me abraça e me beija e escutamos os gritos e assovios à nossa volta.

— Ei? Respeito! Isso é um batizado. — Alguém grita e quando nos afastamos vemos os olhares voltados para nós. Meu pai é um deles, com um sorriso enorme no rosto. Eles não escutaram nossa conversa, não sabem o que estou declarando aqui. Apesar disso, a felicidade se faz presente em todos os rostos.

Depois desse momento seguimos todos em festa. Dançamos, rimos, brincamos com os motivos da festa e eu me revezo entre Zoe, Connor e Ananda. Danna e eu somos padrinhos de Zoe, Ed e Meg são do Connor e Amy e Liam de Ananda.

Exaustos pelo dia longo vamos todos arrumar as coisas e, quando nos deitamos, a noite já avançou a madrugada. Invejo os anões que foram dormir cedo. Estou deitado de costas, puxei a Charlie contra mim e ela parece dormir profundamente. Sua respiração é calma e eu mantenho um movimento constante de afago em suas costas. Ela tem uma mão sobre meu peito e a cabeça apoiada na curva da minha clavícula. Faz um ruído engraçado, algo como um gemido de surpresa. Olho-a sem me mover muito. Não quero acordá-la, deve estar sonhando.

— Eu também te amo, B. Acho que sempre te amei e o sentimento só amadureceu e cresceu. — Ela suspira e fico na dúvida se está acordada ou não.

— Charlie? — Ela abre os olhos lentamente. Uma expressão pesada. Droga, estava dormindo mesmo.

— O que foi? — Pergunta confusa.

— Pensei que estava acordada — digo frustrado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Estava sonhando — responde e sorri. — Não imaginei que estava tão cansada. Também, vários dias com atenções voltadas para Micha e ela parecia não cansar nunca. E ainda tinha a mim, sempre requisitando. Minha garota teve a bateria esgotada...

— Volte a dormir, está tudo bem — digo aconchegando-a novamente

— Não, eu esqueci algo — diz apoiando as mãos contra meu peito e o queixo sobre elas. Me encara séria. — Eu também te amo — diz no melhor timbres de voz do mundo. O som reverbera por cada nervo meu. — Acho que sempre te amei. — Seus olhos não deixam os meus. — E vou amar sempre. Muito. — Começo a rir como o idiota que sou. — Achou que eu não ia falar, não é?! — Ela ri de mim.

— Achei. — Inverto nossas posições. — Mas sempre há uma forma de fazê-la falar. — Ela nem sabe que falou tudo dormindo.

— Uma forma, é?! — Me envolve com as pernas. — Estou dizendo que te amo e você pensa em sexo. — Revira os olhos.

— Não, penso em fazer amor. — Lá vou eu, o amante brega, mas ela não ri dessa vez.

— Eu fiz amor com você, todas as vezes — diz afundando os dedos nos meus cabelos, provocando uma sensação deliciosa.

— Não foi o suficiente, quero mais. — Eu a beijo até não podermos mais segurar a respiração.

— Tarado — diz com o sorriso que toca seus olhos.

— Diz outra vez — peço.

— Tarado? — provoca.

— Você sabe.

— Te amo, te amo, te amo... — diz distribuindo beijos em meu rosto.

— Eu te amo mais. — Ela ri do comentário de boboca apaixonado. Lá vamos nós, mãos e pernas, desejo e amor. Duas pessoas que pareciam tão diversas, mas que se encaixam como o mais perfeito quebra-cabeças.

Novos rumos

Manhã de domingo. Sei que hoje teremos churrasco à beira do lago e mais confusão. Apesar disso, estou animado. Charlie em meus braços e eu sinto que posso fazer qualquer coisa. Ela disse que me ama e eu a amo também. Parece um conto de fadas infantil, eu sei, e lá está aquele medo de perdê-la de novo. O sonho que tive não ajuda muito. Espanto as ideias tolas da minha mente distribuindo beijos por seu pescoço. Sempre que dorme, ela se enrosca em mim, de costas, como se quisesse que eu a envolvesse por completo.

— Bom dia para você também, senhor B tarado. — Ela vira-se de frente.
— Alguém acordou animado — brinca.

— E cheio de ideias. — Beijo-a.

— Levantem logo, isso não é hotel! — Alguém grita contra a porta e posso jurar que é Ed. Eu gemo de frustração.

— Vamos Ben, precisamos fazer um monte de coisas e o domingo vai passar voando. — Agora, Meg.

— Cunhado, sua irmã quer você no café lá embaixo em cinco minutos. — Liam.

— Eles não vão parar até sairmos. — Charlie ri como se gostasse disso tudo.

— Vou ignorá-los. — Continuo abraçando-a e beijando-a.

— Sai logo daí garotão, já não bastou a noite toda de ação. — Vou matar Ed.

— Inferno — praguejo e escuto as risadas.

— Vou tomar banho primeiro. — Charlie levanta e eu vou junto. — Não senhor, se entrar no chuveiro comigo eles são capazes de arrombar a porta.

— CW?! — Faço cara de desespero.

— Nada de CW. — Começam a bater na porta em diversos ritmos. —

Viu?! Somos o brinquedo hoje. — Ela ri provocante. — Aguenta firme, é só um domingo, passa rápido.

— Caíam fora! — Eu grito. Eles riem em diversos volumes. Abro a porta para dar de cara com os três me encarando.

— Bom dia, garotão. — Ed tem Meg pendurada nele.

— Já acorda lindo. — Ela ri para mim.

— Ei? Eu estou aqui — ele provoca e ela se pendura nele que logo a beija, marcando território. Eles nunca se cansam?

— Procurem um quarto — retruco. — E que não seja o meu!

— Desculpe cunhado, mas a minha esposa linda mandou acordá-lo. — Liam ri com aquele ar relaxado de sempre.

— Que seja, vou só tomar um banho e desço — digo respirando fundo.

— Banho, hein?! Noite agitada. — Ed pega Meg no colo. Ele está fardado e ela o olha como se fosse um Deus.

— Cai fora, troglodita chato. — Meg me dá língua e eles vão embora escada abaixo.

— Vocês dois têm que assumir uma hora — Liam diz sorrindo.

— Dois?

— Você e Ed se adoram e acho até que a Meg ficará com ciúme — ele fala com um tapinha em meu ombro. — Não demore ou a mestre cuca lá embaixo sobe com uma colher de pau.

O amanhecer perfeito que programei já era. Agora terei que refazer meu plano, preciso de um momento perfeito para o que tenho em mente. Charlie não é muito convencional e flores com serenata não fazem seu estilo. Jogo-me de costas na cama olhando para o teto. Ela sai do banheiro já vestida e exala seu perfume pelo quarto.

— Sua vez, B — fala indo direto para porta. Interrompo-a abraçando-a por trás e fazendo-a virar-se para mim.

— Aonde pensa que vai? — Pergunto, apertando-a contra a porta.

— Descer e o senhor também. Não demore no banho. — Ela ri, provocante.

— E nós? — Passo meu nariz pela linha do seu pescoço. Ela arrepiava-se de imediato.

— Nós teremos tempo quando voltarmos para casa — diz me abraçando pela cintura. Um conflito entre querer ficar e ter que ir.

— Só um beijo? — Pergunto como o idiota que sou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Se começarmos, não iremos parar. — Sorri para mim, agora com as mãos em meu rosto.

— Eu te amo — digo olhando-a nos olhos.

— Golpe baixo, senhor B. — Sua voz é manhosa.

— Nunca disse que era um cavalheiro — provoco e beijo-a sem esperar resposta.

— Agora chega. — Me empurra com força. — Banho, café e sem reclamar. — Reviro os olhos e bato continência. Ela sai me deixando só com meus pensamentos.

...

Encontro todos em um café da manhã agitado. Temos pequenos rindo e dando gritinhos, mulheres aos montes, como se brotassem. Em meio a toda essa confusão, a minha garota ri e canta algo enquanto Meg e Amy assistem empolgadas, com certeza com algum plano maluco.

— Bom dia! — Cumprimento com um sorriso em meu rosto.

— Bom dia, irmão. — Amy me abraça e me beija. — Agora pode ficar de babá.

— Como?

— Você olha os seus sobrinhos com Liam, enquanto mostraremos a casa de eventos para Charlie — ela explica e Meg sorri toda feliz.

— Ed teve que trabalhar hoje, então você é nossa babá. — Ótimo! Dona Clarisse e meu pai foram embora ontem, com o motorista, então sobrou para mim a tarefa de ser babá.

— Por que não posso conhecer o lugar também? — Retruco.

— Porque será coisa de mulheres e você já conhece o lugar — me cortam. — Vem CW, vamos meninas. — Elas puxam Charlie que vinha em minha direção. Minha garota faz uma expressão de quem não tem saída e vejo todas elas atravessarem a porta.

— É titio, lá vamos nós à tarefa maravilhosa — Liam provoca com Connor no colo, enquanto balança um cestinho com Zoe dentro. — Acho que Ananda espera por você.

— E elas confiam em nos deixar assim? — Digo pensando que são todas loucas.

— Você deu mostras de ter nascido para isso — diz sério. — Foi muito
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

bem com o John. Quando terá os seus?

— Meus? — Pergunto espantado.

— Sim, seus e de Charlie — fala como se fosse óbvio. — Acho que a pergunta certa seria quando irão casar.

— Não sei nada sobre casamento — digo pensando em casamento. Seria o lógico, não é? Eu a amo e ela me ama. Sei que ela é a única mulher para mim. Estou pensando em casamento? Eu sou mesmo e estou idiotamente apaixonado.

— Não sabe ou está com medo? — Diz rindo torto. Não respondo. — Você a ama? Disse a ela? — Um bombardeio de perguntas.

— Resolveu dar uma de jornalista? — Pergunto, pegando Ananda no colo.

— Já disse — diz confiante. — Isso só aumentou o medo de perdê-la, não é?

— Isso foi armado? Você e eu aqui e todas essas perguntas sem sentido? — Ele meneia a cabeça rindo.

— Não, só estou pensando em tudo. — Coloca Connor em outra cestinha, ao lado de Zoe. — Quando quase perdi Amanda. — Ele suspira. — Nunca sabemos quanto tempo temos até que seja necessário contar.

— Alguém acordou mórbido hoje — digo desdenhando.

— Não, cunhado. Só pensativo. — Ele me encara e começo a pensar sobre o que está me falando. — Você já curtiu muito, não?

— Ah, isso é um sermão. Agora vai falar sobre como sou irresponsável, como tenho que formar uma família e etc. — Ananda abre apenas um olho para me observar e depois volta a fechá-lo. — Esteve conversando com meu pai?

— Não, seu pai está fora de questão para mim — diz sério e acho que isso quer dizer que não tolera muito o velho Dimitri.

— Entendo. — Ele cruza os braços.

— É só uma conversa e se você quer saber, casamento é uma coisa maravilhosa. — Eu o olho de soslaio. — Claro, sua irmã não é fácil, nunca foi...

— Ei? — Repreendo.

— Não leve a mal. Eu a amo, mas ela é bem complicada e tem dias que desejo ser capaz de fazer mágica. — Rimos. — Eu sei, pareço ridículo, mas nos dias que eu acerto, que consigo fazê-la plenamente feliz, vale todos os outros que entramos em desacordo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Pensei que pensassem iguais de tanto que parecem em sintonia — falo surpreso.

— Nenhum casal é perfeito, Ben. Mas a gente tenta. — Ele pega agora a Zoe no colo. — O principal é não desistir.

— Não soltar a mão um do outro. — Agora é ele quem me fita surpreso.

— Acho que já entendeu. — Faz um carinho na cabecinha da duende.

— Cara, você é estranho. — Levo para o lado da brincadeira, embora tenha absorvido tudo que disse. — Só assim para casar com a Amy. — Ele me olha com desdém.

— Deixa só ela te ouvir.

— Nunca. — Dou risada da situação e ele de mim. Há pouco tempo eu estava indo a bares, transando com garotas e seguindo a vida com o único objetivo de viver. Hoje estou aqui, cuidando de crianças e ouvindo conselhos sobre casamento. É Ben, sua vida mudou... você mudou.

O resto da manhã segue tranquila entre fraldas e mamadeiras. Logo estão todas de volta e a equipe cinco de Liam vem ajudar com o churrasco. Muita gente e muita festa resume o momento. Ed aparece também. Ele e Meg não se desgrudam e acho que ele pensa que ela é um saco de batatas, porque vive pendurando a cobrinha no ombro. Liam se derrete em mimos com Amy e eu fico pensando em tudo. Talvez não haja um momento perfeito, ou certo, apenas o objetivo que temos. Enfio a mão no bolso e revolvo o anel.

— Um centavo pelos seus pensamentos. — Charlie me abraça de lado apoiando a cabeça em meu ombro.

— Só? Tem que começar a me valorizar mais — digo puxando-a em meus braços. — Sabe, queria dizer algo a você... — Meu telefone toca. — Droga!

— Atenda, temos tempo. — Penso nas palavras de Liam... tempo? Temos mesmo? Espanto essas ideias, pois não vou deixar um medo sem fundamento tomar conta de mim. Ele provavelmente só estava me provocando. - Pode ser algo importante.

— É Aidan — falo olhando a tela do telefone e atendo. — Pode falar.

— Senhor, não quero que se preocupe, mas achei por bem avisar.

— Fale de uma vez, Aidan — minha voz soa tensa. Problemas no instituto eram tudo o que eu não queria agora.

— Michelle, a amiga de Micha está em processo de adoção. O garoto soube e bem...

— Bem o que, Aidan? — Soo mais ríspido do que queria.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ele está com febre desde sexta. — Suspira do outro lado da linha. — Sabemos que é emocional, mas não cede e depois que Michelle foi levada para passar o fim de semana com os prováveis pais, a febre aumentou um pouco.

— O instituto tem uma ala hospitalar, Aidan. O que espera para levá-lo para lá? — Digo duro.

— Ele está lá, senhor. Chamou pelo senhor e pela Charlie. — Ele me chama de senhor, mas a chama de Charlie. Às vezes detesto essa intimidade que ela provoca tão facilmente nas pessoas.

— Eu vou para aí ainda hoje. — Encerro a ligação.

— O que foi? — CW afaga meu rosto para que a encare.

— Micha.

— O que tem ele?

— Uma febre emocional, mas não cede. — Ela faz cara de preocupada e penso em tudo que fiz na vida, deixando o acaso me guiar. Hoje isso precisa mudar. As palavras de Liam vêm em minha mente de novo. Tempo. Quanto dele eu tenho? Lembro de Amy e tudo que passou, de Meg, de como quase as perdi. Está na hora de fazer escolhas.

— Deveríamos voltar — ela fala como um pedido.

— E iremos. Vem. — Puxo-a pela mão. Entro na casa e encontro Meg no colo de Ed, Amy na cozinha e Liam brincando com Zoe.

— Preciso falar com vocês — minha voz soa tensa e todos me olham. — Terei que ir mais cedo.

— Por quê? — Amy é a primeira a falar. — O papai? - Sua voz sai tensa.

— Não, Amy. Papai está bem - digo sorrindo. — Eu... — CW segura minha mão com força.

— Conte a elas, B — sua voz é suave e calma.

— Charlie acabou de contar que está grávida. — Meg ri alto. Eu olho para CW surpreso.

— Não, não estou — ela responde rápida à pergunta em minha expressão.

— Diz de uma vez, Ben! — Amy soa nervosa.

— Então parem de falar! — respiro fundo e todos fazem silêncio. — Eu fundei um instituto há três anos. O Flor de Liz — começo a contar e vejo os olhos de minha irmã se encherem de água. Meg se aproxima e a abraça pelos ombros. — Eu queria fazer algo, Amy. Algo por todas essas crianças sem pais, abandonadas ou órfãs que... — Um nó se forma em minha garganta por

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vê-la já chorando.

— Você fez isso tudo e não me disse nada? O Pergunta caminhando até mim. — Ai meu Deus! Aconteceu algo com as crianças? — Ela começa a ligar as histórias.

— Não. Elas estão bem. — Charlie responde e Amy se aproxima de mim, pondo uma mão em meu peito.

— Ben, fale tudo de uma vez — exige.

— Não quero que pense que estou tentando me redimir, porque sei que nunca serei capaz de...

— Ben! Quando irá parar de se culpar?

— Amy... — Suspiro com pesar. Ela me abraça.

— Eu te amo, seu bobão. — Ela agora chora e ri. — E saber que pôs o nome de Liz no seu instituto só me faz mais feliz. — Aperto-a contra o peito. — Faz com que ela permaneça presente. Sua memória está viva. — Suas palavras são de força, mas a dor ainda existe.

— Conte tudo, B. — Charlie me diz, pegando novamente uma mão minha e eu a encaro confuso por uns segundos. Relembro de Micha. Uma mão presa à da minha garota e outra envolvendo minha irmã.

— O que mais? — Amy indaga.

— Tem um garotinho lá. — Ela leva as mãos à boca — A quem me apeguei e ele está um pouco doente.

— Vai adotá-lo? — Meg pergunta e só então noto que também está chorando. Ed e Liam não dizem nada, apenas nos observam. Lá fora as risadas são altas...

— Não... eu... — Eu vou? Nunca pensei dessa forma. — Só sei que ele precisa de mim agora.

— Pode ir. — Amy corta o resto das explicações. Seria tudo tão simples se o peso da culpa não comprimisse meu peito e dificultasse minha fala. Sei que ninguém entende e que muitos que veem de fora saberiam me dizer exatamente o que falar ou fazer, mas eu vivo isso e para mim é difícil. Apesar disso, resolvi mudar minhas atitudes, resolvi escolher e não deixar o destino fazer por mim.

— Obrigado e realmente sinto por perder o resto da festa.

— Vou pegar nossa bagagem. — CW vai em busca das nossas coisas.

— Um dia vai me deixar conhecer o lugar? — Amy pergunta abraçada a mim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Claro — digo e meus olhos encontram os de Meg. — Vem cobrinha, abraço triplo que você adora. — Ela revira os olhos, mas vem.

— E Ben? — Amy me chama. — Apenas siga seu coração, ele sempre funcionou melhor que seu juízo. — Rimos abraçados.

— Então foi por isso que ela se apaixonou por você. — Meg fala abraçada a mim e a Amy. — Seu potencial para ser pai é grandioso. — Me olha encantada. As palavras dela ficam gravadas em mim. Eu serei um bom pai? Eu posso ser o pai do Micha?

— Muito bem, garotão. — Ed diz, mas o tom não é de provocação. Liam apenas observa a cena com meu sobrinho no colo. Ele move a cabeça com um aceno afirmativo e um sorriso tímido. Todos entendemos o peso das histórias que nos ligam.

Charlie vem com as bagagens e logo estamos voltando a capital. Assim que chegamos o destino é o instituto. Entro com o coração aos saltos. Sei que ele está vivo e que tudo vai passar, mas a tensão toma conta de mim. Charlie não solta minha mão ou sou eu que aperto a dela com tanta força que não permito que me solte. Passamos para a ala hospitalar para encontrar o carinha em uma cama, encolhido em si mesmo.

— Ei, amigão. — Me aproximo tocando-o e sinto o calor febril

— Benjamin — ele diz em uma vozinha pálida. — Você veio. — Um sorriso fraco forma-se em seu rosto.

— Sim, eu e Charlie. — O sorriso dele aumenta e ele procura ela com os olhos. CW se senta na cama.

— Estou aqui, Mic. — Ela segura a mãozinha dele.

— Viemos buscar você. — Olho para Aidan, que assente com a cabeça. — O que acha de dormir conosco hoje?

— Eu posso? — O rosto dele se ilumina e nós o levamos. Tomo-o no colo e ele pede os tênis velhos que CW prontamente pega.

...

Estou na minha varanda olhando o mundo lá fora. O carinha demorou a dormir, mas a febre deu sinais de baixa após muita conversa, comida e mimo. Ele falou para CW que um colega disse que ele era uma praga, que sua primeira mãe morreu porque ele tinha um defeito e que ninguém mais o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

queria. Incrível como as crianças ficam mais cruéis a cada nova geração.

Apoio minhas mãos no parapeito e penso que temos que intensificar os trabalhos com psicólogos. Charlie se derreteu em carinhos para o garoto e com ele entre mim e ela, deitados em minha cama, Micha finalmente dormiu. Ela dormiu logo depois e eu fiquei assistindo-os assim.

Enfio novamente a mão no bolso e retiro o anel. Minha mãe o ganhou de meu pai. Primeiro diamante da vida dele. É grande e pomposo e sei que minha garota pouco se importa com isso, mas a história dele é o que conta. Selou o amor de meus pais e representa mais que um adorno. Minha mãe o deu para mim quando contei o que sinto por minha garota. Dona Clarisse sempre esperta...

Sinto mãos me envolverem por trás e se alojarem em meu peito. Uma cabeça conhecida apoia-se no meio das minhas costas.

— Perdeu o sono? — A voz rouca faz meu corpo arrepiar. Coloco o anel disfarçadamente em meu bolso de novo.

— Pensando um pouco — respondo, exalando ar entre os dentes.

— Em quê? — Ela se espreme entre mim e o parapeito da varanda.

— Perdeu o medo de altura? — Mudo a conversa.

— Você me segura — diz confiante e seguro mesmo. Abraço-a de forma que nem o ar poderá passar entre nós.

— Então você se apaixonou pela minha capacidade de poder ser um bom pai? — Pergunto pensando em como minha vida virou em tão pouco tempo.

— Quem disse isso? — Ela ri.

— Meg.

— Digamos que também. — Sorri relaxada. — E você? Por que se apaixonou por mim?

— Sua bunda — digo divertido.

— B!

— Agora que somos namorados, ela é assunto meu, não? — Provoco.

— Achei que esquecia as bobagens que falo — diz com um leve rubor na face.

— Não, eu lembro tudo. — Roço meu nariz no seu.

— E minha bunda ainda não é assunto seu — ela diz repressora, mas tem um ar de riso.

— Ah é?! Sabe que desde que disse isso me esforço para não olhar para ela quando você me dá as costas? — Faz uma cara surpresa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Você tem problemas, senhor B. É um tarado. — Puxo-a comigo até uma poltrona e coloco-a em meu colo.

— Meu problema é sua bunda maravilhosa. Tenho uma namorada gostosa. — Ela ri alto, mas põe a mão na frente dos lábios.

— Mic! Vamos acordá-lo. — Envolve meu pescoço com os braços. — Agora pare de mentir e me diga o que o incomoda.

— Não sei o que fazer — confesso.

— Mic?

— É. — Eu seria uma boa opção para ele? Trabalho a maior parte do dia. Eventos, reuniões, viagens... Uma criança viveria bem assim?

— O que você decidir eu apoio — ela fala e me dá um beijo suave. Um encostar de lábios que aquece meu corpo todo, apesar do frio que invade a varanda nesse avançar de noite.

— Não quero exigir de você um papel que não escolheu — digo sincero.

— Eu escolho o papel de nunca largar sua mão. — Ela entrelaça nossos dedos em um gesto que marca nossa relação.

— Mesmo que eu peça demais? — Sei o que está em jogo aqui e também sei que é muito.

— Se for demais eu falarei para você e juntos arrumamos um jeito de deixar de menos. — Sorri confiante. Eu amo essa mulher.

— Sabe por que me apaixonei por você? — Ela sorri nervosa. — Por ser assim. Perfeita.

— Não sou...

— É — interrompo. — Para mim você é perfeita. Tudo ao seu lado se torna mais fácil, mais suportável, mais valioso. — Ela sorri sem jeito. — Você é a única para mim, Charlie e eu amo tudo em você. — Beija-me de novo, mas dessa vez não há nada de suave. O que sentimos um pelo outro tem diversas nuances e eu adoro todas elas. Eu encontrei o que faz minha vida ter um propósito. Encontrei o amor e por mais piegas que pareça, por mais clichê que soe, é verdade tudo que dizem sobre ele.

O amor nos faz melhores, ao menos querermos ser melhores. E eu tenho a certeza em mim de que não desistirei de nós. Não serei eu a soltar a mão e espero que ela nunca o faça.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Aumentando o círculo

As coisas se processam de forma estranha em nossas vidas. Tudo ao contrário. O anel ainda está em meu bolso, na verdade, ele muda de bolso conforme mudo de roupa. Ainda não pedi a Charlie por achar que estou exigindo demais.

O almoço que programamos com os irmãos dela foi tranquilo, mas eu percebi os olhares dos três fixos em mim o tempo todo. O pior era Rob: parecia um leão em busca da presa, observando-me como se eu fosse dar um passo em falso. Imagino que CW contou a eles sobre o Micha. Apesar disso retornei sem nenhum pedaço faltando. Lembro que hoje pego o Micha em definitivo e a ansiedade só aumenta. Após algum tempo de visitas, papeis e muitas assinaturas, ele virá de vez para casa comigo. Conversei com ele, que pareceu muito feliz com tudo, só não sei se irá me chamar de pai. Acho que teremos tempo para isso...

Estaciono em frente à casa de CW, combinamos de ir juntos.

— Pronta? — Digo após apertar o botão do interfone.

— Estou descendo, amor. — Nunca me canso de ouvi-la me chamar assim. — Oi — diz abrindo a porta e me olhando com aquele sorriso incrível.

— Oi. — Pego-a pela mão e começo a puxá-la. — Vamos.

— Calma aí, garotão. — Ela breca o puxão. — Ei? Olha para mim. — E assim faço. Ficamos de frente e Charlie envolve meu rosto em suas mãos. — Respire fundo comigo...

— CW...

— Anda! Três vezes. — Eu faço e realmente é relaxante. — Agora — ela começa com uma massagem em minhas têmporas — o senhor vai relaxar. — dou um sorriso sem jeito.

— Estou nervoso. Sei que perguntamos a ele, mas...

— Mas nada, amor. Vai ficar tudo bem — ela diz e me abraça. — Micha adora você e está muito feliz.

— Fala de novo? — Me afasto para olhá-la nos olhos.

— Micha...

— Não. A forma como me chamou.

— Amor. Amor meu. — Ela sorri e me beija. — Agora vamos, não podemos deixar o pequeno esperando. — Pega minha mão e é ela quem me guia ao carro.

— Obrigado por vir comigo! — Digo quando entramos no carro.

— Eu sempre estarei com você. — Ela ri de mim e vamos em busca do Micha.

...

O pequeno parecia tão ansioso quanto eu. Agora não tem volta. Ele está comigo e bastam apenas algumas assinaturas para que ele seja um Romaninov. Estou apavorado, mas nada disso me faz querer retroceder. Meu filho! Eu tenho um filho... Fomos para um restaurante almoçar e comemorar, mas ele não fala muito. Sem querer, deixa o garfo cair e sua expressão parece de choro quando olha para mim. Charlie prontamente pega o garfo dele e chama o garçom.

— É agora que vão me devolver? — Ele fala em uma vozinha tremida.

— Devolver? — Pergunto surpreso. — Porque faria isso?

— Por que eu sou defeituoso. — De novo essas histórias. CW me fita com uma súplica muda.

— Você não é defeituoso, Mic. — Charlie fala fazendo um afago no pequeno.

— Mas o Dan disse que eu sou uma droga de garoto, que um homem rico ia me pegar para passar o tempo e depois, quando visse que sou defeituoso, ia me devolver como o lixo que sou. — Deus! Quanta maldade pode haver no mundo?! Preciso que verifiquem esse garoto Dan. Ele não pode ser normal. Me levanto e vou até a cadeira do pequeno.

— Olha para mim, Mic. — Ele mantém a cabeça baixa. — Mic? — Me olha pesaroso. — Esse Dan tem problemas e ele está longe de você. Eu sou seu pai agora. — As palavras saem firmes e me surpreendo do quanto internalizei isso, apesar de todas as minhas inseguranças. Não posso ser
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fraco, ele precisa de mim. — Você é um Romaninov e na nossa família ninguém é devolvido.

— Mas eu sou defeituoso e não posso ser seu filho. Você não pode ser meu pai. — Ele começa a chorar. — Não posso chamar de pai. — Pego-o no colo, tirando-o da cadeira e abraço-o forte. O garçom retorna com o garfo e fala algo com CW.

— Se você tiver um defeito, a gente conserta. — Sinto seu corpinho tremer. Por isso o silêncio todo, por isso o medo em seu rostinho quando o pegamos.

— E se não der? — A angústia em sua voz é quase palpável.

— A gente vai aprender a viver com isso. — Ele me olha com o rostinho molhado pelas lágrimas e eu agora, embora não seja agressivo com crianças, quero dar uma boa lição nesse Dan. — Ninguém é perfeito, Mic, mas a família não desiste um dos outros. Nós nos ajudamos. — Me observa como se estivesse ouvindo o maior dos segredos. — E pode me chamar de pai sim. Se quiser — falo ansioso ao constatar que eu quero que me chame assim, mas não irei pressioná-lo.

— Não. Não quero que você morra. — Essa explicação absurda me surpreende. Olho para Charlie atônito e ela está com uma expressão esquisita. — Porque se eu chamar você de pai, você vai morrer como a minha mãe.

— Muito bem, pode me chamar como quiser — digo massageando suas costinhas para acalmá-lo. — E eu não vou morrer. Estou bem, forte e saudável. Faço exames sempre. — Tento tranquilizá-lo, mas nem sei o que dizer. — Eu não vou a lugar nenhum.

— Jura? — Me pergunta, esfregando os olhinhos e o nariz. — Nem você, nem Lie? — Ele a chama como os irmãos dela.

— Nenhum de nós. — CW se junta ao nosso abraço. Ela o beija na bochecha e faz o mesmo comigo. Depois que ele cessa o choro, ela retorna a falar. — Muito bem, rapazes. Nem pensem que vão fugir do almoço. Os pratos estão cheios e quero vê-los limpos ou não haverá sobremesa — ela diz, suavizando a situação. Eu ainda tenho meu ar suspenso com todas as coisas que esse garoto teve que aguentar. Toda essa angústia aprisionada em seu coraçãozinho de apenas cinco anos. Eu não consegui impedir tudo que Amy passou, eu não pude defender Meg, mas com Mic será diferente. Faço a promessa a mim mesmo.

— Sim senhora — falo e sorrio. — Vamos lá, Mic? Tudo bem? —
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Pergunto me certificando de que ele está mais calmo olhando-o nos olhos.

— Tudo bem. — diz e então volta a me abraçar apertado. Eu devolvo o gesto e beijo sua cabeça.

Vou proteger esse garoto com minha vida se preciso. Meu filho! Eu tenho um filho. Charlie me olha com uma expressão de contentamento e move os lábios em um “eu te amo” que só me faz mais seguro do que estou fazendo. Sei que ainda enfrentarei muitos problemas, mas dessa vez minha vida não vai passar diante de mim. Não serei levado como uma onda no mar. Eu farei minhas escolhas e tomarei as rédeas da situação. Finalmente entendo o sentido de ter o controle. É tomar minhas decisões e arcar com elas. Não é previsível, não é perfeito, mas é a minha vida, minha escolha.

...

Chegamos em casa e Mic fica maravilhado com o quarto dele. Era o que o John usou, apenas mudei alguns móveis. Charlie ajudou nos detalhes e acho que as emoções foram tantas que mal o relógio registrou cinco da tarde, o pequeno pegou no sono. Suspiro exausto pelas novidades do dia e ponho ele na cama. Tiro os tênis velhos, cubro-o com uma manta e beijo sua testa. Saio do quarto e vou em busca da minha garota. Preciso agradecer seu apoio todo o tempo. Encontro-a na sala, escrevendo. Nunca tinha presenciado ela escrever em seu diário antes. Cruzo os braços observando e ela enxuga as lágrimas que descem silenciosas por suas bochechas. Me aproximo dela e ponho-me às suas costas, no sofá. Ela relaxa o corpo contra meu peito.

— Oi, amor — digo sussurrado em seu ouvido. Sinto seu corpo estremecer e ela aperta as mãos nas minhas, que envolvem sua cintura agora. — Qual o motivo das lágrimas?

— Esse garoto passou por tanta coisa, B — diz triste. — Fico pensando em tudo que passei, na escola, na faculdade... mas eu tinha irmãos, um pai maravilhoso e uma mãe incrível ao meu lado para curar minhas feridas.

— Agora ele tem um pai também — digo com as ideias se formando em minha mente.

— Eu sei. — Ela se contorce para ficar o mais de frente que pode para mim. Beijo-a e acaricio seus cabelos.

— Sabe, queria ter feito isso antes, mas idiota que sou estou todo atrapalhado. — Ela franze a testa e sorrio da situação. — Desculpe-me não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ter feito isso antes. Fico sempre esperando a melhor hora e acabo não fazendo nada. — Puxo o anel do meu bolso, junto com um pedaço de fio dental. Ela vê apenas o fio. — Eu quase nunca vou acertar. O momento certo, a hora certa, a palavra certa... Você sabe, sou um idiota. — Ela ri. — Mas quero que saiba que eu te amo. — Amarro uma ponta do barbante em seu dedo e deixo o anel correr por ele até encaixar no dedo dela. Charlie me encara surpresa e prende a respiração. — Era da minha mãe e ela me disse para pôr no dedo da mulher da minha vida. — O sorriso toma seu rosto lentamente até atingir seus olhos. — Desculpe não ter entregado antes, eu estava esperando... droga! Não sei o que estava esperando.

— Essa ideia do barbante foi sua? — É a primeira coisa que ela fala.

— Não, de um filme. — Rimos juntos e eu puxo sua nuca, apoio minha testa na sua, colando nossos narizes. — Estou esperando sua resposta.

— Tem razão, é um idiota. — Afasto-me para vê-la. A tensão clara em meu rosto. — Caso contrário já saberia que não há outra resposta diferente de sim. — Beijo-a com vontade, desespero, amor, paixão, todas as emoções que dão voltas dentro de mim agora.

— Eu sei que é muito e que agora sou um pacote completo, mas... — Ela põe os dedos em meus lábios, me silenciando.

— Você é um pacote lindo — ela suspira. — Estava com receio de que me deixasse de fora. Eu amo Mic também e vou adorar fazer parte de seus erros e acertos. — Nos beijamos novamente e eu envolvo-a em um abraço, pondo-a agora em meu colo.

— Pronto, já pode mudar para cá — falo confiante.

— Como assim? — Franze a testa, me encarando confusa.

— Fazendo suas malas e vindo para cá. — Ergue uma sobrancelha. — É o lógico. Não precisamos ficar em casas separadas.

— Ben...

— Tudo bem. Se não gosta pode procurar outra casa. A que quiser e iremos os três — digo ansioso.

— Não. Devemos esperar o casamento, falar com Micha, com nossos pais...

— Claro, pais. — Minha cabeça funciona a mil. — Vamos marcar um jantar. Os seus e os meus e...

— Calma aí, Flash. — Ela põe a mão em meu peito para me afastar. — Por que não...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Por favor - suplico. — Já ficamos juntos o tempo quase todo. Você sabe tudo de mim e eu de você e assim poderemos programar a festa juntos. Por que casas separadas? — CW prende os lábios nos dentes e me encara séria.

— Tem certeza? — Sua voz é tensa.

— Absoluta, amor. — O rosto dela toma um ar diferente ao ouvir a forma como a chamei. — Eu preciso de você comigo o tempo todo e agora mais que nunca. — Ela revira os olhos e me enche de beijos.

— Está me chantageando? E você sabe muito bem quando e como usar as palavras.

— Eu te amo e nada mais justo que te chame de amor — digo deitando-me com ela no sofá, abraçados.

— Sei. — Ela se aperta contra mim. — Espero que seja o amor mesmo e não a necessidade de uma babá. — Ela ri e eu seguro seu rosto entre minhas mãos, olhando-a intensamente nos olhos.

— Nada de babá, será um trabalho mais intenso. Mãe e esposa. — Ela fica séria. — Sei que parece loucura, mas como você diz, não solta a minha mão que faremos tudo dar certo.

— Criei um monstro. — Ri agarrada a mim. — Eu também te amo, amor meu — fala em uma voz engraçada como se zombasse de mim e enche meu rosto de beijos. — E vou adorar o pacote completo, mas essa história de festa B, não sei se quero uma coisa muito pomposa...

— Pomposo é bom, eu gosto — digo olhando-a feito bobo. — Nossas mães vão amar e você vai ficar linda vestida tal qual um bolo de noiva.

— Nem morta que me visto assim. — Ela ri enquanto beijo seu pescoço. — Nada exagerado, por favor — geme e eu a observo. Ela olha o anel em seu dedo. — Um tanto grande não?

— Do jeito que você quiser, mas o anel não será discutido. Ele não está nem perto de ser do tamanho do que sinto por você. — Nos beijamos de novo, firmando nosso “acordo”. — E acho que devemos trazer o sofá da ação. — escuto seu riso.

— Benjamin, agora temos criança em casa. — se aconchega a mim e eu suspiro. Entrelaço nossos dedos e espero que eles fiquem assim para sempre.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sogros e sogras

O dia hoje não foi fácil. Finalmente minha garota trouxe o resto das coisas aqui para casa. Mic está em uma empolgação só “ajudando” Charlie a arrumar tudo. Na verdade viraram meu apartamento de cabeça para baixo. Nosso apartamento. Preciso falar assim agora ou ela vai pensar que não a incluo na minha vida, ainda mais hoje que ela está de TPM e Deus sabe e é testemunha que estou me esforçando para não correr. Qualquer coisinha vira uma guerra com direito a bomba atômica e tudo mais. E claro, Mic está sempre do lado dela. Morro de vontade de dizer “garoto, sou seu pai e os homens sempre se defendem”, mas se fizer isso sei que receberei uma das caixas da mudança na cabeça e com força. Apesar de tudo, não troco isso por nada.

— Última. — Luca me entrega a caixa. Meu celular vibra.

— Obrigado — digo para meu amigo boboca e ainda não gosto do jeito que ele olha para minha garota, mas Drake me cortou dizendo que sou um idiota apaixonado e mostrou como Luca olha para a amiga de Charlie, a Suzy. Ela finge que ele não existe e eu acabo achando graça de tudo. Somos todos tolos quando apaixonados. Fato. — Oi — atendo Matt.

— Oi, Ben. Eu estou saindo do hospital agora e passo aí.

— Não precisa se preocupar, o burro de carga Luca já trouxe tudo.

— Haha! Eu ouvi isso. — Luca grita da sala enquanto eu fecho a porta.

— Mesmo assim, quero ver o garotão. — Matt diz e soa animado. Todos eles aceitaram o Mic de pronto, embora o Drake me ache maluco por abandonar uma vida sem compromissos, ele também se rendeu ao garoto que chama a todos de tio, mas ainda não me chama de pai. Pelo menos chama Charlie de Lie.

— Muito bem, só não exagere nos mimos — eu brinco.

— Sim senhor, papai. Chego logo. — Encerramos a ligação e me jogo no sofá.

— Amor, eu ponho isso aonde? — CW vem com mais uma caixa de livro.

— Garota, você tem certeza que não quer comprar outra casa? Não sei onde enfiar mais livros.

— B, isso é um gasto desnecessário. Não é por ser obscenamente rico que deve sair rasgando dinheiro. — Ela ri. — Devíamos vender alguns daqueles carros e teríamos espaço na garagem — provoca.

— Nem pense nisso! — Falo rápido.

— Cara, começou — Luca começa.

— Ela vai vender sua alma — Drake provoca e ela dá língua a eles. Estão todos de roupa esporte, cansados e com sorrisos bobos no rosto.

— Amiga, pede logo uma mansão com biblioteca que nem as dos filmes. — Suzy brinca, se jogando no sofá ao nosso lado.

— Minha alma já é dela, para vender, trocar, fazer o que quiser... — Eles me olham revirando os olhos e CW põe a caixa no chão e senta em meu colo.

— Podemos levar alguns para a biblioteca do meu pai até fazermos uma reforma em um dos quartos, o que acha, amor? — Os palhaços repetem a palavra amor zombando de mim. — Ou pode acatar a ideia da Suzy.

— Só tenho ótimas ideias. — Suzy diz, bagunçando meu cabelo.

— Acho ótima a primeira ideia. — CW me beija. — Biblioteca do senhor D.

— E como disse, sou obscenamente rico, não preciso vender meus carros. — Ela me envolve pelo pescoço.

— Lie? — Mic aparece correndo. — Tio Matt ligou e disse que me leva ao parque hoje se você deixar.

— Ei? Não deveria pedir para mim também? — Digo fingindo ofendido. Ele vem e me abraça e beija minha bochecha.

— Você pode ir também, Benjamin. Eu quero que você venha. — Sorrio e bagunço o cabelo dele. — É meu melhor amigo no mundo todo — diz muito seguro. Essa definição me emociona, embora ainda esteja esperando que me chame de pai, mas eu não o pressiono. Ele deve acreditar mesmo na história do amigo de que morrerei caso me chame de pai. Intensifiquei as questões de psicologia no instituto e Aidan me afirmou que o tal Dan parece bem menos amargo.

— Vamos pensar nisso depois que arrumar seu quarto, mocinho. — CW
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

faz cócegas nele e Suzy acompanha.

— Tá bom! — Diz subindo no colo dela e viramos uma pirâmide.

— Luca, pega minha máquina — CW pede e ele obedece. Parece que são amigos de longa data, estão sempre conversando e rindo. Estou com ciúme do meu amigo?! Inferno, como estou. Agora entendo Ed.

— Aqui.

— Não, programa pra uma foto nossa — ele o faz e corre para se jogar no sofá ao lado de Suzy e Drake se joga ao meu tempo.

— Muito bem, digam x — CW grita e viramos um embolado de pernas e braços em uma foto nada convencional. Foto em família... a primeira de muitas.

...

Muita bagunça depois, Matt chega e leva Mic. Deixamos ir apenas os dois já que iremos para um almoço com os nossos pais. Preferimos almoço já que jantar demora muito e agora temos um pequeno para cuidar e muitas coisas ainda para arrumar na casa. Além de que amanhã será o primeiro dia dele na escola nova. CW diz que ele tem que estar relaxado, mas ela parece mais tensa que ele. Teme pelo que podem fazer a ele, mas eu já tentei tranquilizá-la de que ele tirará de letra e caso não tire, estaremos aqui por ele.

Nos vestimos e partimos para o encontro no restaurante. Combinamos de reencontrar o Matt mais tarde. Espero que Mic não enlouqueça ele. Matt parece mais leve ultimamente, acho que está saindo com alguém, embora não tenha contado ainda. Drake também anda estranho. Preciso conversar mais com meus amigos, foram tantas coisas ultimamente que mal sei deles, a não ser quando estão por perto ajudando com o Mic, com as coisas do casamento. Casamento! Charlie parece que vai enlouquecer e Amy e Meg tentam ajudar como podem, além da cunhada dela. Sei que quer algo simples, mas eu prefiro que seja uma coisa memorável. Se bem que qualquer coisa com ela será memorável.

Saio dos meus devaneios para ver meus sogros e pais chegando. Não esperamos muito. Fazemos as apresentações e a conversa segue trivial até que eu começo.

— Eu queria dizer a vocês que agradeço terem vindo e que...

— Rapaz, você está com a minha filha. É claro que eu viria — Senhor
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ewan me diz com um olhar duro. Acho que não agradei muito o sogro.

— Claro, senhor. — Sorrio amarelo. — E é sobre isso que quero falar.

— Você a pediu em casamento, podemos ver a extravagância que pôs em seu dedo. — Olha com desdém para o anel e vejo a expressão de meus pais ficar sombria.

— Pai! — CW repreende incomodada.

— Nada de pai, Lie! Você é minha filha e não vou permitir que outro cara mimado magoe você... — ele está claramente se referindo ao Kevin. Ótimo, agora sou comparado àquele imbecil.

— Senhor Ewan, creio que está havendo um equívoco aqui. — Minha mãe começa e o almoço não vai nada bem.

— Não senhora — ele corta.

— Sim senhor! — Dona Clarisse rebate e vejo meu pai segurar sua mão para controlá-la. Isso só piora tudo porque minha mãe, por mais calma que seja, quando se irrita é pior que um batalhão. — Está comparando meu filho a seja lá quem quer que o senhor conheça, taxando-o de mimado, o que me ofende já que eu o criei e sei que se tem uma coisa que ele não é, é mimado. — O pai de CW encara minha mãe surpreso.

— Desculpe senhora, eu apenas...

— Está defendendo sua filha e entendo — minha mãe maneira o tom um pouco. — E quero que saiba que amamos Charlie, sabemos a garota incrível que ela é e o quanto ela significa na vida do nosso filho. Esse anel que ela usa é uma joia de família que pode parecer ostentoso para o senhor, mas para nós ele ostenta apenas amor. Espero que não aja como um homem das cavernas e permita que esses dois jovens sejam felizes. E, se por acaso, meu filho sair da linha, ele ainda tem mãe para lhe ensinar a retornar ao caminho.

— E pai — o grande Dimitri fala, encerrando o discurso. A mãe de CW começa a rir.

— Mãe? — Charlie a olha surpresa.

— Parem de agir como tolos. — Ela chamou minha mãe de tola? — Eles não são crianças indefesas. São um homem e uma mulher, adultos, vacinados e sabem de suas escolhas. Já decidiram tudo, estão morando juntos e até adotaram um filho, que não o trouxeram aqui hoje não sabia bem por que, mas depois dessa discussão boba, acho que foi o certo.

— Lena! — Ewan começa.

— Nada de Lena, nem meia Lena, Ewan — ela fala firme. — Criamos
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

quatro filhos e bem criados, pelo amor de Deus, Ewan! Minha filha está feliz e é isso que me importa. E caso não tenham percebido, nos chamaram aqui apenas por respeito, para sabermos por eles que vão se casar e não para perguntar se podem — ela diz ajeitando seu guardanapo no colo. — Vamos almoçar em paz, nos conhecer e pensar nas coisas do casamento, pois eu e Clarisse teremos muito em que trabalhar e você, velho turrão, trate de se comportar ou vai dormir no sofá hoje. — Vejo a expressão de minha mãe de vitória e acho que gostou de dona Lena. Já meu pai assiste tudo espantado e Charlie ri meneando a cabeça.

— Agora que já conhecem o encanto de mãe e pai que tenho, espero que não me rejeitem como nora de vocês — ela brinca.

— Jamais, querida. — Minha mão estende a mão para CW por cima da mesa. — Você já faz parte de nossa família. E agora sem a quem puxou o QI de que o Ben tanto fala. — A outra mão de Charlie procura a minha sob a mesa e entrelaçamos nossos dedos. Sempre de mãos dadas.

— Seriam muito burros se fizessem isso — Dona Lena fala em seu jeito sem filtros. Eu gosto dela, me lembra CW quando fala o que vem à cabeça.

— Sinto muito — Ewan fala por fim. — Mas eu sou pai e só estou tentando cuidar de você, Lie. — Ewan fala com uma expressão preocupada. — Não quis ofendê-la, senhora Clarisse. — Minha mãe assente com um gesto de cabeça.

— É superprotetor demais, pai. — Charlie o aperta em um beijo sufocante com um meio abraço. — Eu te amo, pai e estou feliz. Sei o que estou fazendo.

— Eu prometo que cuidarei dela, senhor — digo sincero.

— Todos nós cuidaremos, somos uma família — meu pai diz e me surpreendo com seu jeito suave de falar. — Charlie agora é uma Romaninov.

— Ainda não casaram — Ewan diz, mas sua voz não é mais tão pesada. Imagino como se sentiu sendo pai e sabendo o que houve com Charlie. Se ele soubesse sobre Amy...

— Mas vão — meu pai afirma. — E o entendo perfeitamente, também tenho uma filha. — Uma sombra passa pelos olhos do grande Dimitri e sei que ela sempre se fará presente, por mais que as coisas hoje estejam felizes.

— Dê-me um voto de confiança, senhor e sei que não vai se arrepender — peço nervoso. Quem diria que um dia eu estaria aqui implorando ao um homem para abençoar a minha relação com a filha dele? Charlie beija minha

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

face e apoia a cabeça em meu ombro.

— Muito bem, só porque ela parece realmente feliz, mas quero conhecer meu neto — fala enfezado. Todos rimos.

Depois desse episódio, partimos para casa à espera de Micha e CW me conta que o maior desconforto do pai dela era o restaurante chique. Temos que resolver esse incômodo com dinheiro. Chae não me parece pobre, muito menos Rob ou Andrea, mas entendo que os pais dela levem uma vida simples. Apesar disso, o que é meu é dela e terá que conviver com isso.

Rio da situação toda, mas entendo ele. Charlie é sua garotinha e sempre será. Olho para meu carinha, rindo com os avós que o receberam muito bem. Meu pai com certeza já foi posto no bolso pelo Micha.

Afasto-me um pouco, pensando em tudo. Família, filho, casamento... As coisas estão acontecendo e eu ainda me espanto com o quanto tudo parece certo, embora o medo ainda me acompanhe. Lembro do sonho que tive na casa de Amy.

— Rapaz? — Volto-me para ver Ewan de pé. Ele tem os mesmo olhos de Charlie, mas não há aquela doçura que ela mostra para mim.

— Sim — digo esperando a bomba.

— Você a ama? — Pergunta de imediato. Suspiro lentamente.

— Com certeza, senhor — digo olho no olho. Ele faz um gesto afirmativo de cabeça.

— Espero que seja tolerante — ele diz e me surpreendo. — Ela é doce como a mãe, mas tem um gênio terrível quando algo dá errado. — Está me prevenindo? — Sabe pessoas que sempre são gentis, quando estouram, ninguém as segura. — Como dona Clarisse. Sorrio da ironia. — Mas se você souber levar, não há melhor pessoa no mundo para ter ao seu lado. Ela sabe se doar como ninguém e espero que saiba cuidar dela. Sei que Kevin fez um estrago, mas ele apenas arranhou a superfície. Vejo como ela olha para você e como fala de você. Nem perto de como era com aquele arremedo de homem com quem ia casar antes. — Não gosto de lembrar dela e do Kevin, mas agora foi inevitável. — Se você machucá-la, lembre-se que nem todo dinheiro do mundo será suficiente para protegê-lo — ele diz duro, então abre um sorriso e tenho a impressão que ele tem dupla personalidade. — Agora me dê cá um abraço. — Vou meio sem jeito. — Obrigado pelo meu neto e espero que não tenha problema em ele ir nos ver no sítio de vez em quando, quem sabe nos fins de semana ou férias. — Sorrio. Ele está me aceitando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Com um aviso, mas está. E recebeu Micha como seu neto, então as coisas vão ficar bem, não é?! Assim espero.

— Senhor...

— Ewan apenas.

— Ewan, eu amo a sua filha — digo olhando de novo em seus olhos. — Ela é a única mulher para mim e sempre será. Vou errar muito, eu sei, sou imperfeito, mas todos os meus dias serão dedicados a fazer ela e ao meu filho felizes — digo por fim. Ele me observa uns segundos.

— Filhos — me corrige. — Um não é o suficiente para você se sentir realizado. — Ele sorri e agora vejo a doçura no olhar que Charlie tem.

— Tudo ao seu tempo — digo sorrindo. — Tudo ao seu tempo, sogrão. — Ele ergue as sobrancelhas com a brincadeira, mas volta a sorrir. — E espero que o convite para o sítio se estenda a mim.

— Certo, genro. E estarei de olho — diz me apertando firme e retornamos para perto dos outros.

Perdas e danos

Drake me convidou para um almoço e eu aceitei. Ele quer conversar e sei que está com problemas. Anda aéreo, distante e parece um tanto triste. Micha está na escola e não sai antes das três. CW no trabalho, assim como eu, e meus pais pediram para pegar o pequeno na escola. Ele tem um trabalho a fazer sobre árvore genealógica. Receei que isso fosse uma complicação, mas o avô diz que vai mostrar toda a linhagem dos Romaninov. O garoto ficou empolgado, mas ainda não me chama de pai.

— Demorei? — Digo ao encontrar meu amigo com expressão ansiosa, sentado sozinho.

— Muito — ele ri nervoso.

— Qual o problemão dessa vez? — Me sento e o encaro.

— Ela está grávida. — Acho que meu queixo caiu. Grávida?

— Quem você engravidou, Drake? — Minha voz sai mais alta que o desejado. Então era por isso o comportamento estranho dele.

— Eleanor. — Merda! Merda das grandes.

— Cara... nem sei o que te dizer.

— E ela decidiu que vai embora — diz com um gesto nervoso de esfregar os cabelos. — Vai voltar a morar com os pais.

— E você vai deixar? — Não consigo pensar em nada além de que Drake está muito ferrado.

— Não sei o que fazer, Ben. Eu sou uma merda de pessoa — ele diz bebendo todo conteúdo do seu copo de uma vez. — Não quero mulher e filhos, eu tenho uma ou mais mulheres por noite. Eu não sou esse cara que casa, droga! Eu não sou você. — Fico encarando meu amigo e começo a rir, de nervoso e sei que não é nada educado, mas a situação toda é absurda. Ele está claramente apaixonado, porque do contrário daria uma pensão gorda à garota, visitaria o filho esporadicamente e nem conversaria sobre o assunto.

Esse é o Drake que conheço ou pelo menos era. — Isso, ri do imbecil aqui.

— Mas é o que você é mesmo, afinal, você a levou em um restaurante sério para quê? — Digo inquisidor. — Me disse que não ia fazer bobagens e faz isso?! Não é nenhum garotinho, Drake, é um homem e deve agir como tal. — Estou repreendendo ele? Eu mudei mesmo.

— Porque eu pensei que fosse enlouquecer se não a tivesse — confessa. — Mas eu a tive e agora estou mais louco que antes. — Imagino o que Charlie fará comigo, exatamente na semana de sua TPM, com certeza a culpa cairá sobre mim. — Não consigo pensar em outra coisa. Nenhuma mulher supre a necessidade que tenho dela.

— Você gosta dela, Drake. Tem que admitir — falo bebendo também. A situação toda é uma confusão.

— Eu gosto, mas não sou o melhor para ela — ele afirma. — E se amanhã eu mudar de ideia? Sair com outra? Sei lá...

— Não mude, não saia e saiba. — Ele me encara confuso. — Tem que fazer uma escolha, cara. E eu não posso dizer o que é certo, apenas posso lhe garantir que vai se arrepender pelo resto da vida se não tentar. — Ele me observa com uma expressão de pânico. — Converse com ela, exponha a verdade...

— Não posso prometer o que não vou cumprir, Ben!

— Prometa apenas tentar e não minta para ela. — Eu estou dando conselhos? A vida é engraçada. — Até outro dia eu fazia o mesmo que você. Olha para mim agora. CW e Micha são minha vida.

— Mas você é diferente, sempre foi — ele diz frustrado.

— Não, amigo. Eu escolhi ser diferente — ele confirma com a cabeça em um gesto nervoso. — Um filho, Drake! Um filho seu! — Repito olhando-o nos olhos.

— Meu e da El. — Um sorriso fraco aparece em sua boca. Esfrega o rosto com as mãos e folga a gravata abrindo o colarinho.

— Isso mesmo. Só tem que digerir a história e vai saber o que fazer. — Olho para meu amigo de tantos anos. — Eu sei que aí dentro mora um cara legal. — Ele ri amargo.

— Ela não me quer, Ben — ele fala por fim.

— Mas não pode negar seu direito de pai. Reconquiste-a — digo sério. — Ela já gostou de você uma vez e provavelmente ainda gosta, só está magoada com suas burradas. Faça-a lembrar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Onde aprendeu tudo isso? — Pergunta cético.

— Na vida, amigo. Na vida. — falo isso, mas sei que o Drake ouviu por tanto tempo que era incapaz disso tudo, que agora ele tem medo de tentar e falhar.

Depois desses momentos de tensão, iniciamos o almoço em meio a um silêncio de suspense e recebo uma mensagem. Charlie pergunta onde estou e digo que ainda estou aqui no restaurante. Ela responde que está chegando. Peço licença a Drake para ir buscá-la na porta.

Assim que saio, vejo-a caminhando com o celular na mão, do outro lado da rua. Sorrio da cena quando o meu aparelho avisa outra mensagem. Ela começa a atravessar ainda de olho no aparelho para ler minha resposta. Ela não me viu.

Penso em como tenho tudo em uma mulher só. Doce, gentil, inteligente, sexy... Penso no Drake e na El, se ele soubesse como é ter tudo, como cada momento ruim fica pequeno diante disso. Eu era como ele, também não sabia, também tinha medo. Certas coisas precisamos sentir e viver para saber. Tomo consciência do quanto cresci com ela e por ela, pelo Micha também.

Poderia ficar a vida toda enumerando suas qualidades, mas prefiro tê-la em meus braços. Ela está do outro lado da rua e dá um passo em frente olhando o aparelho. De repente, um chiado de pneu contra o asfalto soa alto. Meu coração para e minhas mãos gelam. Parece um filme em câmera lenta e ao mesmo tempo tão rápido que não consigo me mover. Apenas vejo o corpo de Charlie voar, rodopiar no ar e cair no chão em uma posição estranha. Minhas pernas parecem ter concreto. Não me movo tentando assimilar a realidade. Ela não se move, jogada ao chão.

Um estalo em meu cérebro e corro para ela. Me ajoelho ao seu lado e pego sua mão. Não posso movê-la. Penso rápido finalmente. Uma perna parece completamente destruída e uma angústia avassaladora preenche meu íntimo. Os sons à minha volta parecem ter cessado de imediato. Somos eu e ela apenas. Ela não se move, não geme, não grita, não respira...

Me esforço em não falar nada, numa esperança vã de que seja tudo um sonho. Sonho? Lembro do sonho que tive no batizado dos meus sobrinhos. Tem muito sangue...

A minha vida passa como um filme em minha mente. O dia que a conheci: cabelos curtos, vermelhos, óculos enormes, aparelho nos dentes. O sorriso, o olhar... gravados em mim. Ela não pode estar morta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O barulho da sirene me desperta. Paramédicos surgem do nada. Eu perdi a noção de realidade, me sinto aéreo e alguns braços me puxam do chão. Reconheço vagamente a voz de Drake. Os socorristas a colocam numa maca em velocidade impressionante e só escuto que não posso ir junto. Me desespero e Drake me puxa, pondo-me em um carro. Guia como louco atrás da ambulância e chegamos ao hospital. Não me dizem nada, apenas a levam para os corredores adentro e eu fico com a sensação de que não a verei novamente. Não sei quanto tempo fico assim. Parece muito tempo, em pé, olhando para o corredor por onde a levaram. Ninguém fala nada. Drake apenas se mantém de pé ao meu lado.

— Ela não respira — minha voz sai finalmente. Drake me olha e não diz nada. — Ela não respira! — Eu grito.

— Calma, Bem. Ela vai ficar boa. Eles... — meu amigo começa com as mãos contra meu peito, tentando me acalmar.

— Ela não respira, Drake! — Grito para ele agarrando a sua lapela, mas não consigo focá-lo. — Chama o Matt! — Imploro. A dor me dilacera. — Ele tem que acordar ela... ele tem que...

— Ben! — Matt aparece. O desespero me toma por completo e avanço sobre ele.

— Conserta ela, Matt. Conserta a perna dela. — Foco na perna, como se fosse o único problema, mas ela não respirava. Não há nome que descreva o sentimento que me invade. Ela estava imóvel, não respirava e desejo que fosse eu em seu lugar. Não vou aguentar. Agarro meu amigo pela gola da camisa. — Salva ela! — Eu grito. Algumas pessoas se aproximam e tentam me conter.

— Tudo bem, tudo está sobre controle. — Matt fala para os outros. — Podem deixar, eu cuido disso.

— Não está não! — Estou tão desesperado. Minhas vistas embaçam, todo meu corpo treme e sinto ânsia de vômito. Começo a hiperventilar. — Não está! — Não controlo minhas pernas e caio sobre os joelhos, levando Matt junto. — Ela não respira. Ela estava sorrindo Matt, mas agora está séria e não se move... — engato uma linha de raciocínio louca. Flashes dela andando, sorrindo, olhando o celular e da batida passam em minha mente, completamente descoordenadas.

— Ben! — Matt fala firme segurando meu rosto, fazendo contato visual, mas eu pareço ver através dele. — Você precisa ser forte agora. Por ela, pelo ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mic... olha para mim. — Me esforço em obedecer. — Preciso que seja forte para que eu vá até ela, entende? Senão não posso ajudá-la. — Afirmo com a cabeça em um gesto frenético e o solto de forma brusca. Ele cambaleia caindo sentado, mas se levanta. — Drake — ele chama e logo meu outro amigo está abaixado ao meu lado.

— Vai! — Empurro Matt batendo em suas pernas. — Faz ela respirar, Matt. Conserta a perna dela. — Ele sai com uma expressão sombria. Ele não é ortopedista, mas é médico. Ele é médico e pode fazer algo. Me apego a isso com todas as minhas forças.

— Mantenha-se firme — diz e sai pelo corredor excessivamente iluminado do hospital. Eu estou no chão, de joelhos e rezo. Rezo como nunca fiz em minha vida porque eu não posso perdê-la. Deus não faria isso comigo, não agora que eu aprendi a minha lição.

Eu curvo meu rosto para frente até ele tocar o chão. As palavras dos socorristas retornam à minha mente parada cardiorrespiratória. Ela não respira...

A dor que me dilacera é insuportável e quase perco os sentidos, mas esforço-me em pensar no carinha. Micha, ele precisa de mim e eu preciso dela. Preciso levar ela inteira para ele. Ele já perdeu uma mãe. Eu não posso perdê-la. Volta para mim amor! Não solta a minha mão...

Dilacerado

São mais de nove horas em cirurgia. Estou sentado na mesma posição. Meus pais vieram, mas logo foram ficar com Micha em casa, já que a demora era grande e o pequeno não podia ficar na escola para sempre.

Drake não saiu do meu lado e Luca chegou pouco depois acompanhado de Suzy. Os pais de Charlie enfrentam um engarrafamento, pois estão vindo de carro. Drake ofereceu a Jo para pegá-los, mas Chae achou melhor não. Disseram a Ewan e Lena que não foi nada demais e não queriam assustá-los com um helicóptero. Rob está em um avião saindo do Japão, não sabe que horas chega e Andrea e sua esposa estão sentados em cadeiras na sala de espera, de mãos dadas. Lembro de Charlie e olho para minhas mãos. Ainda estou sujo. Escuto tudo que dizem ao meu redor, mas sinto como se estivesse fora do corpo. Não sei como lidar com as emoções que me invadem agora e tento anestesiá-las ao máximo.

— Vamos em casa, Ben. Você toma um banho e...

— Eu não vou sair daqui, Drake!

— Ben, você precisa. — Ele já está um pouco impaciente agora. — Precisa estar composto. Imagina os pais dela chegando aqui e vendo você assim, todo cheio de sangue. — Encaro-o confuso. — E roupas, Ben. CW precisará de roupas limpas quando acordar.

— As roupas que ela gosta, confortáveis — digo meio perdido em meu raciocínio.

— Isso — ele fala suspirando cansado. — Eu te levo e trago em dois minutos. — Olho-o nos olhos. Ele não me deixou um minuto. Sempre assim desde que nos conhecemos, amigos para todas as horas.

— Está cansado, eu levo os dois. — Fico surpreso ao ouvir Eleanor falar. Ela olha para mim com pesar. Não vi quando chegou. — Sinto muito, senhor.

— Vamos, Ben! — Drake me ajuda a levantar e me leva arrastado pelos

corredores. Minhas pernas estão com câimbra. — Vamos, apoie-se em mim. — E eu faço. Apoio todo peso que tem em mim no meu amigo.

...

Chego em casa e a dor parece aumentar. A sensação de que não irei vê-la de novo é gritante. Eu não quero aceitar, mas foram horas em cirurgia e nenhuma notícia. E se ela ficar em coma, e se morrer, e se... Não quero pensar nisso! Como se não pensar fizesse tudo ser uma mentira.

Peço a Drake que espere no carro, pois não vou demorar. Ele não retruca. Subo o mais rápido que o elevador permite e quando entro em casa parece que tudo me lembra ela. Cada sorriso, gargalhada, cada sentimento compartilhado... Bato a porta e levanto os olhos para encarar minha mãe.

— Ben? — Uma palavra e todas as implicações que ela escondem caem sobre mim.

— Vim tomar um banho e levar roupas — falo forçando uma resistência que há muito não tenho em mim.

— A cirurgia...

— Ainda não acabou. — Queria evitar o assunto e apenas fazer o que vim fazer. Minha mãe continua me olhando com aquela expressão de cuidado materno.

— Benjamin? — Escuto a vozinha e vejo Mic, de pijamas, descalço e olhando para mim. — Onde está Lie? — O que eu respondo? Que ele pode perder outra mãe? — Vovó disse que ela machucou a perna e foi no médico. Onde ela está? — Não consigo me controlar. Apoio a cabeça contra porta, erguendo o queixo, me entrego ao choro. Não sei o que responder. Não posso dizer ao garoto que...

— Mic, vá ver se seu avô já tomou os remédios, seu pai já fala com você. — Minha mãe fala em uma voz tranquila, mesmo que ele não me chame de pai, sempre se referem a mim dessa forma. Ela se controla melhor que eu. Ele faz uma expressão triste, mas obedece. — Vamos filho, você tem que ser forte. — Todo mundo diz isso, mas eu não quero ser forte. Quero gritar toda dor que tenho em mim. Quero pôr para fora esse sentimento. — Venha. — Ela me puxa em um abraço e me guia até o quarto. — Vamos tomar um banho e arrumar uma sacola de roupas.

Minha mãe me leva ao banheiro, enche a banheira enquanto eu tiro as

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

roupas sujas em um ato mecânico. Entro na banheira e ela me avisa que vai arrumar uma sacola. Confirmo com a cabeça. Ela deixa a porta do banheiro encostada e sai.

Tento absorver a tranquilidade que o banho morno passa, mas minha pele parece anestesiada, absorta em toda dor que sinto agora. Estou impotente, não posso fazer nada, não posso voltar no tempo... Outra presença aparece ao meu lado. Ergo a cabeça para focar o pequeno homem. Ele me olha com medo.

— Ela não vai voltar? — Ele pergunta e eu apenas choro, com o rosto apoiado na mão. Espero que ele grite, que me culpe ou que corra. Ele me viu chegar sujo de sangue. Além de tudo, ainda traumatizei mais o meu filho.

Espero sua reação de revolta, mas ele faz o que eu jamais imaginei, me abraça. Envolve seus braços em torno de minha cabeça, puxando-a contra seu coração que bate acelerado. Me deixa ir.

— Eu estou aqui, pai. — As palavras dele terminam por me despedaçar. — Vai ficar tudo bem — ele me consola, como CW sempre fez com ele em momentos complicados, como eu mesmo o fiz. Ele afaga meus cabelos e faz o mesmo chiado que fazemos com os lábios, buscando me acalmar mas eu choro ainda mais. Ele procura minha mão e a segura com as suas duas mãozinhas. — A minha mãe cuida dela lá do céu. A vovó Clara disse que minha mãe está no céu. — Não sabia que minha mãe havia conversado com ele sobre isso. — Ela vai cuidar de Lie. — Ele parece tão adulto agora. Me envergonho. Eu deveria o estar consolando, mas não, estou aqui me apegando à força de um garoto de cinco anos. — Eu vou cuidar de você pai. — Essas palavras fazem queimar minha alma. Eu deveria dar esperanças a ele e não me mostrar tão derrotado.

— Perdoe-me, Micha — eu digo com pesar e abraço meu filho. Ele me chamou de pai. Um momento que era para ser felicidade pura vem carregado de tristeza. Minha mãe entra no banheiro.

— Micha, preciso que me ajude — ela diz tensa.

— Não vou soltar o meu pai, vó — ele retruca. — Não vai pai, não sai — ele pede. — Fica aqui comigo. — Ele teme que eu vá e não volte. Posso sentir o medo em seu semblante.

— Micha, seu pai vai cuidar de sua mãe — ela diz. — Preciso que ajude nós dois.

— Não, ela não vai voltar e ele também não. — Vejo que agora ele chora

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

como eu.

— Não, querido. — Minha mãe se ajoelha perto dele. — Sua mãe volta sim e seu pai vai buscá-la. Agora, por que não nos ajuda com a sacola? — Ele olha de minha mãe para mim.

— Então deixa eu ir pai? Eu seguro sua mão. — A ansiedade e o desespero são claros em sua voz.

— Eu deixo filho, você vai aonde eu for. — Por que eu permito? Não sei. Contrário todas as normas de que hospital não é lugar de criança, a menos que esteja doente. Minha mãe suspira, vencida.

— Querido, preciso que me ajude a arrumar a sacola que seu pai irá levar. Por que não pega algo que sua mãe goste muito para levar para ela? — Minha mãe está claramente tentando desviar a atenção dele.

— Um livro, vó — ele fala olhando para ela, ansioso. — O que ela lê toda noite para mim. — Sai correndo para buscar.

— Ben? — Ela me chama e eu olho para ela. — Não pode desistir assim, filho. Precisa ser firme agora. Nesse momento sua família precisa de você. — As palavras dela invadem minha mente. — Não pode aceitar a derrota tão rápido. Ela está lutando pela vida e você deve lutar por ela. Sei que se sente perdido, desolado, mas não pode desistir. — Lembro de CW, sempre confiou em mim, acreditou em mim. Lembro de Amy, de Meg... Não posso decepcioná-la, não posso falhar com ela. — Lembre de como suas irmãs foram fortes. — refere-se a Meg e Amy.

— Estou impotente mãe — confesso, buscando forças onde não sei se existem, para poder sair da banheira. — Eu não sei mais viver sem ela.

— Não, você pode rezar e acreditar nela. Na força que ela tem. Charlie é uma mulher forte, ela vai superar isso, mas precisará de você de pé ao seu lado. Deixe as lamentações para quando for a hora — me diz pegando uma toalha e esse “quando for a hora” é que me corrói. — E se... — faz uma pausa engolindo saliva. — E se ela tiver que ir agora, você precisa ficar. Por Micha. Venha. — Me ajuda a sair e visto-me rápido com a primeira roupa que encontro. Micha retorna, ainda de roupa de flanela, mas trocou os tênis velhos pelos que dei a ele e vestiu um casaco.

— Você tem razão mãe. Preciso ser forte por ela, eu preciso — digo olhando o esforço do meu filho. Sinto a mãozinha do pequeno segurar a minha. Ele aperta firme.

— Eu ajudo você, pai. Eu seguro sua mão — ele repete o lema de Charlie
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

e isso de alguma forma faz com que me mantenha em pé. Peg-o no colo e ele busca uma das minhas mãos envolvendo nas suas. Tão pequenas, mas parecem tão fortes agora que me apego à força que meu filho, não mais que uma criança, tem maior que eu. — Eu não solto sua mão, pai.

E assim vamos os dois de volta ao hospital, eu sigo devastado, preso ao único elo que me segura nesse mundo agora, Micha, meu filho.

...

Vida normal?

Assim que chego me avisam que a cirurgia acabou, mas que ela ainda não acordou. Peço que me deixem vê-la, mas não é permitido até que retorne da anestesia. A angústia me aperta, mas a esperança por ela estar viva alivia um pouco a dor na minha alma. Ela está viva e seja como for eu estarei aqui quando ela acordar.

Sento, dessa vez em uma das cadeiras da sala de espera. A enfermeira diz que o médico virá falar conosco. As pessoas que me viram mais cedo em meu desespero me sorriem como se compartilhassem de minha felicidade. Micha, sentado ao lado, não solta minha mão.

Estamos todos com expressões muito cansadas, como se fosse uma realidade alternativa da qual lutamos para sair. Percebo que Drake mantém os olhos fixos em Eleanor e quase não pisca. Sei que milhões de coisas passam por sua mente agora. Tenho vontade de gritar o quanto ele é imbecil por deixar ela ir, mas não o faço. Um milhão de coisas passam por minha mente.

— Ei, Mic, por que não me ajuda com uns cafês? — Eleanor pergunta a meu filho. Ela tem uma expressão suave e sei que está nos ajudando aqui. Micha não mostra sinais de sono, ele olha dela para mim.

— Não posso soltar a mão do meu pai. — Vejo como Chae e Andrea o olham surpreso. Finalmente ele me chama de pai. Dou um sorriso torto. Um misto de tristeza e felicidade toma conta de mim agora.

— Não vamos demorar. — Sei que ela quer privá-lo das palavras do médico.

— Ei, filho, pode ir. — Ele me olha inseguro. — Não vou sair daqui e assim pode trazer um café para o papai também. — Beijo-o na cabeça.

— Um capunito pai? — Sorrio da forma que fala. Já tentei fazê-lo falar corretamente, mas sem sucesso. Afago seus cabelos.

— Isso — digo piscando um olho. Sabe o quanto gosto dessa bebida.

— Vamos rápido, El — ele diz puxando-a pelo braço.

— Eu vou também. — Drake os segue.

— Senhor Romaninov? — Um médico pergunta olhando para nós.

— Sou eu. — Me levanto ficando em frente a ele.

— Gavin Mcalister. — Me oferece a mão. — Sou amigo do Dr. Matt. — Ele sorri, mas parece bastante cansado. — Chefeei a cirurgia. — Meu coração acelera.

— Como ela está? — Chae e Andrea se aproximam, perguntando ao mesmo tempo. — Somos os irmãos dela — eles se apresentam e o médico prossegue.

— Está fora de perigo. Ao que tudo indica não houve trauma craniano severo, ou qualquer lesão cerebral — fala sério. — Os danos graves foram nos membros. Ela teve algumas fraturas, mas o pior é a perna direita. Muitas lesões.

— Ela vai perder a perna? — Chae pergunta nervoso.

— Não — ele diz seguro. — Sou o primeiro cirurgião ortopedista. Eu e minha equipe fizemos um ótimo trabalho com todos os recursos mais recentes que temos. Tiveram sorte, pois eu já estava encerrando o plantão quando Matt me ligou. — Fico feliz pelos contatos que meu amigo tem e pelo médico atendê-lo. As palavras de Gavin podem soar arrogantes, mas o tom dele não é. Parece alguém que sabe do que é capaz. — Ela teve sorte, eu diria, e os que acreditam dirão que foi milagre. Enfim, o que quero dizer é que não teve nenhum órgão vital afetado. Também foi surpreendente não ter lesão na articulação do quadril. Da forma como o carro a acertou... — ele interrompe sua linha de pensamento. — O que importa é que ela está fora de perigo. Não precisará de UTI e após o período de observação determinaremos quando terá alta. Confio que logo, mas estamos seguindo os trâmites de praxe. — Escuto ansioso todas as explicações e pelo que vi de toda a cena, não posso crer que tenha sido algo diferente de milagre. — Há no entanto um problema.

— Fale de uma vez doutor. — Andrea pede nervoso.

— Ela perdeu massa óssea tanto na tíbia quanto na fíbula. Uma perna está menor que a outra. Serão necessárias cirurgias reparadoras e as cicatrizes a acompanharão pelo resto da vida. — Ele cruza os braços e nos olha bastante concentrado. — Claro que com o que temos hoje no campo da estética é

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

possível minimizar bastante as marcas, mas não apagá-las — ele explica em detalhes. — O importante é que ela está viva. Estarei aqui esperando ela acordar, apenas uma rotina, pois sei que acordará logo. Assim que possível permitirei que a vejam — fala encerrando o assunto e se despede de nós.

Deixo meu corpo cair na cadeira e vejo que todos fazem o mesmo. Chae esconde o rosto nas mãos e suspira longamente. Andrea abraça a esposa e noto Luca segurar a mão de Suzy. Então, vejo Eleanor que retorna com Drake e Micha. Meu amigo tem a uma mão nas costas de El, como se fosse um apoio. Imagino que tiveram algum entendimento na cafeteria.

— Aqui papai. — Micha traz o cappuccino e me entrega, sobe no banco ao meu lado e eu o olho, sorrindo com certo alívio pela primeira vez desde que tudo começou. Claro que estou feliz por ela estar viva, mas só irei me sentir seguro quando a vir e falar com ela.

— Obrigado, filho. — Pego o copo e olho para Mic. — Charlie já saiu da cirurgia e logo poderemos vê-la. — Ele me olha atento. Penso em tudo que passou com sua mãe, tão pequeno, todas as visitas ao hospital, a degradação causada pela doença, a perda... Sei que é pesado para ele, mas imagino ser pior ele não saber. Afinal, ela está viva e fora de perigo. — Ela está bem, filho e estaremos com ela em breve. — Ele vem para meu colo e ficamos os dois na expectativa.

...

Algumas horas mais tarde os pais de Charlie chegaram e foram os primeiros a entrar para vê-la, embora nós tenhamos ficado horas esperando. Ewan repreendeu os filhos por mentirem sobre a gravidade do acidente, mas logo o tema mudou para a situação de CW.

Difícil era fazer quem entrava no quarto sair para que outro pudesse entrar. Deixei que todos fossem primeiro. Estava ansioso, não sabia o que dizer, mas pensei que sendo o último, não teria que me apressar. Isso só aumentou minha tensão. Assim que entrei pela porta a vi na cama. Seu rosto inchado. Escoriações, a perna engessada, um braço também, colar cervical e ela toda visivelmente inchada. Charlie parece dormir tranquila. Uma enfermeira está fazendo anotações e então ergue a cabeça e sorri para mim.

— Ela está sedada. — Olho dela para Charlie e a primeira coisa que faço é perceber se seu peito se move com a respiração. Ela está respirando, ela está
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

viva!

— Mas disseram que havia acordado. — Minha expressão é preocupada.

— Sim, acordou e até falou. — Ela se mostra tranquila. — Mas as dores pedem por medicações mais fortes, então ela fica dormindo e acordando. Mas pode ficar tranquilo senhor, Dr. Gavin é o melhor na sua área e ela está em boas mãos.

— Dor? — Não quero que ela sinta dor. Desejo senti-la em seu lugar. Suspiro passando uma mão no rosto. Micha não larga minha outra mão.

— Sim, mas é normal. — Ela guarda a caneta em seu bolso e concentra sua atenção em mim. — O senhor pode sentar-se naquela poltrona. — Olho na direção do assento. Eu fui o último a entrar e não a encontrei acordada. De qualquer forma, não há ninguém que me faça sair antes de falar com ela. Sei que a família espera lá fora e meus amigos também. Pedi ao Matt avisasse meus pais, para tranquilizá-los.

— Eu vou. — Eu puxo a poltrona para perto da cama e sento. — Vem, filho. — Ponho Micha no colo e a enfermeira sai com o aviso de como devo proceder caso precise de ajuda.

— Ela está dormindo para sempre pai? — Ele pergunta puxando meu rosto entre as mãos para que o olhe.

— Não, pequeno. Ela está descansando. Logo ela acorda. — Puxo-o para que deite-se contra meu peito, desejando que o logo seja agora.

Em pouco tempo, o esforço que Micha fez para se manter alerta perde a briga para o esgotamento. Ele dorme em meus braços. Apoio ele com uma mão e a outra eu procuro a mão de Charlie. Seguro-a e também me rendo ao sono. Não sei por quanto tempo durmo, quando acordo a vejo de olhos abertos voltados para mim.

— Amor? — São as palavras que consigo dizer de imediato e vejo as lágrimas correrem livres por sua face. Ela está em uma posição estranha, para poder olhar para mim, por causa do tanto de coisas que tem em seu corpo.

— Me perdoe, B — sua voz sai sofrida. Solto sua mão para pôr Micha na poltrona e poder me aproximar de forma que me veja sem esforço.

— Shhh... — Com uma mão afago seus cabelos e com a outra eu toco seus lábios, também machucados. — Não tenho o que perdoar. Sabe o tamanho do meu desespero? O quanto pedi a Deus que voltasse para mim? — Aproximo meu rosto do dela, CW não tira os olhos dos meus e as lágrimas correm livres.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu sou tão distraída, eu não deveria... — Ela soluça e faz uma careta de dor. — Eu vou ficar aleijada, B. A minha perna...

— Não pense nisso agora — interrompo-a nervoso. — Está com dor? Quer que chame o médico? — Estou tenso, não sei o que falar, onde pôr as mãos.

— Eu... não. Só não sei o que pensar — diz e eu seguro sua mão, buscando lhe dar conforto. Queria pegá-la no colo, envolvê-la e beijá-la, enchendo-a de mimos, mas sei que não posso fazer isso. — Vou voltar a ser a esquisita — diz preocupada com a perna. Velhos hábitos nunca se perdem... ela ainda acredita que é a garotinha adolescente que foi perseguida e humilhada.

— Sério que está se preocupando com isso? — Digo forçando um sorriso. Preciso suavizar a situação, fazê-la sentir-se segura, mas sempre foi ela quem fez isso por mim. Ela engole saliva com esforço. — Poderia ficar sem as duas pernas, desde que voltasse para mim — digo e aperto sua mão na minha. — Prometeu não soltar minha mão a menos que eu soltasse a sua, lembra? — Cobro. — Eu não soltei, Charlie e você não tem o direito de me deixar. De nos deixar — soa um pouco agressivo, eu sei, mas ainda estou em estado pós-trauma. Ela aperta minha mão, mas não tem muita força. — Com perna ou sem perna você é minha garota e eu te amo. Nunca duvide disso. — O olhar que me dá é intenso.

— Eu não soltei, amor, eu não soltei... — repete como uma oração. — Eu voltei por vocês. Eu não sei onde estava, mas só me lembro de ficar vendo o seu rosto e o de Mic o tempo todo — ela fala com a voz embolada pelo choro, agora mais brando. Se inclina um pouco para poder virar o rosto na minha direção e eu a ajudo como posso.

— Eu te amo — repito sem querer prolongar sua angústia. Só quero tirá-la daqui. Eu a beijo, um gesto casto, mas necessário. Precisava desse contato. — Te amo tanto — falo sussurrando com nossas testas unidas.

— Também te amo, B. Muito e sempre. Queria poder te abraçar apertado. — Ela segura minha mão com força e, assim que me afasto, percebo como Mic a olha com os olhos abertos tal qual pratos. Ele acordou e não sei quanto da conversa ele ouviu. Está sentado e parece menor ainda na poltrona. — Ei, você — ela diz para ele. — Tenho algo para você, venha mais perto — a voz dela é tão suave para ele... quase uma carícia. Não sei como consegue isso depois de tudo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu não quero nada — ele diz duro e ela faz uma expressão de dor. — Você vai me dar algo para eu lembrar de você depois que me deixar e eu não quero — ele se explica. Ela chora mais ainda e eu sinto uma lágrima molhar meu rosto também. Enxugo desajeitado. Lembro das palavras de minha mãe. Preciso ser forte pelos dois.

— Não, querido, eu não vou embora, quero apenas um abraço e um beijo. — Ele ergue as sobrancelhas. Eu pego-o ao colo e ponho-o na cama e os dois se abraçam. Na verdade, um arremedo de abraço, já que CW não pode fazer muitos movimentos. Ele se debruça um pouco sobre ela e com o braço não imobilizado ela o acolhe.

— Ei, vocês! Não podem subir na cama da paciente nem fazer movimentos bruscos. — A enfermeira nos repreende.

— É a minha mãe! — Micha retruca e CW expõe um semblante de felicidade.

— Sim, querido, sou sua mãe — ela confirma com o maior sorriso que já vi em seu rosto. As lágrimas parecem não cessar nunca.

— Não chora, mãe, eu não vou deixar você. Eu e o papai seguramos sua mão. — Sinto minha respiração pesar no peito e mais alguém entra no quarto. Volto-me para ver o médico Gavin. Só agora noto que ele é um senhor de meia idade. Tem uma expressão tranquila e olhos azuis muito seguros de si.

— Muito bem, chega de emoções por hoje. — Ele corta nossa visita. — Está muito bem, mas não pode abusar. Não passei mais de nove horas com você para termos que voltar para lá — nos repreende. — Sei que não é uma UTI, nem nada do tipo, mas precisamos de repouso e cuidados. Sua cirurgia foi muito delicada. Essa perna não pode se mover por muito tempo e esse colar em seu pescoço não é enfeite. — As palavras mais uma vez parecem duras, mas o ar do médico é de um pai zeloso. Me surpreende a forma dele no lidar conosco.

— Meu filho e meu noivo, doutor — ela diz com um sorriso que pensei que nunca mais veria.

— E tem como não saber disso? — Ele ri. — O anel que você tinha no dedo era enorme. — Charlie ri amarelo. — Embora ache que agora não servirá muito, tivemos que serrá-lo para tirar — ele explica e a enfermeira tira de uma gaveta ao lado da cama um saquinho com o anel partido dentro e me entrega. — Agora pode pedir um maior — ele acha isso engraçado.

— Ainda bem então que não perdi as mãos nem os dedos, posso pedir um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para cada. — Eu olho para ela com angústia clara em minha face. — Estou brincando, amor — diz com a expressão arrependida e estende a mão como se fosse alcançar meu rosto. Quer saber? Que se dane! Quer rir de uma piada mórbida? Que ria, desde que fique feliz. Abaixo meu rosto para que o alcance e depois beijo a palma da sua mão.

— Esqueça — falo puxando Mic, que vem para meu colo, e envolvendo sua mão na minha novamente.

— Sua família está em peso lá fora e acho que vão acampar aqui no tempo em que ficar internada — Dr. Gavin explica. — Eu passei apenas para me despedir, afinal, médicos também dormem. — Ele parece realmente esgotado. Imagino quantas cirurgias fez e se todas foram tão longas. — Deixei meus telefones com seus pais. Logo nos veremos de novo. Até lá, siga as recomendações — ele diz e com um cumprimento de cabeça se dirige à porta, então retorna e me olha. — Dr. Matt precisou sair para uma emergência na área dele em outro hospital, mas disse que virá vê-los mas tarde.

— Obrigado, doutor. — Aceno para ele, que vai embora.

— B, me perdoe — ela diz suplicante e eu a olho sem saber o que dizer. A dor que senti ao vê-la daquele jeito foi lancinante. Ainda me sinto meio fora do ar, mas ela está aqui agora e só o que importa é que não a perdi. O alívio finalmente me toma por dentro.

— Prometa que vai olhar para os dois lados sempre que for atravessar a rua — digo começando a sorrir. Ela parece surpresa por uns segundos.

— Eu te amo, seu idiota — ela diz essas palavras com seu melhor tom de voz.

— Eu também te amo, minha maluca. — Ela sorri para mim.

— Eu também amo vocês — Mic fala e nos voltamos para ver nosso filho.

— Nós também te amamos, filho — falamos juntos, sem ter combinado. Sorrimos os três.

Charlie olha para mim e para os pés de Mic. Conversamos apenas com o olhar. Um entendimento só nosso. Ela sorri e meu coração bate mais calmo pela primeira vez nas últimas horas. Eu não poderia viver sem ela, tenho certeza disso. Sei que ela precisará muito de mim agora. Não sei quanto tempo vai demorar para ela sair, para todas as cirurgias, para voltarmos a uma normalidade. Não sei tudo que ainda vamos passar, mas dentro de mim o sentimento de que passaremos por seja lá o que for só se solidifica. Uma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

força que achei que não tinha nasce em meu íntimo. Minha família! Estamos juntos e ninguém vai soltar a mão um do outro. Essa é nossa lei máxima.

Vida nova

As mudanças que fiz foram necessárias. Charlie vai voltar para casa e precisará de alguns recursos. Logo ela fará outra cirurgia e Dr. Gavin está bem confiante. Pelo que ele disse, ela tem uma boa constituição e está se recuperando bem.

Recebi o aviso sobre a inauguração da minha casa de shows, mas agora ela não parece tão atraente. Não sei se quero ir, ainda mais se Charlie não puder me acompanhar.

Meg e Amy estão vindo para me ajudar a recebê-la. Fizeram algumas visitas no período que CW esteve internada. Toda a família dela e os amigos também vieram, inclusive Oscar.

Chego ao hospital e arrumo tudo. O carro está pronto, as recomendações médicas anotadas e Mic me acompanha ansioso, tanto ou mais que eu. Sorrio olhando meu filho. Somos uma família.

— Minha garota está pronta para voltar para casa? — Pergunto sorrindo, mas ela parece preocupada.

— B, acho que devia ficar com meus pais por um tempo. — Escuto isso e olho para Mic, que está todo empolgado com as explicações de Matt. Ele não nos ouve.

— Sério? — Sento em uma poltrona. CW está em uma cadeira de rodas, voltada para a janela com um ar perdido. Isso não vai muito bem.

— Do jeito que estou... eu...

— Espera — interrompo. — Matt, você pode explicar para Micha os cuidados que terá com Charlie? — Falo e meu amigo logo entende.

— Eu quero saber tudo, tio. Vou ser o enfermeiro da minha mãe — ele fala empolgado e Matt sai com ele.

— Agora nós dois. — Puxo a cadeira dela de forma que olhe para mim.

— B, pense bem, dessa forma não irei atrapalhar você e...

— Você quer o divórcio mesmo antes de assinar os papéis? — Digo cruzando os braços.

— Não é isso, eu só não acho justo com você e o Micha. Moramos em um apartamento, serão muitas mudanças. Terão um pessoa aleijada em casa que precisará de...

— Para! — Interrompo. — Você não está aleijada e nem vai ficar. — Fecho os olhos buscando as palavras certas. — Se você quer fugir de nós, tudo bem, mas você dirá isso ao seu filho. Lembra que agora tem um, não é?

— Ben! — Ela me olha com uma expressão magoada. — Isso não é justo.

— Vou te dizer o que não é justo. — Seguro suas mãos nas minhas. — Não é justo você quase morrer na minha frente. Não é justo aquele carinha lá fora perder outra mãe. Não é justo eu desabar na frente dele. Não é justo ele ter que me consolar com apenas cinco anos. Não é justo você não confiar em mim — despejo tudo de uma vez só. Ela fica me encarando com os olhos marejados. — Eu sei que está com medo e, por Deus, como eu também estou. Medo de não dar conta, de você precisar de mim e eu não poder ajudar, de não saber fazer o certo, mas estamos juntos nessa, Charlie! E não é justo você fugir da gente assim. — Ela ergue a mão que não foi machucada e toca meu rosto.

— Como eu poderia não te amar? — Diz e eu sorrio.

— E você está pensando em não me amar?

— Pai?! — Mic entra no quarto correndo. — Olha, o tio Matt disse que eu serei um ótimo enfermeiro. — Me mostra o par de luvas, touca e máscara que ganhou.

— Tá lindo, filho. — Falo com carinho e ele sorri como se fosse um dia de festa.

— A gente já pode ir, mãe. Eu vou cuidar de você certinho. — Vejo Charlie apertar os lábios entre os dentes. Ela me olha e eu ergo as sobrancelhas, cobrando uma resposta dela.

— Vamos sim, filho. Vamos para casa.

E assim fazemos. Com a ajuda do Matt, terminamos os protocolos da alta e saímos do hospital. Ponho minha garota no carro e meu duende crescidinho no banco de trás, cinto em todo mundo e tomo meu lugar, guiando para o destino. Logo ela nota que o caminho que tomo não é o habitual.

— Aonde vamos? — Pergunta ansiosa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Você vai gostar mãe — Mic fala com um sorriso enorme. — Hoje vai ser o melhor dia de todos. - Ele está a ponto de explodir de ansiedade.

— O que estão armando? — Diz virando-se para trás.

— Pai, pode contar agora?

— Contar? Como assim? Estão guardando segredos de mim? — Ela nos bombardeia de perguntas.

— Ainda não, carinha. Só mais um pouco...

— Rápido, pai. Vamos rápido! — Ele exige.

— Calma, vamos chegar lá em segurança.

— Certo, pai, mas segurança rápida.

— Segurança rápida para quê? Aonde vamos, B? — Eu olho e sorrio, mas não digo.

— Apenas aproveite o passeio, minha vida. — Ela me olha erguendo as sobrancelhas.

— Modo brega on. — Ri alto e eu pisco para ela. Essa brincadeira prova que minha garota alegre e linguaruda ainda está aqui. Eu sei que vai ser preciso muito mais para derrubá-la.

— Pensei que mulheres gostassem de apelidos carinhosos — faço o ofendido.

— E amamos, senhor B. — Esse é o apelido carinhoso dela. Ao menos é mais autêntica que eu. — Você também é minha vida. Vocês são. — Ela leva uma mão para trás e pega no carinha. — Eu te amo, filhote.

— Eu também te amo, mãe e amo meu pai também — ele sempre me inclui em todas as sentenças e isso só me deixa mais envaidecido. Meu filho confia em mim e me ama. Nunca pensei que esse sentimento fosse assim tão grande. Ser pai é algo que não tem definição. E saber o quanto ele me tem em conta, nossa...

O carro se afasta bastante do centro e passa por enormes portões de ferro. Ela prende a respiração quando se dá conta. Lá dentro, uma casa obscenamente grande, como ela diria, sorri para nós. Fora dela, uma galera nos espera. Meus amigos, os dela, nossa família. Ela não contém o sorriso que toma todo seu rosto.

— Não acredito que fez isso. — Me olha surpresa. Meio torta por causa do colar que ainda usará por um tempo.

— Eu não, nós — digo me referindo a todos os expectadores.

— B, isso é...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não diga exagerado — corto antes que comece a lamentar. — Nem obsceno. — Freio o carro e desço seguido por Mic. Pego CW ao colo com cuidado. O médico disse nada de movimentos bruscos. As pessoas abrem espaço para passarmos.

— Bem vinda, amiga. — Suzy grita.

— Gente, vocês são todos malucos — minha garota fala extasiada.

— Ainda não viu nada. — Chae fala e Rob nos segue abrindo as portas.

— Bem vinda, anjo — ele diz olhando-a com muito amor. Lembro de todos os dias que ele esteve com ela no hospital.

— Vou te mostrar nosso castelo, princesa. Cada um ajudou um pouco para que ficasse perfeito — falo e beijo sua bochecha.

— Aqui — mostro a sala de estar — é uma obra da Meg. — Ela ri e procura Meg com os olhos.

— Obrigada.

— Essa sala de cá — Rob abre a porta — é de jogos. Seus irmãos e sobrinhos que arrumaram. — Ela ri de toda a parafernália que tem dentro.

— Obrigada, amores.

— Essa é a sua sala de...

— Curtição — Luca grita. A sala tem um bar, aparelho de som, uma pista de dança... Tudo para uma festa.

— Luca e Drake arrumaram tudo com ajuda de El e Su. — Ela olha para os casais e revira os olhos. O tempo da CW no hospital uniu Luca e Su, além de ajudar Drake a cair na real. — Não pensei que precisava, mas como tem salas aos montes...

— Aqui é o seu canto perfeito — digo abrindo a porta da biblioteca. Tem uma mesa com material de trabalho para ela e poltronas confortáveis, além de um tabuleiro de xadrez. Amy e papai fizeram tudo. — E essa é o seu cinema particular. — Mostro mais uma sala.

— Quantas salas temos? — Ela me provoca com um tom irônico. Beijo seus lábios.

— Muitas e muitos quartos também. — Continuo a exposição. — A cozinha — mostro uma bem equipada — fui eu e nosso carinha — digo sorrindo satisfeito. Todos os cômodos são amplos, facilitando o uso da cadeira de rodas que será necessária por um tempo. — Temos de tudo que você possa desejar ou sonhar, para que não se sinta entediada.

— Você vai dar um jeito na coluna, amor — diz entrelaçando os dedos em
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

meu pescoço.

— Já vai acabar. — Sigo com ela para o fundo da casa. — A hortinha e o jardim foram seus pais. Eles estão ajudando o meu com a terapia de plantar rosas. O médico diz que é bom para controlar a ansiedade e acalmar o coração. — Sigo com ela para o jardim e a ponho em um banco. — Ainda tem mais cômodos, mas você pode ver depois.

— O jardim é lindo, B. — Ela olha em volta. Ajoelho-me em sua frente. — Tudo perfeito. — Ela me puxa pelo rosto, com apenas uma mão, e me beija com vontade. Ainda não pode forçar o outro braço, mas os maiores cuidados são com a perna e o pescoço.

— Ei, você dois! Temos crianças aqui. — Ed grita e os outro embarcam em assovios e aplausos.

— Pai! — Mic me grita. — É agora? — Charlie me encara surpresa. Eu puxo o anel do meu bolso e ela inclina a cabeça de lado.

— O que estão armando ainda mais? — Pergunta dengosa.

— Sim, filho, agora.

— Agora tio — ele grita para Matt.

— Sinal verde, Jo. — Matt diz em um walkie-talkie e é aí que a mágica acontece. Chovem pétalas de rosas sobre nós. De todas as cores. Micha corre e pula como se extravasasse a emoção que eu tenho dentro de mim agora.

— E essa é a parte da Jo. Eu sei, brega. — Ela já está com os olhos cheios de lágrimas. — Charlie White, você me dá a hora de ter todas as suas fudas até a eternidade? — Pergunto em um sussurro para que as crianças não escutem, já pondo o anel, que mandei arrumar, no dedo dela. CW me encara sem palavras. Ergue o rosto para fitar o helicóptero que derrama as pétalas sobre nós e sorri largamente.

— Obrigada, Jo! — Ela grita para o alto e volta a me encarar. — Todas e por toda a eternidade, B. — Eu a beijo pegando-a no colo novamente. E escuto a gritaria dos bobocas que nos rodeiam.

— Homem morto, mulher morta... — É o coro deles e para mim parece música de ótima qualidade.

...

Depois de todos terem ido embora e o silêncio reinar, eu e Charlie estamos deitados no nosso quarto novo. Ela não dormiu ainda. Sei que está fitando o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

teto. Penso que os gessos, o colar cervical, além do milhão de coisas que passam e sua cabeça a impedem de dormir.

— Amor? — Pergunto baixo. Ela suspira. — Vai furar o teto de tanto olhar para ele.

— Desculpa, mas não consigo dormir — ela diz. Acendo uma luminária na cabeceira e me ergo de forma que ela possa ver meu rosto sem esforço.

— Diga o que quer que eu faça. — CW sorri.

— Foram tantas coisas. Nem imaginava essa casa e nem vou reclamar de ser grande — começa a despejar. — E esse quarto! É incrível.

— Obra da dona Clarisse. — Sorrio e beijo seus lábios. — Temos mais deles. Para nossos irmãos, pais, amigos e quem mais vier. Claro que para os outros filhos também. — Ela me olha surpresa.

— Outros é? — Eu beijo-a de novo. As coisas esquentam e eu me afasto. Nós dois ofegantes.

— Acho que eles terão que esperar um pouco. O médico proibiu movimentos bruscos. — Ela aperta os olhos e ri. Exalo ar entre os dentes. Minha garota em minha cama e eu frustrado. — Como consegue pensar nisso?

— Como não?

— Olha para mim. Estou parecendo Frankenstein. — Seguro seu queixo e olho em seus olhos.

— Minha garota na minha cama, não tem em que pensar além de sexo ardente e interminável.

— Você é um idiota e tarado! — Empurra minha mão sem muita força.

— Além de que, a parte mais importante não foi danificada.

— E posso saber que parte?

— Sua bunda! — Ela revira os olhos.

— Não vai esquecer essa coisa com a minha bunda, não é?! — Faço um gesto negativo com a cabeça.

— Pai? — Vejo uma miniatura pela fresta da porta.

— Oi, filho. Entra — digo acendendo outra luminária. — Salva pelo duende — sussurro e ela ri.

— Não chama ele de duende — sussurra de volta. Mic se aproxima da cama.

— Não consigo dormir. — Puxo ele para a cama e ele se deita contra meu peito.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ele é um, oras! — Ela me encara com expressão de poucos amigos. — Quem mais daria tanta sorte senão um duende?

— Idiota! — Ela diz apenas movendo os lábios.

— Quem é duende pai?

— Você. Meu duendezinho da sorte. — Olho para minha garota. Ela tem razão em dizer que está toda remendada. Suspiro. — Ele se acostumou a dormir comigo enquanto você estava internada. — CW me dá um olhar terno. — Muito bem carinha, não podemos dormir aqui ou sua mãe vai acordar mais quebrada do que já está. — Mic não dorme muito quieto, então vou ter que remanejar as coisas.

— Nem pensem em me deixar só — ela reclama.

— Não vamos muito longe. — Levanto e monto o sofá que minha mãe cismou de pôr no quarto e disse que tinha que ser confortável. Acho que ela imaginou que eu dormiria nele quando brigasse com Charlie. Prevenções de mãe. — Pronto, carinha. — Ponho Mic nele e volto para a cama para dar um beijo Charlie. — Estamos logo ali, amor e não corre mais perigo agora. — Olho-a cheio de significado e ela cora. Eu pisco para ela e desligo as luminárias. — Quer que ligue a TV?

— Não. — ela diz parecendo mais relaxada. Mic levanta do sofá e volta até a cama.

— Eu não te dei boa noite, mãe. — ele diz olhando-a sem jeito. Levanto-o do chão e ele a beija no rosto. Os dois riem.

— Boa noite meu amor.

— Boa noite, mãe, e sonha com anjos. — Meu carinha já é um ladrão de corações e nem entrou na adolescência.

— Boa noite família. — Beijo Charlie de novo.

— Te amo — ela se declara.

— Eu amo mais. — Pisco de volta e ela sorri mais largo.

Volto para o sofá com meu pequeno e em pouco tempo ele cai no sono. Eu ainda fico acordado um tempo olhando CW, observando a respiração dela enquanto afago os cabelos do carinha. Meus dois amores, meus motivos para ser um homem melhor. O destino me deu duas razões para fazer minha vida ter sentido e motivo. Fecho os olhos me entregando ao cansaço com uma sensação de realização no peito.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Coisas pequenas

Acordo completamente dolorida. Os últimos momentos da minha vida vieram para mostrar que a felicidade não é uma constante, que temos que batalhar por ela diariamente.

Eu não olhei para a rua quando atravessava. Um gesto simples, muito bobo, que aprendemos ainda criança. O resultado disso? Eu quase pus fim ao melhor momento da minha vida. O momento em que eu realmente sei quem sou e para que vim ao mundo.

Consigo me voltar na direção do sofá para ter uma visão perfeita. Meus dois amores enroscados. Mic dorme profundamente sobre o peito de B, que mantém um movimento cadenciado de acarinhar os cabelos do meu pequeno príncipe. O homem da minha vida abre os olhos e é nesse exato momento que percebo que o amor que tenho por ele nasceu no primeiro olhar.

— Oi belos olhos. — Ele sorri e seus olhos parecem brilhar. Fui tola em não perceber o que nasceu em mim no dia em que os olhos dele tocaram os meus. Esse sentimento criou raízes e cresceu e ainda cresce se é que é possível algo assim.

— Oi — ele diz na voz rouca que adoro e dá um beijo de leve na cabeça do nosso pequerrucho.

— Você o ama muito, não é?! — Uma pergunta retórica.

— De uma forma que nunca cheguei a imaginar. — Não! É ele que não imagina o quanto eu amo os dois. Sem querer o B trouxe para minha vida tudo que sempre quis.

— Acorda, amigão. Hora de fazer o café da sua mãe. — Ele mexe no Mic e eu tenho dó do pequeno. Ele esfrega os olhinhos e me encara.

— Com fome, mãe? — Essa vozinha rouca também amolece meu coração.

— Com saudade, filho, vem cá. — Ele vem até minha cama e sobe

deitando próximo a mim, mas sem encostar como que para não me machucar. Eu faço o que B fazia antes. Afago seus cabelos de forma ritmada.

— Muito bem, o mucamo vai servir a realeza já, já — B diz e vem em nossa direção. — Bom dia, minha vida — diz e me beija. — Cuida dela para mim e não deixe que faça peraltices — fala para Mic piscando um olho.

— Eu cuido, pai — meu garoto responde.

Vejo B sair do quarto e logo Mic pega no sono de novo. A ansiedade do dia anterior e tudo que passou ultimamente derrubaram meu garotinho. Vê-lo assim tão frágil em meu colo me lembra a minha infância. O meu QI obscuro não era sinônimo de sabedoria extrema. Passei por diversos trotes na escola e na faculdade. A malícia que me faltava só me permitia ver como as pessoas podem ser duras. Só que para mim, havia família, pai e mãe sempre presentes para mostrar que eu poderia sempre me levantar, não importa o quanto me empurrassem ao chão. A faculdade foi mais difícil pois a família estava longe e eu era um prato cheio para a diversão de todos os “populares”. Passei semanas marcada com canetinha, fui ridicularizada, ofendida, excluída... até que ele olhou para mim.

Ele me viu e eu me senti alguém além dos muros da família. Ele não me pedia nada em troca além de longas conversas e risos. Nunca me olhou com desdém ou ironia. Sempre sincero. Um idiota, galinha, boa-vida, mas de coração puro. Ele errava, mas não tinha medo de encarar as coisas, de pedir desculpas, de tentar acertar. Me parecia tão prático que em meio a toda minha inteligência eu me achava burra perto dele. B era o meu lazer, a minha esperança, a cor dos meus dias. Meu primeiro amigo, meu primeiro amor. Eu nem sabia que em meu sonhos de criança ele era meu príncipe no cavalo branco. Tinha que ter percebido que toda aquela raiva que senti quando ele “roubou” meu trabalho, era mais que mágoa de amizade. Era amor, sempre foi.

Eu sei que as pessoas pensam que amor é só quando tem uma química irracional. Eu já não vejo assim. Com o Kevin eu ficava em êxtase, parecíamos perfeitos um para o outro. Sempre que o via meu sangue fervia dentro de mim, mas no final era só uma ilusão que se mostrou bastante amarga. Já com o B, o que eu sinto, eu nunca cogitei que existisse. Conversamos com o olhar, cada toque nosso é como se nossos corpos falassem sem palavras. E a atração sexual não é nada menos que perfeita. Sei que esperavam que alguém como eu fizesse uma faculdade em cálculos, ou

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

gerenciasse uma mega empresa, sei lá, descobrisse a cura do câncer, mas não. Eu sempre quis uma família. Ter o que meus pais tinham e ser mãe. Ter a minha felicidade. Ele me deu tudo que eu sempre sonhei. O Mic é prova disso.

Quando conheci esse garoto no Instituto e soube sua história, meu coração o chamou de meu. A princípio tive medo que o B me deixasse de fora. Eu era sua namorada, sabia de suas decisões, mas ele não pedia minha ajuda. Quando ele me disse que me queria ao seu lado e abriu essa porta para mim, eu percebi que era exatamente tudo que sempre almejei na vida. Meu garotão estava se mostrando um homem crescido. Não queria parecer um abusador, jogando responsabilidades em minhas costas. Mas sabia ele que essa responsabilidade já estava enraizada em minha alma.

— Vamos comer, família? — Ele me tira dos meus devaneios e eu sorrio para ele. — Onde você estava?

— Com você. O tempo todo. — O sorriso que ele me devolve me mostra o quanto está feliz. Um romântico incurável meu noivo. Quem diria que um cara das baladas e descompromissado seria esse homem, pai e noivo perfeitos?!

— Isso é bom. — Ele acaricia o meu pequeno. — Ei, carinha, o acordo era você tomar conta dela e não desmaiar.

— Estou com sono, pai. — Mic resmunga.

— Está? Mas vem um monte de gente hoje nos ver. — Mic senta no susto.

— A tia Meg e o Tio Ed vem? — A ansiedade é máxima em sua voz.

— Gostou deles, não é? — Eu pergunto dando a ele um copo de suco. — Com as duas mãos, filho. — Ele pega e confirma com a cabeça.

— Ele me carrega nos ombros. — Esse relato não é nada menos que divertido.

— Claro, ele é um troglodita. — B fala e sinto uma pontinha de ciúmes.

— Benjamin! — Repreendo. — Não ligue, filho — falo para a carinha confusa do meu pequerrucho. — Seu pai está com ciúmes. — B me olha erguendo as sobrancelhas.

— Eu gosto mais de você pai — ele diz, mas fica sério e me encara. — E de você mãe. — Rimos da inocência do meu pequeno.

— Nós também te amamos e agora vamos comer — falo apreciando o café que meu amor fez para mim. Acaricio o rosto dele com minha mão que não foi quebrada. Faço uma careta de dor assim mesmo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Hum... hora dos remédios. — B vai buscar e ficamos eu e Mic na maior bagunça chamada café na cama. A nossa rotina não será fácil, mas sinto que estou onde devo estar.

...

A casa está cheia de gente. As visitas que ajudaram a me receber Charlie ontem estão hoje aqui fazendo um alvoroço. B trouxe Fiara, emprestada da mãe, para ajudar, mas se puder sei que não devolverá nunca. Ele me falou como infernizava as babás para que fossem embora e sempre ficava aos cuidados dela.

Estão todos aqui para um almoço de boas-vindas. Eu rio relaxada com Su, El e Meg, sentadas na sala. Pensei que não, mas me sinto realmente em casa aqui. Os homens estão na sala de jogos, claro. Ed ganhou Mic muito fácil. Ele leva jeito e fico pensando no bebê que ele perdeu...

— Ei, amor, vem ver sua sogra cozinhando — B fala com um sorriso bobo e faz menção de me pegar no colo.

— Ai como ele está romântico — Meg provoca.

— Cala a boca cobrinha — ele diz e ela revira os olhos. Amy joga uma almofada nele.

— Droga, Amy. De onde você saiu? — Ele pega a almofada ainda rindo.

— Não fale mal dela ou eu chamo o Ed. — Ela se joga no sofá abraçada à Meg.

— Isso amiga, me defende. — As duas riem.

— Como se você precisasse. — Ele torce os lábios. — Morro de medo. — ironiza — Vem, amor. Deixa essas chatas aí.

— A gente também te ama — retrucam às nossas costas. Na cozinha minha sogra, a senhora Risse, está colada em Fiara com todas as regras que as duas estão carecas de saber.

— Mãe, Fiara sabe fazer o trabalho dela, só mudou a casa — B fala brincando e dá um beijo estalado na bochecha de cada uma.

— Não se meta, Ben. Estamos tentando fazer tudo perfeito — ela o repreende e Fiara sorri. B me põe em uma cadeira.

— Muito bem, entendi o recado. — Ele ergue as mãos em rendição.

— Quem sabe não ensinam algo à minha garota aqui. — As duas me olham a tempo de me ver revirar os olhos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Você pode cozinhar e eu cuido do nosso filho — brinco.
- Acho que Charlie sabe cozinhar alguma coisa.
- O chocolate quente dela é terrível. — Eu o olho surpresa.
- B! — Ele me olha com dó.
- Desculpa, amor, mas é.
- Pois será a única coisa que você vai beber isso pelo resto dos seus dias.
- Todos rimos.
- Então as senhoras estão na cozinha?! — Drake entra sorrindo.
- Senhoras? Não está vendo o homem da casa? — B pergunta irônico.
- Não, eu vejo uma bichona.
- Meninos, que coisa feia — senhora Risse diz rígida. — Quem vê até pensa que são preconceituosos. E Drake, modere seu linguajar garoto, eu te vi de fraldas. — Drake faz uma careta e um gesto de que está sendo enforcado.
- Mas eu não tenho preconceitos, mãe. Meu melhor amigo é gay — meu noivo fala com uma expressão de fingida inocência. — Eu o amo. — Ele abraça Drake como se fosse beijá-lo.
- Ei?! Não na minha frente. — Entro na brincadeira e com a mão livre pego um pano de pratos e bato na bunda do Drake.
- Opa! Nada disso. — B o solta na mesma hora. — Nem pense em ter intimidades com ele.
- Pensei que ele era gay! — Faço a mesma cara de boba que ele fez segundos atrás.
- Parem já de bagunça na minha cozinha! — Fiara diz com voz imponente, mas pelo sorriso dela e de dona Clarisse, sei que estão achando divertido. — E nada de piadas desse tipo.
- Não somos bem vindos. Homens fora da cozinha — Drake diz e pisca para mim.
- Eu vi isso, fura olho! — B o empurra e me beija. Depois saem ainda fingindo uma briga ridícula.
- Parecem crianças — minha sogra fala saudosa.
- E são — Fiara afirma voltando para as panelas.
- Não. — Senhora Risse senta próxima a mim e segura minhas mãos nas suas. Seus olhos fitam os meus sem piscar. — Sei que sempre acharam meu filho um tolo, mas eu sou mãe, Charlie e vejo além. Você vai ver com Mic e com os próximos. — Essas palavras enternecem meu coração. — Meu filho é um bobo sensível. Essa vida toda dele foi uma fuga... — Ela faz uma pausa,
- ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

suspira e aperta minha mão que não está machucada. — Ele temia a dor da decepção, da perda e tudo mais que os relacionamentos podem trazer. Com tudo que passou com as meninas... — sei que se refere a Amy e a Meg. — ... ele estava se auto preservando. Dimi não era muito paciente, mas graças a Deus você chegou para mudar isso. Obrigada por fazer o que fez por meu filho.

— Eu não fiz nada, senhora Risse — o apelido sai sem querer e eu prendo meus lábios, constrangida. — Tudo bem, querida. Ben falou que você gosta de dar apelidos e sei que foi esse seu jeito que dobrou o meu marido. — Ela ri e eu relaxo. — Você trouxe meu filho a outro nível. Ele parece mais pé no chão, mais seguro de suas escolhas. Ele faz escolhas além do profissional. Vê-lo tão maduro assim só me faz perceber o quanto vocês são certos um para o outro. Eu sei que nem sempre tudo serão flores, mas crescendo com três irmãos homens, vocês sabe.

— Senhora Clarisse, vai assustar a menina — Fiara diz virando-se para nós.

— Não, estou apenas falando a verdade. — Minha sogra faz um afago em meu rosto. — Os homens são egoístas, minha filha, mimados e geniosos. Não por serem ruins, mas por serem condicionados a isso. Espero que consiga fazer diferente com o Micha. Apesar disso, quando um deles tira a atenção de si mesmo e deposita em uma mulher, como o Ben faz com vocês, tenha certeza de que é amada. Um homem não faz isso com qualquer uma. É uma tarefa árdua para eles, muito mesmo. — Ela sorri gentil. — E eu fico imensamente feliz pela escolha do meu filho.

— Deus nos livrou de uma garota fútil e intragável. — Fiona mais uma vez se manifesta.

— A senhora criou bem o seu filho e espero criar os meus com metade da sua sabedoria. — Ela confirma com a cabeça. Se ergue e me beija na bochecha.

— Agora vou voltar a cozinha e não ligue para o que ele falou do seu chocolate. Ele critica o de todas nós, só gosta do da Amy. — Registro mentalmente que preciso dessa receita.

— Vamos voltar ao mundo dos jovens? — Diz divertida e me volto para encarar Luca. Ergo as sobancelhas ao vê-lo remexer nas panelas de Fiara.

— Menino! — Fiara bate na mão dele. — Não perde essa mania. Nem parece que foi educado com esmero!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não sei o que é esse mero não, Fi, mas a sua comida é a melhor do mundo. — Ele ri e me pega no colo. Me sinto meio estranha com o gesto, mas não me nego. Apesar de estou me sentindo um brinquedo. — Olha quem eu trouxe. — Ele se expõe comigo ao colo e vejo o olhar de B sobre nós.

— Vou matar você, Luca. — Ele vem em nossa direção e Drake o segura, mas é tudo cena, embora a expressão nos olhos do meu garotão seja de incômodo.

— Eu ajudo — Su brinca também.

— Qual é, gente?! Somos amigos. — Luca parece corar sobre o olhar de Su.

— Tira as mãos de minha garota. — B me pega e me beija.

— Quem é o idiota das cavernas, agora? — Vemos Ed entrando na sala com Mic sobre o pescoço, acompanhados de Liam, que sorri maroto.

— Homem morto. — Todos riem e chovem almofadas. Me sinto criança de novo em um dia de Natal. Casa cheia, cheirinho de comida de festa e sorrisos.

Assisto tudo orgulhosa do homem que tenho em minha vida. São nas pequenas coisas que percebemos como tudo vale cada sacrifício, cada perda. Ele sempre estará aqui por mim, tenho essa certeza em meu coração e eu estarei por ele. Eu o amo e não imagino meu amanhã sem esse olhar, esse sorriso.

Me repreendo mentalmente pelo meu acidente, por quase o ter deixado. As palavras dele me cobrando por ter soltado sua mão doem em meu íntimo, mas espanto esse momento. Eu não desisti e nunca vou desistir de nós. Olho em seus olhos e com uma mão seguro seu rosto.

— Vou te amar para sempre e cada vez mais — sussurro e vejo o desejo nublar seus olhos. Ele me beija. Um beijo contendo cada palavra não dita, cada sentimento intenso. São pequenos gestos que nos fazem cada vez mais fortes juntos.

— Acabem com o show, estou com fome! — Meg grita e rimos.

— Muito bem. — Ed desce Mic e vem em sua direção. — Minha pimentinha está com inveja. — Ele a puxa para o colo também.

— Ah! Não! — Su protesta quando Luca a pega do mesmo modo e logo temos Liam com Amy em seus braços também.

— Nem ouse. — Eleanor refuga quando Drake a olha com um ar pidão. Acho que ela não cedeu totalmente a ele, mas sei que vai. Ele a puxa para um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

abraço.

— Chega de bagunça, venham comer crianças. — Senhora Risse aparece nos pegando no meio de uma enorme cena.

— E eu? — Todos paramos para fitar Mic. Não contemos a gargalhada quando Ed joga Meg sobre um obro, como sempre faz, e pega Mic com o outro braço.

— Pronto. Onde será servido o almoço? — Ele brinca.

— Olha pai! O tio Ed é fortão! — B revira os olhos e eu o beijo.

— Estou vendo, filho. Estou vendo — diz meio a contragosto.

— Não seja ciumento — eu repreendo baixinho de forma que só ele escuta.

— Meu filho! — Ele sussurra de volta.

— Mim Jane, você Tarzan! — Provoco e ele ri. Finalmente seguimos todos para nos deliciar com o tempero de Fiara. Meu coração vai satisfeito. Todos os meus medos foram esquecidos hoje. Só a felicidade tem lugar em mim.

Sempre tem um espírito de porco no caminho

Meu pai está no jardim. Mexe em uma planta e o pai de CW conversa com ele. Pensei que viveriam pacificamente, mas nunca imaginei que tivessem alguma afinidade. Dimitri não é esnobe, ranzinza na maioria das vezes, mas nunca preconceituoso. De qualquer forma, pensava que ele seria mais reservado. Acho que a doença dele e as mudanças rápidas estão amolecendo seu coração.

Amy está lá também e vejo a forma como os dois se olham. Perdoar não deve ser fácil, mas minha irmã tem uma capacidade incrível. Liam e os bebês fizeram maravilhas para Amy, as mudanças são gritantes. Ela parece brilhar toda vez que sorri.

— Oi, família. Nosso novo hobby será plantar rosas? — Brinco sentando na grama, próximo a eles.

— Seria bom para você se tornar mais racional. — Encaro meu pai estreitando o olhar.

— Sem sermões logo cedo, por favor. — Amy põe uma mão sobre meu ombro.

— Não é sermão, filho. — Ele suspira lentamente. — Se bem que Charlie e Micha já fizeram melhoras em você. — Sorrio porque é verdade.

— Agora sou um homem de família, a empresa terá uma boa imagem e você está feliz. — Ele assume uma expressão triste.

— Não, filho. Estou feliz porque você está feliz — diz muito sério. — Posso não ser o melhor pai do mundo, mas eu só desejo a felicidade de vocês e embora não acredite, sei que diamantes não compram realização plena. — Toco o rosto do meu pai. Ele nem imagina o quanto o amo.

— Pai?! Você é o melhor pai do mundo para mim. — Ele parece surpreso.

— Eu o amo e vou amar mesmo quando fizer das suas. — Ergue uma sobrancelha como se me questionasse. — Amo meu trabalho, amo minha vida, amo tudo que me deu e amo mais ainda que tenha me empurrado para a faculdade. Eu conheci Charlie por causa disso. — Ele sorri e eu correspondo.

— Nossa, estamos amando tudo. — Amy me provoca e bagunça meu cabelo como faço com Mic. — E eu amo vocês dois — ela diz sorrindo também e vejo meu pai esconder uma lágrima. Ele acabou de ouvir sua filha se declarar depois de tudo que passamos.

— Somos uma família apaixonada — provoco e melo Amy de terra.

— Ben! — Ela levanta e me empurra na grama.

— Ei, vocês dois — meu pai repreende, mas joga terra em nós dois. Logo tudo vira uma bagunça e voltamos para casa, completamente sujos.

— Onde foi a guerra? — Liam pergunta vindo até minha irmã e recebendo-a com um beijo.

— Papai e Ben não sabem cuidar do jardim. — Rimos os três.

— Vou tomar um banho, filho.

— E eu vou ver meus bebês. — Amy e meu pai saem.

Fico observando as pessoas na sala: meus amigos felizes. Todos apaixonados, exceto Matt, ele tem uma tristeza no olhar e isso me incomoda. De todos nós ele sempre me pareceu o que mais merecia ser feliz.

— Você também precisa de banho, amor. — Charlie me chama de volta à realidade. — Ou vai sujar minha casa nova — ela me provoca e eu reviro os olhos.

— Sim, senhora. E é nossa casa viu, espertinha?! — Beijo-a rápido e corro para o banheiro.

...

— Pronto, limpo e gostoso! — Digo sentando no sofá ao lado de CW.

— Nem se acha! — Meg ri de mim.

— Mas isso você é mesmo amor. — Charlie diz segurando minha mão.

— Ai, que amooooooooooooor... — Su entra no jogo.

— Vocês estão com inveja. Meg porque tem um ogro fedido e ...

— Quem é o ogro fedido? — Viro para encarar Ed com Mic nos ombros mais uma vez.

— Você, caro amigo. — Liam ri e Amy dá uma cotovelada nele.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— O tio Ed não fede não, pai. — Mic o defende.

— Viu?! Estou limpinho. — Ele senta ao lado de Meg, que logo se enrosca nele. Mic fica no colo dela, que faz carinho nos cabelos do pequeno.

— Ei, também quero um pouco do meu sobrinho! — Amy diz sorrindo para o carinha que logo corre para os braços dela.

— Você é cheirosa também, tia. — Ela o aperta e beija.

— Acho que vocês deveriam ir olhar os filhos de vocês e parar de esmagar o meu. — Provoco puxando meu duende. — Esse duende aqui é meu!

— Ei? Por acaso você chama nossos filhos de duendes? — Meg me encara como uma águia.

— O tempo todo. — Charlie me entrega.

— De que lado você está, amor? — Faço o ofendido.

— É duende bonzinho, tia Meg. Duende da sorte. — Mic me ajuda e todos olham para o meu pequeno grande homem. Logo estão gargalhando. Eu o abraço apertado.

— Duende da sorte, né?! — Faço cócegas e encho ele de beijos.

— Ai, pai! Tá me esmagando! — Ele sai do meu aperto e deita no sofá, com a cabeça no colo de Charlie.

Ficamos nessa conversa sem assunto um bom tempo. Alternamos entre provocações e relatos da época de infância. Logo os outros bobocas se juntam a nós. O nosso dia segue assim. Almoço, conversas constrangedoras, risos altos e em pouco tempo agregamos choro de criança, fraldas sujas, avós corujas e comida em excesso. Pequenas coisas que fazem o dia ser realmente grande.

Meu pai tem razão. Diamantes jamais comprariam isso.

...

Depois de muita confusão resolvemos tomar sorvete na rua. Charlie quer ver gente, mais do que já tem em casa. Saímos quase todos e levo CW na cadeira de rodas.

Os casais com filhos bebês ficam em casa. Na verdade, sei que Amy quer conversar com mamãe e que Meg quer dormir. Ela está se desdobrando com a vida de mãe de família e a casa de eventos que abriu. Saímos então eu e Charlie, mais os palhaços e suas garotas.

O Matt vai só, mas tudo bem. Ele parece mais relaxado agora. Mic diz que
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vai ficar porque seus avôs vão ensinar ele a jogar xadrez e fazer uma hortinha em canteiro. Duas coisas completamente opostas, mas entendo que meu filho queira curtir a família. Chegamos à sorveteria, fazemos os pedidos e nos sentamos todos contentes como crianças.

— Então, Drake, quando vai pôr um anel na mão de El? — Pergunta Luca provocando e recebe um olhar fuzilante em resposta.

— Cuida da sua vida, Luca.

— Nunca. Eu não quero um anel, Luca. — El se manifesta.

— Não? — Drake surpreende a todos com seus espanto.

— Não, ela quer colares e brincos. — Su ri e sei agora porque ela e Luca combinam.

— Não quero nada — ela fala rígida. — São bobagens sem valor algum para mim. — Assim que diz vejo sua face corar quando encontra o olhar de CW e as duas observam o anel que dei à minha garota.

— Essa bobagem aqui tem história, El, é de família — digo, mas sem chateação alguma na voz. — E não leve Luca tão a sério, ele só está fugindo do fato que terá que dar uma bobagem maior que essa à Su se quiser que ela o aceite oficialmente — brinco e El me sorri agradecida.

— Amor, quero bobagens para os outros dedos. — Charlie me olha fazendo beicinho e sei bem que está tirando uma com minha cara.

— Claro, vou mandar alguém levar os diamantes em casa para você escolher e o designer fazer as peças — devolvo.

— Exibido — Luca bufa com os lábios.

— Vou ao banheiro. — Levanto, beijo minha garota e saio.

Faço o que tenho que fazer e assim que estou retornando à mesa o destino me brinda com uma presença “agradável”.

— Oi, Ben? O mundo é pequeno, não?! — Natascha.

— É, deve ser — desconverso tentando passar, mas o corredor é estreito.

— Com licença. — Ela não sai e sei que vem problemas aí.

— Por que a pressa, querido? Temos muito papo para pôr em dia. — Ela é alta como toda modelo e avança sobre mim, sua boca roça a minha, me esquivo e não sei se empurro essa louca ou se me abaixo e saio catando ficha. — Ai! — Ela grita e só então noto CW empurrando a cadeira de rodas contra ela.

— Acho bom você tirar suas mãos de cima dele agora mesmo!

— Ou o quê? Sua inválida! Ele só pode estar com você por pena mesmo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Doença terminal degenerativa? — Os olhos de CW faíscam e sei que Natascha não devia ter ido por aí.

— Vou te mostrar como eu fiquei assim agora mesmo. — Minha garota avança sobre ela e a derruba no chão.

— Sua maluca! — Natascha grita e eu seguro a cadeira de Charlie como posso.

— Calma amor, ela não vale isso. — Me afasto o mais rápido que posso enquanto funcionários da lanchonete erguem a outra do chão. Logo nossos amigos estão em volta querendo saber o que foi.

— Vamos embora — CW fala azeda e eu não retruco.

— Vão na frente, vou pagar a conta. — Matt fica e seguimos na frente. Logo estamos todos de volta em casa.

Charlie segue para o quarto e eu vou atrás. Ela mal me olha e penso se está com raiva de mim. Eu não fiz nada, sei que não, mas o sentimento de culpa me invade. Procuro ela no quarto e não vejo. Sigo até o banheiro e ela está lá, parada, perto da pia.

— Tudo bem amor? — Pergunto meio sem jeito e vou me aproximando para testar seu humor.

— Nem pense em encostar essa boca em mim antes de lavá-la bem com sabão — Diz dura e olho-a incrédulo.

— Charlie, eu não...

— Não quero ouvir, Benjamin. — Não me deixa terminar e ainda me chama pelo nome. Droga! Estou encrocado.

— Amor, eu... — Ela faz cara de brava, mais ainda se possível e sei que estou sem saída aqui. Ela é impulsiva nesses momentos e tenho que agradecer que não matou Natascha atropelada com a cadeira de rodas e que não fui o próximo em sua lista. Ela me encara e depois ao sabão. Nem acredito que vou fazer isso. — Certo. — É a única palavra que sai. Quando começo a lavar a boca como ela pediu ela tira uma foto com o celular. — Mas o que... — Sua risada enche o cômodo.

— Seu bobão... — Ela ri mais.

— Não acredito que era só uma brincadeira — falo sem saber se fico zangado ou embarco no riso descontrolado dela. — Que tal um beijo de sabão? — vou em sua direção e ela ergue a mão sã para se defender.

— Não B, não faz isso. — Ela segue rindo e eu não me esforço muito em vencer sua resistência. — Não pode judiar de uma inválida. — Eu seguro seu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

rosto em minhas mãos.

— Droga amor, pensei que estava mesmo zangada. — Enxugo a boca. — Eu jamais trairia você. E de inválida você não tem nada, é temporário, você sabe.

— E se não fosse? — Me olha ansiosa.

— Prefiro mil Charlies sem pernas e braços do que uma Natascha inteira. — Ela me brinda com um sorriso radiante. — Eu. Nunca. Trairia. Você.

— Eu sei, seu idiota. — Ela tem os olhos úmidos de tanto rir. — Eu fiquei com raiva, mas dela e não de você. Vi como ela estava se jogando sobre você. Mulher insuportável — diz ácida.

— Então você foi como uma leoa me salvar? — Pegou-a da cadeira de surpresa.

— Claro, onde você estiver é só me chamar que eu vou. — Ela me fita com um olhar carregado de promessas.

— Sabe que adorei sua confiança incondicional em mim? — Ela ri marota.

— Nem morta que vou perder meu castelo para aquela coisa.

— Seu castelo é? — Ponho-a com cuidado sobre a cama.

— E meu rei, claro. — ele me dá um beijo desengonçado.

— Quando mesmo poderemos voltar ao normal? — Pergunto me referindo a sexo e ela revira os olhos.

— Daqui a uns mil anos só. — Me deito ao seu lado simulando uma parada cardíaca. — Para. Não faz assim amor.

— Acho bom intensificar minhas atividades desportivas. — Nós dois rimos.

Nossa relação é sólida. Confiamos um no outro e vejo que não há dúvida alguma dela em meu caráter. Isso me faz sentir orgulhoso de mim mesmo.

Uma sombra de lembrança do Kevin passa em minha mente por um segundo e saber que ela jamais me comparou a ele só me faz ver a sorte que tive em ter essa mulher cruzando meu caminho.

Eu dei todas as chances para minha garota me julgar um canalha. A vida que levava não era das mais puritanas, mas ela sempre acreditou em minha palavra e vou fazer que continue assim para sempre. Eu também estarei sempre lá por ela.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O tempo voa

Meses depois...

Parece que foi ontem que Charlie sofreu o acidente e, ao mesmo tempo, parece que foi há anos atrás.

Ela já fez a última cirurgia e está com muletas agora. Está sempre de casaco, escondendo as cicatrizes, e de calças. Queria poder tirar todos esses medos bobos que ela tem, mas imagino que seja difícil conviver com as marcas. Isso a incomoda e percebo como fica de mau humor às vezes. Apesar disso, a relação dela com Mic é cada vez mais forte. Não falamos sobre o casamento ainda. Achei por bem esperar ela melhorar o máximo possível. Não fui à inauguração da casa de shows e tudo a respeito dela está nas mãos de Luca e de Oliver.

Dr. Gavin disse que CW se recupera muito bem e a fisioterapia é cada vez mais satisfatória. Estou admirado com a força da minha garota. Embora ela pareça frágil às vezes, nunca desiste. E nosso duendezinho está sempre lá, apoiando-a.

Fiara não foi embora ainda. Acho que consegui tomá-la de vez. Minha mãe não reclama, sei que deve estar dando uma volta para substituí-la, mas eu confesso meu egoísmo. Além do mais, Fiara sempre foi mais minha. Foi minha babá e cuidava de mim mesmo depois de velho. Dona Clarisse não vai ter como me vencer nessa. Entro no quarto para buscar minha garota.

Vamos escolher os presentes dos duendes sobrinhos. Zoe e Connor fazem aniversário no fim de semana e não perderemos essa por nada. Até os palhaços foram convidados. Luca não pode ir por causa de um evento de Su, ele irá acompanhá-la. A relação deles é engraçada e nada convencional. Ela parece o “cara” e ele a “garota”. Já Drake terá um evento beneficente e levará El. Será como apresentar ela à sociedade como sua namorada e eu me arrependo de não ter tirado uma foto da cara dele. Impagável a expressão do meu amigo. Acho que ele não está nada menos que apavorado.

— Vamos? — Pergunto para CW, que me olha enquanto veste um casaco.
— Está calor amor. — Ela torce os lábios.

— Eu sei, mas... — Ela não termina e sei que está escondendo as cicatrizes. Me aproximo dela e envolvo sua cintura por trás.

— Eu já disse a você hoje o quanto é bonita? — Ela revira os olhos. — E

sexy? E como estou tentado a não ir a lugar algum, trancar o quarto e prendê-la naquela cama para sempre. — Beijo a curva do seu pescoço e depois distribuo beijos pelos ombros, puxando-a comigo para a cama. Logo estamos deitados e eu beijo cada marca que a roupa não cobre. — Linda!

— Você não pode achar isso lindo — retruca, mas vejo desejo em seus olhos e em sua voz.

— Posso sim. Cada marca dessa prova que você voltou para mim - digo continuando minha incursão. — Ou melhor. Que você não foi, por mim. Só me provam que não foram o suficiente para tirar você de mim. — Ela me encara muito séria.

— Não mesmo.

— Então ponha de uma vez nessa sua cabeça obscenamente inteligente — ela ri do fato de eu usar sua expressão preferida — que eu te amo. Seja você inteira ou aos pedaços. — Ri mais alto ainda.

— Você é ótimo com as palavras — me provoca.

— Sabe que te amo, não sabe?! Sabe que não são meras palavras? — Ela puxa meu rosto com as mãos e me beija com desejo e ternura.

— Eu sei, senhor B e também te amo, mas não consigo parar de pensar no quanto você é lindo, perfeito e maravilhoso e eu pareço uma colcha de retalhos e ainda manco. — Ela suspira triste.

— Sei como resolver isso.

— Como?

— Vou fazer as mesmas cicatrizes que você tem em, mim e nos mesmo lugares. — Me encara como se tivesse ficado louco, mas tem um ar de riso em seu semblante.

— Você não pode!

— Posso sim. — Ela fica séria ao perceber que falo muito sério.

— Faria mesmo isso? — Me encara franzindo a testa.

— Para você ficar feliz? — Ela não responde. — Arranco um braço, até os dois e as duas pernas.

— Pare de dizer tolices. — Ela me puxa em um abraço sufocante.

— Mas eu faria. — Voltamos a nos encarar.

— Não. Prefiro você inteiro.

— Então só me ama pela minha aparência? — Retorno ao tom de brincadeira.

— Claro! O que acha que vi em você? Um corpo sensual e gostoso. —
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Nós dois rimos e eu volto a beijá-la. Mas dessa vez não há brincadeiras aqui.

O desejo só aumenta e nossas mãos correm por nossos corpos, completamente empolgadas. Estamos imbuídos pelo tesão. Os beijos se tornam mais desesperados e ela me empurra bruscamente.

— Vamos nos atrasar!

— Ah não! Não vai me torturar assim e depois me pôr de molho. — Puxo-a de volta. Minha boca colada na dela. — Nem pense em fugir de mim. O médico já liberou e precisamos tirar o atraso. — Foram muitos períodos de abstinência entre uma cirurgia e outra.

— Agora sei porque não se importa com minhas cicatrizes. — Encaro-a, curioso. — Não se importaria nem se eu estivesse sem os braços e as pernas. — Franzo a testa. — Senhor B, o senhor é um maníaco. — Ela ri e eu beijo seu pescoço logo abaixo do queixo. Uma mão minha segura sua nuca e a outra seu quadril.

— Você me deixou na seca por mil anos, garota, agora terá que me ressarcir. — Me encara voltando a ficar séria.

— Sabe de uma coisa?! Você tem razão. Eu também estava morrendo de saudade. — Ela cora ao admitir.

— Você iria admitir uma hora ou outra que é tão viciada quanto eu. Pena que não podemos mais usar o sofá da ação. — Ela revira os olhos me puxando de volta contra seus lábios.

...

Na loja de presentes a coisa mais absurda acontece. Enquanto CW e Mic vasculham prateleiras eu dou de cara com Verônica. Meu primeiro instinto é entregá-la à polícia. Uma mulher que põe o filho em uma caixa de sapato não merece menos que isso. Apesar disso, alguns segundos olhando-a me trazem a cena que seria descrita por Amy como um episódio do além da imaginação. Ela não veste roupas elegantes, apenas um vestido simples. Parece abatida, mas seu olhar ao encontrar o meu exprime felicidade. Nunca observei essa expressão e pude defini-la tão bem como nos dias de hoje. Hoje eu entendo muito bem o que é felicidade.

— Ben. — Sua voz é surpresa e suave.

— O que faz aqui? — Minha resposta vem ao perceber o carrinho de bebê e o garoto dentro dele. J?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sim, Ben, é o John — ela responde como se ouvisse meus pensamentos. Malcon se aproxima e eu estou perplexo.

— Não julgue tão rápido — ele diz protetor, enlaçando a cintura dela. — Vá para o carro anjo, eu vou logo em seguida.

— Estou bem, Malcon — ela repele.

— Por favor, Verônica. — Ela não insiste e me espanto em vê-la assim, tão humilde. Diria que até simplória.

— Como pode depois de tudo que ela fez? — Não me contenho.

— Você já amou alguém, Benjamin? — A pergunta dele acerta em cheio meu coração. Não respondo e ele segue. — Se já, sabe que fazemos qualquer coisa pela pessoa. Ela já pagou por muitos erros e está se redimindo a cada dia. Os últimos meses não foram fáceis, mas não vou deixar que qualquer mágoa que tenha dela a impeça de continuar se reerguendo. — Isso é um aviso claro. — Não se preocupe com o John, ela é uma ótima mãe. — Fico surpreso com a afirmação, mas nos poucos segundos que vi o garoto ele pareceu bem mesmo. — Ela ligou para você uma vez, logo depois que a pegaram para reabilitação e ela fugiu. Queria pedir desculpas... De lá para cá foram muitos altos e baixos, mas nos últimos meses ela está cada vez mais forte.

— Eu não sei se sabe o que está fazendo, Malcon, mas espero que sim pelo bem do J. — Ele me encara com gratidão e acho estranho.

— Agradeço que ainda mantenha o mesmo carinho por meu filho. — Ele vai saindo, mas volta-se para me encarar e me ergue um cartão. — Se ainda tiver dúvidas, me ligue e poderá visitar meu filho. — Eu pego o cartão. — Ela mudou. Acredite. Não porque mandaram, mas porque ela quis. Ela me procurou e pediu ajuda. Eu vi a sua vontade e acreditei nela. Somos felizes, nada perfeitos, mas aprendemos com nossos erros e nosso filho será capaz de entender e nos admirar por isso. — Ele parece tão seguro de si que imagino ser a pessoa que Verônica precisava para encontrar seu caminho.

— E a família dela? — Não resisto e pergunto.

— Mantenho longe — ele diz amargo. Aceno com a cabeça.

— Muito bem. Meus contatos ainda são os mesmos, caso precise. — Ele sorri voltando à expressão confiante. Não posso dizer muito além disso. As pessoas podem realmente sair do fundo do poço e se reerguer assim? Talvez possam, mas espero que, para o bem de J, ela se mantenha longe das drogas.

— Obrigado. — Ele vai embora, defendendo sua família e lutando por ela.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Admiro a força de Malcon e penso se seria capaz de fazer o mesmo.

Olho minha garota e meu duende da sorte. Os dois riem enquanto ela faz gestos largos, então me encara e pisca para mim. Agradeço aos céus por terem sido brandos em minha prova. Só precisei deixar de ser idiota para encontrar a felicidade. As provas por que Malcon passou foram mais duras e sei que não sou seu algoz, mas não consigo apagar de minha mente a imagem do J na caixa de sapato. Apesar disso, dentro de mim, tenho completa certeza que enfrentaria qualquer coisas por aqueles dois que observo agora.

Mesmo corpo, novas ideias

Olho o espelho diante de mim e as coisas voltam à minha mente como se fossem de um passado longínquo e ao mesmo tempo, tivessem acontecido ontem. Essa sensação estranha de atemporalidade me preenche. Apesar disso, sei bem o motivo de tudo.

Há tempos atrás, quando me olhei em um espelho como esse, estava certo de que minha vida era uma peça ensaiada onde controlava tudo. Para mim os atos seguiam-se conforme meu comando e escolha. Tolices de um idiota imaturo. Sim, com mais de trinta anos, eu nada sabia sobre as verdades da vida. Os traumas que minhas garotas passaram eram as únicas coisas que pude presenciar de verdade. Só que foram elas as vítimas, não eu. O que aprendi nisso tudo? Aprendi a temer, a fugir de sentimentos reais e levar a vida como uma peça de teatro. Só que quando as luzes se apagavam, era apenas eu e um vazio estranho que começou a crescer em mim.

Hoje é diferente. O homem que se olha nesse espelho é outro. Vejo minha expressão cansada, mas feliz. Meus músculos doem pela tensão do momento, mas não troco isso por nada. Continuo incrivelmente bonito. Ah! Qual é?! Isso não é convencimento, dessa vez é sinceridade. Mas essa beleza toda vai além do físico. A felicidade que sinto é que me torna incrivelmente irresistível.

Sorrio e pisco para o cara do espelho. Ele tem filho, uma garota incrível, família e amigos irretocáveis. Não tem como não admirar e me orgulhar dele. Parabéns, idiota, você conseguiu! Meus pensamentos são todos para a perfeição do dia de amanhã. Nada estragará meu momento.

— Pare de hipnotizar o espelho ou vou achar que há mais nisso do que uma simples saída com os amigos. — Ela me olha da porta e seu tom de voz é tenso. Sei bem o que ela pensa. Despedida de solteiro, mulheres nuas e

bebida em excesso. Mal sabe que iremos ao pub do seu irmão, apenas brindar nossa felicidade.

— Venha cá, amor. Venha ver como seu garoto está incrível — Ela revira os olhos e vem. Fica entre mim e o espelho. Está perfeita em um vestido curto preto e vai sair com as garotas.

— Bobão convencido. — Envolve meu pescoço e me beija. Começa lento e logo estou agarrado à sua cintura.

— Desse jeito não vou mais — falo com nossos lábios colados. Ela ri.

— Essa é a intenção. — Ficamos nos olhando calados. Esses olhos cor de chocolate ainda me prendem como no primeiro dia. Como não me dei conta antes que a garota de cabelo esquisito e com um QI assustador era a mulher da minha vida?

— Amanhã você será minha mulher para sempre — digo apertando-a contra mim.

— Todas as minhas fudas eternamente suas. — Ela cora de desejo e eu adoro a forma como parece tão garota e tão mulher.

— Espero que não esteja pensando em me deixar lá de pé, sozinho. — Ela deita a cabeça em meu peito.

— Jamais. — Inalo o odor dela. Amo esse cheiro, amo tudo e cada parte dela.

— Eu te amo, Charlie White.

— Eu te amo, senhor B.

Ficamos algum tempo assim, presos um no outro e então nos afastamos ao som dos nossos celulares tocando. Nossos grupos de despedidas chamando. Ela pisca para mim e sussurra que é a El. Penso no Drake e no drama que passou com ela. Foi um susto daqueles, mas fico feliz em ver que estão superando.

No meu aparelho, o nome do Matt acende. Ultimamente ele parece mais feliz. Cada grupo tem um sacana, um alegre, um sentimental, um nostálgico... Nosso não é diferente e o nostálgico era o Matt. Sempre disposto a ajudar, o mais velho da turma, mas com o olhar triste, na maioria das vezes. Sempre atribuímos isso à sua irmã que morreu. Só que, ultimamente, ele parece ter espantado essa sombra em sua expressão. Respondo com uma mensagem e nos despedimos com um beijo na porta de casa.

— Nada de gogo boys — eu grito enquanto ela se afasta para o carro de Su, que veio buscá-la. Dentro dele tem um grupo de garotas e sei que terão

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mais, seja lá aonde forem. Su buzina insistentemente e grita.

— De olho no meu boneco ou vou caçar vocês. — Sorrio e sinto pelo Luca, mas a garota dele é do tipo que bate.

Chego ao pub e encontro os patetas. Matt parece mais relaxado ultimamente e, embora ele não admita, todos sabemos que o motivo é uma garota. Ele deve levá-la amanhã, com certeza. Luca está de pé na maior empolgação, acenando como se eu não pudesse vê-lo. Deve ser por isso o apelido de boneco que a Su deu. Parece um babaca. Drake tem os olhos presos no celular. Acho que ele fala com El a cada dois segundos. Uma gravidez complicada foi o suficiente para fazer o senhor “eu estou pouco me fodendo” se tornar o senhor “eu vou ter um infarto a qualquer momento”. El está bem perto de ter o bebê e isso foi outro problema nos ajustes do vestido de madrinha de casamento. Fico imaginando se ela não fará tal qual Amy e entrará em trabalho de parto bem no meio do casamento. Idiotas que somos, não somos capazes de ver a felicidade até ela se esfregar na nossa cara.

— Oi, boiolas — A piada é um velho hábito, do velho Ben, mas eu não sou mais aquele homem. Sento tomando um gole da bebida que já pediram para mim.

— Oi, rainha dos baitolas. — Luca devolve o cumprimento de sempre, mas hoje ele tem um tom diferente. Todos nós somos diferentes. Mudamos muito, não há como negar. Matt apenas meneia a cabeça.

— Tudo bem com El, Drake. Eu a vi não tem nem meia hora. Ela está com CW, Su e todas as outras mulheres que quase nos enlouqueceram. — E isso não é menos que a verdade pura. Pensei que em vez de casamento, estávamos preparando uma guerra.

— Só checando — ele responde e põe o celular em cima da mesa. Luca faz um sinal de enforcado.

— Devia pôr logo um anel no dedo dela babaca, não sei o que está esperando — Matt se manifesta.

— Por que não cuida da sua vida de merda, Matt? — Ele rebate.

— Merda tem na sua cabeça. — Os dois se encaram. Estranham-se sempre, mas Matt é o único que tem paciência para Drake além do limite. Ele é meu melhor amigo, mas tem horas que nem eu o aguento.

— Ah, qual é, caras? Você dois deviam admitir logo que estão apaixonados — Luca começa — Peguem carona no casamento do Ben, do jeito que a festa vai, dá para casar a cidade toda.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Cala a boca, idiota. — Jogo uns amendoins nele. — Deixa a Su saber disso e você vai estar na fila. Primeiro lugar.

— Nem morto. Casar é para vocês, bichonas românticas. — Olho para ele. Tão cego.

— Você são tão idiotas. A felicidade na cara de vocês e estão aqui fingindo que são fortes e correndo das mulheres.

— Eu não estou correndo de ninguém — Drake fala e nesse momento leva o copo à boca, como que para abafar suas próximas palavras. — Eu amo Eleanor. — Matt fica estático e Luca cospe bebida em todos. — Merda! Porra, Luca. Tá com a boca furada?

— Você não disse o que eu ouvi você dizer — ele fala incrédulo.

— Disse e você ouviu — Drake admite e parece cansado, mas nada chateado ou frustrado. Começo a rir e não consigo conter a crise de riso. Matt me acompanha. — E quanto ao anel, não é da conta de vocês, mas está no dedo dela já. — Essa foi a surpresa da noite. Eu havia pensado em mudanças drásticas em todos nós, mas quando Drake me pediu ajuda para escolher o anel, confesso que não esperava que ele cedesse tão rápido.

— Ótimo, vai rindo, Matt. Depois você me fala o que pensa da Dra. Julinha. — A fala de Luca faz as atenções agora voltarem-se para Matt.

— Não sei do que está falando — diz ficando sério.

— Então aquela gostosa não é nada sua? — Drake insiste.

— Se falar dela de novo desse jeito, juro por Deus que arrebento a sua cara de um jeito que não terá conserto. — encarando o Drake, que ergue as mãos no ar.

— Qual é cara? Eu tenho filho para criar. — Aceno ao garçom pedindo outra rodada. Essa será uma longa noite em que os patetas finalmente se darão conta de que não há forma alguma de lutar contra o amor. E que não ouçam meus pensamentos.

...

De volta à casa, encontro Charlie na sala. Está de roupão e parece imersa em pensamentos. Me aproximo e beijo seu pescoço por trás. Ela se arrepia e olha a para mim. Levanta e não falamos nada. Apenas olho no olho. Penso que passei toda a noite ansiando em retornar para casa. Um sorriso cheio de promessas se forma nos lábios dela. Segura-me pela mão, guia até que eu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sento no sofá. Escuto a música preencher o ambiente. A música do dia em que me deu um banho de bebida. Arqueio a sobancelha e ela morde os lábios e inclina a cabeça.

— Desfazendo más impressões — sussurra para mim. Meu coração acelera.

— Mic...

— Com sua mãe — responde rápida. — Hoje somos só nós dois, senhor B. Ela abre o roupão e eu tenho um infarto bem doloroso. Minha garota está de espartilho de couro preto.

— Sério?

— Não gostou? — Ela franze a testa e eu puxo-a pela mão, fazendo-a cair sentada em meu colo. Estamos em um sofá e na mesma posição da nossa primeira vez.

— Só se você me pedir para ir devagar. — Ela ri alto.

— Tarado. — nos beijamos como se o mundo estivesse prestes a acabar — Estamos no sofá da ação — ela me provoca.

— Isso mesmo, cale a boca e aja. — seus olhos parecem crescer em desejo. Não há nada no mundo agora além desse olhar. Inverto as posições, deitando-me sobre ela no sofá e nos perdemos um no outro.

...

“Grand Finale”

Meu grande dia! Sei que para todos esse é o grande dia da mulher, mas para mim ele é meu. Gay, diria Drake, mas que se dane ele e todos que tentarem censurar minha felicidade. Eu acompanhei cada detalhe como se minha vida dependesse disso e ela realmente depende. Aturei as piadas de Ed, de Liam, até a Meg pegou no meu pé. Amy não me deixou sozinho, sempre me apoiando. Ela me ajuda muito com o Instituto, assim como Meg, e sempre que podem estão por lá. Meus sobrinhos parecem ter tomado fermento. Crescem muito rápido. Mic também não fez por menos e só não estava comigo quando estava em aula.

— Ei, príncipe, posso entrar?

— Pode, cobrinha — Ela senta na cama, atrás de mim e me olha com um sorriso bobo.

— Se veio me sequestrar, aviso que vou lutar até o fim.

— Babaca. — Levanta e desentorta minha gravata.

— Posso entrar também? — Amy é mais uma com um sorriso bocó no rosto.

— Estão tramando algo maligno, posso sentir — provoco.

— Pare de bobagens irmão. — Ela me abraça. — Vem Meg, ele está precisando do abraço triplo. — Elas me envolvem e sei que era isso mesmo que precisava.

— Respira, Ben, você consegue — Meg diz, sem tom algum de provocação.

— Obrigado — digo olhando esses dois rostos que procuraram em mim a segurança tantas vezes e hoje são elas que me apoiam. Minhas irmãs, meus corações, meus motivos de felicidade. — Amo vocês.

— Acho que ele vai chorar Mamá — Meg começa.

— Tenho essa impressão também — Elas iniciam uma risada que preenche o quarto, evidenciando toda a emoção do momento.

— Não sejam abusadas. — Elas me olham irradiando felicidade. Sempre desejei vê-las assim, sem sombras do passado nublando seus olhares. O que vejo é a expressão clara do que sentem por mim. Amor e mais: admiração.

— Sabe que estou orgulhosa de você maninho? — Amy começa.

— Posso falar com meu filho e dar uns conselhos no dia do seu casamento? — Volto-me para ver o grande Dimitri de pé, à porta do quarto.

— Inconveniente saindo — Meg diz e sai puxando Amy, que faz todo o caminho olhando para mim com o sorriso de irmã coruja. Meu pai entra e senta ao pé da cama.

— Venha cá, filho. — Ele sinaliza o espaço ao seu lado e eu sento. — Sabe...

— Ah, pai, não vai me dar uma aula sobre sexo agora, vai? — Digo rindo e ele me encara duro, depois ri também.

— Você não cresce, não é garoto? — Suspiro tentando espantar toda a tensão que tenho em mim.

— Acho que algumas coisas nunca mudam, pai — Ele me olha pensativo.

— As partes importantes mudaram filho. Hoje, diante de mim, vejo um homem. Não posso definir o orgulho que tenho de você. — Ele puxa ar com força — Apesar disso, sempre será meu garoto.

— Pai...

— Não. Apenas escute — me interrompe. — Eu nunca daria minha empresa ao Ivan. Estava provocando você, puxando seus gatilhos, sempre soube que você seria mais, caso se empenhasse. — Isso me surpreende. — Eu sei que a briga foi em defesa de Charlie e admiro que tenha protegido ela. Orgulho-me da família que está criando e de como a defende e cuida dela.

— A intenção é que eu chore? — Faço o durão, mas por dentro estou quebrando.

— Queria ter sido o homem que você é hoje, na época da Amanda. — Ele desvia o olhar. — Mas eu era tão ciumento com a sua mãe, tão apegado ao meu orgulho... — Volta a me olhar. — Você não, filho. Sabe se desculpar, sabe voltar atrás e se arriscar. É sobre isso o casamento.

— Então é uma lição sobre o casamento? — Ele dá tapas leves em minha perna.

— Calado, garoto, apenas escute. — Exalo ar com força entre os dentes —
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não é sobre não errar, é sobre o que se faz depois. É sobre fazer valer a pena, mesmo quando parece que não. Lembrar dos dias incríveis, quando os meses forem ruins.

— Sobre amar, pai... — Ele anui.

— Isso, garoto, isso. — Sua mão encontra meu rosto num gesto de apoio. — Você sabe bem, só estou cumprindo meu papel de pai e repetindo para ter certeza. — Eu o abraço.

— Obrigado, pai. — Ele retribui na mesma intensidade. — Obrigado por me amar. Eu também o amo. — Mal nos afastamos e a porta abre de novo. A dupla dinâmica retornou.

— Pai, a noiva está quase pronta, precisamos terminar aqui — Amy fala e vem até nosso velho. Ela o beija no rosto e sei que qualquer mágoa que tiveram, parece ter sumido agora.

— Muito bem, vou tomar meu lugar. — Ele ainda me olha da porta — Estarei por perto, caso precise.

— Tencionando fugir? — Meg diz assim que ele sai.

— Nunca! — Toda segurança do mundo está em mim agora.

— Pai. — Olhamos para porta e lá está meu mini homem.

— Own — falam em uníssono como tias babonas que são.

— Diga, meu duende. — Ele ri do apelido.

— A vovó disse que está pronta.

Estamos fazendo o casamento em nosso castelo. Espaço é o que mais temos e de qualquer forma, é um evento só para família e amigos mais chegados. Nada de mídia e essas coisas. Exigência de CW e eu adorei a ideia. Já tive flashes por uma vida toda.

— Diga que estou indo. — Ele confirma com a cabeça. Está tão ansioso quanto eu e a mãe.

Tomo meu lugar à espera da minha futura esposa. Alguém me avisa que Charlie chegou e eu engulo saliva como se fosse pedra. Chego a me arrepender da minha ideia ridícula. Vou pagar o maior mico!

Estou parado próximo ao juiz de paz que celebrará nosso casamento. Observo todos que estão lá por mim, por nós. Meus amigos patetas e suas garotas. El com a barriga a ponto de estourar, Luca ao meu lado, sem conter a felicidade pelo papel de palhaço que irei fazer e Matt com uma amiga do hospital, a famosa Dra. Julia. Todos à minha volta estão felizes. Ed e Meg, Liam e Amy, meus pais, os da CW, os irmãos dela, a cunhada. Todos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

irradiam sorrisos.

Meu coração acelera de uma forma que nunca mais vai retornar às batidas normais. Alguém me dá um sinal e vejo minha garota há alguns metros longe de mim. Ela começa seus primeiros passos um pouco vacilante, já que não quis entrar de muletas e sua perna ainda vai levar um tempo para sarar por completo.

O vestido é mais curto na frente e ela usa tênis All Star coloridos. Sorrio de toda a situação e da minha maluquinha. Ainda não pode usar salto, então ela veio bem ao modo CW. Para mim está perfeita.

Seu sorriso, em resposta ao meu, acelera ainda mais meu coração. Ver o quanto ela está feliz só me dá mais segurança de que tudo o que fiz e vivi valeu cada segundo, mesmo os momentos de maior dificuldade. Ela olha buscando o som, esperando a música que irá tocar para que entre.

— Vai cara! Tá na hora. — Luca me dá uma cotovelada e eu ergo o microfone e que Deus me ajude, porque nem todas as aulas que tive vão ser suficientes para superar o nervosismo.

Charlie me olha surpresa e franze a testa dando uma pequena pausa na caminhada pelo tapete de espelhos. Olha-me de lado e o sorriso, se é que possível, cresce mais em seus lábios.

— What would I do without your smart mouth/ Drawing me in and you kicking me out/ Got my head spinning, no kidding/ I can't pin you down/ What's going on in that beautiful mind/ I'm on your magical mystery ride/ And I'm so dizzy, don't know what hit me/ But I'll be alrig...

Engato a letra buscando dar o meu melhor. Vejo que a emoção toma conta dela quando abaixa a cabeça e a balança voltando a me olhar já chorando. Seu pai a segura pela cintura e guia na caminhada. Um nó quer se formar em minha garganta, mas eu seguro firme. Vou terminar isso...

— Cause all of me/ Loves all of you/ Love your curves and all your edges/ All your perfect imperfections/ Give your all to me/ I'll give my all to you/ You're my end and my beginning/ Even when I lose I'm winning...

Estendo minha mão em sua direção e ela caminha para mim com a dela erguida também, como se buscasse pela minha. É assim que espero passar o resto dos meus dias, com a mão dela na minha.

— Cause I give you all/ All of me/ And you give me all/ All of you...

Nossas mãos finalmente se encontram e noto o quanto ela treme. Estou do mesmo jeito. Eu a puxo em um abraço nada ortodoxo diante de todos e a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

beijo. O juiz de paz pigarreia. Nos afastamos e com as testas encostadas eu falo.

— Eu estava tão perdido, você não tem ideia. Meu dicionário era completamente errado. Eu achava que felicidade era uma noite de bar com amigos, mas então eu vi seu sorriso de novo. Seu olhar, Charlie... Você, cada gesto seu, e só então me dei conta do que era sentir felicidade, verdadeira, real. Eu te amo, seja minha garota para sempre...

— Sempre fui sua garota, senhor B. — Ela segura minha mão e eu aperto seus dedos nos meus. — Sempre de mãos dadas, lembra? Nossas almas já estavam assim antes mesmo que você percebesse. — Não é apenas ela quem chora agora. — Eu te amo e vou te amar para sempre, belos olhos. Seja inteiro ou em partes, com ou sem fudas. — O juiz pigarreia mais alto e sorrimos. — Eu. Te. Amo. — O juiz de paz meneia a cabeça. — Agora vamos, antes que ele saia correndo. — Voltamos nossas atenções para o cara de pé diante de nós. Ele que vai sagrar nossa relação como oficial. Extremamente desnecessário para nossos corações. O que temos supera qualquer papel. Nossas almas estão casadas. De mãos dadas, como bem disse minha garota.

Anos Depois

Nem acredito no que a minha vida se tornou. Mesmo após tantos anos eu nunca pensei que poderia chegar aqui quando tudo começou. Eu, o Benjamin fanfarrão, casado, com filhos e uma mulher maravilhosa.

Olho para o cara grisalho no espelho, olhos cansados, mas felizes. Mues olhos ainda têm o mesmo brilho de quem tem o mundo nas mãos. Só que dessa vez eu sei bem que esse mundo é o meu. O único que importa. Esse é o meu mundo de amor, minha família.

Mãos conhecidas me abraçam pelas costas. Fecho os olhos inspirando com força apenas para sentir o cheiro que posso distinguir em meio a um milhão de outros. Minha esposa, minha vida.

— Amor, o Micha chegou. O avião desceu tem algum tempo e logo ele estará aqui.

— Minha vida. — volto-me para ela. — Quais bagagens trazem nosso garoto?

— Muitas, ainda mais depois do que houve com a Chelle. — olha-me consternada.

Puxo-a em meus braços e queira que toda a dor deles fosse a minha. O tempo parece correr nesse abraço e logo meu filho mais velho está em casa. Meus olhos encontram os seus e toda a sua dor parece ir direto em meu peito. CW me sorri e sair, mas não sem antes abraçar nosso garoto e beijar-lhe a face num gesto cheio de significados.

Ficamos nos encarando e penso em como o amor não tem barreiras. Um garotinho de cinco anos é tudo que vejo diante de mim. O garotinho que sabia que era meu desde a primeira vez que olhei em seus olhos. Ele suspira e vem até mim. Parado bem em minha frente, quase passa a minha altura. Meu pequeno duende agora tem quase trinta.

— Bem-vindo ao lar filho — puxo-o num abraço, tal qual fiz com sua mãe.

— Pai... — é só o que diz antes de cair em um choro desesperado.

Eu entendo sua dor e entendo sua perda. Queria que doesse em mim e não nele, mas como tantas coisas aprendi que não podemos viver pelos nossos filhos. Apesar disso, podemos sempre estar aqui por eles. Seguro sua mão na minha, um gesto nosso. Ele me encara novamente e suspira contendo o arroubo de emoção.

— Acho que finalmente sou defeituoso como o Dan me disse. — diz e eu franzo a testa para esse comentário. — Agora falta um pedaço de mim pai. Um pedaço da minha alma.

A perda do meu pequeno é grande e eu não posso consertar isso, embora seja meu maior desejo agora. Daria a minha alma por isso, mas não posso. Ficamos em silêncio um tempo.

Mesmo depois de quase um ano ele ainda não superou e toda vez que retorna para casa, revive a dor. Culpa? Mágoa? Perda? São tantos os sentimentos que podem passar em sua mente que não sei qual deles é o que mais dói.

Com o passar dos dias ele foi se afastando até que quase não vinha mais em casa, ou mesmo a cidade. Agora, meses depois ele retorna. Ainda quebrado. Dou o tempo que ele precisa e então vamos para o jantar. A família nos espera e ele se porta como um cavalheiro.

Ri e conversa com as tias, tios, primos... Mesmo assim, seus olhos guardam uma sombra. Observo tudo que conquistamos até aqui. E é então que em um dado momento da reunião que o vejo se afastar. Às vezes acho que vai partir e nunca mais voltar.

Mic tem em sua mão um copo de whisky. Ele apoia uma mão na parede e inspira com força. Faço menção de ir até ele, mas uma jovem de cabelos vermelhos se aproxima dele e põe sua mão sobre a dele. Vejo-o voltar-se para ela. Ele mantém-se sério. Ela sorri e diz algo, mas ele parece impassível. Ela insiste e vejo o canto de seu rosto se torcer em um meio sorriso.

— O que olha tão atento? — Charlie me abraça pela cintura, mas não desvio o olhar e nem preciso. Ela logo nota o que vejo.

Nesse momento Connor grita “Música” e um som enche a sala. O sorriso da jovem ruiva enche o ambiente, ela se ilumina tal como a mãe. Zoe puxa Micha pela mão e logo ele está dançando com ela a contragosto, mas está.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Penso em como ela conseguiu entrar nesse mundo que ele criou tão dele. Ultimamente tão sisudo.

— Acho que nosso filho vai descobrir que há muitas formas de amor. — a voz de CW tem uma nota de esperança.

— Espero que ele encontre um capaz de curar suas feridas. — envolvo-a em meus braços, mas sem desviar meu olhar do nosso filho.

— E eu espero que isso não seja um problema. — Ed fala, parado ao nosso lado, e não sei quando ele chegou aí, mas parece que faz tempo.

— Ele é um bom homem Ed. — minha garota defende nossa prole.

— Eu sei — ele fala após um longo suspiro e nós três rimos. Ed também ama o Micha e não quer vê-lo sofrer. Embora eu entenda seu dilema. A minimeg ali é seu mundo. Olho para os outros presentes na sala.

A vida é mesmo engraçada. Parece que foi ontem que encontrei uma garota de cabelos vermelhos, desesperada por ajuda. Hoje ela é uma mulher forte e com uma família incrível. Também parece que foi ontem que minha irmã me olhou com desespero suplicando ajuda. Hoje ela está ajudando o mundo com sua capacidade de perdão, seu amor incondicional e sua resistência...

Parece que foi ontem que eu conheci minha garota na faculdade. Hoje, meu filho mais velho já fez faculdade, meus sobrinhos seguem o mesmo caminho, assim como meus pequenos. Eles enfrentarão seus próprios medos, terão seus traumas e anseios. Aprenderão pelo que vale lutar e perder. O momento é deles agora e dentro de mim algo se revolve, porque, por mais que eu queira, como todo pai, não posso viver por eles.

Com o que passei com Mic aprendi que não posso tirar as dores do caminho e deixar só as alegrias, embora eu queira que passem por tudo sem danos ou mágoas. Crescer não é uma tarefa fácil e rezo agora como rezei no dia em que CW sofreu o acidente. Com todas as minhas forças suplico a Deus que as penas deles sejam mais leves que as das tias, que o caminho do aprendizado deles seja mais brando. Rogo aos céus que me ouçam, pelo amor que tenho pelos meus. Pelo amor que a minha garota, minha eterna garota, me ensinou a viver.

Fim

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI